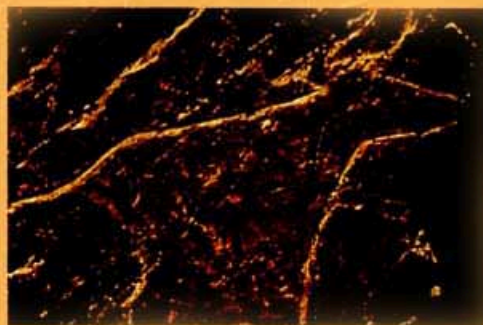


ARTE RUPESTRE
E
PRÉ-HISTÓRIA
DO
VALE DO CÔA

TRABALHOS DE 1995-1996

RELATÓRIO CIENTÍFICO AO GOVERNO
DA REPÚBLICA PORTUGUESA ELABORADO
NOS TERMOS DA RESOLUÇÃO DO CONSELHO
DE MINISTROS Nº 4/96, DE 17 DE JANEIRO



ARTE RUPESTRE E PRÉ-HISTÓRIA DO VALE DO CÔA

TRABALHOS DE 1995-1996

RELATÓRIO CIENTÍFICO AO GOVERNO
DA REPÚBLICA PORTUGUESA ELABORADO
NOS TERMOS DA RESOLUÇÃO DO CONSELHO
DE MINISTROS Nº 4/96, DE 17 DE JANEIRO

COORDENAÇÃO
João Zilhão

M|C

Ministério da Cultura

Edição

MINISTÉRIO DA CULTURA

Copyright

MINISTÉRIO DA CULTURA / INSTITUTO PORTUGUÊS
DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO

Coordenação

JOÃO ZILHÃO

Autores

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

FERNANDO ALMEIDA

JOÃO ZILHÃO

JOSÉ MEIRELES

MÁRIO VARELA GOMES

THIERRY AUBRY

Os artigos em anexo são reproduzidos com a autorização
dos autores e de *Antiquity Publications Ltd.*

Assistentes da equipa de arte rupestre

CRISTINA GASPAR

FERNANDO BARBOSA

JOÃO FÉLIX

MANUEL ALMEIDA

Assistentes da equipa de arqueologia

CARLA MAGALHÃES

JORGE SAMPAIO

Design Gráfico

TVM DESIGNERS

Pré-impressão, impressão e acabamento

GRÁFICA MAIADOURO

TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES

ISBN: 972-8087-37-3

DEP. LEGAL Nº: 112 282/97

1ª EDIÇÃO

ABRIL DE 1997

2ª EDIÇÃO

ABRIL DE 1998

SÚMULA DOS RESULTADOS CIENTÍFICOS

João ZILHÃO <i>Parque Arqueológico do Vale do Côa</i>	Contexto geoarqueológico	13
	Datação da arte rupestre pré-histórica	16
	A arte paleolítica	18
	Importância científica e patrimonial	28

GEOLOGIA

José MEIRELES <i>Universidade do Minho</i>	O Quaternário do Vale do Côa	41
	Fernando ALMEIDA <i>Universidade de Aveiro</i>	Prospeção geofísica de depósitos quaternários

ARQUEOLOGIA

Thierry AUBRY António Faustino CARVALHO João ZILHÃO <i>Parque Arqueológico do Vale do Côa</i>	Cartografia arqueológica	77
	Quinta do Vale do Meão	116
	Quinta da Granja	120
	Quinta da Barca	128
	Quinta da Barca Sul	144
	Salto do Boi - Cardina I	161
	Quebradas	183
Fumo	195	

ARTE RUPESTRE

António Martinho BAPTISTA <i>Parque Nacional da Peneda-Gerês</i> Mário Varela GOMES <i>Academia Portuguesa de História</i>	Introdução	213
	Canada do Inferno	217
	Rego da Vide	255
	Ribeira de Piscos	307
	Penascosa	325

ANEXOS

Robert G. BEDNARIK	<i>Datação directa</i>	
	<i>The Côa petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art</i>	411
João ZILHÃO	<i>The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the Paleolithic and refutation of 'scientific' dating to historic or proto-historic times</i>	417
	<i>Maximum ages of the Côa valley (Portugal) engravings measured with Chlorine-36</i>	436
Fred M. PHILLIPS, Montgomery FLINSCH, David ELMORE & Pankaj SHARMA	<i>Constraining the age of the Côa valley (Portugal) engravings with radiocarbon dating</i>	441
	<i>Parecer</i>	
Ronald I. DORN	<i>Avis de la Commission Internationale d'Experts</i>	454

Cartografia arqueológica

Objectivos e estratégia

Resultados

Vale do Côa entre ribeira de Piscos e Salto do Boi

Vale do Côa entre Cidadelhe e Quintã de Pêro Martins

Vale das ribeiras de Piscos e do Vale da Cabra

Vale do Massueime e da ribeira de Ramila

Vale da ribeira de Centieira

Garganta dos Trinta

Planalto das Chãs

Vale da ribeira de Aguiar

Ribeirinha

Vale do Douro entre Pocinho e Foz do Sabor

Planalto de Algodres

Elementos para um modelo de povoamento

Diversidade intra-regional

Visão diacrónica

Bibliografia

Inventário dos sítios

Quinta do Vale do Meão

Quinta da Granja

Introdução

Metodologia

Sequência estratigráfica

Sequência arqueológica

Conclusão

Quinta da Barca

Introdução

Metodologia

Sequência estratigráfica

Sequência arqueológica

Dinâmica de sedimentação

Conclusão

Quinta da Barca Sul

Introdução

Metodologia

Sequência estratigráfica

Sequência arqueológica

Dinâmica de sedimentação

Conclusão

Salto do Boi - Cardina I

Introdução

Metodologia de escavação

Sequência estratigráfica

Sequência arqueológica

Dinâmica de sedimentação

Conclusão

Quebradas

Introdução

Metodologia

Estratigrafia

Materiais arqueológicos

Cronologia

Funcionalidade de ocupação

Conclusão

Fumo

Introdução

Metodologia

Sequência estratigráfica

Estruturas de habitat

Materiais arqueológicos

Cronologia

Calcolítico da Ribeirinha: povoamento, economia e arte rupestre

Conclusão

ARQUEOLOGIA



Thierry Aubry
António Faustino Carvalho
João Zilhão

CARTOGRAFIA ARQUEOLÓGICA

Objectivos e estratégia

As acções de prospecção levadas a cabo no Vale do Côa cujos resultados aqui se apresentam tiveram o seu início em Agosto de 1995, sob a direcção de José Meireles (Universidade do Minho) e João Zilhão (Universidade de Lisboa). O objectivo principal do projecto consistia na detecção e sondagem de sítios de habitat que permitissem fornecer um contexto arqueológico à arte rupestre paleolítica do vale. Na prossecução desse objectivo, levou-se a cabo, até ao fim desse ano, um primeiro reconhecimento sistemático dos vales do Côa e de alguns afluentes.

A partir de Janeiro de 1996, este trabalho foi continuado, agora no âmbito do projecto de criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), pela equipa de arqueologia que integrou o serviço para o efeito constituído pelo IPPAR. Neste novo quadro, e tendo sido entretanto tomada a decisão governamental de suspender as obras de construção da barragem de Foz Côa, os objectivos da prospecção foram alargados. Procurou-se, assim, nomeadamente:

- detectar contextos datáveis da Pré-História recente e da Proto-História, épocas igualmente representadas na arte rupestre do vale;
- alargar a área prospectada a zonas mais afastadas, de modo a obter elementos comparativos que permitissem compreender a especificidade da ocupação humana do vale e integrá-la no seu contexto regional (o que levou à exploração dos planaltos de Chãs e Almendra e dos terraços fluviais junto à confluência das ribeiras do Vale da Vila e de Aguiar com o Douro);
- obter elementos para a determinação do limite meridional do território a incluir na área do futuro Parque, para o que se procedeu a um reconhecimento sumário do potencial arqueológico, tanto no que respeita a habitats como a sítios de arte rupestre, do troço do Côa compreendido entre a foz do rio Massueime e a Serra da Marofa.

A metodologia seguida nas acções de campo orientadas para a detecção de sítios paleolíticos foi a mesma que, logo no início dos trabalhos, em Agosto de 1995, havia conduzido à descoberta e escavação do sítio do Salto do Boi (Zilhão *et al.* 1995): análise da cartografia publicada na escala 1:25 000 (Carta Militar de Portugal), com vista à identificação de áreas que, pela sua localização geográfica e topografia, apresentassem condições favoráveis à instalação, e preservação, de contextos habitacionais. Prospectaram-se, assim, nos vales encaixados, os aplanamentos situados a cota superior à do nível das cheias, bem como os fundos de depressões amplas susceptíveis de conter formações pliocénicas fossilizadas pelos depósitos de vertente acumulados em épocas mais recentes. A partir de 1996, com a ampliação dos objectivos do projecto, passaram a ser abrangidas também as áreas com características favoráveis à implantação de habitats da Pré-História recente, situados nas imediações de manchas de solos agrícolas ou em pontos destacados da paisagem, com boas condições defensivas.

A região foi subdividida em 11 sectores (Quadro 1), e os trabalhos foram realizados segundo o calendário do Quadro 2. Além da equipa do PAVC, partici-

param, tanto nas prospecções como nas sondagens, efectuadas entre Março e Outubro de 1996, um total de 26 colaboradores voluntários, na sua totalidade estudantes ou licenciados em Arqueologia: Alexandra Alves, Ana Sofia Braga, Anabela Ribeiro, Carla Ferraz, Maria João Neves, Miguel Almeida e Sílvia Mendes, da Universidade de Coimbra; Ana Filipa Pereira, Ana Quelhas, Ana Sofia Antunes, Carla Fernandes, Cláudia Costa, Cristina Gonçalves, Filipa Neto, Henrique Álvares Cabral, Lígia Justino, Maria João Jacinto e Maria Miguel, da Universidade de Lisboa; Eugénio Mendes e Tiago Magalhães, da Escola Profissional de Arqueologia de Marco de Canaveses; Katarina Botić, da Universidade de Zagreb; David Torres, Eva Orri, Isabel García e Xavier Mangado, da Universidade de Barcelona; e François-Xavier Chauvière, da Universidade de Bordéus.

QUADRO 1

Bacia do Côa

Subdivisão em sectores da área prospectada (1995-96)

1. Vale do Côa entre Ribeira de Piscos e Salto do Boi
2. Vale do Côa entre Cidadelhe e Quintã de Pêro Martins
3. Vale das ribeiras de Piscos e de Vale da Cabra
4. Vale do Massueime e da ribeira da Ramila
5. Vale da ribeira de Centieira
6. Garganta dos Trinta
7. Planalto das Chãs
8. Vale da ribeira de Aguiar
9. Ribeirinha
10. Vale do Douro entre Pocinho e Foz do Sabor
11. Planalto de Algodres

QUADRO 2

Bacia do Côa

Calendário dos trabalhos de prospecção e escavação (1995-96)

Agosto 1995	prospecção no vale do Côa, entre Ribeira de Piscos e Salto do Boi, com abertura das primeiras sondagens nas jazidas paleolíticas detectadas nesta última localidade; o sector foi novamente batido durante o mês de Abril de 1996
Setembro e Outubro 1995	escavações no Salto do Boi
Outubro e Novembro 1995	prospecção do vale da ribeira de Centieira, sector que voltou a ser visitado nalguns pontos em Abril de 1996
Novembro 1995	prospecção das ribeiras de Piscos e do Vale da Cabra, do rio Massueime e da ribeira de Ramila
Dezembro 1995	prospecção da Garganta dos Trinta e sondagens na Quinta da Cascalheira e Praia da Penascosa (vale do Côa); elaboração de relatório para o IPPAR
Janeiro e Fevereiro 1996	prospecção do planalto das Chãs
Fevereiro 1996	prospecção do vale da ribeira de Aguiar e do vale do Douro entre o Pocinho e a Foz do Sabor
Fevereiro e Março 1996	prospecção do vale da Ribeirinha
Março e Abril 1996	prospecção no planalto entre Algodres e Quintã de Pêro Martins
Abril e Maio 1996	sondagens em Hortatortas (vale da Ribeirinha) e Abrigo do Vale de Janas (vale do Côa)
Junho 1996	sondagens no Abrigo do Vale de Janas e escavações em Quinta da Barca (vale do Côa)
Julho e Agosto 1996	escavações em Quinta da Barca e sondagens em Quinta da Barca Sul
Setembro 1996	sondagens em Quinta da Barca Sul e na Quinta da Granja (vale do Douro)
Outubro 1996	sondagens na Quinta da Granja, escavações no Salto do Boi (vale do Côa) e sondagens em Quebradas (planalto das Chãs) e Fumo (Ribeirinha)
Novembro e Dezembro 1996	sondagens no Salto do Boi; elaboração de relatório para o Ministro da Cultura

Resultados

Apresenta-se de seguida, sector a sector, uma descrição sumária dos terrenos prospectados e dos resultados obtidos. Nas referências aos sítios detectados, o respectivo número de inventário acompanha, entre parêntesis, a designação atribuída.

Vale do Côa entre Ribeira de Piscos e Salto do Boi

Neste troço de substracto xistoso, o vale do Côa é por vezes relativamente amplo, podendo observar-se, nas margens, uma sucessão de terraços antigos, plistocénicos, e, no fundo, praias fluviais cuja idade muito recente, holocénica, pôde ser comprovada pelos resultados arqueológicos e radiométricos das sondagens geológicas realizadas em Praia da Penascosa (09).

Ao todo, foram identificados nove sítios, sendo de assinalar que é este o sector onde foram encontradas três das cinco jazidas comprovadamente paleolíticas actualmente conhecidas na região: Quinta da Barca (01), Quinta da Barca Sul (61) e Salto do Boi (02). A primeira e a terceira foram descobertas em 1995, o que levou à realização, em 1996, de sondagens bem sucedidas no local correspondente à segunda, onde as condições topográficas eram semelhantes mas não havia sido observada a presença de artefactos à superfície.

Alguns sítios arqueológicos situados a jusante do conjunto de arte rupestre da Penascosa — Quinta da Ervamoira (03), Colmeal (08), Monte das Donas (07) — revelaram conjuntos de pedra lascada constituídos por seixos talhados e material de debitage diverso em quartzo e quartzito (embora, no Colmeal, também tivesse sido achado um buril de sílex). A ausência de cerâmica e de pedra polida levou a que tivesse sido colocada a hipótese de se tratar de contextos paleolíticos. As sondagens realizadas na Quinta da Cascalheira (27) e na Praia da Penascosa (09) não confirmaram essa expectativa. No primeiro caso, estamos perante um contexto perturbado, em que a deposição dos materiais está relacionada com coluvionamentos recentes. No segundo caso, o contexto de deposição é uma sequência fluvial holocénica, em que a indústria lítica, apenas representada por seixos talhados e lascas grandes, se encontra claramente triada por processos geológicos. A cronologia destes contextos está ainda por esclarecer. Dado que o material lítico se apresentava fresco, e que não foram encontrados utensílios característicos, é mais provável que se trate de vestígios relacionados com o uso destes locais durante a Pré-História recente do que com a redeposição dos restos erodidos de contextos paleolíticos.

Vale do Côa entre Cidadelhe e Quintã de Pêro Martins

Neste sector, o vale do Côa está escavado em granitos e apresenta-se profundamente encaixado. Num dos poucos locais onde o acesso ao fundo do vale é menos difícil, na zona localmente conhecida por Faia, existe um sítio da Pré-História recente implantado num largo mouchão arenoso — o sítio de Mouchão da Faia (55). Nas proximidades, encontram-se importantes abrigos com arte rupestre de época neolítica ou calcolítica. Para montante, nas proximidades da Quintã de Pêro Martins, foram recolhidos conjuntos artefactuais constituídos, no essencial, por seixos de quartzito talhados. Embora uma cronologia paleolítica não possa ser *a priori* excluída, parece actualmente mais provável que estes sítios estejam relacionados com ocupações humanas das referidas épocas.

Vale das ribeiras de Piscos e do Vale da Cabra

Tanto a ribeira de Piscos como a do Vale da Cabra, afluente da primeira, correm em vales muito encaixados. As plataformas que poderiam preservar contextos arqueológicos paleolíticos encontram-se a cota muito elevada e quase não apresentam cobertura sedimentar. As aluviões, quando existem, são, como no Côa, muito recentes. Não é de estranhar, deste modo, que os três sítios arqueológicos identificados sejam todos de época histórica (romana ou posterior).

Vale do Massueime e da ribeira de Ramila

O vale do rio Massueime é extremamente encaixado, o que, embora em menor grau, também acontece com o da ribeira de Ramila. Em ambos os casos, as vertentes graníticas são de rocha nua — nas rechãs, a erosão eliminou completamente a cobertura sedimentar, a qual, nos vales, se encontra reduzida a bolsas de pequena expressão ou a faixas retidas por socalcos. Em resultado, só foi identificado um sítio arqueológico: o de Ladeiras (31), localizado numa depressão alongada situada numa diagonal em relação à ribeira de Ramila e em que foi possível a preservação de sedimentos provenientes da erosão das vertentes adjacentes.

Vale da ribeira de Centieira

A ribeira de Centieira corre no fundo de uma ampla depressão tectónica de orientação Norte-Sul, o *graben* de Longroiva. Delimitada a nascente por uma extensa escarpa granítica que culmina, aproximadamente, à cota de 450 m, a depressão vai-se tornando mais estreita para Norte, junto à povoação de Muxagata, onde a série de elevações que forma o seu limite poente converge em direcção à referida escarpa.

A prospecção deparou com três tipos principais de contextos geológicos:

- terrenos de substrato xistoso exposto e superficialmente afectado pela plantação de vinhas, onde a rocha não apresenta sinais de alteração e os contextos sedimentares desmantelados (e seu conteúdo artefactual) se dispersam ao longo do declive, em direcção à ribeira; é a situação em que se encontra praticamente todo a encosta poente do *graben*;
- terraços fluviais em processo de desmantelamento, formando coluviões de areias e seixos de xisto e quartzo; é uma situação frequente na encosta nascente, sobretudo em faixas de terreno mais afastadas do actual curso da ribeira;
- aluviões holocénicas (níveis de seixos rolados não alterados sob camadas pouco espessas de areia), observáveis sobretudo na metade Sul da depressão.

Estas condições, aliadas à topografia da área, explicam a preservação diferencial das jazidas arqueológicas revelada pela distribuição dos sítios descobertos, que é muito irregular. Distinguem-se, mesmo assim, duas concentrações separadas por um hiato — uma meridional (a Sul da Quinta da Veiga), e outra entre o sítio de Pestana (25) e a Quinta do Marvão, para Norte da qual o vazio de achados é total. É possível que esse vazio se explique por factores tafonómicos ou de preservação relacionados com a topografia mais encaixada desta parte da depressão.

Os sítios potencialmente mais interessantes são os da Quinta do Marvão (24), onde foi recolhido um contexto constituído exclusivamente por material

de pedra lascada que poderá estar relacionado com ocupações paleolíticas, e os de Vale da Veiga I (20) e Vale da Veiga II (21), cujos achados parecem documentar sítios importantes datáveis do Calcolítico e da Idade do Bronze, respectivamente.

Garganta dos Trinta

A Garganta dos Trinta é o pequeno canhão através do qual se passa do vale da ribeira de Centieira, a Sul, para o da ribeira do Vale da Vila, a Norte. É uma passagem muito encaixada e que se encontra muito afectada pelos trabalhos agrícolas. Os muitos cortes observáveis ao longo da estrada que atravessa longitudinalmente a garganta mostram uma espessura considerável de sedimentos, que chegam a atingir 3-4 metros de potência e são constituídos por sequências intercaladas de areias e cascalho de idade indeterminada. Não foram detectados quaisquer sítios arqueológicos durante as prospecções realizadas.

Planalto das Chãs

Por planalto das Chãs entende-se, neste trabalho, o extenso aplanamento situado a Norte daquela povoação, em terrenos de substrato granítico, entre as cotas de 450 e 470 m. É, actualmente, uma área de paisagem aberta, com um coberto vegetal quase exclusivamente rasteiro ou arbustivo (giestal), resultante da degradação da floresta holocénica primitiva por acção de práticas agro-pastoris ancestrais. Algumas manchas de pinhal resultam de reflorestações recentes.

Alguma bibliografia inspirada em informadores locais (Almeida 1995) continha referências à existência neste sector de povoados fortificados da Idade do Bronze ou do Ferro. No entanto, as prospecções realizadas apenas confirmaram essas informações de forma parcial, nomeadamente no que respeita ao sítio de Tambores (36), onde há efectivamente vestígios artefactuais de ocupações calcolíticas ou da Idade do Bronze mas onde não foram identificadas quaisquer construções antigas. É de assinalar ainda, neste sector, a localização de diversos outros sítios arqueológicos de idade pré-histórica, entre os quais o de Quebradas (33), cuja subsequente sondagem confirmou uma cronologia do Neolítico antigo ou médio regional que o relaciona com a implantação das primeiras comunidades agro-pastoris do NE de Portugal.

Vale da ribeira de Aguiar

Afluente da margem esquerda do Douro, a ribeira de Aguiar apresenta um curso muito sinuoso, relacionado com uma geologia acidentada que permitiu a conservação, no fundo do vale, de diversas plataformas apertadas entre as sucessivas curvas da ribeira. O seu curso inferior, entre o Vale da Guedelha (ainda não prospectado, mas que apresenta uma topografia que sugere a preservação de depósitos plistocénicos enterrados) e a Quinta da Granja, está muito antropizado por culturas modernas. Neste troço predominam, sobretudo, extensos olivais e vinhas para produção de vinho generoso.

Nas plataformas em questão não se identificaram quaisquer contextos arqueológicos. Salvo achados isolados sem significado relevante, o único sítio pré-histórico reconhecido — o da Quinta da Granja (34) — fica situado na margem esquerda do Douro, junto à foz da ribeira. Este panorama poderá ser devido em boa medida à recente expansão das culturas vinícolas, que tem sido

acompanhada de um cada vez maior recurso à utilização de maquinaria pesada para a preparação dos terrenos, com a consequente destruição das finas coberturas sedimentares quaternárias.

Ribeirinha

A Ribeirinha é um afluente da margem direita do Côa cujas cabeceiras se situam junto à povoação de Almendra. Corre no fundo de um vale muito encaixado, que recorta um planalto granítico sem acidentes orográficos significativos. O coberto vegetal é constituído por olivais de plantação antiga ou pelos matos que se desenvolveram sobre terras actualmente incultas que servem de pasto aos rebanhos de ovelhas.

O principal resultado da prospecção deste sector foi o reconhecimento da existência de um conjunto significativo de sítios calcolíticos: o povoado do Fumo (52), entretanto objecto de sondagens; e as estações de Gamoal e Vale de Mateus (43) e Penascosa-Sul (47). O sector era já conhecido pelas manifestações artísticas da mesma época documentadas no núcleo da Penascosa (gravura esquemática da rocha 5C) e no Abrigo da Ribeirinha (antropomorfos pintados a vermelho). Foram ainda identificados outros sítios certamente pré-históricos, mas de cronologia problemática, como o de Hortatortas, onde as sondagens subsequentemente realizadas não permitiram um esclarecimento adequado nem da natureza das ocupações nem das condições de jazida dos vestígios arqueológicos, exclusivamente líticos.

Vale do Douro entre Pocinho e Foz do Sabor

O troço do vale do Douro entre a Foz do Sabor e a barragem do Pocinho foi prospectado nas duas margens, excepto no que diz respeito à extensa plataforma aluvial junto à foz da ribeira do Vale da Vila, onde apenas se bateu a margem esquerda, até Vale do Meão. Nas encostas viradas para o rio é uma zona de viticultura extensiva, embora a cotas mais elevadas os terrenos estejam, de um modo geral, cobertos de mato denso. Junto à povoação de Cortes da Veiga existem olivais e pequenas vinhas e, na margem oposta, laranjais.

Na Quinta do Vale do Meão (39) foram localizados dois *loci* com materiais de superfície datáveis do Paleolítico Inferior. Os períodos mais recentes da Pré-História e da Proto-História continuam por documentar. Não é impossível, porém, que as indústrias macrolíticas recolhidas na Quinta do Campo (40) possam ser já de idade holocénica. Elementos obtidos junto de informadores locais parecem indicar a existência neste sector de uma necrópole da Idade do Bronze, em cistas, semelhante à encontrada durante os trabalhos arqueológicos desenvolvidos há cerca de 15 anos no Vale da Casa (Baptista 1983), a montante do Pocinho. É dessa possível necrópole, que os mesmos informadores situam junto à Quinta do Saião, que deverão provir duas enxós polidas entregues por populares na sede do PAVC. A sua localização exacta, porém, continua a ser-nos desconhecida.

Planalto de Algodres

A extensa área planáltica compreendida entre as povoações de Algodres e Quintã de Pêro Martins é uma vasta rechã granítica, de topografia aplanada, onde ocorrem pontualmente concentrações de blocos da mesma rocha com dimensões por vezes muito grandes. Na actualidade, a sua utilização agrícola é quase nula. A maior parte dos terrenos encontra-se afectada de forma quase

exclusiva ao pastoreio de ovinos. O coberto vegetal é rasteiro ou arbustivo, predominando as giestas.

Este sector não chegou a ser objecto de prospecção sistemática. Realizaram-se apenas algumas deslocações a locais cuja topografia indicava condições favoráveis à implantação de povoados pré ou proto-históricos, ou cuja toponímia sugeria fortemente a existência de manifestações de arte rupestre (como, por exemplo, «Tapada da Laje do Bicho»). Em resultado, foi possível identificar um conjunto de sítios arqueológicos inéditos que deverão datar dos períodos referidos, como os de Alto da Resenha (56) e Barrocal Tenreiro (57).

Elementos para um modelo de povoamento

Diversidade intra-regional

Da análise da distribuição geográfica dos sítios detectados resulta, em primeiro lugar, a identificação de duas áreas particularmente ricas e que, além disso, correspondem a unidades geográficas coerentes: a bacia de Longroiva e o adjacente planalto das Chãs; o vale inferior do Côa e seus principais afluentes, isto é, as ribeiras de Ribeirinha, Piscos e Vale da Cabra.

Na primeira destas áreas foram identificados 22 sítios arqueológicos, alguns deles com ocupação de várias épocas. Apenas um, porém, poderá eventualmente datar do Paleolítico: a Quinta do Marvão (24). A Pré-História recente (Neolítico e Calcolítico) e a Proto-História (Idades do Bronze e do Ferro) são os períodos melhor representados, com um total de 13 sítios, quase todos localizados ou ao longo dos rebordos ocidental e setentrional da escarpa que delimita o planalto das Chãs ou no fundo da depressão, ao longo da ribeira de Centieira. Um dos sítios calcolíticos — Curva da Ferradura (32) — está estrategicamente implantado num aplanamento a meia encosta. Os sítios a baixa altitude ocupam áreas arenosas planas ao longo das ribeiras. A inexistência de qualquer estrutura defensiva aponta para ocupações ligadas às actividades agrícolas, tirando partido das condições propícias: muita água e solos leves.

Os sítios reconhecidos no planalto das Chãs caracterizam-se, frequentemente, como acontece no caso de Tambores (36), por uma implantação que permite um bom domínio visual da paisagem circundante, tanto para poente (bacia da Longroiva) como para nascente (ribeira de Piscos), o que pode estar ligado a um peso acrescido das preocupações defensivas. Os poucos dados seguros sobre a cronologia destes sítios sugerem que se tratará de um fenómeno tardio, de época calcolítica ou posterior.

No vale do Côa, entre as ribeiras de Piscos e Ribeirinha, estão registados 29 sítios, nenhum dos quais pode ser atribuído com segurança ao Paleolítico Inferior. Do Paleolítico Superior, porém, conhecem-se já três jazidas importantes. Os períodos mais recentes da Pré-História estão igualmente bem representados, mas por contextos que tendem a situar-se a cotas mais elevadas e não já exclusivamente ao longo das margens do rio, reflectindo um povoamento de tipo diferente, sedentário, em que a implantação do habitat é determinada em grande medida pelo potencial agrícola dos solos.

O povoamento romano e medieval (Guimarães 1995; Coixão 1996) está em continuidade com o da Pré-História recente e da Proto-História, e estabelece a ponte com os padrões actuais, nomeadamente no que diz respeito aos mais antigos indícios de estabelecimento nas terras onde ultimamente se desenvolve-

ram as grandes explorações agrícolas do vale: as Quintas da Barca e de Santa Maria (Ervamoira). É igualmente possível que os núcleos urbanos que deram origem às actuais sedes de freguesia (Chãs, Muxagata, Castelo Melhor, Almen-dra) remontem à Alta Idade Média ou mesmo à Época Romana. No caso das Chãs, pelo menos, existem informações diversas de achados romanos no inte-rior da povoação.

Visão diacrónica

As sínteses mais recentes sobre o Paleolítico Inferior português (Ribeiro 1990; Raposo 1993) têm referido a inexistência de quaisquer vestígios segura-mente atribuíveis a este período no Douro português, apesar de, em território espanhol, ele estar já sobejamente documentado nalguns dos seus afluentes: Tormes, Huebra, Yertes e Águeda (Santonja 1991). Como era de prever, esta inexistência não traduzia de forma correcta a realidade do povoamento passado, conforme se demonstrou pelos bifaces acheulenses recolhidos na Quinta do Vale do Meão (39) e na Quinta da Granja (34).

Trata-se, em ambos os casos, de jazidas relacionadas com depósitos fluviais do próprio Douro, o que não significa que o povoamento humano não tenha abrangido também os vales dos seus afluentes, nomeadamente o do Côa, onde, porém, ainda não foram encontrados contextos sincrónicos. É verdade que existem em diversos pontos do vale — Quinta da Ervamoira (03), Ladeiras (31), Marco do Espinhaço (54), Olival de S. Paulo (58), Olival do Abade (59), Vale do Olival (60), Mouchão da Faia (55) — conjuntos macrolíti-cos compostos essencialmente por seixos talhados de tipo *chopper* ou *chopping-tool* ou por núcleos discóides e lascas associadas, realidade que havia já sido reconhecida no âmbito da componente arqueológica do Estudo de Impacte Ambiental que antecedeu o arranque das obras da barragem de Foz Côa (Lemos 1991). No estado actual dos conhecimentos, no entanto, tudo leva a crer que poderá tratar-se de materiais de cronologia bastante mais recente: neolítica, calcolítica ou mesmo da Idade do Bronze. É nesse sentido que apon-tam os seguintes indícios:

- frescura das superfícies, que não apresentam nem a pátina nem os tipos de concreções carbonatadas encontrados nos materiais das duas jazidas do Douro acima referidas;
- inexistência de materiais de tipologia claramente paleolítica, como bifa-ces ou machados;
- associação aparente com materiais da Pré-História recente — cerâmica e esboços de pontas de seta em quartzo — no Mouchão da Faia (55).

O Paleolítico Superior está representado tanto nas margens do Douro como no próprio vale do Côa pelos sítios de Salto do Boi (02), Quinta da Barca Sul (61), Quinta da Barca (01) e Quinta da Granja (34), onde foram reconhecidas ocupações do Gravettense final, do Proto-Solutrense e do Magdalenense, o que significa uma ocupação que remonta, pelo menos, a cerca de 22 000 anos BP.

Este conjunto vem fornecer, finalmente, um contexto arqueológico adequado para as manifestações de arte rupestre paleolítica que têm vindo a ser reconhecidas na bacia do Douro desde princípios dos anos 80 e com as quais, até agora, apenas se podia relacionar um único sítio de habitat, o de La Dehesa, província de Salamanca (Fabian 1986; Balbín *et al.* 1996). A descoberta destes

contextos habitacionais nas imediações de alguns dos mais importantes conjuntos de gravuras rupestres do Côa (Penascosa e Quinta da Barca) constitui um contributo decisivo para a compreensão do seu significado e para a confirmação da sua cronologia.

O interior da Península Ibérica parece ter estado despovoado durante o Holocénico inicial (Zilhão 1993) e, em conformidade, não foram encontrados no vale do Côa quaisquer indícios de um povoamento mesolítico. O mais antigo Neolítico do Nordeste está actualmente datado dos inícios do V^o milénio A. C. (Sanchez 1996). Deste período datará o sítio das Quebradas (33), que documenta a primeira ocupação agro-pastoril da região, na qual o fenómeno megalítico, que, nas áreas vizinhas (Kalb 1987; Sanchez 1996), surge na transição do V^o para o IV^o milénio A. C., continua a não estar atestado por testemunhos monumentais.

O Calcolítico é, actualmente, o período para o qual se possui maior abundância de dados. Os sítios conhecidos correspondem a uma gama diversificada de tipos de implantação, desde pontos destacados na paisagem, como o povoado fortificado de Castelo Velho, em Freixo de Numão (Jorge 1993), até locais muito discretos, como os sítios do Fumo (52) e de Vale de Mateus (43). Os elementos de cronologia absoluta actualmente existentes (Fig. 1) permitem datar estes contextos do III^o milénio A. C., enquanto o Neolítico final (tal como definido no médio e alto Mondego), datará de finais do IV^o (Valera 1994). A Idade do Bronze, pelo contrário, está mal documentada na região do Côa. Excluindo a última ocupação de Castelo Velho de Freixo de Numão, datada do Bronze antigo (Jorge 1993), e a necrópole de cistas do Vale da Casa (Baptista 1983), os dados restantes resumem-se a achados de superfície efectuados no decorrer dos trabalhos de prospecção e sondagem. É o caso, por exemplo, do Salto do Boi, onde foi recolhida cerâmica atribuível a essa época (Zilhão *et al.* 1995), que poderá estar representada também em Vale da Veiga II (21) e no Amendoal de Quintãs (19).

A Idade do Ferro, amplamente documentada na arte rupestre por sítios diversos situados nas imediações da confluência do Côa com o Douro, continua a ser desconhecida em contextos de habitat, com a possível excepção do castro de Calábria (41). No entanto, diversas fontes discutidas por Maia (1974-77) fornecem informação sobre os povos pré-romanos da região. Na margem esquerda do Côa viveriam os lancienses transcudani, citados na inscrição da ponte de Alcântara, e, entre o Côa e o Águeda, os interannienses. A listagem de castros da Idade do Ferro fornecida por Almeida (1995:26) deve ser encarada com as máximas reservas, pois o autor refere sítios que não podem de forma alguma ser considerados como fortificados e que, nalguns casos, nem sequer registam ocupações do período em causa (caso, por exemplo, do povoado calcolítico do Fumo).

A Época Romana está documentada por um número de achados considerável (Coixão 1996). Trata-se sobretudo de ocupações de fundo de vale, havendo nalguns casos indícios que sugerem a existência de *villae* ou de casais agrícolas. A intensificação da exploração agrícola da região a partir do século XII resultou numa forte erosão das vertentes, originando processos de colmatagem dos fundos e, no próprio Côa, de acumulação de importantes depósitos aluvionares. Na Praia da Penascosa (9), por exemplo, as datações pelo radiocarbono demonstram que os 1,5 m do tramo superior da estratigrafia foram depositados após os séculos X-XII da nossa Era.

Neolítico final e Calcolítico do Nordeste

Cronologia C14 (cal BC, 2σ)

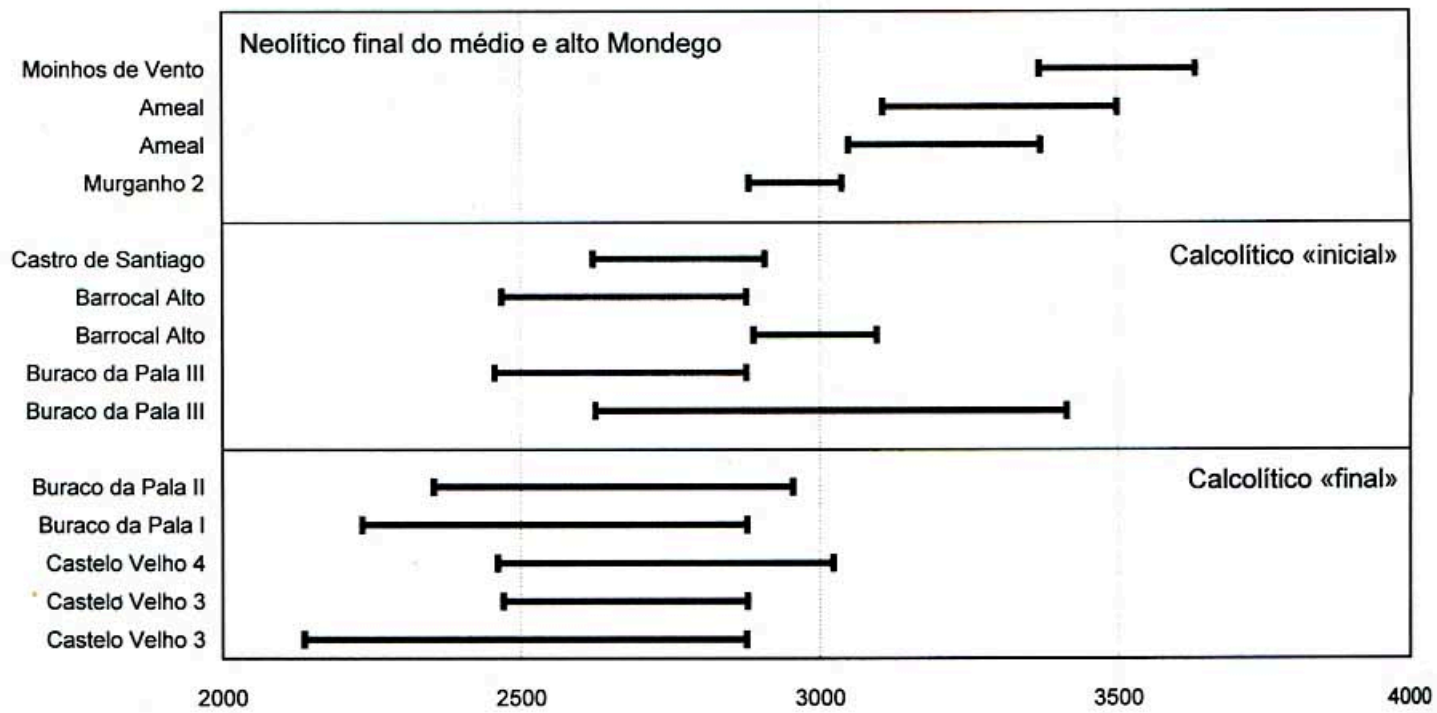


FIG. 1 - Cronologia absoluta, excluídos os resultados aberrantes, dos contextos datados do Neolítico final e do Calcolítico actualmente conhecidos na Beira Alta e em Trás-os-Montes oriental.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1988) — *O domínio romano em Portugal*, Mem Martins, Europa-América.
- ALMEIDA, C. A. B. (1995) — *Aspectos da Idade do Ferro e da romanização na bacia inferior do rio Côa*. «Boletim da Universidade do Porto», 25, p. 26-27.
- BALBÍN BEHRMANN, R.; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J.; SANTONJA GÓMEZ, M. (1996) — *Arte rupestre paleolítico al aire libre de la cuenca del Duero: Siega Verde y Foz Côa*, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques.
- BAPTISTA, A. M. (1983) — *O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)*. «Arqueologia», 8, p. 57-69.
- COIXÃO, A. S. (1996) — *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- FABIÁN GARCÍA, J. F. (1986) — *La industria lítica del yacimiento de «La Dehesa» en el Tejado de Bejar (Salamanca). Una industria de tipología magdaleniense en la Meseta. Avance a su estudio*. «Numantia», 2, p. 101-141.
- FABIÁN GARCÍA, J. F. (1993) — *La secuencia cultural durante la Prehistoria reciente en el Sur de la Meseta Norte española*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 33 (1-2), p. 145-176.
- GUIMARÃES, J. A. G. (1995) — *Arqueologia do Vale do Côa — a estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 35 (4), p. 569-575.
- JORGE, S. O. (1993) — *O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História recente do Norte de Portugal*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 33 (1-2), p. 179-216.
- KALB, P. (1987) — *Monumentos megalíticos entre Tejo e Douro*, «El Megalitismo en la Península Ibérica», Madrid, Ministerio de Cultura, p. 95-109.
- LE MOS, F. S. (1991) — *Rio Côa: Arqueologia do vale inferior*, «I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior (Castelo Branco 1991)», Resumos das Comunicações.
- MAIA, M. (1974-77) — *Vias romanas do território dos Interamnienses*. «O Arqueólogo Português», 3ª série, 7-10, p. 209-213.
- RAPOSO, L. (1993) — *Paleolítico*, in COELHO DA SILVA, A. (ed.) — «Pré-História de Portugal», Lisboa, Universidade Aberta, p. 41-111.
- RIBEIRO, J. P. C. (1990) — *Os primeiros habitantes*, in J. ALARCÃO (ed.) — «Portugal. Das origens à romanização», Lisboa, Presença, p. 15-74.
- SANCHES, M. J. (1992) — *Pré-História recente no planalto mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Porto, G.E.A.P.
- SANCHES, M. J. (1996) — *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques.
- SANTONJA GÓMEZ, M. (1991) — *Comentarios generales sobre la dinámica del poblamiento antiguo en la provincia de Salamanca*, in «Del Paleolítico a la Historia», Salamanca, Museo de Salamanca, p. 13-31.
- VALERA, A. C. (1994) — *Diversidade e relações inter-regionais no povoamento calcolítico da bacia do médio e alto Mondego*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 34 (1-2), p. 153-171.
- ZILHÃO, J. (1993) — *The spread of agro-pastoral economies across Mediterranean Europe: A view from the Farwest*. «Journal of Mediterranean Archaeology», 6 (1), p. 5-63.
- ZILHÃO, J.; AUBRY, T.; CARVALHO, A.F.; ZAMBUJO, G.; ALMEIDA, F. (1995) — *O sítio arqueológico paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa)*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 35 (4), p. 471-497.

Inventário dos sítios

Os sítios arqueológicos são apresentados numa sequência ordenada de acordo com o seu número de inventário, o qual foi atribuído, salvo raras excepções, segundo a própria sucessão dos achados. Os descritores para cada sítio são os seguintes:

1. Número de ordem e código
2. Topónimo
3. Data de descoberta ou visita por equipas do PAVC (mês e ano)
4. Localização administrativa (freguesia e concelho)
5. Coordenadas geográficas (calculadas a partir da Carta Militar de Portugal)
6. Implantação e descrição das condições de achado
7. Trabalhos efectuados e descrição da estratigrafia e estruturas reconhecidas
8. Materiais arqueológicos observados ou recolhidos
9. Atribuição cronológica
10. Potencial
11. Observações diversas

A respectiva localização é apresentada nos mapas anexos à escala 1:100 000. Os achados isolados foram representados com uma simbologia diferente (círculos não preenchidos). A respectiva lista é a seguinte:

Nº de sítio	Descrição do objecto
13	Lasca cortical em quartzito
16	Lasca parcialmente cortical em quartzito
17	Seixo talhado em quartzito
18	Percutor fragmentado sobre seixo de quartzito
23	Percutor sobre seixo de quartzito com sinais de utilização em ambas as extremidades
29	Núcleo de quartzo (hialino?).
30	Lasca espessa extraída de um seixo de quartzito talhado e reutilizado como percutor
42	Lasca de quartzo
44	Bigorna
45	Percutor-bigorna
63	Núcleo bipolar em quartzo
64	Percutor sobre seixo de quartzito lascado

As propostas de cronologia, frequentemente difícil quando se conta apenas com materiais de superfície, obedeceram à seguinte lista quando se tornou impossível apontar uma maior precisão:

- Paleolítico antigo
- Paleolítico superior e Epipaleolítico
- Neolítico e Calcolítico (Pré-História recente)
- Idade do Bronze e do Ferro (Proto-História)
- Época romana
- Idade Média (Alta e Baixa Idade Média)
- Época moderna e contemporânea

1. 01, QTB
2. **QUINTA DA BARCA**
3. 1995, Agosto.
4. Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 00' 00" Lat. N., 7° 06' 10" Long. O.; Altitude: 140 m.
6. Olival lavrado na margem esquerda do rio Côa, imediatamente a Sul do núcleo de arte rupestre da Quinta da Barca.
7. Recolhas de superfície em 1995 (Agosto e Outubro) e escavação em 1996 (entre 17 de Junho e 6 de Agosto). As recolhas de superfície permitiram reunir um importante conjunto artefactual que inclui cerâmica pré-histórica e um conjunto lítico em quartzo e quartzito, o que, aliado à topografia do local, fazia supor a existência em profundidade de contextos arqueológicos preservados. As escavações de 1996 abrangeram 25 m², em que a sequência estratigráfica era simples: sobre o xisto de base encontra-se uma camada (camada 2) onde estão registadas ocupações da Pré-História recente (no topo) e do Paleolítico Superior (na base); sobre esta está depositada a camada 1, que data de épocas históricas (por exemplo, na superfície de contacto entre as camadas 1 e 2 recolheu-se um fragmento cerâmico de tipologia medieval e foi identificada uma canalização).
8. Os materiais eventualmente correlacionáveis com a ocupação holocénica do local consistem num conjunto essencialmente composto por lascas e fragmentos de quartzo, além de alguma cerâmica manual rolada, recuperados no topo da camada 2. Da parte intermédia e basal desta camada são provenientes materiais de idade paleolítica. As matérias-primas mais utilizadas são o quartzo e, em menor medida, o quartzito. A riolite, o sílex e o cristal de rocha são claramente minoritários, mas foram utilizados na confecção da indústria microlítica.
9. Paleolítico Superior (Magdalenense); Pré-História recente indeterminada.
10. Só foi escavada uma pequena parte do sítio. A proximidade em relação a um dos mais importantes conjuntos de arte rupestre do vale justifica uma exploração extensiva da jazida.

-
1. 02, CAR
 2. **SALTO DO BOI (Cardina I e Cardina II)**
 3. 1995, Agosto.
 4. Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa.
 5. Coordenadas: 40° 58' 47" Lat. N., 7° 06' 01" Long. O.; Altitude: 165 m.
 6. Ocupa duas plataformas distintas plantadas com oliveiras, localizadas na margem esquerda do Côa, num troço onde este rio descreve um cotovelo apertado. Cardina II deve corresponder a um coluvionamento da parte superior da sequência estratigráfica reconhecida em Cardina I.
 7. Recolhas de superfície e sondagem em ambas as plataformas. As sondagens em Cardina II abrangeram 10 m² e tiveram lugar em Agosto de 1995. Em Cardina I realizaram-se duas campanhas em que foram escavados, no total, 8 m²: uma área de 2x2 m em Outubro de 1995 e duas de 1x2 m em Outubro e Novembro de 1996. A estratigrafia reconhecida nesta área, por seu lado, é mais complexa: identificou-se uma sequência de estratos que preservam diversos níveis arqueológicos distintos do Paleolítico Superior e, no topo, vestígios de ocupações da Pré-História recente ou da Proto-História.
 8. A escavação permitiu a recolha de um importante conjunto de dezenas de milhar de artefactos paleolíticos de vários períodos, em quartzo, quartzito, sílex, cristal de rocha e riolite; os níveis do Gravettense final contêm estruturas de habitat; alguns fragmentos cerâmicos com e sem decoração definem o contexto holocénico.
 9. Paleolítico Superior (Gravettense final, Proto-Solutrense e Magdalenense superior ou final); Pré-História recente e Idade do Bronze.
 10. A conservação de uma sequência estratigráfica com ocupação de várias épocas, a presença de carvões e restos de fauna nos níveis de base, a identificação de estruturas de habitat, fazem desta jazida um sítio de primeira grandeza e de importância crucial para o conhecimento do contexto habitacional da arte rupestre do vale.
 11. A campanha de sondagens realizada em 1995 foi já publicada (Zilhão *et al.* 1995).

1. 03, QEM
2. **QUINTA DA ERVAMOIRA (I e II)**
3. 1995, Outubro.
4. Muxagata, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 01' 12" Lat. N., 7° 06' 19" Long. O.; Altitude: QEM-I: 150 m.; QEM-II: 180 m.
6. Situa-se no rebordo nascente da vinha da quinta do mesmo nome. O material arqueológico recolhido no sector I é proveniente de uma plataforma que corresponde a um terraço em processo de desmantelamento.
7. Recolhas de superfície.
8. No sector I da Quinta da Ervamoira recolheram-se seixos talhados (em quartzito e em quartzo) e uma lasca parcialmente cortical em quartzito. No sector II encontraram-se lascas de quartzito e de quartzo.
9. Pré-História antiga indeterminada.
10. Apesar de ser impossível a abertura de sondagens na vinha, poderá ser útil a realização de sondagens nos caminhos rurais existentes em QEM-II.

1. 04, QBC-C e QBC-G
2. **QUINTA DA BARCA - CABEÇOS (I) e QUINTA DA BARCA - GRAVURAS (II)**
3. 1995, Outubro.
4. Chãs, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 00' 13" Lat. N., 7° 06' 20" Long. O.; Altitude: 175m. (Cabeço) e 140 m. (Gravuras)
6. O sector designado por «Cabeços» designa as duas plataformas existentes em frente ao núcleo de gravuras da Penascosa, nas quais se recolheram peças em pedra lascada. No topo do cabeço, a Sul, há ainda uma casa em ruínas, em torno da qual se recolheram materiais romanos. O sector «Gravuras» corresponde ao vale apertado onde se encontra grande parte das gravuras paleolíticas da Quinta da Barca.
7. Recolhas de superfície no sector Cabeços, e sondagens no sector Gravuras, realizadas entre 12 e 16 de Junho de 1996, junto às rochas 7 e 10.
8. No cabeço sul foram achados fragmentos cerâmicos muito rolados, possivelmente modernos, não devendo por isso encontrar-se associados à indústria lítica, inteiramente composta por peças em quartzo (lascas, uma das quais retocada e outra apresentando um «acidente de Siret») que se encontram em ambos os cabeços. Os materiais romanos formam um núcleo melhor definido, em torno da referida casa. No sector Gravuras recolheram-se apenas raras lascas de quartzo e um seixo talhado em quartzito.
9. Pré-História indeterminada; Época Romana ou posterior.
10. A realização de sondagens no cabeço poderá vir a demonstrar-se infrutífera devido à fraca potência da cobertura sedimentar.

1. 05, QOG
2. **QUINTA DAS OLGAS**
3. 1995, Outubro.
4. Muxagata, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 01' 34" Lat. N., 7° 08' 17" Long. O.; Altitude: 185 m.
6. Olival numa pequena plataforma de inclinação relativamente suave, na margem esquerda da ribeira de Vale da Cabra.
7. Recolhas de superfície.
8. Além de vários fragmentos de *tegulae* e de tijolo, encontrou-se também uma lasca de quartzo e outra de quartzito.
9. Pré-História indeterminada; Época Romana.

-
1. 06, FRS
 2. **FARISEU**
 3. 1995, Outubro.
 4. Muxagata, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 02' 00" Lat. N., 7° 07' 16" Long. O.; Altitude: 290 m.
 6. Na base de uma escarpa situada na encosta virada a sul do monte do Fariseu (que coroa a margem esquerda da confluência da ribeira de Piscos com o Côa) recolheram-se materiais pré-históricos provenientes de um corte resultante da abertura de um caminho rural.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Além de fragmentos cerâmicos não decorados, recolheu-se um conjunto lítico inteiramente em quartzo composto por um núcleo sobre lasca e várias lascas brutas.
 9. Pré-História recente indeterminada.

-
1. 07, MDN
 2. **MONTE DAS DONAS**
 3. 1995, Outubro.
 4. Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 01' 27" Lat. N., 7° 06' 16" Long. O.; Altitude: 140 m.
 6. É um terraço em desmantelamento na margem direita do rio Côa, plantado com oliveiras, numa vertente muito íngreme, em frente da Quinta da Ervamoira.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Recolheram-se seixos talhados e lascas em quartzo e quartzito, algumas de grandes dimensões (mais de 10 cm de comprimento).
 9. Pré-História antiga indeterminada.
 10. Não parece haver condições para a preservação de depósitos *in situ*.
 11. O E.I.A. refere a recolha no local de seixos talhados.

-
1. 08, CML
 2. **COLMEAL**
 3. 1995, Outubro.
 4. Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 01' 16" Lat. N., 7° 06' 13" Long. O.; Altitude: 130 m.
 6. Amendoal plantado no prolongamento do terraço de Monte das Donas.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Conjunto artefactual composto apenas por pedra lascada: lascas, uma lamela e um buril sobre lasca de quartzo, e um buril de sílex.
 9. Pré-História antiga indeterminável.
 10. É recomendável a realização periódica de recolhas de superfície sistemáticas.

1. 09, PNC
2. **PRAIA DA PENASCOSA**
3. 1995, Outubro a Dezembro.
4. Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 00' 34" Lat. N., 7° 06' 22" Long. O.; Altitude: 135 m.
6. A Praia da Penascosa é uma praia fluvial na margem direita do rio Côa, em cuja extremidade meridional se encontra o núcleo de gravuras rupestres da Penascosa.
7. Sondagem geológica, com meios mecânicos, desde a margem do rio até ao estradão que liga Castelo Melhor ao núcleo de gravuras da Penascosa, com o objectivo de determinar a sequência estratigráfica local. A realização de sondagens arqueológicas só teve lugar após a descoberta de materiais nos montes de areia acumulados pela retroescavadora que procedeu à abertura da vala. A estratigrafia observada compreende, basicamente, dois tramos principais: um de idade indeterminável, onde se recolheram materiais em pedra lascada (camadas 5 a 7); outro de época histórica (camadas 3 e sobrejacentes), facto comprovado pela datação de carvões depositados na camada 3 (Sac 1322: 1000±60 BP; 898-1179 cal AD).
8. Apenas foram recolhidos materiais de pedra lascada, em quartzito e sobretudo em quartzo. O facto de se terem recolhido muito poucas peças pequenas (esquírolas, por exemplo) sugere que este contexto terá sido afectado por processos pós-depositacionais de triagem
9. Pré-História indeterminada.

-
1. 10, QGB
 2. **QUINTA DOS GAMOIS DE BAIXO**
 3. 1995, Outubro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 40° 57' 19" Lat. N., 7° 11' 36" Long. O.; Altitude: 295 m.
 6. Pequeno olival e vinha existentes junto à curva que a estrada principal descreve na parte mais larga do Vale Talhado.
 7. Recolhas de superfície.
 8. O conjunto cerâmico recolhido neste sítio é agrupável em dois subconjuntos distintos: um composto por fragmentos de vasos fabricados a torno (incluindo um bordo), outro por cerâmica manual pré-histórica. Além destes exemplares, encontraram-se ainda algumas peças que, por se encontrarem muito roladas, não se podem atribuir a qualquer daqueles grupos. A indústria em pedra está representada por uma lasca de quartzo e por um machado de pedra polida em rocha anfibólica, materiais que deverão estar associados ao segundo conjunto cerâmico.
 9. Pré-História recente indeterminada (Neolítico ou Calcolítico); Época Contemporânea.

-
1. 11, VNG
 2. **VINAGREIRA**
 3. 1995, Outubro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 40° 57' 33" Lat. N., 7° 11' 36" Long. O.; Altitude: 285 m.
 6. É uma extensa mancha de material de construção e cerâmicas de vários tipos que se encontra no extremo sul do vale de Centieira.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Recolheu-se neste sítio apenas uma pequeníssima amostra dos materiais arqueológicos romanos que se encontram espalhados por uma grande área: ânforas, *dolia*, cerâmica de paredes finas, *terra sigillata*, cerâmica comum e material de construção (*tegulae* e tijolos). Tendo em conta que o vale deve ter sido atravessado por uma via romana, os achados poderão corresponder a vestígios de uma ou mais *villae*, ou, mais provavelmente, de um *vicus*. No extremo Norte da mancha de dispersão destes materiais foram também recolhidos materiais pré-históricos (percutor, seixo talhado e lascas em quartzito).
 9. Pré-História indeterminada; Época Romana.

-
1. 12, FTR
 2. **FIEITEIRA**
 3. 1995, Outubro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 40° 58' 11" Lat. N., 7° 11' 51" Long. O.; Altitude: 300 m.
 6. À data da descoberta (30 de Outubro), o sítio estava situado num olival em frente à povoação de Relva, do lado poente do vale da ribeira de Centieira, a norte da estrada para Longroiva. Os materiais foram achados sensivelmente a meia largura do terreno, a cerca de 20 metros da estrada. O olival foi arrancado no início de 1996, o terreno terra-planado, e uma vinha plantada.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Encontraram-se fragmentos cerâmicos de fabrico manual. A pedra lascada está representada por um núcleo para lascas em cristal de rocha, e por lascas de quartzo e quartzito.
 9. Pré-História recente indeterminada.
-

1. 14, QLM
 2. **QUINTA DA LAMIEIRA**
 3. 1995, Novembro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 40° 58' 39" Lat. N., 7° 11' 48" Long. O.; Altitude: 275 m.
 6. Situa-se no topo norte de uma vinha existente junto ao caminho rural para Quintãs.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Recolheu-se apenas pedra lascada: uma lasca de quartzito e um núcleo de quartzo hialino.
 9. Pré-História indeterminada.
-

1. 15, QVG
 2. **QUINTA DA VEIGA**
 3. 1995, Novembro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 40° 58' 51" Lat. N., 7° 11' 52" Long. O.; Altitude: 275 m.
 6. O sítio encontra-se na propriedade localizada em frente de Quintãs, do lado poente da estrada para Vila Nova de Foz Côa.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Os materiais consistem em restos de telhas e cerâmica doméstica fabricada a torno (incluindo bases planas, bordos e um fragmento de asa de fita).
 9. Idade Moderna ou posterior.
-

1. 19, AQT
2. **AMENDOAL DE QUINTÃS**
3. 1995, Novembro.
4. Longroiva, Meda.
5. Coordenadas: 40° 59' 11" Lat. N., 7° 11' 16" Long. O.; Altitude: 270 m.
6. Trata-se de um amendoal a norte de Quintãs situado na base da vertente da escarpa que delimita o vale da ribeira de Centieira a nascente. A boa visibilidade do solo na data em que foi visitado permitiu identificar uma grande mancha de cerâmicas domésticas, a maioria delas rolada. O estado de superfície destas peças parece ser devido mais a movimentos pós-deposicionais a partir da vertente do que às lavras a que o amendoal é submetido.
7. Recolhas de superfície.
8. Recolheram-se 18 fragmentos de telha sem sinais de rolamento e 52 fragmentos de cerâmica (incluindo 1 bordo e 1 mamilo alongado sobre carena), dos quais só 5 sem indícios de rolamento acentuado. A indústria lítica inclui 2 fragmentos de seixos talhados em quartzito, 4 lascas de quartzito (uma das quais espessa e de superfície dorsal parcialmente cortical) e 2 de quartzo (1 sem córtex e 1 parcialmente cortical).
9. Pré-História recente indeterminada (Neolítico ou Calcolítico); Proto-História indeterminada; Época Contemporânea.
10. A densidade de materiais e a extensão que cobrem justificam, pelo menos, a realização de recolhas de superfície sistemáticas e regulares.

-
1. 20, VV-I
 2. **VALE DA VEIGA I**
 3. 1995, Novembro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 41° 00' 26" Lat. N., 7° 11' 13" Long. O.; Altitude: 250 m.
 6. Os materiais arqueológicos espalham-se pelas vinhas que ocupam ambos os lados da estrada que corta o sítio. No lado poente, os materiais encontram-se junto a uma casa construída com tijolo de cimento, e sobretudo no seu canto SE. As cerâmicas manuais pré-históricas recolhidas na metade nascente encontram-se roladas, o que não acontece na metade poente da propriedade.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Recolheram-se dois conjuntos cerâmicos distintos: um composto por fragmentos de cerâmica fabricada a torno de cronologia indeterminada (incluindo um arranque de asa de fita e um bordo), outro por fragmentos de vasos pré-históricos, incluindo um caco decorado com traços incisos formando um motivo em «espinha» semelhante aos recuperados no Fumo (n.º 52). A indústria lítica, exclusivamente em quartzito, está representada por um seixo talhado e lascas.
 9. Calcólico.
 10. O facto de se encontrar numa vinha dificulta a realização de sondagens arqueológicas para determinação da estratigrafia e condições de jazida. A realização de recolhas de superfície sistemáticas parece ser o único procedimento de estudo actualmente possível.

-
1. 21, VV-II
 2. **VALE DA VEIGA II**
 3. 1995, Novembro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 41° 00' 27" Lat. N., 7° 11' 12" Long. O.; Altitude: 245 m.
 6. Está localizado imediatamente a norte da metade poente do sítio de Vale da Veiga I, sendo-lhe praticamente contíguo.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Além de cacos modernos, recolheram-se 3 fragmentos de um vaso de forma tronco-cónica reconstituído. Em verosímil associação está ainda um seixo talhado de quartzito.
 9. Idade do Bronze.
 10. Condicionado pelas mesmas limitações que afectam Vale da Veiga I.

-
1. 22, VV-III
 2. **VALE DA VEIGA III**
 3. 1995, Novembro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 41° 00' 38" Lat. N., 7° 11' 06" Long. O.; Altitude: 245 m.
 6. Este sítio localiza-se no pomar de pessegueiros existente entre a estrada que liga Vila Nova de Foz Côa a Trancoso e a margem direita da ribeira de Centieira.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Fragmentos cerâmicos modernos e lascas de quartzito não corticais.
 9. Pré-História indeterminada; Época Contemporânea.

1. 24, QMV
2. **QUINTA DO MARVÃO**
3. 1995, Novembro.
4. Touça, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 01' 02" Lat. N., 7° 10' 52" Long. O.; Altitude: 265 m.
6. Os materiais recolhidos à data da descoberta encontravam-se dispersos a norte das casas da quinta, na vinha e olival pertencentes à propriedade. O achado de materiais no lado oposto da Estrada Nacional sugeria que o sítio teria sido truncado pelo alargamento da via. Esta dedução foi confirmada em Abril de 1996 após a limpeza dos cortes na berma da estrada, que permitiu a observação de um nível arqueológico a cerca de 30-40 cm de profundidade.
7. Recolhas de superfície.
8. Conjunto de pedra lascada composto por seixos talhados e lascas em quartzito, lascas de quartzo, e ainda 1 lasca em matéria-prima indeterminada (quartzito de grão muito fino?).
9. Pré-História antiga indeterminada.
10. É possível a realização de sondagens no olival.

-
1. 25, PTN
 2. **PESTANA**
 3. 1995, Novembro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 40° 59' 49" Lat. N., 7° 11' 15" Long. O.; Altitude: 245 m.
 6. O sítio encontra-se num olival plantado nas traseiras de uma casa construída na esquina de duas estradas: uma dá acesso às Chãs, a outra dirige-se para a povoação da Cornalheira.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Encontraram-se neste sítio pequenos fragmentos de telha e bases planas de recipientes fabricados a torno, materiais modernos muito possivelmente relacionados com a casa próxima. Além destas peças, recolheram-se ainda fragmentos de cerâmica muito rolados, possivelmente de idade pré-histórica e uma lasca de quartzo. Uma «malha» de jogo romana e um polidor ou movente de mó manual completam os achados neste sítio.
 9. Pré-História recente indeterminada; Época Romana; Época Contemporânea.

-
1. 26, GBN
 2. **GASBERNA**
 3. 1995, Novembro.
 4. Longroiva, Meda.
 5. Coordenadas: 41° 00' 29" Lat. N., 7° 10' 23" Long. O.; Altitude: 270 m.
 6. Localiza-se na margem esquerda da ribeira de Piscos, perto da Quinta da Canameira. O vale é aqui bastante encaixado, e os materiais encontram-se parcialmente enterrados em sedimentos de origem fluvial recente (Holocénico).
 7. Prospecção, sem recolha dos materiais encontrados.
 8. Identificou-se uma coluna em granito e material de construção cerâmico. De acordo com o proprietário, os materiais teriam sido transportados de um antigo convento que estaria situado entre a Longroiva e a Fonte Longa.
 9. Época Romana ou posterior.

-
1. 27, QCC
 2. **QUINTA DA CASCALHEIRA**
 3. 1995, Novembro.
 4. Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 01' 45" Lat. N., 7° 06' 16" Long. O.; Altitude: 265 m.
 6. Por este topónimo entende-se um conjunto de três plataformas localizadas na margem direita do rio Côa, na margem oposta à confluência com a ribeira de Piscos.
 7. Na plataforma mais a Sul, recolheu-se à superfície diverso material lascado em quartzito e quartzo, o que despoletou a abertura de 10 sondagens de 1 m² para determinação do respectivo contexto estratigráfico, atribuição cronológico-cultural e avaliação da extensão da jazida. Estes trabalhos, realizados entre 6 e 7 de Dezembro, permitiram reconhecer que a cobertura sedimentar nesta plataforma é reduzidíssima (a potência sedimentar varia entre os 15 e os 30 cm), estando o xisto de base exposto em alguns pontos mais elevados. Por outro lado, os materiais arqueológicos recolhidos em escavação são menos numerosos que os provenientes de recolhas de superfície. A estratigrafia é composta por duas unidades distintas: a camada 1 (areias de cor castanho-amarelada com importante componente argilosa e com grandes blocos de xisto), remexida pelas actividades agrícolas, mais extensa e assentando a maior parte das vezes directamente sobre o substrato xistoso, e a camada 2 (sedimentos mais argilosos e compactos de cor avermelhada), apenas detectada numa pequena depressão de orientação N-S onde a potência sedimentar é maior.
 8. À superfície recolheram-se: 3 seixos talhados de quartzito (um dos quais fracturado e outro com sinais de percussão), 1 lasca não cortical de matéria-prima indeterminada e 2 fragmentos de cerâmica fabricada a torno (um com bordo). Durante os trabalhos de sondagem apenas foi possível recolher 3 esquirolas, 2 lascas parcialmente corticais e 2 fragmentos de núcleo em quartzo e cristal de rocha.
 9. Pré-História indeterminada.
 10. Há que proceder a sondagens arqueológicas ou geofísicas nas restantes plataformas da Quinta da Cascalheira para avaliar a possibilidade de noutros pontos se terem conservado depósitos *in situ*.

-
1. 28, FLL
 2. **FOLHAL**
 3. 1995, Novembro.
 4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 02' 04" Lat. N., 7° 10' 46" Long. O.; Altitude: 365 m.
 6. Localiza-se numa vinha existente junto à estrada que liga Vila Nova de Foz Côa a Trancoso, a Sudoeste da aldeia da Muxagata.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Achou-se um percutor fracturado num dos topos e um seixo talhado.
 9. Pré-História indeterminada.

-
1. 31, LDR
 2. **LADEIRAS**
 3. 1995, Novembro.
 4. Barreira, Meda.
 5. Coordenadas: 40° 55' 15" Lat. N., 7° 09' 25" Long. O.; Altitude: 430 m.
 6. Trata-se de socalcos semeados com pasto localizados num local que, ao contrário das áreas adjacentes, ainda retém sedimentos.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Materiais de pedra lascada em quartzito (seixo talhado e lasca) e quartzo (lascas e lamela proximal).
 9. Pré-História recente indeterminada.
 10. O tipo de ocupação agrícola deste local (pastos para animais) poderá permitir a futura realização de trabalhos de escavação no período estival de modo a confirmar a cronologia entretanto proposta e o contexto de deposição dos materiais.

1. 32, CFR
2. **CURVA DA FERRADURA**
3. 1996, Janeiro.
4. Chãs, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 40° 59' 32" Lat. N., 7° 10' 55" Long. O.; Altitude: 290 m.
6. Numa das curvas da estrada das Chãs, a meia vertente, existe uma área aplanada em cujo rebordo poente se eleva um pequeno cabeço com um antigo pombal de onde se domina visualmente todo a bacia da Longroiva e os raros e difíceis acessos pedestres ao planalto das Chãs. Os materiais pré-históricos foram recolhidos em corte. O sítio deve estender-se ainda consideravelmente na direcção da estrada alcatroada.
7. Recolhas de superfície.
8. Além de escassas cerâmicas domésticas (cerâmica comum e pelo menos um grande vaso de tipo *dolium*) e de construção de idade romana ou alto-medieval, encontraram-se vestígios de uma importante ocupação pré-histórica recente, testemunhados pela presença de pedra talhada e de cerâmicas. A indústria lítica é composta por um conjunto de lascas de quartzo e percutores em quartzito. A cerâmica é de fabrico manual. Há vasos de formas hemisféricas e esféricas, pequenas taças em calote de esfera e recipientes de colo estrangulado. As decorações formam três principais grupos: (1) traços incisos organizados em fiadas, às vezes associados a linhas incisas; (2) pequenas impressões de forma irregular ou impressões ovais, por vezes delimitadas por linhas incisas (triângulos preenchidos?); e (3) puncionamentos simples. Estes tipos decorativos surgem associados àquelas formas em contextos da Pré-História recente de Trás-os-Montes, como no Barrocal Alto ou no povoado do Cunho (ambos em Mogadouro), datados do Calcolítico (Sanches 1992).
9. Calcolítico; Época Romana ou Idade Média.

-
1. 33, QBD
 2. **QUEBRADAS**
 3. 1996, Janeiro.
 4. Chãs, Vila Nova de Foz Côa.
 5. Coordenadas: 40° 59' 43" Lat. N., 7° 10' 30" Long. O.; Altitude: 440 m.
 6. A mancha de dispersão dos materiais visíveis à superfície abrange uma pequena plataforma atravessada pelo estradão que liga Chãs ao sítio denominado Tambores. Áreas contíguas, como sejam um pequeno cabeço que se ergue a poente ou a vertente virada a um pequeno curso de água que corre a nascente, apresentam também numerosos materiais à superfície.
 7. Recolhas de superfície na altura da descoberta e antes do início dos trabalhos de sondagem, em Outubro de 1996. A escavação permitiu reconhecer a estratigrafia local: sob uma camada de terra vegetal muito pouco espessa (camada 1) existe uma camada arenosa resultante do revolvimento pelas lavras do terreno e do horizonte arqueológico (camadas 2a e 2b). Os materiais arqueológicos preservados encontram-se na camada 3topo. A camada 3, estéril, é um areão resultante da alteração do granito de base.
 8. Os materiais recolhidos na superfície são constituídos por um grande número de peças em pedra lascada (em quartzo, cristal de rocha e algum sílex) e alguma cerâmica muito rodada. O talhe da pedra assentou na exploração aleatória de fragmentos angulosos de quartzo e na debitação bipolar do cristal de rocha. O sílex era utilizado para a produção de lamelas e de pequenas lascas a partir de núcleos prismáticos. A tipologia da cerâmica aponta para cronologias equivalentes às do nível IV do Buraco da Pala (em Mirandela), isto é, o Neolítico antigo ou médio (Sanches 1996).
 9. Neolítico.
 10. O sítio deve ser escavado em extensão na área onde o nível arqueológico aparece melhor preservado.

-
1. 34, QGJ
 2. **QUINTA DA GRANJA**
 3. 1996, Fevereiro.
 4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 02' 36" Lat. N., 7° 02' 30" Long. O.; Altitude: 160 m.
 6. Os materiais arqueológicos distribuem-se por dois *loci* principais, em que a sequência crono-cultural pode ser reconstituída da seguinte forma: sobre o terraço encontram-se vestígios possivelmente acheulenses (apresentando concreções de tipo calcário); o coluvião sobreposto ao terraço contém os materiais do Paleolítico Superior.
 7. Recolhas de superfície à data da descoberta e de sondagens em Outubro de 1996.
 8. Indústria lítica diversa em quartzo, quartzito, riolite, sílex e cristal de rocha.
 9. Paleolítico Inferior; Paleolítico Superior.
 10. A estratigrafia original está, de um modo geral, revolvida pelos trabalhos agrícolas na zona da vinha, sendo necessário proceder a trabalhos geológicos visando a detecção de depósitos ainda *in situ*.

-
1. 35, ACN
 2. **ALTO DA CANADINHA**
 3. 1996, Fevereiro.
 4. Longroiva, Meda
 5. Coordenadas: 40° 58' 10" Lat. N., 7° 13' 29" Long. O.; Altitude: 526 m.
 6. Os materiais, escassos, foram encontrados numa pequena parcela de terreno agricultada localizada num local elevado perto do topo da vertente da margem direita da ribeira da Concelha.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Os materiais reduzem-se a lascas de quartzo robustas e um seixo de quartzito fracturado.
 9. Pré-História indeterminada.
 - 10.
 11. Havia sido referido por Adriano Vasco Rodrigues (em *Terras de Meda*) a recolha de um biface acheulense neste local.

1. 36, TBR
2. **TAMBORES, I e II (Castelo Velho)**
3. 1996, Fevereiro.
4. Chãs, Vila Nova de Foz Côa
5. Tambores I: Coordenadas: 41° 00' 27" Lat. N., 7° 10' 46" Long. O.; Altitude: 330 m. Tambores II: Coordenadas: 41° 00' 22" Lat. N., 7° 10' 46" Long. O.; Altitude: 340 m.
6. Trata-se de dois sítios arqueológicos quase contíguos localizados em torno da curva de nível dos 350 m numa área onde o relevo apresenta algum declive. Sobranceiros à Quinta da Canameira e ao troço inicial da ribeira de Piscos, permitem um grande domínio visual da paisagem circundante.
7. Recolhas de superfície.
8. Tambores I: neste local recolheram-se cerâmicas lisas, todas sem bordo, o que impede qualquer tentativa de inserção crono-cultural para esta ocupação pré-histórica. No entanto, a observação do tipo de acabamento das superfícies dos cacos e o aspecto da pasta (que tem muitos elementos não plásticos), permite, por comparação com outros contextos melhor conhecidos, propor provisoriamente uma cronologia calcolítica ou da Idade do Bronze para este conjunto. A indústria lítica revela a exploração de três rochas: quartzo, representado por lascas robustas e pequenas lamelas (não se recolheu qualquer núcleo nesta matéria-prima) cristal de rocha, representado por lascas e lamelas que, a julgar pela sua morfologia irregular e arqueada, deveriam ser obtidas a partir de núcleos bipolares (peças esquiroladas); e sílex, apenas representado por uma lasca e uma esquirola. Foram ainda identificadas mós manuais em granito.
Tambores II: a cerâmica segue o mesmo padrão observado no núcleo I, e o único bordo recolhido não permite um diagnóstico mais preciso da cronologia da ocupação do sítio. Embora não se tenham recolhido lamelas, as rochas utilizadas no talhe são as mesmas de Tambores I e parecem ter sido exploradas segundo os mesmos procedimentos técnicos. Há contudo a registar a presença de dois percutores sobre seixo de quartzito. Foi ainda identificada uma laje de granito com cerca de 1x1,5 m em que pelo menos uma das faces estava preenchida com «cavinhas» gravadas.
9. Calcolítico ou Idade do Bronze.
- 10.
11. Mencionado por Joaquim Trabulo (em *Chãs de Foz Côa*), que refere o achado de machados neolíticos, de um punhal em metal, de cerâmica castreja e de mós. Não foram identificadas estruturas de construção que pudessem ser atribuídas à ocupação pré-histórica do local.

-
1. 37, GMB
 2. **GAMBOA**
 3. 1996, Fevereiro.
 4. Chãs, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 00' 19" Lat. N., 7° 10' 38" Long. O.; Altitude: 410 m.
 6. Área aplanada a SE e acima do sítio de Tambores.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Os materiais recolhidos incluem fragmentos cerâmicos de fabrico manual de idade pré-histórica indeterminada em aparente associação com lascas de quartzo e cristal de rocha.
 9. Pré-História recente indeterminada.

-
1. 38, FRB
 2. **FOZ DA RIBEIRINHA**
 3. 1996, Fevereiro.
 4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 00' 16" Lat. N., 7° 06' 11" Long. O.; Altitude: 150 m.
 6. Pequeno esporão na margem direita da Ribeirinha, junto à foz.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Encontraram-se pequenos fragmentos de cerâmica possivelmente pré-histórica (as peças estão muito erodidas) e um conjunto lítico de pedra lascada composto por lascas de quartzito (obtidas a partir de seixos), cristal de rocha e, sobretudo, quartzo, este último também representado por núcleos para lascas.
 9. Pré-História recente indeterminada.

-
1. 39, QVM
 2. **QUINTA DO VALE DO MEÃO, I e II**
 3. 1996, Fevereiro.
 4. Vila Nova de Foz Côa; Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 40° 38' 08" Lat. N., 7° 07' 03" Long. O.; Altitude: 140 m.
 6. As recolhas de superfície efectuadas permitiram reconhecer a existência de duas concentrações de materiais: o *locus* I, a Sul, e o *locus* II, poucas dezenas de metros a Norte, onde se encontrou um biface isolado.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Materiais macrolíticos em quartzito.
 9. Paleolítico Inferior (Acheulense).
-

1. 40, QCP
 2. **QUINTA DO CAMPO**
 3. 1996, Fevereiro.
 4. Vila Nova de Foz Côa, Vila Nova de Foz Côa.
 5. Coordenadas: 40° 58' 01" Lat. N., 7° 07' 02" Long. O.; Altitude: 150 m.
 6. A Quinta do Campo está localizada numa extensa plataforma na margem direita da curva apertada que o rio Douro descreve após a barragem do Pocinho. Os materiais surgiram na parte mais elevada, embora não seja de excluir a hipótese de terem existido também ocupações humanas antigas na parte mais baixa, sobranceira ao Douro, mas entretanto destruídas pela construção da central de distribuição eléctrica daquela barragem.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Verificou-se a existência à superfície de numerosos restos de materiais de construção verosimilmente medievais, e algumas cerâmicas a torno que poderão datar desse período histórico. No mesmo terraço recolheram-se alguns seixos de quartzito talhados dispersos que poderão corresponder a uma ocupação da Pré-História recente do tipo da identificada no sítio do Mouchão da Faia.
 9. Pré-História recente indeterminada; Idade Média.
-

1. 41, CLB
2. **CALÁBRIA (Caliábria)**
3. 1996, Fevereiro.
4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 01' 53" Lat. N., 7° 00' 53" Long. O.; Altitude: 508 m.
6. Trata-se de um povoado fortificado muito extenso que ocupa todo o topo do Monte do Castelo (como é conhecido no local), que é constituído por dois cabeços contíguos, o que lhe confere um aspecto semelhante a um anfiteatro em que se verificam condições acústicas impressionantes.
7. Visita ao local e observação das estruturas a descoberto.
8. Não se recolheram materiais arqueológicos.
9. Idade do Ferro (?); Alta Idade Média.
- 10.
11. Foram já efectuados trabalhos de sondagem no castro, sob a direcção de N. Rebanda, que se encontram inéditos. Guimarães (1995) refere que o sítio foi sede de bispado na época visigótica.

1. 43, VMT
2. **VALE DE MATEUS e GAMOAL**
3. 1996, Fevereiro.
4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 40° 59' 53" Lat. N., 7° 04' 44" Long. O.; Altitude: entre os 350-340 m. no Vale de Mateus e os 330 m. no Gamoal.
6. O grande número de materiais recolhidos no *locus* de Vale de Mateus encontra-se bastante rolado, devendo estar em posição secundária.
7. Visita ao local e realização de recolhas de superfície.
8. O local corresponde a uma enorme mancha de materiais pré-históricos, nomeadamente cerâmicas e algumas lascas. A decoração mais frequente (linhas incisas a pente) aponta, a julgar pelos paralelos conhecidos em Trás-os-Montes e Beira Alta, para o Calcolítico final ou Bronze inicial. Nesta vasta área recolheram-se ainda percutores, bigornas e seixos talhados (achados isolados aos quais foram atribuídos os números 44, 45 e 63 da lista de achados) que, embora a sua localização nem sempre coincida com a dispersão das cerâmicas, deverão estar associados a estas. São igualmente conhecidos vestígios romanos e medievais.
9. Calcolítico final; Época Romana; Idade Média (século XIII); Época Contemporânea.
- 10.
11. Descoberto em Fevereiro de 1992 pela equipa que, sob a direcção de N. Rebanda, efectuava o Estudo de Impacte Ambiental prévio à abertura das pedreiras de granito da Hidrorumo S. A., destinadas à extracção de pedra para a construção da barragem de Foz Côa.

-
1. 46, ORB
 2. **OLIVAL DA RIBEIRINHA**
 3. 1996, Fevereiro.
 4. Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 59' 56" Lat. N., 7° 05' 11" Long. O.; Altitude: 235 m.
 6. Pequeno olival plantado numa praia da Ribeirinha, numa ligeira curva situada após o troço muito encaixado que separa os sítios do Gamoal e Vale de Mateus (na margem direita) do povoado do Fumo (na margem esquerda).
 7. Recolhas de superfície.
 8. Recolheram-se apenas lascas de quartzo.
 9. Pré-História indeterminada.

-
1. 47, PNC-S
 2. **PENASCOSA - SUL**
 3. 1996, Fevereiro.
 4. Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 00' 16" Lat. N., 7° 06' 05" Long. O.; Altitude: 165 m.
 6. Junto à foz da Ribeirinha, numa zona de socalcos situados no sopé da vertente SW do monte da Penascosa.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Além de cerâmica moderna que não deverá corresponder a uma ocupação residencial do sítio mas antes a trabalhos agrícolas, recolheram-se lascas em quartzo e uma pequena lâmina de sílex, cujas características apontam para que tenha sido debitada por pressão. Estes materiais testemunham uma ocupação da Pré-História recente, a qual deverá estar relacionada com alguns fragmentos de cerâmicas (um dos quais com decoração penteadada) encontrados junto às gravuras da Penascosa após a limpeza da vegetação.
 9. Pré-História recente (Calcolítico final?)

1. 48, AFR
2. **ALTO DO FARISEU**
3. 1996, Fevereiro.
4. Muxagata, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 02' 07" Lat. N., 7° 07' 16" Long. O.; Altitude: 409 m.
6. Sítio localizado na parte mais elevada deste acidente orográfico, com excelente domínio visual da paisagem, nomeadamente do vale do Côa.
7. Recolhas de superfície.
8. Sem que se tenham observado quaisquer restos cerâmicos, foi possível recolher um seixo de quartzito e lascas de quartzo.
9. Pré-História indeterminada.

-
1. 49, HTT
 2. **HORTATORTAS, I e II**
 3. 1996, Março.
 4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 00' 06" Lat. N., 7° 05' 15" Long. O.; Altitude: 205 m.
 6. Sítio localizado numa das curvas apertadas da Ribeirinha, na sua margem direita.
 7. Recolhas de superfície e escavação de sondagens entre 6 e 22 de Maio no *locus* I. As sondagens foram abertas de forma aleatória nos dois sectores em que se subdividiu o sítio, totalizando, no final da intervenção, uma dezena de unidades (designadas de S1 a S10). O modelo estratigráfico que resulta da comparação das sequências observadas em cada sondagem é composto por quatro unidades distintas: c.1 - terra castanha, de revolvimento recente, pouco espessa (15-20 cm); c.2 - coluvião areno-argiloso (20-30 cm de espessura); c.3 - aluvião sito-argilosa de cor castanho-avermelhada, com gravilha de xisto rolada e grãos de quartzo (espessura muito variável, oscilando entre 15 e 50 cm); c.4 - camada argilosa vermelha, muito compactada, embalando pequenas lajes de xisto.
 8. Os achados de superfície incluíam peças em quartzito e riolite. Os raros materiais recolhidos durante a escavação ou na crivagem a água dos sedimentos, sobre crivo de 2 mm, são de talhe grosseiro, quando em quartzo leitoso, mas há também algumas peças em cristal de rocha. A cronologia destes contextos permanece indeterminada.
 9. Pré-História indeterminada.

-
1. 50, TPN
 2. **TAPADA DA PENASCOSA**
 3. 1996, Março.
 4. Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 41° 00' 35" Lat. N., 7° 04' 32" Long. O.; Altitude: 215 m.
 6. Os materiais arqueológicos foram recolhidos num ponto da área localizada entre a ribeira do Picão e a base da vertente sul da Penascosa que localmente recebe o nome de Tapada da Penascosa.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Recolheu-se um artefacto indeterminado em ferro, cerâmica comum romana, *dolia* e *sigillata*. O achado destes dois últimos tipos artefactuais indica que se poderá tratar de uma *villa*, pois não ocorrem normalmente em casais agrícolas.
 9. Época Romana.

1. 51, FRD
2. **FURADA**
3. 1996, Março.
4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 41° 00' 04" Lat. N., 7° 05' 51" Long. O.; Altitude: 334 m.
6. A Furada é um cabeço elevado localizado na margem esquerda da foz da Ribeirinha. Os materiais arqueológicos foram recolhidos precisamente no seu topo. Dada a exiguidade da área, não deverão estar relacionados com um uso prolongado do local.
7. Recolhas de superfície.
8. Recolheu-se apenas um caco pré-histórico e uma lasca em quartzo.
9. Pré-História recente indeterminada.

1. 52, FUMO
2. **FUMO (Poio do Silveiral)**
3. 1996, Março.
4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 40° 59' 54" Lat. N., 7° 05' 00" Long. O.; Altitude: 314 m.
6. O povoado pré-histórico do Fumo situa-se na margem esquerda da Ribeirinha, numa pequena depressão alongada de orientação E-W ladeada, a Norte, por um pequeno cabeço que atinge os 323 m e, a Sul, pela rechã do Fumo, onde foi aberta uma pedreira, e que atinge, na parte mais próxima do povoado, os 365 m. Não se pode considerar, portanto, que este povoado da Pré-História recente tenha sido ocupado por razões defensivas.
7. Recolhas de superfície na data da primeira visita ao local e trabalhos de sondagem arqueológica em Outubro. Estes trabalhos consistiram na abertura de dois quadros de 2x2 m de lado que permitiram recolher uma grande amostra de artefactos, reconhecer a existência de vestígios de estruturas de habitat («barro de cabana», lareira). À superfície existem mós manuais. A estratigrafia é composta por duas unidades básicas: a camada 1, revolvida por trabalhos agrícolas e que incorpora materiais pré-históricos e medievais; e a camada 2, que preserva *in situ* um nível arqueológico pré-histórico.
8. A pedra lascada recolhida até ao momento consiste quase exclusivamente numa indústria sobre lascas de quartzo obtida através da exploração de fragmentos angulosos que se podem extrair dos filões existentes nas proximidades do sítio. A cerâmica, essencialmente lisa, é muito numerosa e composta por dois conjuntos tecnicamente diferentes: um feito a torno, outro de fabrico manual. As decorações recorrem sobretudo aos punctionamentos simples, à elaboração de motivos em «espinha» através de traços incisos, e a triângulos incisos preenchidos com pontuações e impressões a «pente arrastado». Além destes recipientes, recuperaram-se ainda exemplares de colheres em cerâmica. Em associação com estes materiais encontravam-se restos de fauna calcinada e carvões. A distribuição espacial destes ecofactos parece testemunhar uma boa preservação contextual.
9. Calcolítico inicial; Idade Média (último quartel do século XIV/inícios do XV).
10. Para uma correcta compreensão da organização interna do habitat e do efectivo significado das estruturas agora postas a descoberto, terá que ser aberta uma área relativamente extensa. Paralelamente, dever-se-á sondar os extremos da depressão no intuito de verificar a existência de eventuais estruturas pétreas que delimitassem o povoado.
11. O sítio já havia sido referenciado na bibliografia arqueológica sobre a região como «Castro do Fumo» (Almeida 1995) ou «Casa do Fumo» (Coixão 1996). O topónimo que esta depressão tem localmente é, no entanto, o de «Poio do Silveiral».

1. 53, AVJ
2. **ABRIGO DO VALE DE JANAS**
3. 1996, Março.
4. Almendra, Vila Nova de Foz Côa
5. Coordenadas: 40° 59' 36" Lat. N., 7° 06' 18" Long. O.; Altitude: 140 m.
6. Os materiais de superfície encontravam-se numa estreita plataforma de cobertura arenosa depositada na base de uma parede rochosa virada para o Côa, poucos metros acima da sua margem direita.
7. Recolhas de superfície à data da sua descoberta e sondagens arqueológicas entre 23 de Maio e 11 de Junho de 1996. Após a desmatação do local, abriram-se várias sondagens num total de 9 m². A estratigrafia observada na primeira área é representativa do tipo de depósitos sedimentares encontrados: c.0 - terra humosa, muito pouco espessa, cobrindo toda a área intervencionada; c.1 - areias esbranquiçadas muito pulverulentas (presentes na parte Norte de M1-3 e em L1-2); c.2 - terra muito solta, de cor acastanhada; c.3 - argilas com forte componente arenosa e clastos de xisto em alteração (materiais de colmatação de um canal de escorrência de águas); c.4 - camada de alteração do xisto de base, lateralmente afectada pela acção das águas de escorrência.
8. O conjunto artefactual recolhido em escavação é reduzido e não revelou peças de diagnóstico para a datação, ainda que aproximada, do sítio: os materiais consistem essencialmente em lascas e fragmentos de quartzo e cristal de rocha associados a raras lamelas.
9. Pré-História indeterminada.

-
1. 54, MEP
 2. **MARCO DO ESPINHAÇO**
 3. 1996, Março.
 4. Cidadelhe, Pinhel
 5. Coordenadas: 40° 56' 54" Lat. N., 7° 06' 48" Long. O.; Altitude: 485 m.
 6. Localiza-se numa depressão perpendicular à estrada que liga Cidadelhe à Quinta do Espinhaço. No cabeço a Norte encontra-se o marco geodésico que deu o nome ao sítio.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Recolheram-se apenas artefactos líticos: um conjunto de lascas em quartzo a par de uma componente macrolítica em quartzito (seixos talhados de tipo informe e paralelipipédico).
 9. Pré-História recente indeterminada.

-
1. 55, FAIA
 2. **MOUCHÃO DA FAIA**
 3. 1996, Março.
 4. Cidadelhe, Pinhel
 5. Coordenadas: 40° 56' 50" Lat. N., 7° 05' 45" Long. O.; Altitude: 198 m.
 6. Este sítio está localizado numa praia fluvial na margem esquerda do rio Côa, num troço em que as vertentes graníticas não são tão declivosas, permitindo o acesso ao fundo do vale e aos abrigos pintados da Faia.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Neste sítio recolheu-se um conjunto artefactual muito importante para a compreensão da cronologia dos conjuntos macrolíticos do vale do Côa. A indústria lítica inclui, com efeito, um conjunto muito numeroso de seixos talhados em quartzito (de tipo *chopper*, *chopping-tool*, paralelipipédico ou nódulo debitado), associados a lascas em quartzo, uma lamela em cristal de rocha, um esboço de peça foliácea sobre lasca de quartzo e um pequeno caco pré-histórico.
 9. Neolítico final ou Calcolítico.
 10. —
 11. Este sítio já havia sido identificado por F. S. Lemos em 1989, aquando do E.I.A. para a construção da barragem de Foz Côa.

1. 56, ARS
2. **ALTO DA RESENHA**
3. 1996, Março.
4. Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo
5. Coordenadas: 40° 57' 05" Lat. N., 7° 05' 00" Long. O.; Altitude: 495 m.
6. Os materiais deste sítio encontravam-se espalhados ao longo da vertente Sul do Monte que dá pelo nome de Alto da Resenha, vertente que, por ser pouco acentuada e regular, é regularmente lavrada.
7. Recolhas de superfície.
8. Identificou-se apenas indústria lítica em quartzo e quartzito composta por núcleos para lascas (salvo uma peça para lamelas em quartzo) resultantes da exploração de seixos.
9. Pré-História indeterminada.

-
1. 57, BTR
 2. **BARROCAL TENREIRO**
 3. 1996, Março.
 4. Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo
 5. Coordenadas: 40° 56' 22" Lat. N., 7° 03' 34" Long. O.; Altitude: 535 m.
 6. Grande mancha de dispersão de materiais arqueológicos numa área aplanada de terrenos graníticos entre Almendra e Algodres.
 7. Recolhas de superfície.
 8. O espólio recolhido neste sítio é constituído por um numeroso conjunto cerâmico de idade pré-histórica, sem decoração, mas cuja pasta (boa cozedura, depuração das pastas e tratamento cuidado das superfícies) sugere uma cronologia da Idade do Bronze ou do Ferro, e por lascas robustas em quartzo e quartzito (há um exemplar de menores dimensões em sílex) associadas a seixos talhados de tipo informe e *chopper*.
 9. Idade do Bronze.

-
1. 58, OSP
 2. **OLIVAL DE S. PAULO**
 3. 1996, Março.
 4. Quintã de Pêro Martins, Figueira de Castelo Rodrigo
 5. Coordenadas: 40° 53' 11" Lat. N., 7° 06' 20" Long. O.; Altitude: 290 m.
 6. Este sítio localiza-se num aplanamento atravessado por um ribeiro, que se destaca a meia encosta, nos terrenos graníticos da margem direita do Côa.
 7. Recolhas de superfície.
 8. Recolheram-se materiais cerâmicos da Pré-História recente (não é possível uma determinação mais precisa) que não incluíam bordos nem peças decoradas, associados a lascas de quartzo e quartzito resultantes da exploração de núcleos de morfologia informe.
 9. Pré-História recente indeterminada.

-
1. 59, OAB
 2. **OLIVAL DO ABADE**
 3. 1996, Março.
 4. Quintã de Pêro Martins, Figueira de Castelo Rodrigo
 5. Coordenadas: 40° 53' 41" Lat. N., 7° 06' 04" Long. O.; Altitude: 380 m.
 6. Situa-se num pequeno vale encaixado entre, a Norte, um cabeço que se eleva na margem direita do Côa e, a Leste, o esporão de orientação N-S que se desenvolve ao longo da margem esquerda do ribeiro da Deveza.
 7. Recolhas de superfície.
 8. A prospeccção realizada neste sítio não deparou com restos de debitage de pedra nem com cerâmica. Recolheram-se apenas seixos talhados em quartzito.
 9. Pré-História recente indeterminada.

1. 60, VOL
2. **VALE DO OLIVAL**
3. 1996, Março.
4. Quintã de Pêro Martins, Figueira de Castelo Rodrigo
5. Coordenadas: 40° 53' 54" Lat. N., 7° 05' 55" Long. O.; Altitude: 300 m.
6. As recolhas foram feitas num olival plantado na margem direita do ribeiro da Deveza, a cerca de 100 m da confluência deste curso de água com o Côa.
7. Recolhas de superfície.
8. Os achados correspondem a um grande conjunto de seixos de quartzito, robustos e com poucos levantamentos, de tipo *chopper* e nódulo debitado. Os restos de talhe são muito pouco numerosos e incluem também peças em quartzo, havendo um percutor sobre seixo de quartzito. A cerâmica está ausente.
9. Pré-História recente indeterminada.

-
1. 61, QTB-S
 2. **QUINTA DA BARCA SUL**
 3. 1996, Agosto.
 4. Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 40° 59' 59" Lat. N., 7° 06' 22" Long. O.; Altitude: 140 m.
 6. Este sítio arqueológico está situado na margem esquerda do rio Côa e contém um depósito plistocénico enterrado sob um espesso coluvião, pelo que não foram observados materiais arqueológicos à superfície.
 7. Sondagens.
 8. A elevada potência sedimentar do sítio permitiu uma boa diferenciação estratigráfica do nível arqueológico contido nos depósitos plistocénicos. O topo da sequência contém materiais datáveis da Pré-História recente — lascas de quartzo associadas a fragmentos cerâmicos de fabrico manual. A indústria paleolítica (em quartzo, cristal de rocha, riolite, sílex e quartzito) inclui utensílios (geométricos e pontas de dorso) cujas tipologia e tecnologia de debitação permitem uma atribuição ao Magdalenense final.
 9. Paleolítico superior (Magdalenense final); Pré-História recente indeterminada

-
1. 62, LPS
 2. **LAPAS**
 3. 1996, Junho.
 4. Chãs, Vila Nova de Foz Côa
 5. Coordenadas: 40° 59' 39" Lat. N., 7° 10' 36" Long. O.; Altitude: 440 m.
 6. Os materiais arqueológicos encontram-se dispersos num pequeno cabeço com domínio visual da paisagem sobre a bacia da Longroiva. O local está muito afectado pela edificação de muros de divisão de propriedades e pela construção de um cerrado a pouca distância da mancha de dispersão dos artefactos.
 7. Efectuou-se apenas uma visita ao local sem se ter procedido à recolha de materiais de superfície.
 8. Os materiais arqueológicos são agrupáveis apenas em duas classes artefactuais: a cerâmica, representada por numerosos fragmentos de vasos lisos, alguns com sinais de erosão; e a pedra polida, representada por várias mós manuais, algumas das quais reaproveitadas na construção dos muros de divisão de propriedade.
 9. Pré-História recente indeterminada.

M A P A S

Fig. 1 Localização dos sítios arqueológicos constantes do Inventário na Carta Corográfica de Portugal à escala 1:100 000

- | | |
|----------------------------------|----------------------------------|
| 01 Quinta da Barca | 33 Quebradas |
| 02 Salto do Boi (Cardina I e II) | 34 Quinta da Granja |
| 03 Quinta da Ervamoira I e II | 35 Alto da Canadinha |
| 04 Quinta da Barca -C e -G | 36 Tambores I e II |
| 05 Quinta das Olgas | 37 Gamboa |
| 06 Fariseu | 38 Foz da Ribeirinha |
| 07 Monte das Donas | 39 Quinta do Vale do Meão I e II |
| 08 Colmeal | 40 Quinta do Campo |
| 09 Praia da Penascosa | 41 Calábria |
| 10 Quinta dos Gamoais de Baixo | 42 achado isolado |
| 11 Vinagreira | 43 Vale de Mateus / Gamoal |
| 12 Fieiteira | 44 achado isolado |
| 13 achado isolado | 45 achado isolado |
| 14 Quinta da Lamieira | 46 Olival da Ribeirinha |
| 15 Quinta da Veiga | 47 Penascosa - Sul |
| 16 achado isolado | 48 Alto do Fariseu |
| 17 achado isolado | 49 Hortatortas I e II |
| 18 achado isolado | 50 Tapada da Penascosa |
| 19 Amendoal de Quintãs | 51 Furada |
| 20 Vale da Veiga I | 52 Fumo |
| 21 Vale da Veiga II | 53 Abrigo do Vale de Janas |
| 22 Vale da Veiga III | 54 Marco do Espinhaço |
| 23 achado isolado | 55 Mouchão da Faia |
| 24 Quinta do Marvão | 56 Alto da Resenha |
| 25 Pestana | 57 Barrocal Tenreiro |
| 26 Gasberna | 58 Olival de S. Paulo |
| 27 Quinta da Cascalheira | 59 Olival do Abade |
| 28 Folhal | 60 Vale do Olival |
| 29 achado isolado | 61 Quinta da Barca - Sul |
| 30 achado isolado | 62 Lapas |
| 31 Ladeiras | 63 achado isolado |
| 32 Curva da Ferradura | 64 achado isolado |

Arqueologia do baixo Côa

Localização dos sítios descobertos em 1995-96 (prospecções PAVC)

0 3 km



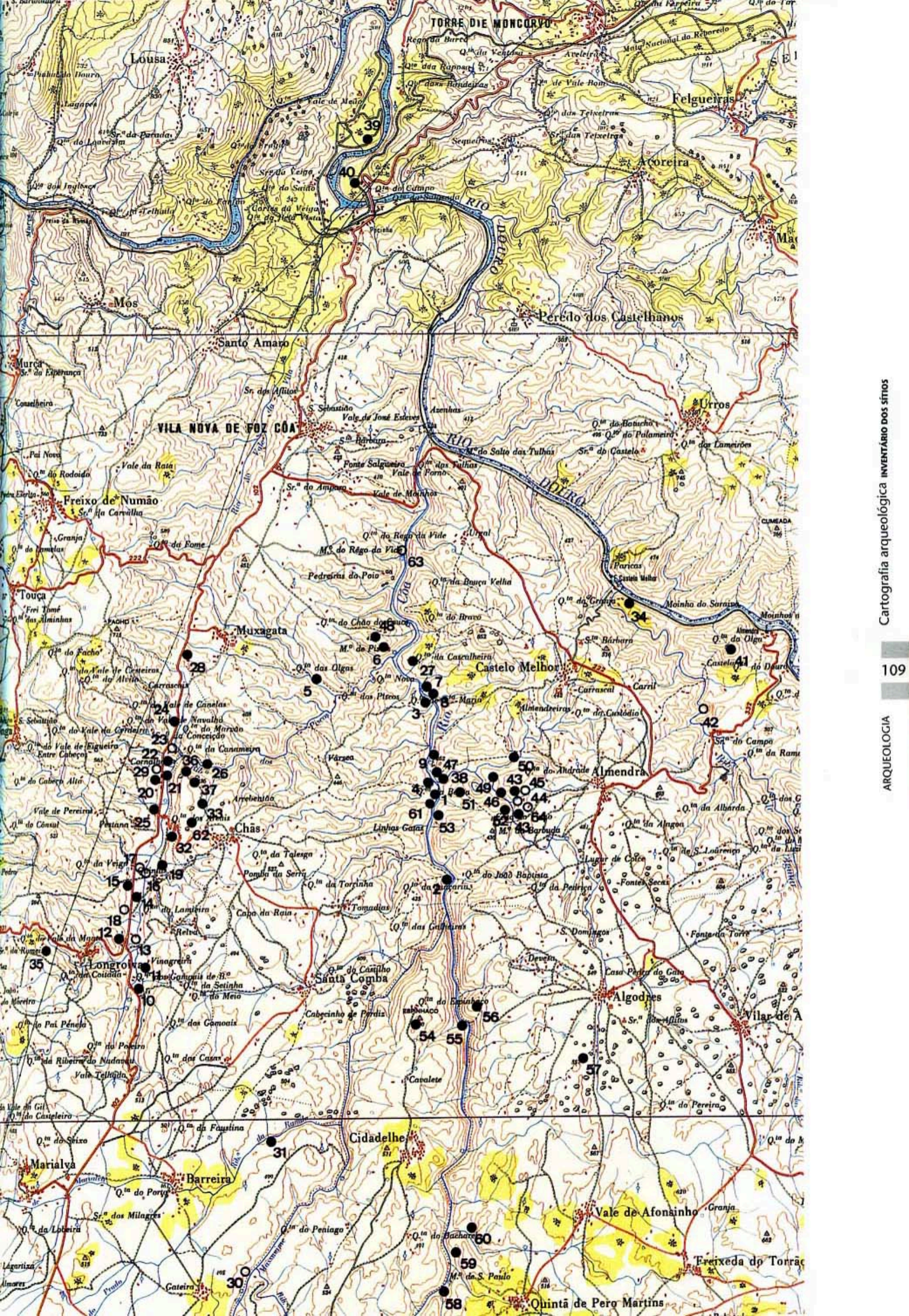


Fig. 2 Sítios paleolíticos

Paleolítico Inferior:

- 1 Quinta do Vale do Meão
- 2 Quinta da Granja.

Paleolítico Superior:

- 2 Quinta da Granja;
- 3 Quinta da Barca;
- 4 Quinta da Barca Sul;
- 5 Salto do Boi.

Jazidas paleolíticas do baixo Côa

Localização dos sítios descobertos em 1995-96 (prospecções PAVC)



● PALEOLÍTICO INFERIOR
● PALEOLÍTICO SUPERIOR

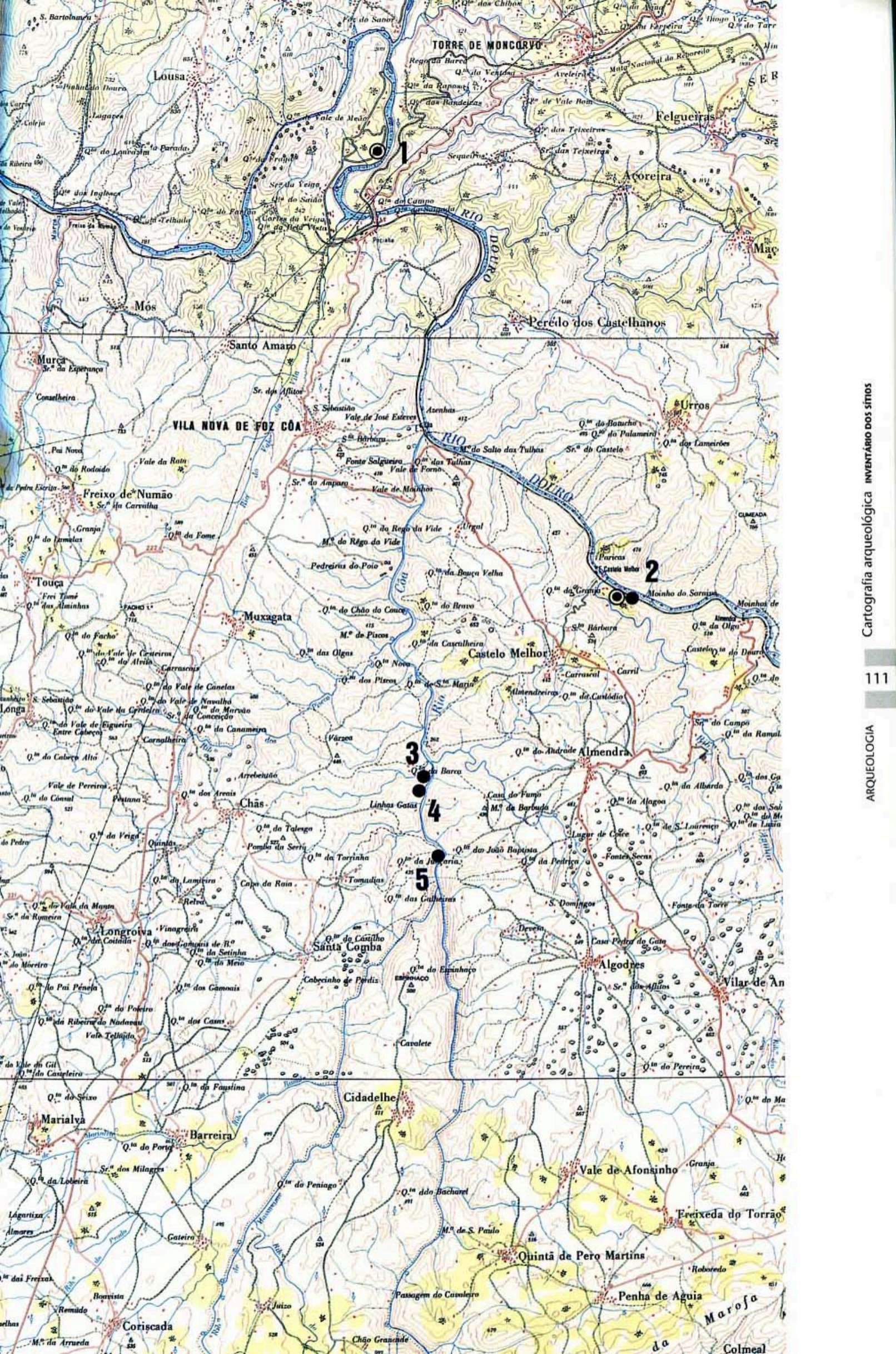


Fig. 3 Sítios da Pré-História recente (Neolítico e Calcolítico) e Proto-História (Idades do Bronze e do Ferro).

Pré-História recente:

- 2 Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge 1993)
- 5 Vale da Veiga I
- 6 Quebradas
- 7 Curva da Ferradura
- 8 Fumo
- 9 Vale de Mateus e Gamoal
- 11 Mouchão da Faia

Proto-História:

- 1 Cistas da Idade do Bronze de Vale da Casa (Baptista 1983)
- 2 Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge 1993)
- 3 Tambores
- 4 Vale da Veiga II
- 10 Salto do Boi

Pré-História recente e Proto-História do baixo Côa

Localização dos sítios descobertos em 1995-96 (prospecções PAVC)



- NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO
- IDADES DO BRONZE E DO FERRO

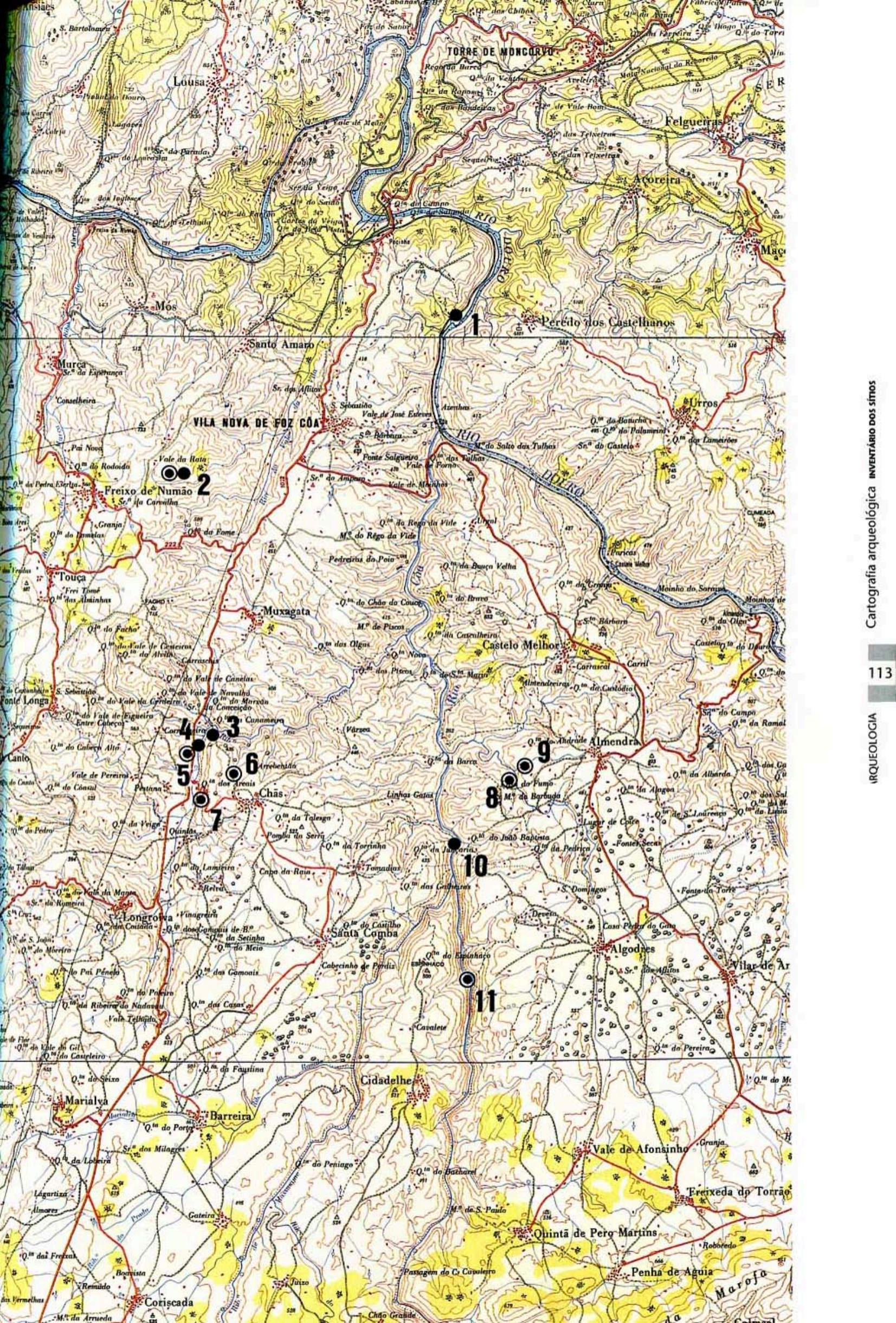


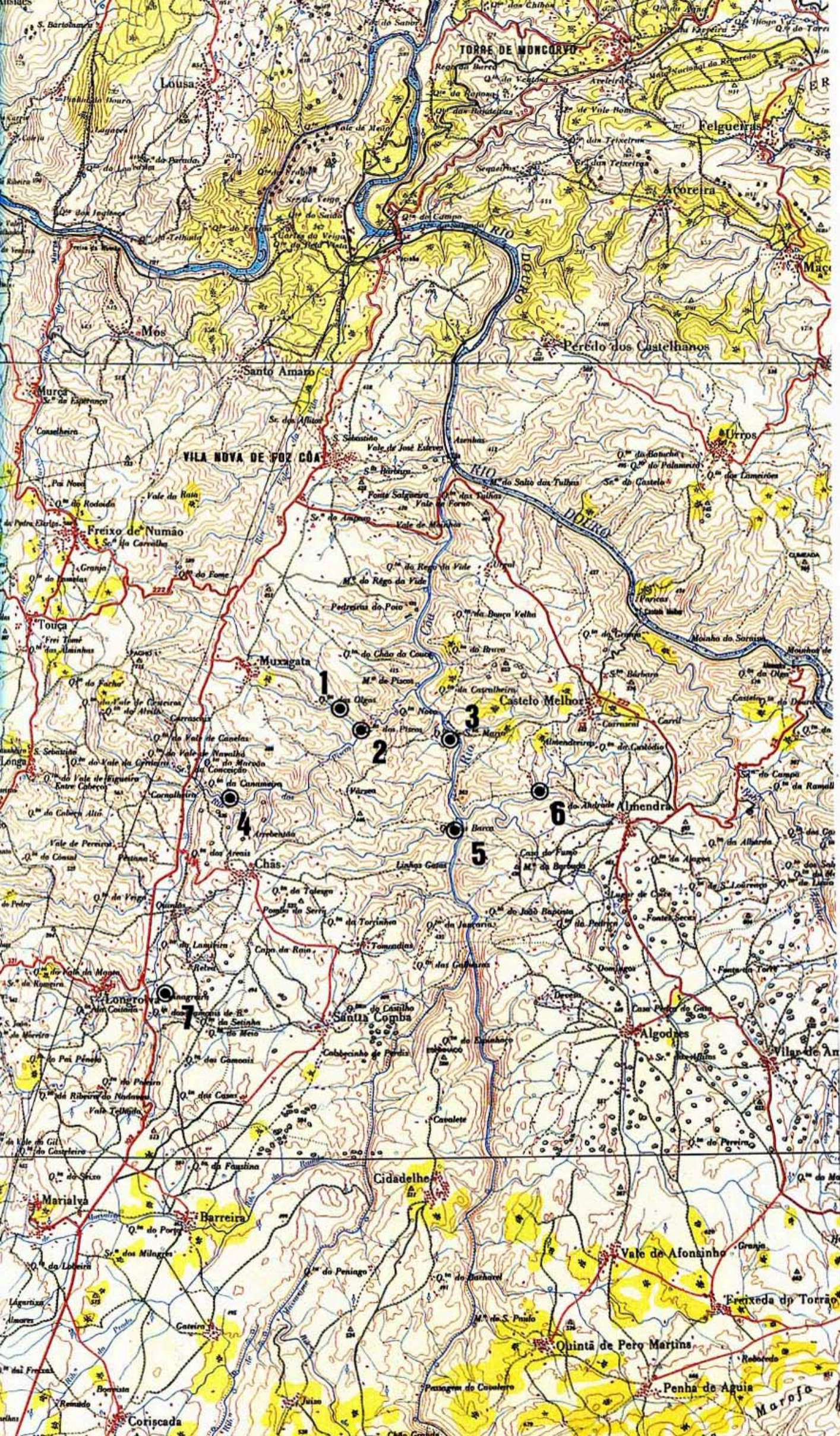
Fig. 4 Sítios de Época Romana

- 1 Quinta das Olgas
- 2 Quinta dos Piscos (indicada no E.I.A.)
- 3 Quinta de Santa Maria da Ervamoira (Guimarães 1995)
- 4 Gasberna
- 5 Quinta da Barca
- 6 Tapada da Penascosa
- 7 Vinagreira

A Época Romana no baixo Côa

Localização dos sítios descobertos em 1995-96 (prospecções PAVC)





QUINTA DO VALE DO MEÃO

Este sítio localiza-se na parte central de um conjunto de quatro plataformas que correspondem a um terraço topográfico situado 2 km a norte da povoação do Pocinho, na margem esquerda do Douro, cerca de 25 m acima do seu nível actual, entre os 140 e os 155 m de altitude (Fig. 1). O meandro formado pelo rio que, originalmente, devia correr segundo uma direcção rectilínea, de Este para Oeste, corresponde a um desvio causado por uma fractura de orientação Norte-Sul ocorrida durante o processo de encaixamento do vale. Foi certamente devido à mudança de direcção e à diminuição da competência da corrente que se formou neste local pelo menos um nível de terraço aluvial.

Os materiais arqueológicos, todos eles líticos, foram recolhidos durante uma prospecção do solo realizada em Fevereiro de 1996. As duas zonas de recolha encontram-se separadas por uma das linhas de água que actualmente recorta esta paleosuperfície, hoje em dia completamente recoberta de vinhedos. Apesar do cuidado posto na prospecção, não foram recolhidos quaisquer objectos de pequenas dimensões. Devido às boas condições de prospecção, o conjunto que se obteve (Quadro 1) não pode deixar de ser considerado como relativamente pobre: totaliza 21 peças, duas em quartzo e as restantes em quartzito, matéria-prima que é largamente maioritária entre os seixos do terraço.

A análise dos estados de superfície do material permitiu distinguir três séries:

- a primeira, de coloração acastanhada, apresentava córtices com um grau de alteração semelhante ao encontrado nos negativos de levantamentos, e incluía uma peça situada na fronteira tipológica entre o biface e o triedro (Fig. 3, n° 1); uma das peças desta série estava coberta de concreções carbonatadas de tipo travertínico idênticas às observadas em artefactos da Quinta da Granja (à cota 150-160 m) e em seixos de quartzo do terraço da Quinta da Ervamoira (à cota 170-180 m);
- a segunda, apresenta arestas alteradas, mas a diferença entre o córtex e as superfícies talhadas é nítida; esta série continha um machado sobre lasca de quartzito (Fig. 3, n° 2) e bastantes peças com concreções carbonatadas;
- a terceira, de aspecto muito mais fresco, incluía duas lascas de quartzo e um seixo talhado recoberto de concreções carbonatadas, fabricado num quartzito de excelente qualidade, inexistente nas outras séries, cujo gume apresentava um fino retoque de regularização (Fig. 2); embora em si mesmo incharacterístico, até ao momento este tipo de objectos apenas foi encontrado, *in situ*, no vale do Côa, em contextos atribuíveis ao Paleolítico Superior e, mais especificamente, ao Magdalenense.

Estes dados sugerem a existência de pelo menos três momentos de ocupação do local: o mais antigo, contemporâneo da fase de formação do terraço fluvial, e o intermédio, datarão do Paleolítico Inferior, conforme demonstrado pelo triedro e pelo machado; o mais recente, deverá ser já do Paleolítico Superior. As transformações do solo provocadas pelo plantio da vinha devem ter provocado destruições comparáveis às reconhecidas no decurso das sondagens realizadas na Quinta da Granja. A ausência de elementos líticos de pequenas dimensões pode ser devida às escorrências.

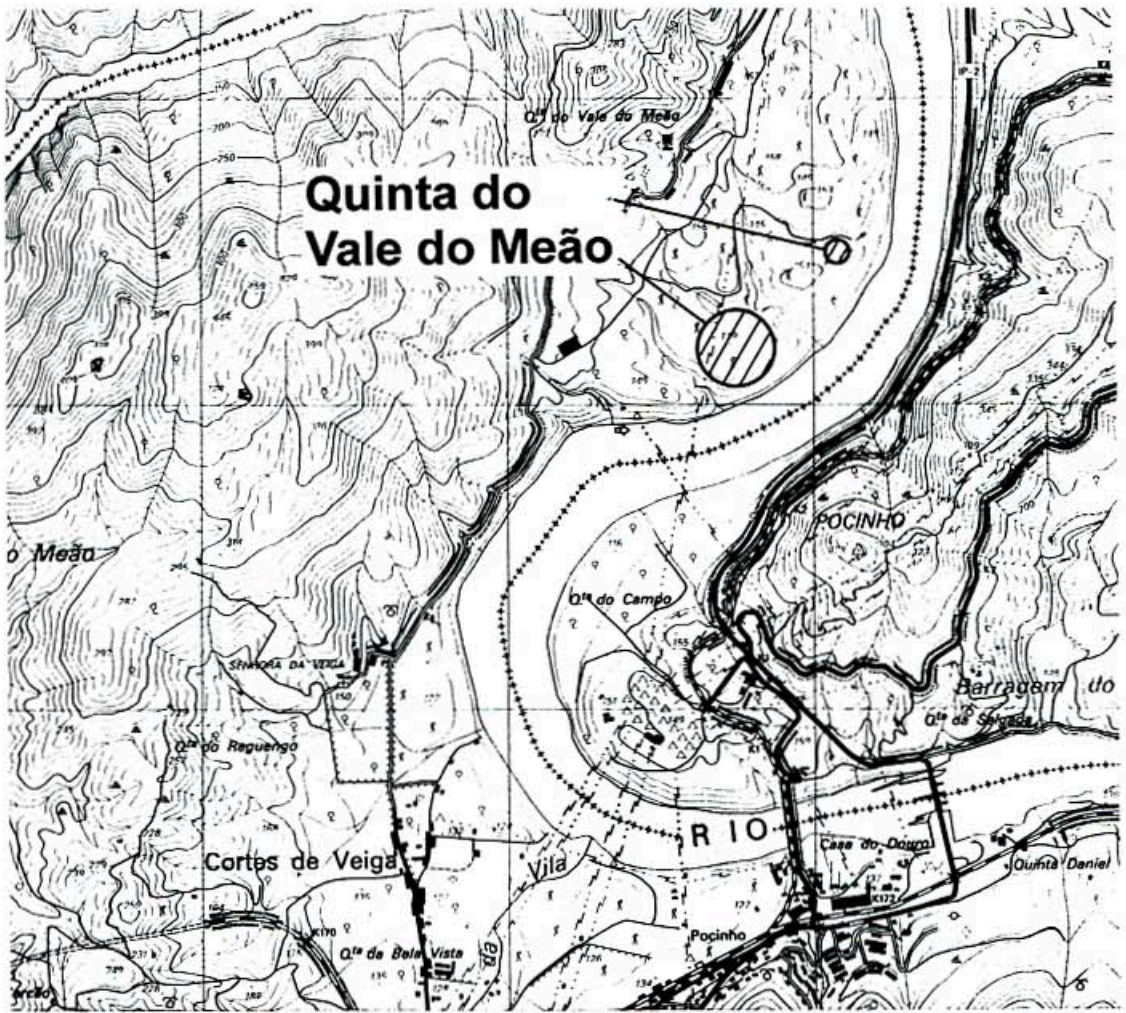


Fig. 1 Quinta do Vale do Meão. Em cima: implantação na Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000 (folha nº 130). Em baixo: foto de conjunto a partir da margem oposta.

QUADRO 1

Quinta do Vale do Meão - artefactos líticos
Recolhas de superfície

	Muito patinados	Patinados	Frescos	TOTAL
Lascas	-	2	2	4
Núcleos	1	5	1	7
Utensílios sobre lasca	-	3	1	4
Bifaces	1	-	-	1
Machados	-	1	-	1
Seixos talhados	1	1	2	4
TOTAL	3	12	6	21

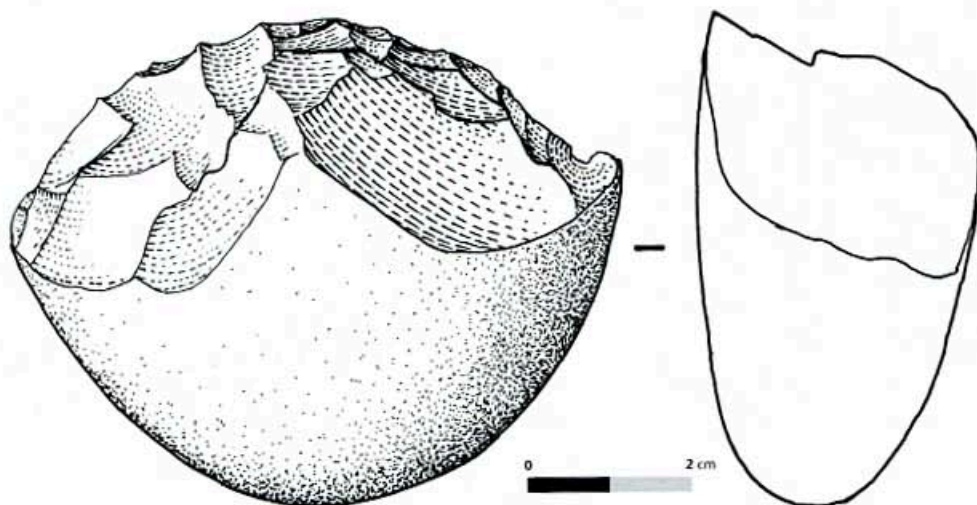


Fig. 2 Quinta do Vale do Meão. Seixo talhado de quartzito, fresco, proveniente de recolhas de superfície.

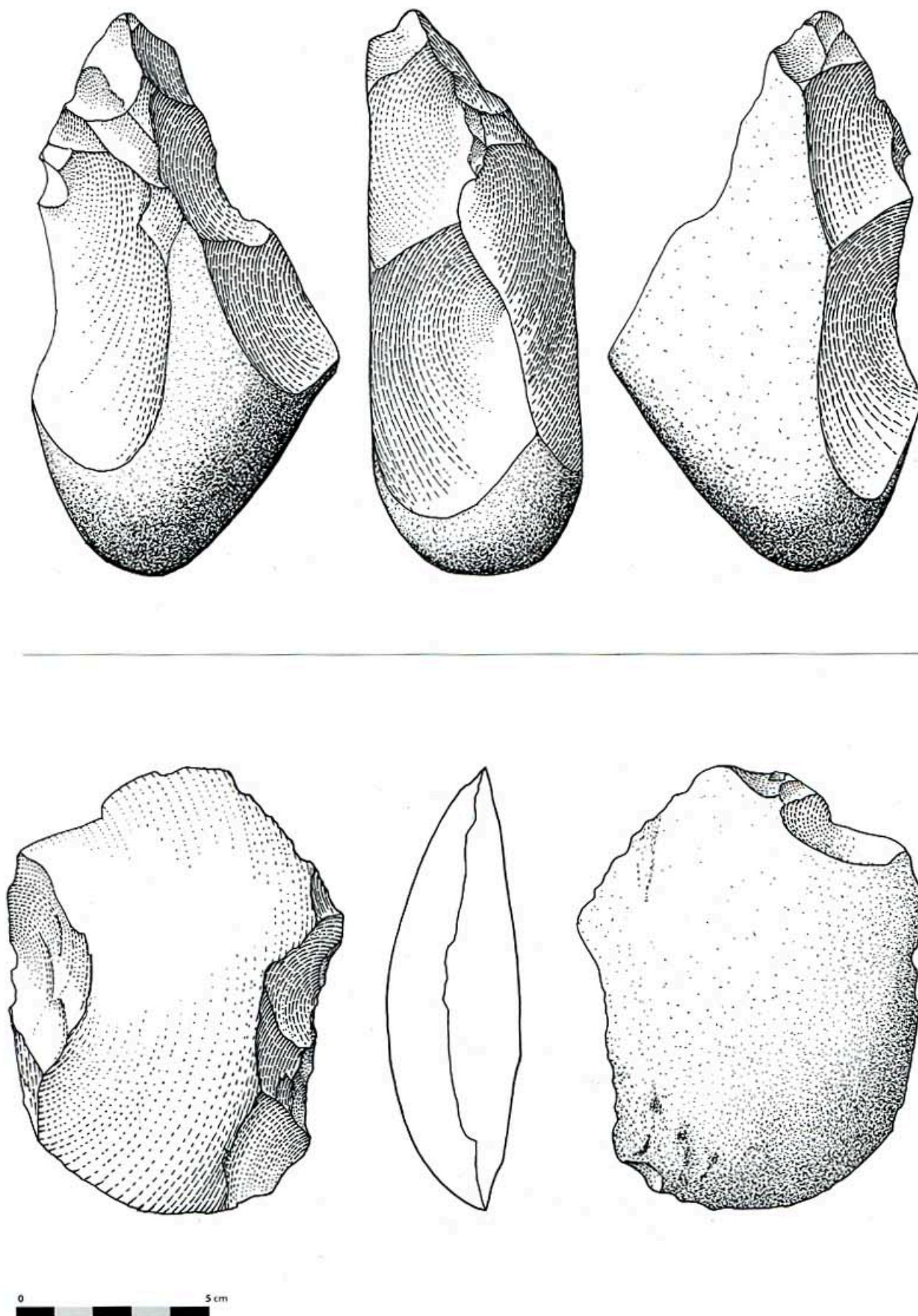


Fig. 3 Quinta do Vale do Meio. Indústria lítica proveniente de recolhas de superfície:
Em cima: biface de quartzito, muito patinado;
Em baixo: machado sobre lasca, em quartzito, patinado.

QUINTA DA GRANJA

Introdução

A jazida da Quinta da Granja fica situada na margem esquerda do Douro, na propriedade com a mesma designação, cerca de 300 m a Este da foz da ribeira de Aguiar. O local corresponde a uma superfície de aplanamento compreendida entre os 150 e os 160 m de altitude, a qual se estende ao longo de 1 km e apresenta uma largura média de cerca de 150 m. Actualmente, esta plataforma encontra-se totalmente recoberta por vinhas de plantação recente, que vieram substituir um antigo olival (Figs. 1-2).

O sítio foi localizado em inícios de 1996, no decurso de trabalhos de prospecção por batida sistemática dos terrenos com observação atenta do solo, os quais foram continuados entre 1 e 16 de Outubro de 1996, em paralelo com a abertura de sondagens. Participaram, além da equipa do PAVC, os seguintes colaboradores voluntários: Cláudia Costa, Cristina Gonçalves, Filipa Neto, Henrique Álvares Cabral, Lígia Justino, Maria João Jacinto e Miguel Almeida.

A decisão de realizar trabalhos de sondagem foi tomada em função da descoberta de vestígios líticos que evidenciavam duas fases de ocupação do local: uma datada do Paleolítico Inferior, representada por um biface sobre seixo de quartzo; outra, de componente lamelar, não caracterizada, mas que provavelmente pertenceria ao Paleolítico Superior.

Metodologia

A prospecção permitiu definir duas zonas em que a concentração de vestígios à superfície era mais importante. No primeiro sector, dito Zona Sul (Fig. 3), começou-se por implantar duas sondagens (S1 e S2) nos intervalos entre duas fiadas de vinhas, as quais deram material lítico abundante na primeira camada que, no entanto, estava completamente remexida pelas lavras mecânicas e encimava uma sequência de depósitos também eles bastante perturbados. Apesar disso, foi decidido crivar a seco, com malha de 5 mm, essas camadas subjacentes ao nível das lavras. Na sondagem S10, porém, optou-se por usar uma malha de 2 mm, com o objectivo de averiguar se a aparente sub-representação do material de pequenas dimensões era genuína ou consequência do método de escavação e crivagem que estava a ser seguido.

No segundo sector, dito Zona Norte, haviam sido recolhidos vestígios que sugeriam uma atribuição ao Paleolítico Inferior (Fig. 4). Por razões ligadas ao calendário dos trabalhos agrícolas apenas foi possível abrir uma sondagem, a qual foi implantada no centro da zona em que era maior a densidade de material à superfície. A metodologia utilizada foi idêntica à descrita para a Zona Sul.

Sequência estratigráfica

Em todas as 12 sondagens abertas na Zona Sul, as sequências expostas encontravam-se remexidas até uma profundidade que, em S7, chegou a atingir os 80 cm. Este remeximento profundo parece ser atribuível aos trabalhos agrí-

colas realizados no olival que existia no sítio antes da plantação da vinha. A existência de raízes antigas e o facto de, durante a escavação, ter sido possível reconhecer grandes bolsas de depósitos arenosos delimitadas por um sedimento argiloso e em cujo interior se encontravam os materiais arqueológicos, associados a *plaquetas de xisto* dispostas verticalmente, confirmam estar-se, em muitos casos, perante covas ligadas ao plantio, ou ao arranque, das oliveiras. Os poderosos engenhos mecânicos usados na preparação do solo para a plantação da vinha agravaram mais a situação, contribuindo para o remeximento em profundidade e modificando a topografia do terreno através da redistribuição de grandes volumes de terras.

Os conjuntos sedimentares afectados por estas grandes perturbações são os seguintes:

- a camada argilosa observada nas covas das oliveiras, cuja origem, antes do remeximento, devia ser um coluvião acumulado a partir da erosão da vertente xistosa;
- uma areia amarela calcária, aparentemente de natureza aluvial, que deve estar relacionada com o desmantelamento de um antigo terraço fluvial, e que contém fragmentos de um depósito de travertino que, originalmente, devia ocupar o contacto entre a sequência aluvial e os xistos de base.

Na Zona Norte, a sondagem realizada deu um só artefacto em quartzito, recolhido na primeira camada, remexida, e que apresentava bordos arredondados. Os remeximentos observados nos níveis subjacentes são idênticos aos que se descreveram na Zona Sul.

Sequência arqueológica

Por razões ligadas ao compromisso assumido com os proprietários de não pôr minimamente em causa a integridade da plantação, por um lado, e à falta de meios materiais apropriados, por outro, não foi possível no quadro da campanha levada a cabo em 1996 prosseguir os trabalhos de sondagem em direcção a cotas inferiores aos 80 cm atingidos em S7. A posição estratigráfica do material atribuível ao Paleolítico Inferior recolhido em posição superficial não pôde, assim, ser caracterizada. Por outro lado, os remeximentos profundos provocados por sucessivas gerações de trabalhos agrícolas intensivos tornam difícil e muito relativa qualquer tentativa de levar a cabo uma atribuição cronológica precisa do material lítico proveniente das sondagens abertas na Zona Sul.

É possível, mesmo assim, dizer que se trata de um conjunto relativamente homogéneo do ponto de vista tecnológico, sendo de realçar, por outro lado, a total ausência de restos cerâmicos. O material em sílex — resíduos de retoque e lamelas debitadas por percussão directa — não apresenta semelhanças aparentes com os conjuntos recolhidos em sítios da Pré-História recente: pelo contrário, um pequeno núcleo para lamelas (Fig. 5, nº 3), debitado por percussão directa com percutor mole, evoca peças idênticas dos níveis magdalenenses do Salto do Boi. O «raspador» sobre face plana de lasca cortical de quartzito, com o bordo regularizado por retoque muito fino (Fig. 5, nº 7), também encontra paralelos magdalenenses na Quinta da Barca. De momento, e aguardando que a descoberta de armaduras venha um dia a permitir um diagnóstico mais

fiável, a hipótese mais provável é, assim, a de que estes materiais (Quadro 1; Fig. 5) estejam relacionados com a ocupação do local durante o Paleolítico Superior, mais especificamente durante o Magdalenense.

O material recolhido à superfície na Zona Norte é de interpretação mais problemática, embora a atribuição ao Paleolítico Inferior do biface em quartzo recoberto de concreções calcárias não ofereça grandes dúvidas. No entanto, as peças não concrecionadas em quartzo que evidenciam uma debitagem centrípeta recorrente (Fig. 4, n° 1) tanto podem ser contemporâneas do biface como podem corresponder a ocupações mais tardias, datadas do Paleolítico Médio ou até mesmo da Pré-História recente.

Conclusão

Os dados obtidos revelam a existência de uma ocupação do vale do Douro durante o Paleolítico Superior, a qual, no estado actual dos conhecimentos, deverá datar de época magdalenense. As sondagens mostram, no entanto, que a probabilidade de se virem a encontrar na Quinta da Granja contextos arqueológicos desta época embalados em sequências sedimentares plistocénicas bem conservadas é muito ténue. Continuam de pé, porém, as expectativas de identificação a cotas mais profundas de contextos *in situ* do Paleolítico Inferior e Médio logo que seja possível proceder a sondagens mecânicas nas zonas não cultivadas e menos ricas em vestígios de superfície.

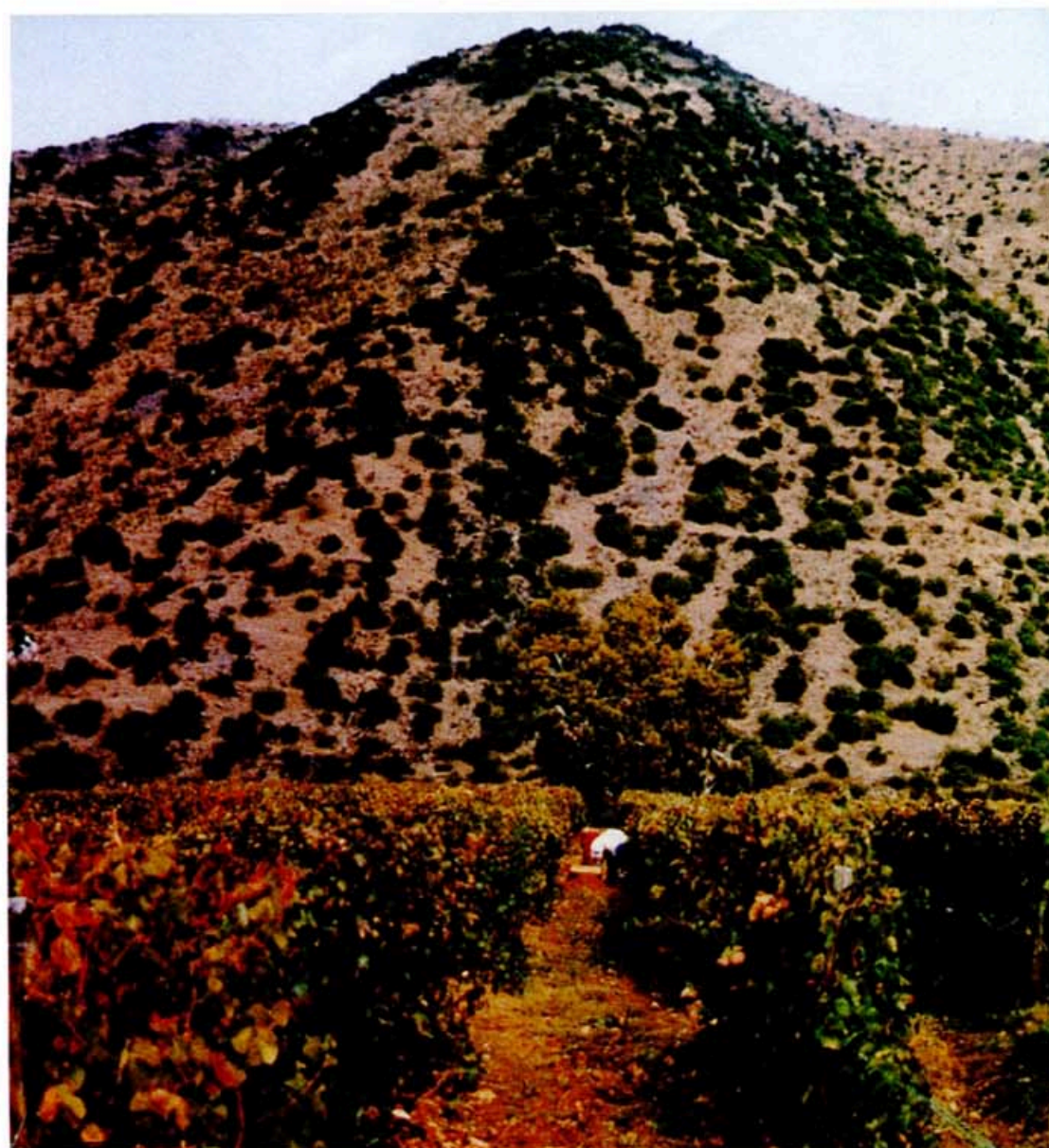


Fig. 1 Quinta da Granja. Em cima: vista de conjunto, de SE para NO, da extensa plataforma plantada com vinha onde foram realizados os trabalhos arqueológicos. Em baixo: aspecto dos trabalhos de sondagem.

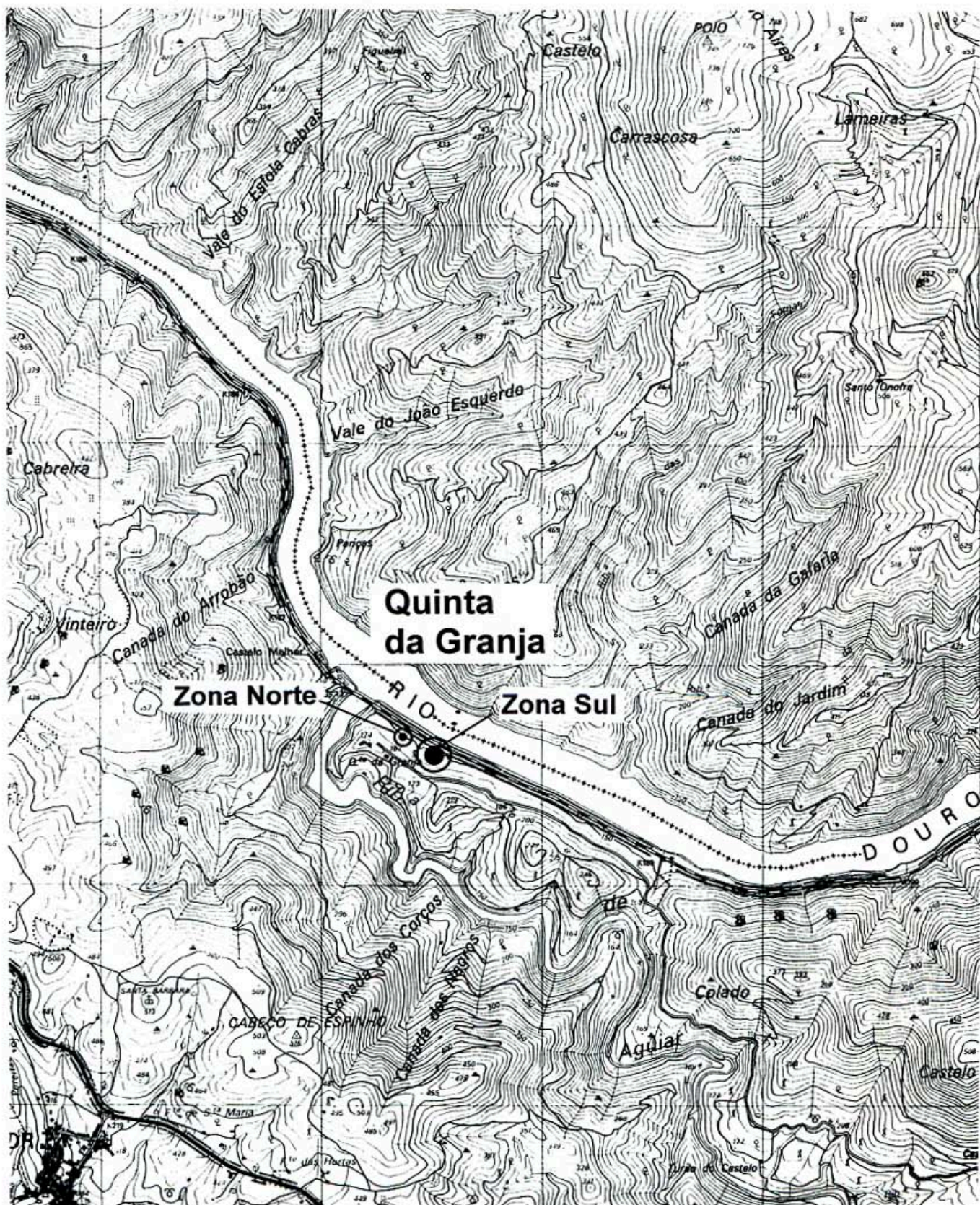
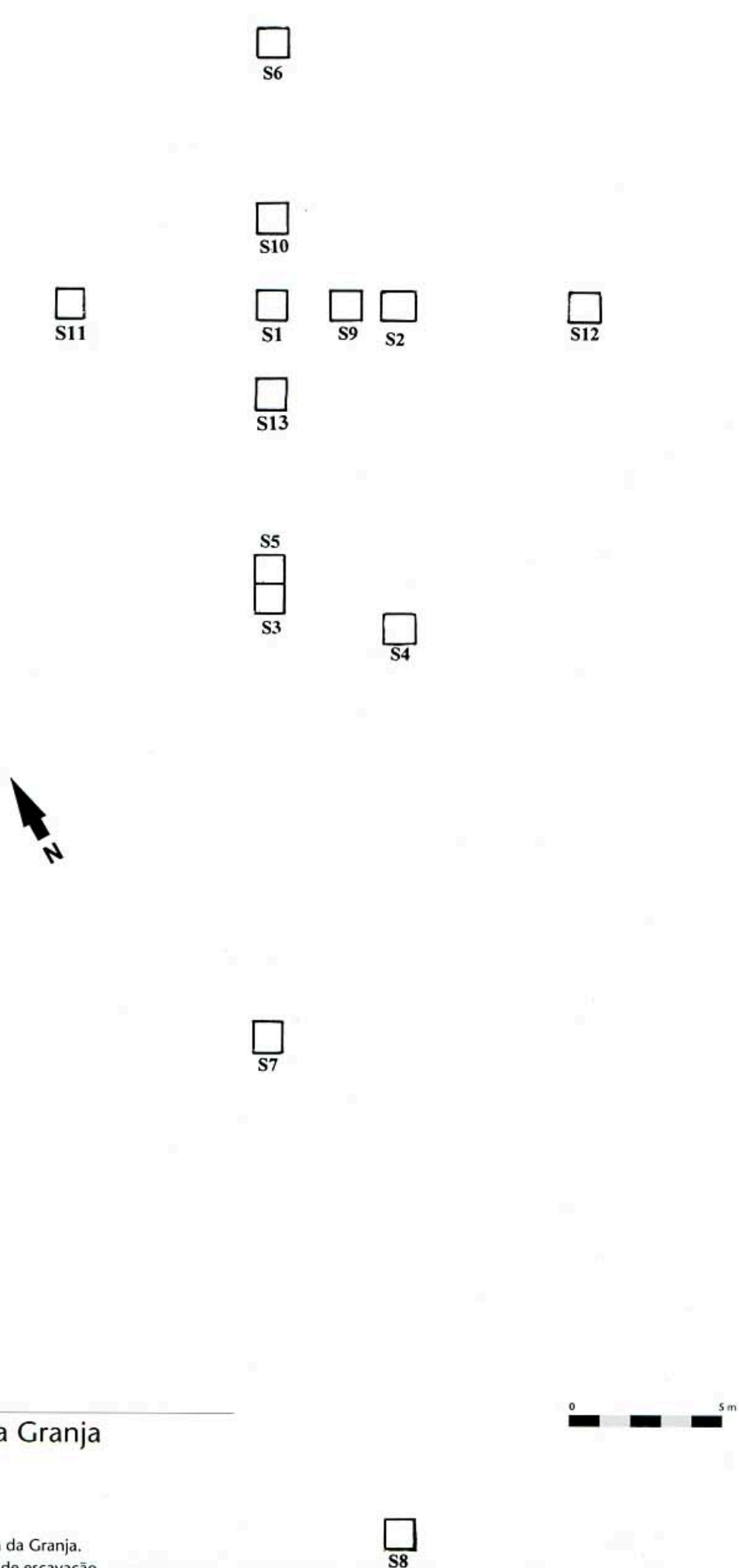


Fig. 2 Quinta da Granja. Implantação na Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000 (folha nº 141).



Quinta da Granja
Zona Sul

Fig. 3 Quinta da Granja.
Planta de escavação.
Os quadrados são de 1 m de lado.

S8

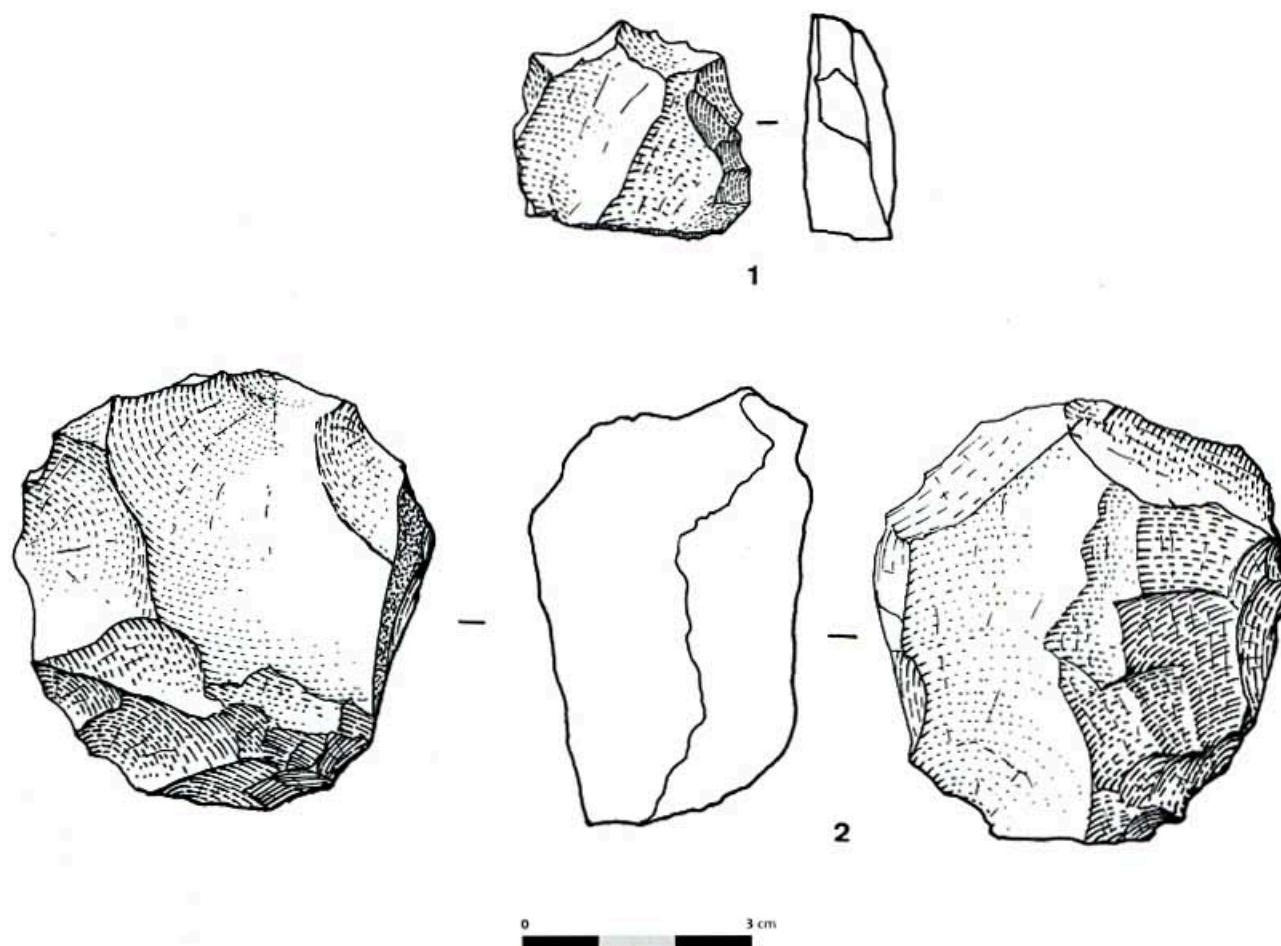


Fig. 4 Quinta da Granja. Indústria lítica da Zona Norte (recolhas de superfície):
1. Lasca retocada de quartzo; 2. Núcleo levallois recorrente centrípeto em quartzo.

QUADRO 1

Quinta da Granja – Zona Sul Contagens tipológicas (níveis remexidos)

	Quartzo	Quartzito	Riolite	Sílex	Cristal de rocha	TOTAL
Lasca com retoque parcial	2	2		1		5
Lâmina com retoque contínuo nos dois bordos				1		1
Denticulado		2				2
Entalhe	1		1			2
Seixo talhado		1				1
Raspador	1	1				2
Peça esquirolada	1		1		1	3
Raspadeira sobre lasca	1	1				2
Raspadeira sobre lasca retocada	1					1
Raspadeira unguiforme	1					1
Raspadeira carenada	1					1
Buril nucleiforme					1	1
Furador atípico	1					1
TOTAL	10	7	2	2	2	23

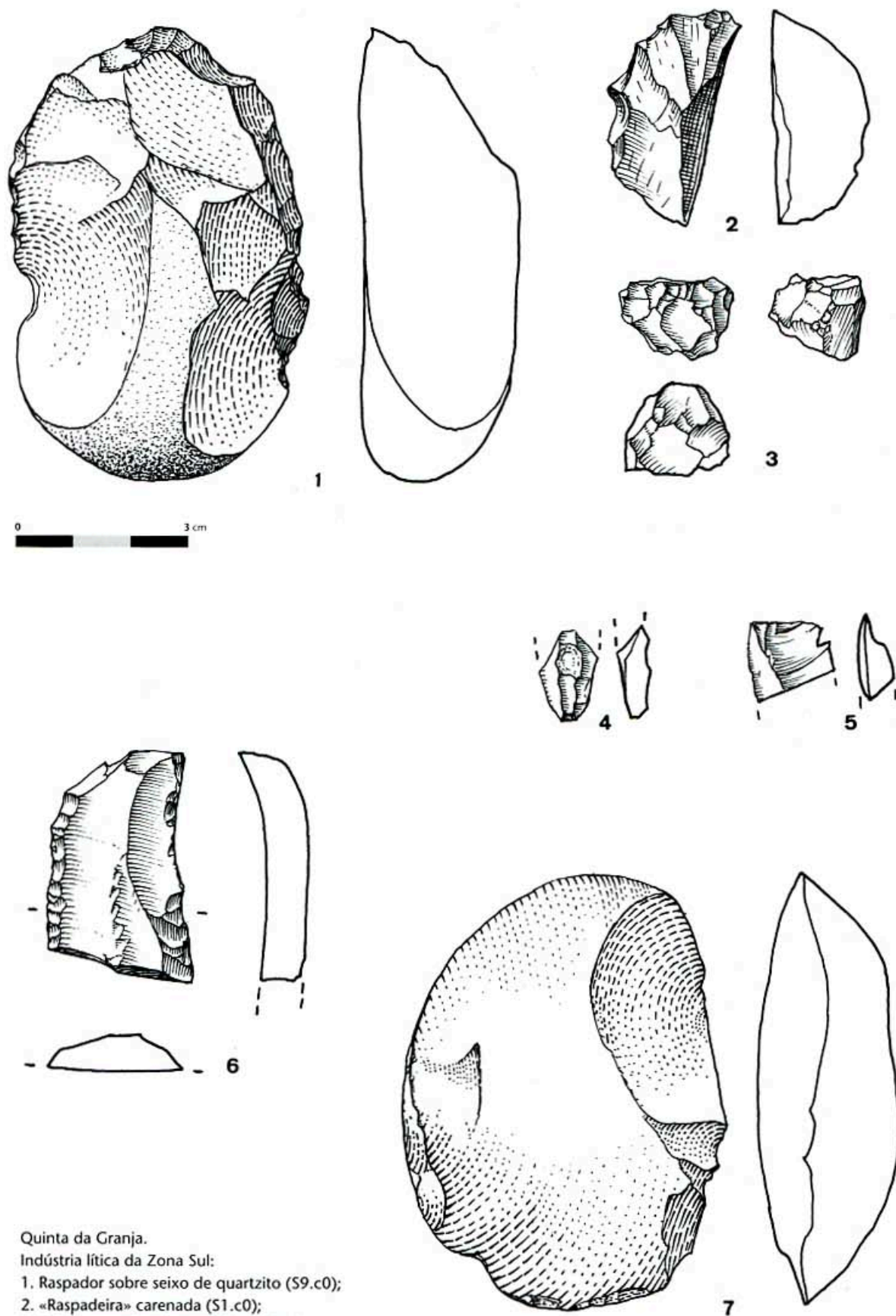


Fig. 5 Quinta da Granja.
 Indústria lítica da Zona Sul:
 1. Raspador sobre seixo de quartzito (S9.c0);
 2. «Raspadeira» carenada (S1.c0);
 3. Núcleo para lamelas em sílex (S9.c0);
 4. Fragmento proximal de lamela em sílex (S10.c0);
 5. Fragmento de peça esquirolada em riolite (S2.c1r);
 6. Lâmina de sílex com retoque contínuo nos dois
 bordos (recolhas de superfície);
 7. Raspador sobre face plana de lasca cortical
 de quartzito (S1.c0).

QUINTA DA BARCA

Introdução

O sítio arqueológico paleolítico de Quinta da Barca localiza-se na margem esquerda do Côa. Domina uma curva do rio situada cerca de 450 m a Sul dos conjuntos de arte rupestre de Penascosa e Quinta da Barca e cerca de 600 m a Este da casa agrícola em cuja propriedade se situam os terrenos. A topografia actual evidencia uma ruptura na inclinação da vertente — de 35° para 10° — entre as cotas de 140 e 135 m, ruptura que corresponde a um aplanamento situado cerca de 10 m acima do leito actual do rio (Figs. 1 e 12).

A vegetação é constituída por olivais e amendoais cuja exploração foi abandonada há já alguns anos. O sítio foi inicialmente identificado no decurso de prospecções efectuadas em Agosto e Outubro de 1995. O material então recolhido incluía cerâmicas feitas à mão e uma bigorna sobre seixo de quartzito.

Metodologia

Em conformidade com os objectivos definidos no plano de trabalho para 1996, a intervenção realizada neste sítio procurou em primeiro lugar avaliar até que ponto havia sido possível a conservação de sedimentos plistocénicos contendo vestígios arqueológicos, e delimitar a extensão da eventual jazida e suas zonas de densidade mais elevada.

Numa primeira fase, abriram-se 15 sondagens (Fig. 2), o que permitiu identificar um sector em que a concentração de vestígios era mais elevada; numa segunda fase, escavou-se em extensão uma área de 3×5 m. Nesta fase, a base do depósito arqueológico foi escavada por decapagem segundo a inclinação natural dos depósitos. As pedras e o material arqueológico foram deixados *in situ*, de modo a que pudesse ser analisada a eventual ocorrência e alcance de processos pós-deposicionais de deslocamento ao longo da vertente.

A metodologia de escavação variou em função das características das diferentes unidades estratigráficas reconhecidas. A camada 1 foi crivada a seco com malha de 5 mm. A camada 2 foi escavada por unidades artificiais de decapagem (com 5 cm de espessura) e integralmente crivada a água com malha de 2 mm.

Os trabalhos de campo decorreram entre 7 de Junho e 27 de Julho de 1996 e neles participaram, além da equipa do PAVC, os seguintes colaboradores: Alexandra Magalhães, Anabela Ribeiro, Eugénio Mendes, Eva Ori Terrado, Filipe Alves, François Xavier Chauvière, Henrique Álvares Cabral, Maria João Jacinto, Maria João Neves e Xavier Mangado Llach.

Sequência estratigráfica

Havia materiais arqueológicos em todos os quadrados abertos, num total de 28, excepto em Z16 e I28, nos quais apenas se recolheram vestígios modernos avulsos contidos num depósito de reduzida espessura que assentava directamente na rocha de base.

As sequências sedimentares observadas nas outras sondagens correspondem a acumulações de depósitos coluvionares em que a componente grosseira é constituída por areias e pequenos seixos de quartzo e de xisto (Fig. 3). Os blocos são raros e aparecem unicamente na primeira camada, que é de cor acastanhada clara, apresenta uma espessura média de 15 a 20 cm e se encontra remexida pelas lavras. A segunda camada, homogénea e não estratificada, é de cor castanho-avermelhada, apresenta uma espessura máxima de 35 cm, e está muito afectada por processos de bioturbação. Na base ocorrem alguns elementos grosseiros, cujo significado será discutido adiante. Os xistos sobre os quais assenta esta sequência apresentam uma superfície erodida em que se abrem depressões localizadas contendo pequenos seixos de quartzo.

Sequência arqueológica

A camada 1 corresponde a um horizonte sedimentar remexido e continua cerâmicas recentes feitas a torno. Nos quadrados L/14-15 foi encontrada, implantada no topo da camada 2, uma canalização de secção quadrada, tapada, construída com lajes de xisto (Fig. 15). É uma estrutura de época histórica que, de momento, não é possível datar com precisão.

A primeira decapagem da camada 2 deu um fragmento de cerâmica moderna no quadrado M23, onde a camada 1 era pouco espessa; nos restantes quadrados, a cerâmica recolhida a diversas profundidades era toda manual. Um dos fragmentos (proveniente de M23, nível de topo) apresentava uma fiada de puncionamentos a pente sob o bordo; na região, este tipo de decoração tem uma cronologia bastante dilatada, visto ser conhecido desde o Neolítico até ao Bronze inicial¹, pelo que não é possível datar com precisão a época da Pré-História em que terá tido lugar a frequentação da zona documentada por estes vestígios.

A distribuição vertical dos fragmentos de cerâmica pré-histórica recolhidos em escavação é apresentada na Fig. 4, onde se pode verificar que, de um modo geral, a cerâmica só aparece nos depósitos correspondentes às três primeiras unidades de decapagem da camada 2. As excepções são representadas por dois quadrados relativamente próximos (I19 e Q19), situados encosta acima (Fig. 2), e onde a camada 2 era relativamente espessa. A razão de ser desta situação será discutida adiante, no quadro da análise da dinâmica da sedimentação ao longo da vertente.

Nos quadrados em que a espessura da camada 2 ultrapassava os 20 cm, os primeiros 15 continham, além da cerâmica, uma indústria lítica constituída essencialmente por utensílios sobre lasca, plaquetas de quartzo retocadas e uma bigorna (Fig. 8), esta última em tudo comparável ao exemplar descoberto à superfície.

As matérias-primas utilizadas na indústria lítica da base da camada 2 (decapagens 4 a 7) são, por ordem decrescente, as seguintes: quartzo, tanto de filão como sob a forma de seixo colhido nas aluviões do Côa; quartzito, igualmente representado nestas últimas; cristal de rocha; riolite de diferentes variedades (verde, cinzenta), cuja proveniência é actualmente desconhecida mas não será certamente muito longínqua; e sílex. A riolite e o sílex estão representados por utensílios partidos, resíduos de retoque e esquirolas.

¹ SANCHES, M. J. (1996) — *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal, Zamora*, Fundación Rei Alfonso Henriques.

Do ponto de vista tipológico (Quadro 1), a indústria da base da camada 2 compreende, por ordem de importância: seixos talhados de quartzito (Fig. 9, nº1), que se diferenciam dos núcleos sobre seixo pelo seu gume muito agudo; raspadeiras sobre lasca, retocada ou não (Fig. 6, nºs 1-3, 6-7 e 10); lascas retocadas (Fig. 5, nº 6; Fig. 6, nº 9); raspadores, na sua maioria fabricados sobre lascas de quartzito, geralmente por retoque inverso (Fig. 9, nº 2). A indústria microlítica, que, excluindo as peças sobre seixo, as lascas retocadas e as peças esquiroladas, corresponde a 16% da utensilagem, está representada por dois triângulos, um isósceles e outro escaleno, por fragmentos de lamelas de dorso, e por lamelas de dorso marginal (Fig. 7, nºs 1-7). O grupo dos buris está muito mal representado: apenas um exemplar foi recolhido *in situ* na camada 2, embora, no quadrado D9, a camada 1 tenha fornecido, seguramente em posição derivada, um buril diedro em sílex (Fig. 5, nº 6). As armaduras microlíticas do tipo triângulo isósceles ou escaleno ocorrem em contextos da Pré-História recente, sobretudo no Neolítico final e no Calcolítico, e em particular em meio funerário². No caso da Quinta da Barca, porém, as duas peças com a tipologia referida são de módulo nitidamente inferior ao das assinaladas nas ocupações mais recentes.

Esta associação tipológica, e em particular a presença de lamelas de dorso associadas a triângulos pequenos, está documentada em diversas jazidas magdalenenses do centro do país datadas de entre ≈13 000 e ≈11 000 BP, como Cabeço de Porto Marinho (*loci* IIIS e IIIT) e Vale da Mata³. O cortejo de microlitos recolhido na jazida de La Dehesa (Salamanca), também situada na bacia hidrográfica do Douro, apresenta uma composição semelhante, nele estando igualmente representada a associação entre triângulos, tanto isósceles como escalenos, e lamelas com um retoque abrupto marginal que quase não modifica a secção dos suportes⁴. A jazida espanhola, atribuída ao Magdalenense superior ou final com base em considerações tipológicas, continha também numerosas raspadeiras curtas idênticas às da Quinta da Barca, diferenciando-se desta última pela importância do grupo dos buris. Deve notar-se, no entanto, que o respectivo estudo contabilizou como tal os cristais de quartzo hialino que apresentavam levantamentos lamelares, tipo de artefacto que também existe na Quinta da Barca, onde, porém, foi interpretado e classificado como correspondendo a núcleos. Em regiões da Península mais afastadas, a associação entre lamelas de dorso e triângulos é igualmente característica do Magdalenense; na região de Valencia, por exemplo, ocorre em níveis atribuídos às respectivas fases média e superior⁵.

O nível arqueológico da base da camada 3 continha numerosas plaquetas de xisto dispostas horizontalmente ou acompanhando a inclinação do substracto. Com o objectivo de averiguar a eventual natureza antrópica desta componente grosseira dos depósitos, por um lado, e, por outro, avaliar o estado de conservação da jazida, realizou-se uma decapagem extensiva abrangendo uma área de 3x5 m² (Fig. 13-14), cuja planta se apresenta na Fig. 10. A análise das orientações e das inclinações destes elementos revela um escoamento laminar, dada a orientação preferencial evidente dos elementos alongados, que indica uma deslocação ao longo da vertente, seguida de acumulação numa depressão de pendor menos acentuado. No entanto, a reduzida amplitude da distribuição vertical do material arqueológico sugere que se tratará de um fenómeno do tipo da crioreptação mais do que de uma deslocação em massa.

² *id.*

³ ZILHÃO, J. (1995) — *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, 2 vols., Lisboa, Faculdade de Letras (Dissertação de doutoramento).

⁴ FABIÁN, J. F. (1986) — *La industria lítica de yacimiento de «La Dehesa» en el Tejado de Bejar (Salamanca). Una industria de tipología magdaleniense en la Meseta. Avance a su estudio.* «Nvmanthia», Salamanca, II, p. 111-141.

⁵ AURA, J. E. (1992) — *El Magdaleniense Superior Mediterráneo y su modelo evolutivo*, in «Actas del Congreso Aragón/Litoral Mediterráneo. Intercambios culturales durante la Prehistoria», Zaragoza, Instituto Fernando El Católico, p. 167-177.

AURA, J. E. (1995) — *El Magdaleniense Mediterráneo: la Cova del Parpalló (Gandia, Valencia)*, Valencia, Servicio de Investigaciones Prehistóricas, Serie de Trabajos Varios, nº 19.

Por analogia com o argumentado para a Quinta da Barca Sul, poder-se-ia colocar também, neste caso, a hipótese de o enriquecimento em plaquetas de xisto observável na base do nível arqueológico corresponder a uma contribuição antrópica. Neste caso, porém, a ausência do quartzo na componente grossa não é significativa, uma vez que ele não existe nos afloramentos situados encosta acima. A questão continua, portanto, por esclarecer. É de notar, finalmente, a ocorrência de seixos de granito no contacto da sequência quaternária com os xistos de base.

Dinâmica de sedimentação

O modelo proposto na Fig. 11 é semelhante ao construído para Quinta da Barca Sul. A inclinação mais pronunciada do substracto, porém, não permitiu, no caso em apreço, a acumulação de uma espessura de sedimentos comparável.

Esta taxa de sedimentação mais reduzida está também certamente na origem do processo de homogeneização pós-deposicional das características sedimentares macroscópicas da camada 2, a qual, e sem que haja qualquer descontinuidade sedimentológica aparente entre os depósitos que os embalam, contém vestígios atribuíveis, na base, ao Magdalenense e, no topo, à Pré-História recente (Calcolítico). Essa espessura reduzida deverá ter facilitado, com efeito, a percolação de elementos finos e a bioturbação, seja durante o processo de implantação da floresta no Holocénico inicial seja em época subsequente.

Conclusão

O sítio de Quinta da Barca permitiu pôr em evidência:

- a ocupação humana do Paleolítico Superior actualmente conhecida que se situa a menor distância (450 m) de dois importantes conjuntos de gravuras do vale do Côa, os de Quinta da Barca e Penascosa; muitas das gravuras paleolíticas conhecidas nas rochas destes conjuntos apresentam convenções estilísticas que se encontram bem documentadas em contextos datados indirectamente do Magdalenense, época a que pertence a mais antiga ocupação humana do sítio arqueológico em apreço; é o caso, nomeadamente, da representação das crinas dos cavalos através da execução de dois traços, um rectilíneo e o outro encurvado, bem conhecida na arte móvel e parietal da Espanha cantábrica; ou do realce dado ao contorno dos corpos dos animais pela aplicação interior de pequenos traços perpendiculares (técnica em «arame farpado»), característica que, na sequência de lajes gravadas da gruta de Parpalló, é exclusiva de momentos magdalenenses avançados;⁶
- que essa ocupação terá, a avaliar pelos dados obtidos nos 28 m² escavados em 1996, uma extensão mínima da ordem dos 750 m²; uma tal dispersão poderá ser consequência da acção de processos pós-deposicionais, cuja identificação autoriza, por outro lado, a continuação da exploração da jazida por métodos expeditos como os utilizados este ano.

⁶ CARRERA, V.; GIMÉNEZ, M. (1989) — *Arte mueble paleolítico en la Cornisa Cantábrica*, «Revista de Arqueología», 103, p. 12-24.

VILLVERDE, V. (1994) — *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló. Estudio de la colección de plaquetas y cantos grabados y pintados*, 2 vols., València, Servei d'Investigació Prehistòrica de la Diputació de València.

Quinta da Barca – camada 2 (base)

Contagens tipológicas

	Quartzito	Quartzo	Cristal de rocha	Sílex	Riolite	TOTAL
Buril de ângulo sobre fractura		1				1
Denticulado	1	1	1			3
Fragmento de lamela de dorso		1			1	2
Fragmento de lasca retocada				1		1
Furador atípico		1	2			3
Lamela de dorso marginal				1	1	2
Lamela com retoque bilateral				1		1
Lasca retocada	1	9				10
Lasca truncada			2			2
Peça esquirolada		5	3	1		9
Raspadeira afocinhada		2				2
Raspadeira carenada atípica		1				1
Raspadeira espessa	1	1				2
Raspadeira ogival					1	1
Raspadeira sobre lasca	5	8				13
Raspadeira unguiforme		1				1
Raspador	2	3			1	6
Seixo talhado	25				1	26
Triângulo			2			2
TOTAL	35	34	10	4	5	88

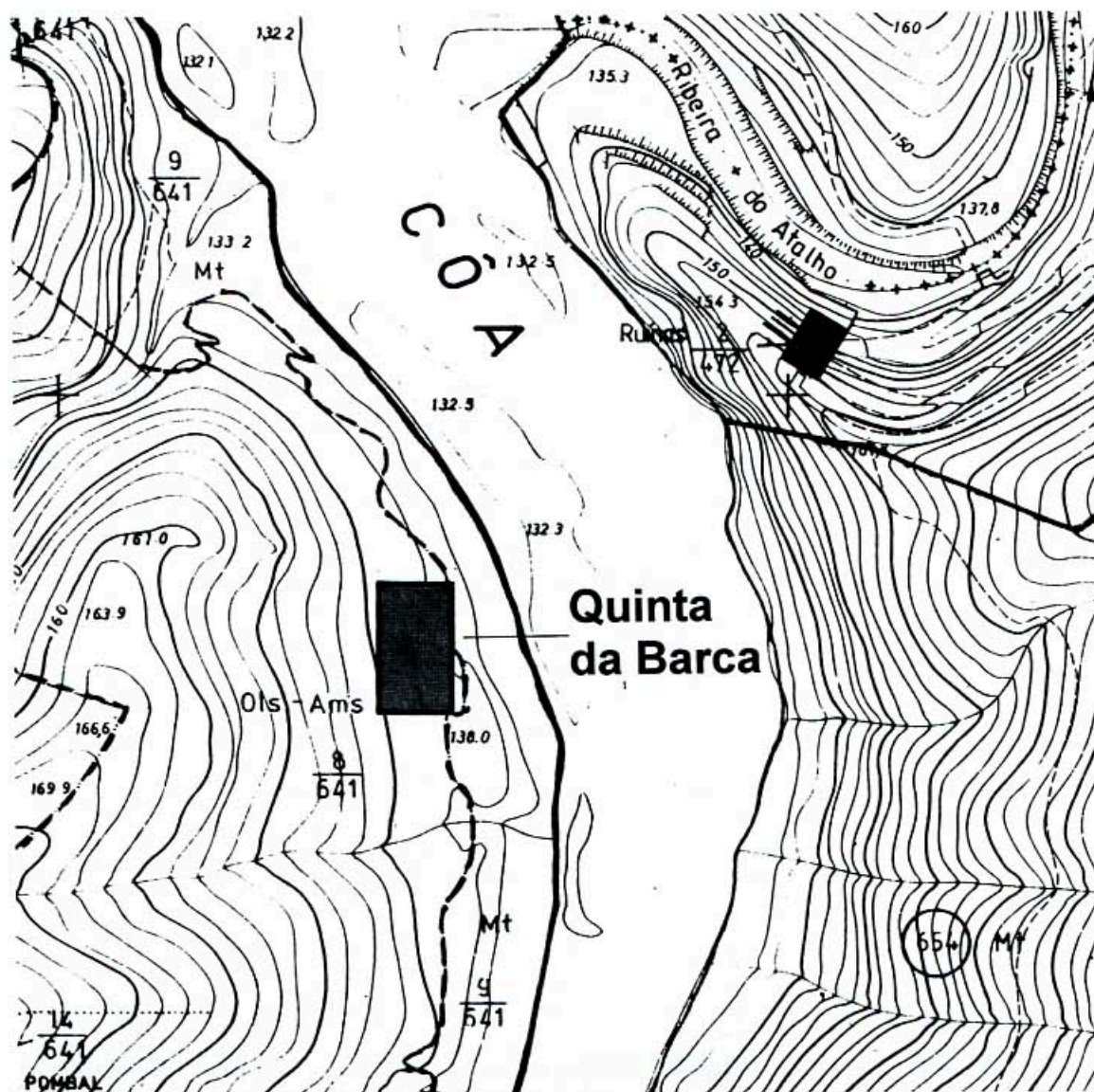
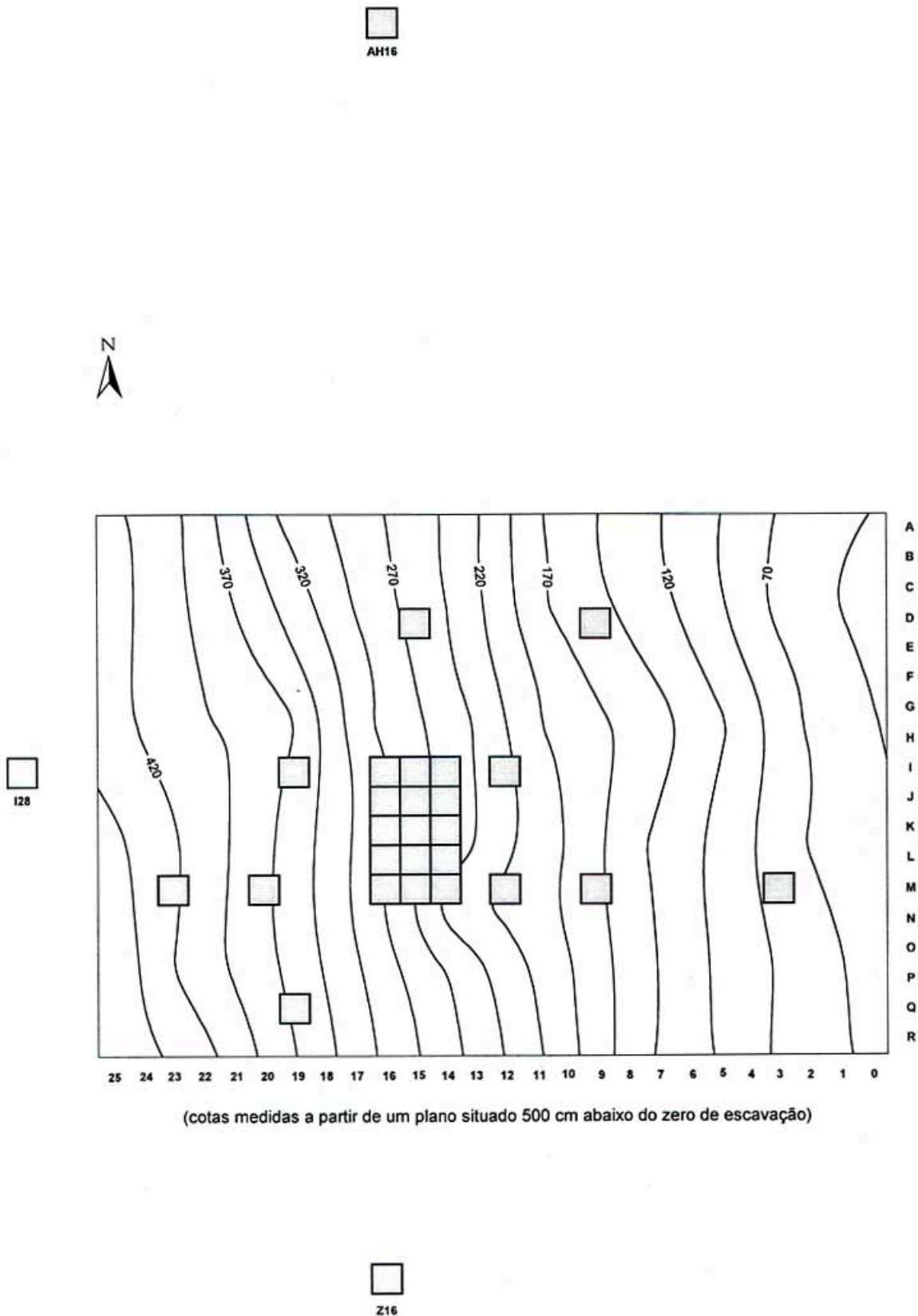
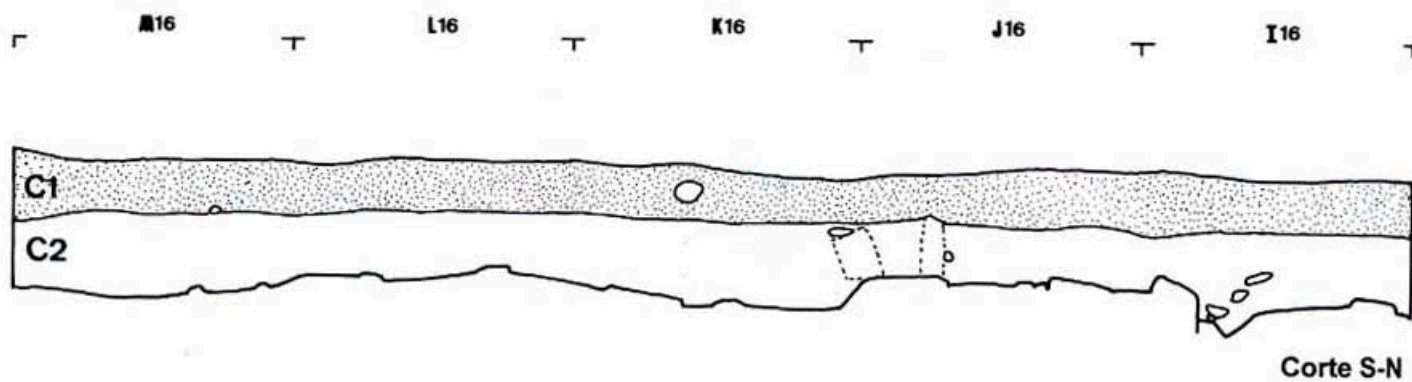


Fig. 1 - Quinta da Barca. Implantação na Carta Cadastral à escala 1:2500.



Quinta da Barca
Área intervencionada em 1996

Fig. 2 Quinta da Barca. Planta de escavação. Os quadrados são de 1 m de lado.



Quinta da Barca

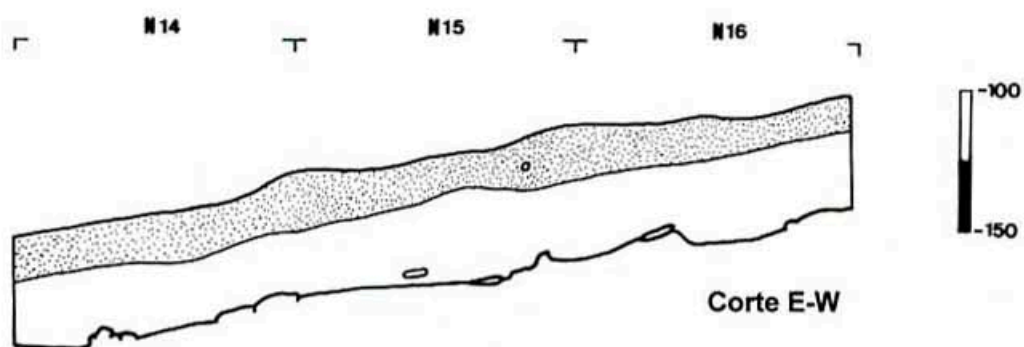
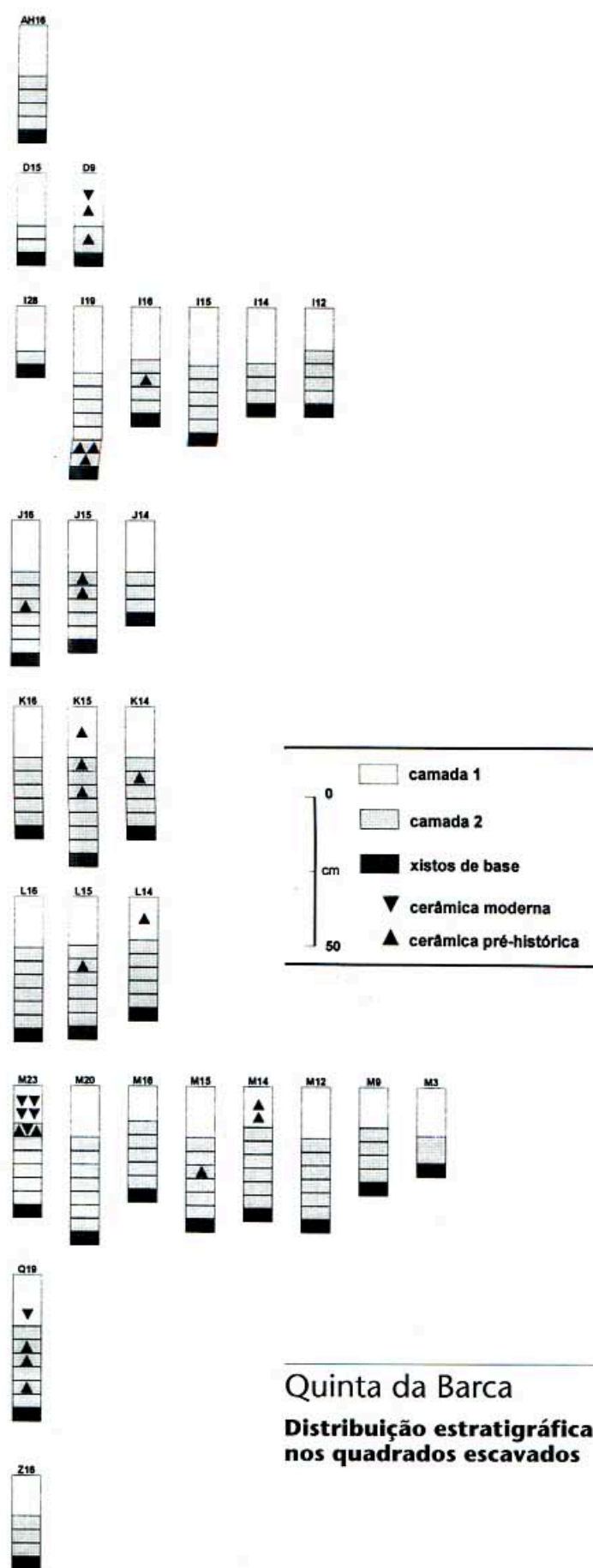


Fig. 3 Quinta da Barca. Estratigrafia da sequência quaternária, que assenta sobre xistos paleozóicos: camada 1 – níveis remexidos pelos trabalhos agrícolas recentes; camada 2 – coluvião antigo não estratificado, bioturbado.



Quinta da Barca

Distribuição estratigráfica das cerâmicas nos quadrados escavados

Fig. 4 Quinta da Barca. Perfis estratigráficos dos quadrados escavados, com indicação da proveniência dos restos cerâmicos. A camada 2 foi subdividida em níveis artificiais («decapagens») de 5 cm (10 cm nas primeiras sondagens — M3 e D9).

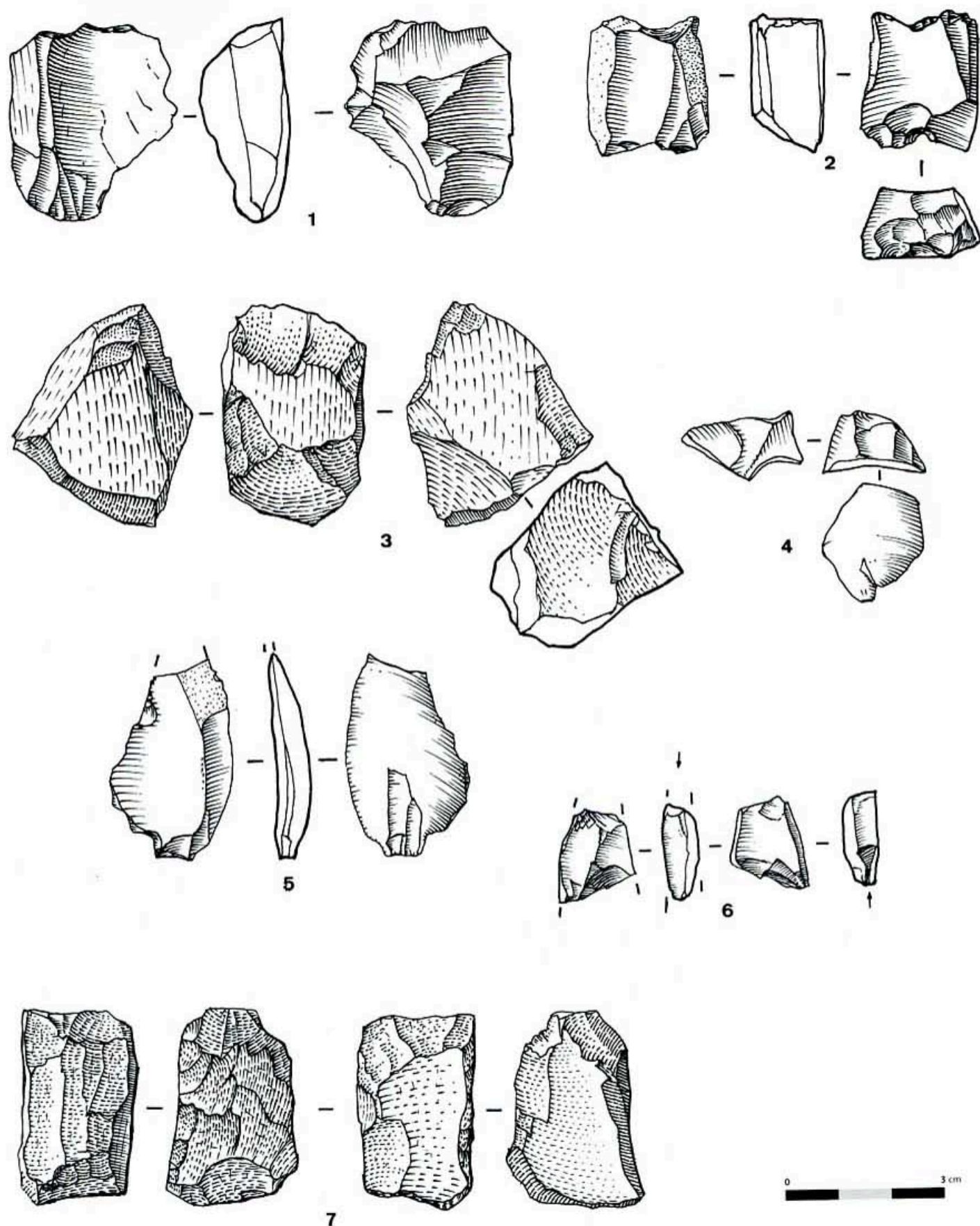


Fig. 5 Quinta da Barca. Indústria lítica da camada 2 (só a peça com o nº 6 foi recolhida em posição derivada na camada 1): 1. Peça esquirolada em riolite (J15.c2.dec2); 2. Núcleo prismático para lamelas em sílex (L16.c2.dec7); 3. Núcleo prismático para lamelas em quartzo (M16.c2.dec5); 4. Tablette de núcleo prismático para lamelas em sílex (J15.c2.dec2); 5. Lasca retocada em sílex (L14.c2.dec2); 6. Buril diedro múltiplo em sílex (D9.c1); 7. Núcleo prismático para lamelas em quartzo (K14.c2.dec4).

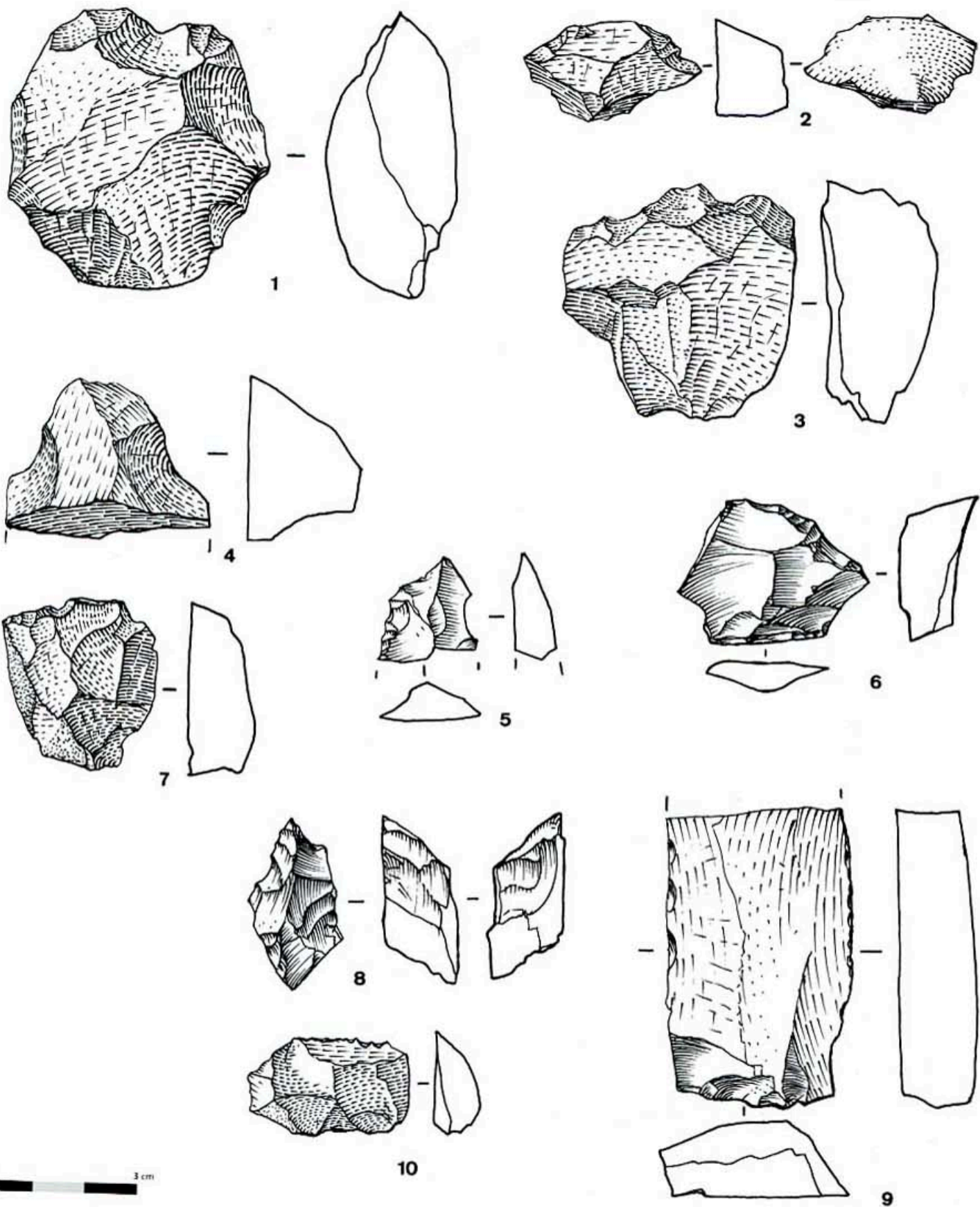


Fig. 6 Quinta da Barca. Indústria lítica da camada 2: 1. Raspadeira sobre lasca de quartzo (M14.c2.dec7); 2. Raspadeira sobre lasca de quartzo (M12.c2.dec6); 3. Raspadeira sobre lasca de quartzo (I16.c1.dec4); 4. Peça de quartzo com entalhes de preparação para exploração de frente de raspadeira afocinhada (Q19.c1.dec4); 5. Fragmento de lâmina retocada em sílex (I15.c2.dec4); 6. Raspadeira ogival em riolite (J15.c2.dec4); 7. Raspadeira sobre lasca de quartzo (J16.c2.dec6); 8. Furador atípico em cristal de rocha (D15.c2.dec3); 9. Lasca natural de riolite com retoque parcial nos dois bordos (M16.c2.dec5); 10. Raspadeira sobre lasca de quartzo (J15.c2.dec4).

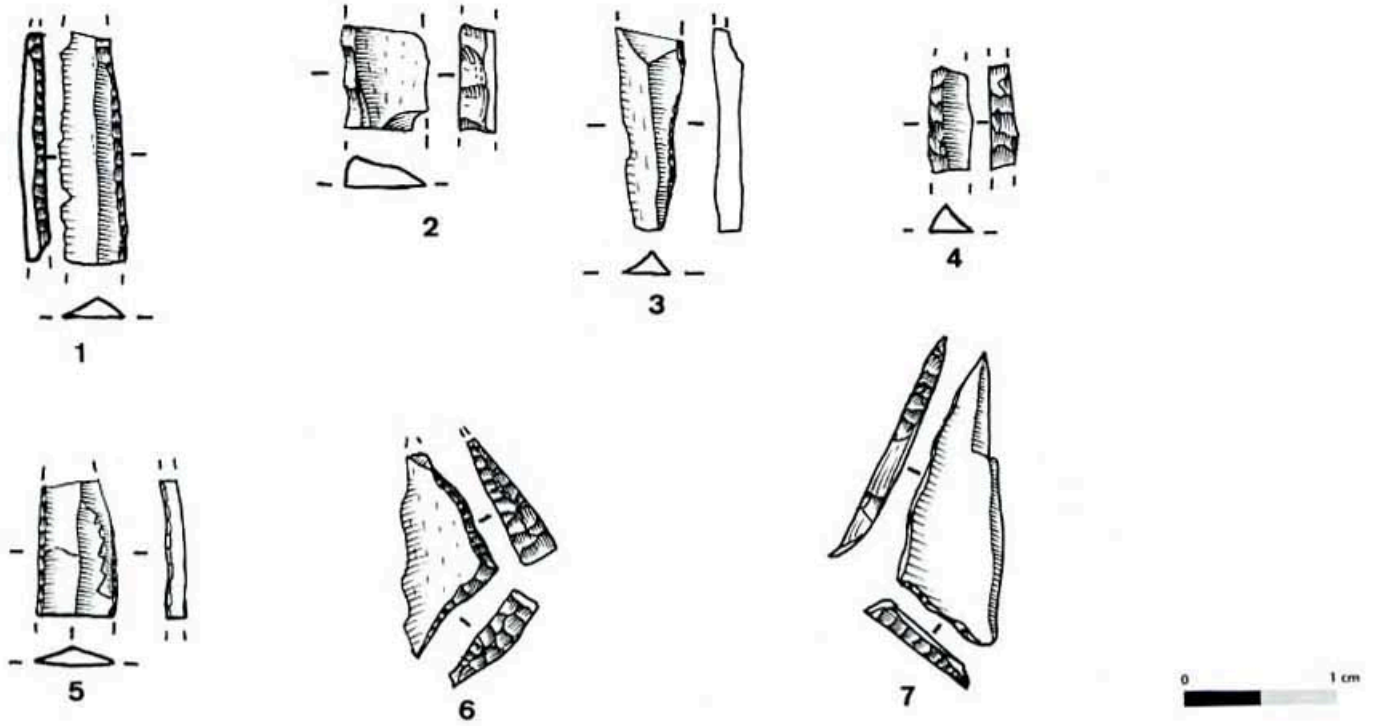


Fig. 7 Quinta da Barca. Micrólitos da camada 2: 1-5. Fragmentos de lamelas de dorso e de dorso marginal; 6-7. Triângulos. Matéria-prima e proveniência: 1. Riolite (J16.c2.dec7); 2. Quartzo (M15.c2.dec2); 3. Quartzo (J12.c2.dec1); 4. Riolite (M23.c2.dec2); 5. Sílex (L14.c2.dec5); 6. Cristal de rocha (M3.c2.dec6); 7. Cristal de rocha (I14.c2.dec5).

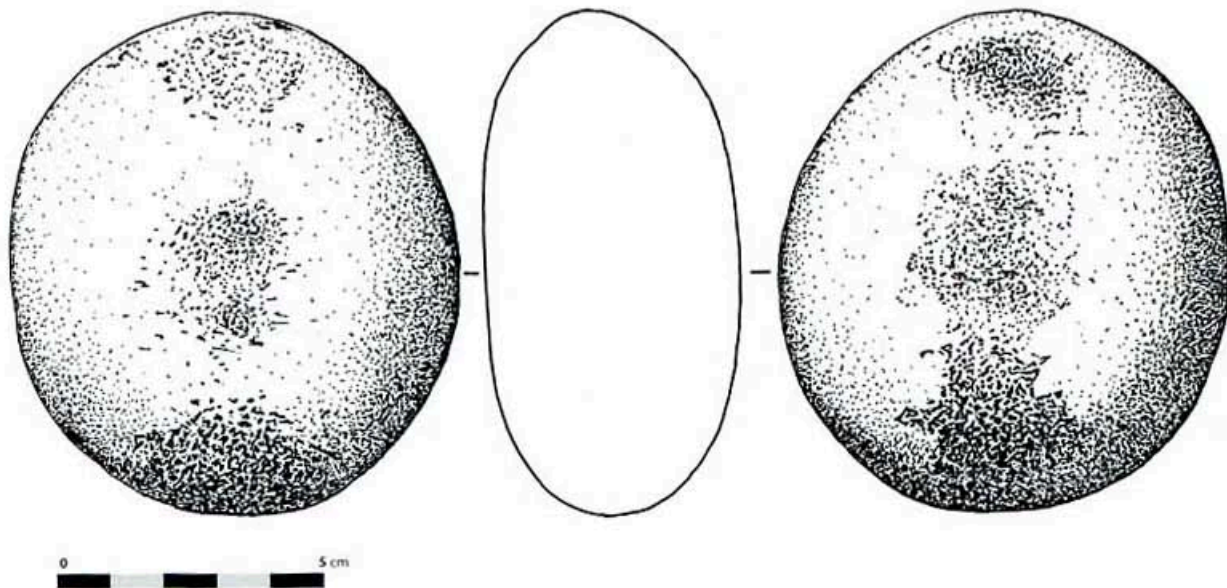


Fig. 8 Quinta da Barca: percutor-bigorna em quartzito (J14.c2.dec2).

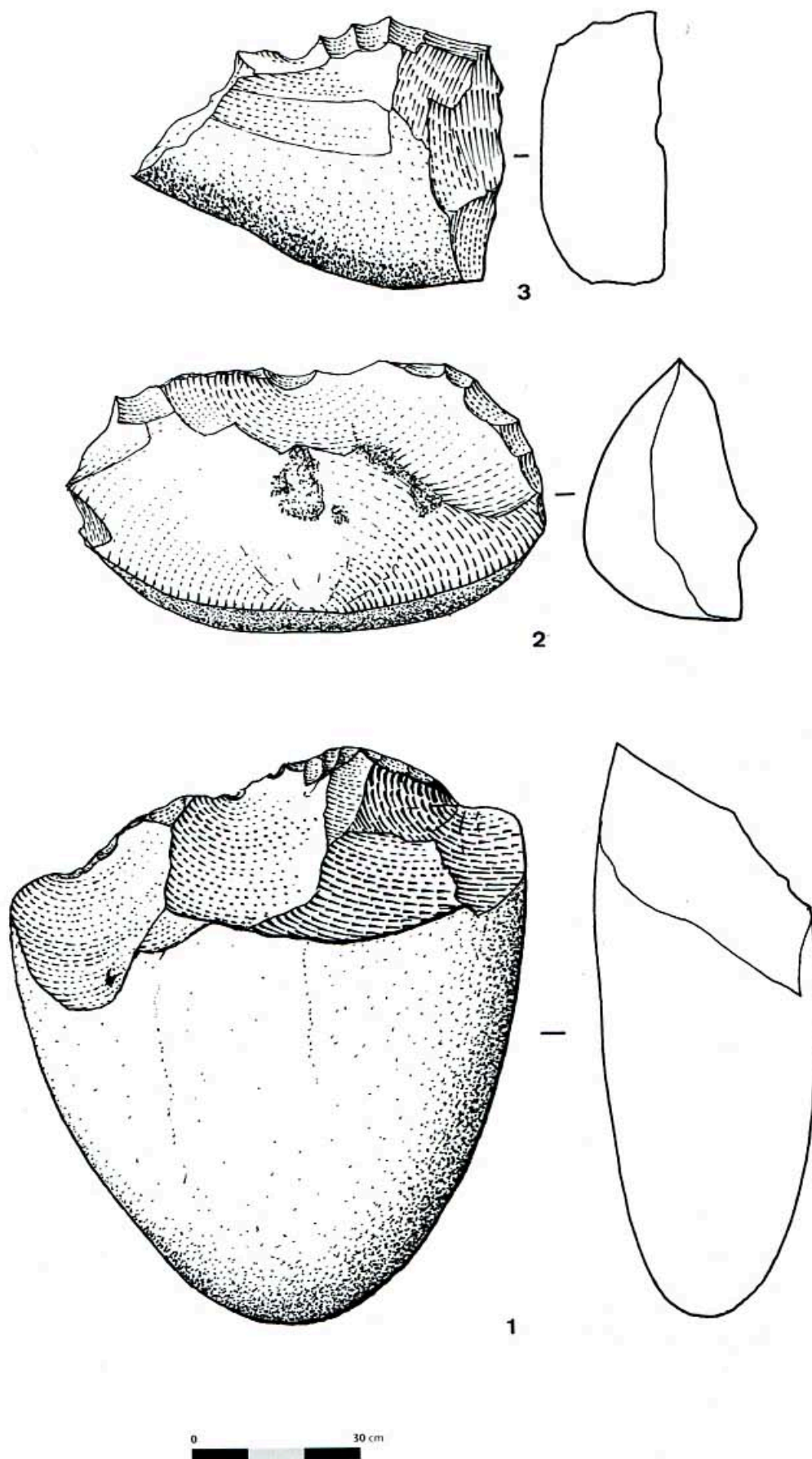


Fig. 9 Quinta da Barca. Indústria em quartzito da camada 2:
 1. Seixo talhado (M14.c2.dec7); 2. Raspador sobre face plana de lasca cortical (K15.c2.dec5);
 3. Denticulado (K14.c2.dec4).

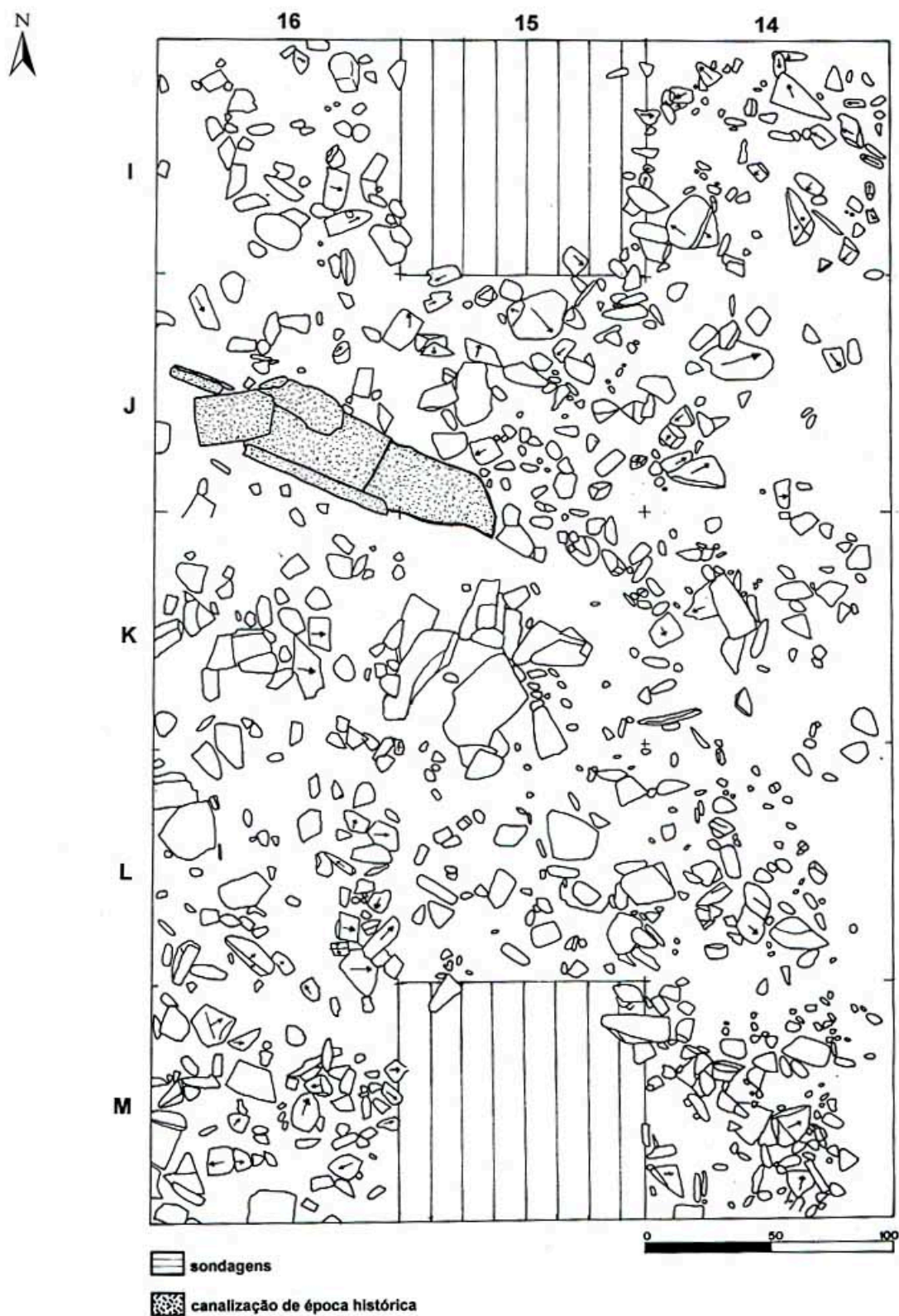


Fig. 10 Quinta da Barca. Planta da base da camada 2 nos quadrados I-M/14-16. As lajes de xisto encontram-se em posição sub-horizantal, seguindo a inclinação do afloramento, apresentam uma orientação preferencial concordante com a referida inclinação, e formam concentrações dispostas em feixes paralelos. Estes dois factos, bem como a ausência de fenómenos de residualização ou de padrões de triagem dimensional dos artefactos, constituem indícios de que o contexto sedimentar se encontra em posição secundária. A deslocação, porém, terá sido um processo lento e envolvendo distâncias curtas, que não afectaram a representatividade da indústria recolhida.

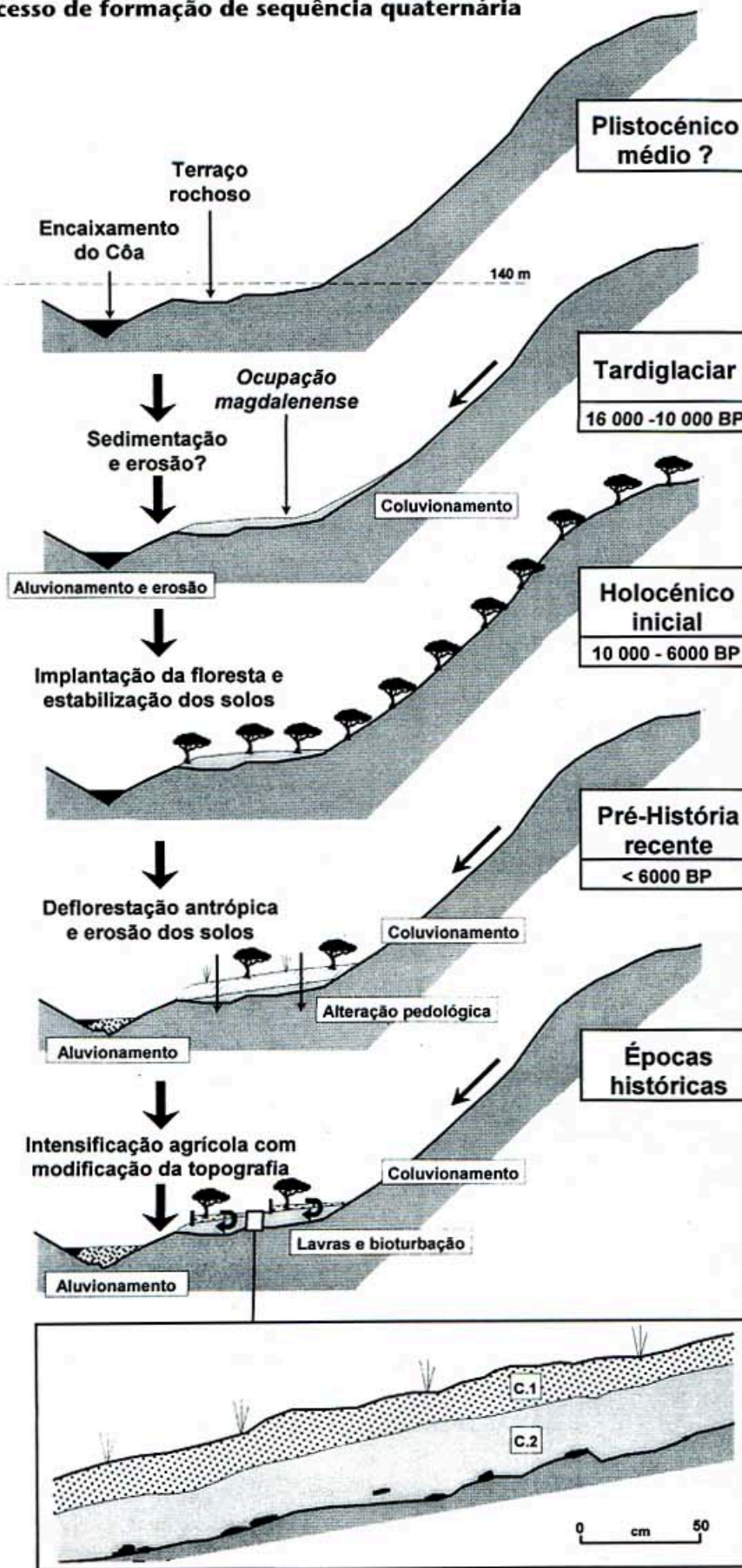


Fig. 11 Quinta da Barca. Processo de formação da sequência quaternária. Sobre o terraço rochoso deixado a descoberto por um encaixamento do rio ocorrido em época posterior ao Plistocénico médio, acumula-se, na base das vertentes desnudadas pela erosão, um colúvio arenoso, sobre o qual têm lugar as ocupações humanas do Tardiglaciár. As alterações pedológicas, os processos de bioturbação e os trabalhos agrícolas subsequentes transformarão os depósitos, conferindo à sequência o padrão estratigráfico reconhecido durante a escavação.



Fig. 12 Quinta da Barca. Vista de Sul para Norte; ao fundo, após a última curva do rio, situam-se os núcleos de arte rupestre de Penascosa, na margem direita, e Quinta da Barca, na margem esquerda, este último assinalado pela seta com o nº 2. A jazida arqueológica fica situada no olival da margem esquerda visível em primeiro plano e que está assinalado pela seta com o nº 1.

Fig. 13 Quinta da Barca. Vista de conjunto da área que foi objecto de escavação em extensão (quadrados I-M/14-16). O canto mais próximo é o canto NE do quadrado I14.



Fig. 14 Quinta da Barca. Vista aproximada da decapagem da base da camada 2 nos quadrados I-M/14-15.

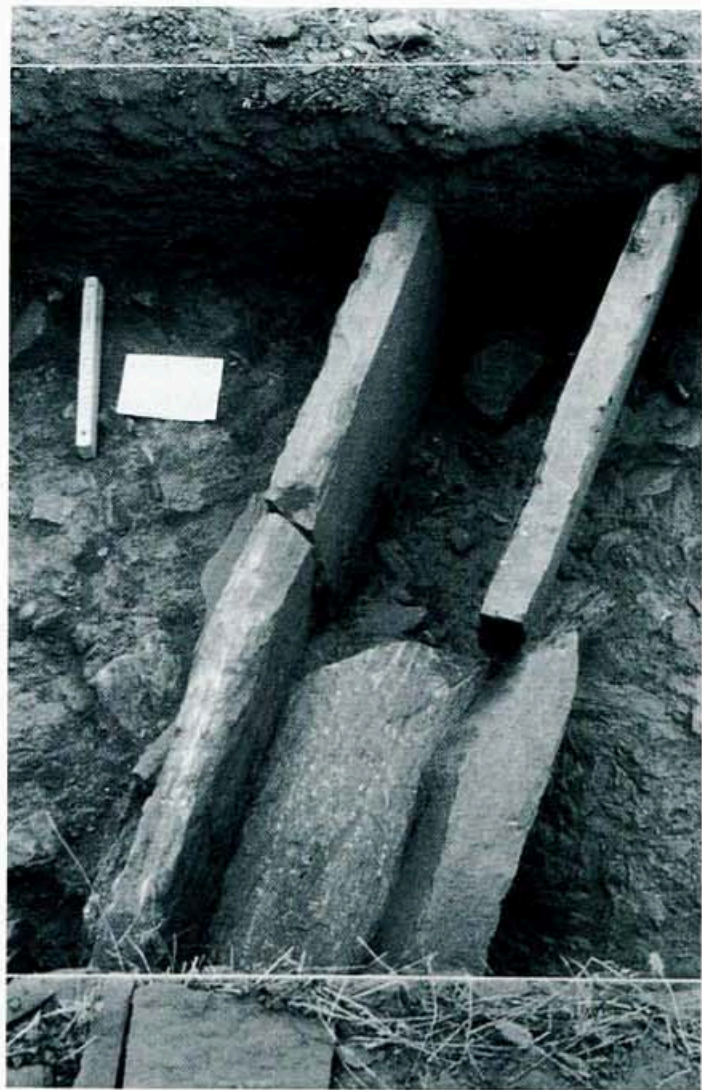


Fig. 15 Quinta da Barca. Vista aproximada da canalização de época histórica que cortava os níveis pré-históricos em J15.

QUINTA DA BARCA SUL

Introdução

O sítio de Quinta da Barca Sul fica situado cerca de 150 m a Sul da jazida de Quinta da Barca e, portanto, cerca de 500 m a Sul do conjunto de gravuras localizado na mesma propriedade. Do ponto de vista topográfico, o local caracteriza-se por uma ruptura na inclinação da vertente, a qual passa, entre a cota de 135 e a de 140, de valores da ordem dos 30° para valores inferiores a 10° (Figs. 1-2). Para Este, em direcção ao rio, a plataforma é delimitada por um escarpado abrupto de xisto com um desnível de cerca de 5 m. Na base deste último espria-se uma pequena praia aluvial recente, remobilizada anualmente pelas cheias de Inverno.

Actualmente, a plataforma encontra-se plantada com oliveiras e amendoeiras. Há já vários anos que as lavras tradicionais, pouco profundas, se não realizam. O estrato herbáceo da vegetação é constituído por gramíneas e revela uma provável utilização anterior do local para o cultivo dos cereais, tal como era prática corrente em todas as zonas menos declivosas do vale. É certamente com esta fase da história agrícola da região que deverá estar relacionado o muro de retenção de terras existente no centro da plataforma.

Metodologia

Por razões que adiante se tornarão óbvias, o sítio não foi detectado na primeira fase de prospecção, baseada na detecção de artefactos no solo. No entanto, e apesar da ausência de vestígios à superfície, a semelhança, no que respeita às condições geomorfológicas de implantação, com a jazida de Quinta da Barca, descoberta no decurso dessa primeira fase, levou a que, após a conclusão dos trabalhos de escavação aí realizados, tivessem sido abertas nesta plataforma mais a Sul, e com bons resultados, uma série de sondagens de 1×1 m.

A localização dessas sondagens (Fig. 3) foi escolhida no quadro de uma estratégia de intervenção idêntica à seguida na Quinta da Barca: delimitar a extensão máxima da jazida e definir os sectores de melhor conservação da sequência estratigráfica e de mais elevada densidade de vestígios arqueológicos. A presença de um muro de sustentação de terras em pedra seca na zona situada entre os quadrados S10 e S8 impediu a abertura de sondagens em posição intermédia.

Na primeira sondagem (S1), os sedimentos foram sistematicamente crivados a água, com malha de 2 mm. A camada 1 foi escavada como um só bloco, mas as camadas 2 e 3 foram subdivididas em níveis artificiais (decapagens) de 10 cm na camada 2 e de 5 cm na camada 3. Os resultados obtidos, nomeadamente no que respeita à esterilidade arqueológica da camada 1 e da parte superior da camada 2, e à ausência de vestígios de pequenas dimensões em toda a espessura desta última, levaram a uma modificação da metodologia seguida na subsequente escavação das restantes sondagens, nas quais as camadas 1 e 2 passaram a ser totalmente crivadas a seco e com malha de 5 mm.

Os trabalhos de campo tiveram lugar entre 27 de Agosto e 30 de Setembro de 1996. Além da equipa do PAVC, integraram a equipa de escavação os seguintes colaboradores voluntários: Ana Quelhas, Ana Sofia Antunes, Carla Fernandes, Cláudia Costa, Cristina Gonçalves, David Torres Rodriguez, Henrique Álvares Cabral, Isabel Garcia Macias, Lígia Justino, Maria João Jacinto, Maria Miguel e Miguel Almeida.

Sequência estratigráfica

A sequência estratigráfica observada apresenta as seguintes unidades (Fig. 4) :

CAMADA 1

de espessura compreendida entre 20 e 25 cm, remexida, apresenta uma matriz silto-arenosa de cor acastanhada clara que embala alguma gravilha de xisto e quartzo;

CAMADA 2

de espessura compreendida entre 15 e 30 cm, é um colúvio heterométrico de cor castanho-alaranjada; apresenta uma alternância entre níveis sedimentologicamente homogêneos, de componente fina dominante, e leitos pedregosos constituídos por blocos de quartzo e xisto que, em certos casos, chegam a atingir os 30 cm; os de quartzo têm bordos desgastados e provêm de filões existentes nos xistos que constituem o substrato geológico local; observáveis nos solos das vertentes situadas encosta acima, a sua presença nos depósitos escavados na jazida deve-se a processos de desmantelamento natural da rocha de base;

CAMADA 3

de espessura variável, estava ausente em algumas sondagens (S2 e S6), mas atingia os 45 cm em S10; é de cor ligeiramente mais clara, e de matriz mais siltosa, do que a camada sobrejacente, e contém gravilha de xisto com elementos de dimensão milimétrica; no interior desta camada existe um nível de plaquetas de xisto com inclinação paralela à da encosta cuja interpretação será abordada adiante; em todas as sondagens situadas ao longo do limite Este da plataforma, foi ainda observada, na base da camada 3, a presença de grandes blocos de xisto de bordos arredondados.

Sequência arqueológica

As diversas camadas continham vestígios artefactuais de cronologia diferenciada:

CAMADA 1

forneceu muito raros vestígios líticos, todos em quartzo, associados a cerâmicas modernas;

CAMADA 2

forneceu vestígios líticos e cerâmicos; na sondagem S9, recolheram-se quatro fragmentos de cerâmica manual (pré-histórica?) provenientes das decapagens 2, 4 e 7; os materiais em pedra correspondiam, no essencial, a lascas e núcleos feitos sobre plaquetas de quartzo, e foram recolhidos em associação com os níveis de blocos acima descritos; trata-se, na maior parte dos casos, de material ligeiramente rolado, cujo estatuto enquanto artefactos não pode ser totalmente isentado de dúvidas; a respectiva lista tipológica é apresentada no Quadro 1;

CAMADA 3

forneceu uma densidade elevada de material (Fig. 5), todo ele lítico, e todo ele achado em estreita associação com o leito de plaquetas de xisto localizado cerca de 10 cm abaixo do topo da camada; a partir dos 10 cm de profundidade em relação a esse leito, e nos quadrados em que a camada 3 é mais espessa, como em S10, os depósitos tornam-se estéreis; em S1 e S4, porém, ainda foi possível recolher alguns restos líticos raros nas últimas decapagens, em contacto directo com a rocha, os quais poderão documentar uma primeira utilização humana do local, anterior à densa ocupação representada pelo nível das plaquetas; o pouco material retocado recolhido até ao momento (um seixo talhado em quartzito — Fig. 11, nº 2 — e uma peça esquirolada em sílex), porém, não permite ainda a respectiva caracterização cultural; em ambos os casos, porém, trata-se seguramente de contextos atribuíveis ao Paleolítico Superior.

No nível arqueológico do topo da camada 3, associado ao leito de plaquetas de xisto, a matéria-prima predominante é o quartzo, seguido do quartzito. O granito está representado sob a forma de seixos, enquanto o cristal de rocha, o sílex e a riolite apenas ocorrem em volumes muito reduzidos, e geralmente sob a forma de utensílios acabados, de resíduos de retoque, ou de pequenos núcleos para lamelas (como os da Fig. 10); dos três, o mais abundante é sempre o cristal de rocha (Quadro 2; Fig. 6).

O quartzo utilizado corresponde a diferentes variedades: por vezes, trata-se de quartzo filoniano de qualidade muito variável, disponível nas imediações do sítio; noutros casos, trata-se de seixos recolhidos nos terraços inferiores do Côa. O quartzo hialino é alóctone. Ocorre, em jazigo, sob a forma de pequenos cristais com alguns centímetros de comprimento, nos filões de pegmatitos que afloram junto à confluência da ribeira de Massueime com o Côa, 4 km a montante da Quinta da Barca, ou em formações graníticas ainda mais longínquas. Não é impossível, porém, que a sua colheita tenha sido local, uma vez que o transporte aluvial de curta distância a partir dessas formações poderá não ter produzido alterações significativas da superfície.

O quartzito e a riolite grosseira, que constituem o filão cortado pelo Côa junto ao sítio paleolítico do Salto do Boi, podem ser recolhidos nas aluviões do rio sob a forma de seixos. As variedades de riolite de grão fino de tonalidade verde oliva, castanha ou negra não são conhecidas nos terraços actualmente observáveis em afloramento. A análise das superfícies mostra, no entanto, que se trata efectivamente de calhaus rolados, cuja origem está ainda por definir. O sílex, representado apenas por esquirolas e lascas de retoque, corresponde a epigenizações siliciosas de rochas sedimentares carbonatadas que não podem ser locais.

Do ponto de vista tipológico, o material recolhido no nível arqueológico do topo da camada 3 totaliza 52 utensílios (Quadro 3). As suas características mais relevantes são as seguintes:

- a forte representação das peças esquiroladas (42%), cujos módulos se repartem em dois grupos distintos, um correspondente ao quartzo e outro ao cristal de rocha (Fig. 7); trata-se, conforme se argumentou já, de núcleos debitados por percussão sobre bigorna;¹
- excluindo as peças esquiroladas, as lascas retocadas e os seixos talhados, os dois grupos tipológicos mais importantes são os das raspadeiras (62%), na sua maioria fabricadas sobre lascas em que o comprimento e a largura são praticamente idênticos, e o das armaduras microlíticas (12%); este último é constituído por um trapézio em cristal de rocha (Fig. 9, nº 3) e por duas pontas em riolite negra e cinzento-oliva, de dorso curvo, num dos casos obtido por retoque cruzado (Fig. 9, nºs 1-2).

Há em Trás-os-Montes, sobretudo em meio sepulcral, contextos da Pré-História recente em que o trapézio é conhecido². Trata-se, no entanto, de objectos de morfologia e técnica de fabrico diferentes, confeccionados sobre lâminas de secção trapezoidal provavelmente debitadas por percussão indirecta ou por pressão. A associação entre pontas de dorso e trapézios como os da Quinta da Barca Sul está bem documentada, no entanto, em diversos sítios paleolíticos do centro do país, como Carneira e Bocas, datados pelo ¹⁴C e pela TL de ≈10 000 BP.³ As pequenas raspadeiras sobre lasca (Fig. 8, nºs 1-2, 4 e 6) são igualmente características dos conjuntos da época, assim como os núcleos do tipo buril de ângulo sobre fractura (Fig. 8, nº 5), a partir dos quais se extraíam suportes para as pontas de dorso.

Dinâmica de sedimentação

Os dados apresentados permitem esboçar um modelo explicativo para as características das sequências sedimentológicas e arqueológicas observadas na Quinta da Barca Sul (Fig. 12).

Num primeiro momento, para cuja datação não dispomos de quaisquer dados seguros, o Côa erodiu as suas margens e formou um terraço rochoso de altimetria compreendida entre os 135 e os 140 metros. O subsequente encaixamento do curso do rio deixou esta plataforma em cota superior à do limite das cheias, permitindo que, a partir desse momento, se iniciasse um processo de acumulação de sequências coluvionares. No estado actual dos conhecimentos, não é possível, no entanto, avaliar até que ponto a formação do terraço e a acumulação da camada 3 terão sido separadas por episódios intermédios de sedimentação, desestabilização e erosão. É possível, por exemplo, que os grandes blocos de xisto da base da camada 3 correspondam a testemunhos de uma fase aluvionar de grande competência (torrencial?), cuja componente sedimentar de menor dimensão tivesse sido posteriormente erodida.

Ao longo do período de tempo correspondente à deposição da camada 3, a plataforma será repetidamente ocupada pelo homem. Da primeira vez, a sedimentação é ainda muito reduzida, e a ocupação faz-se praticamente em cima da rocha. A carência de vestígios arqueológicos nas sondagens realizadas não

¹ ZILHÃO, J. (1995) — *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, 2 vols., Lisboa, Faculdade de Letras (Dissertação de doutoramento).

AUBRY, Th.; ZILHÃO, J.; ALMEIDA, F.; FONTUGNE, M. (s.d.) — *Production d'armatures microlithiques pendant le Paléolithique supérieur et le Mésolithique du Portugal*. «II Congresso Peninsular de Arqueologia», Zamora, Setembro de 1996.

² SANCHES, M. J. (1996) — *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques.

³ ZILHÃO, op. cit.

permite datar este primeiro registo da presença humana no local. No Dryas III, entre 11 000 e 10 000 BP, o sítio volta a ser palco, sobre o coluvião entretanto depositado, de uma frequência humana importante, datada pela natureza da indústria lítica. A associação nítida que nestes níveis se verifica entre o material arqueológico e a presença de plaquetas de xisto pode ser explicada de duas maneiras diferentes:

- a ocupação humana poderá ter tido lugar encosta acima, tendo o material arqueológico sido deslocado no quadro de um coluvionamento de escoamento laminar que teria arrastado igualmente os fragmentos de xisto;
- em alternativa, estes últimos poderão corresponder também, tal como a indústria lítica, a uma contribuição antrópica relacionada com uma ocupação local, em que, portanto, haveria coincidência entre o local de habitação passado e o local de deposição presente.

Há vários elementos que apontam para que esta última interpretação seja a mais correcta. Entre eles avulta o de que o quartzo está nitidamente sub-representado, o que não parece compatível, à luz das observações feitas na camada 2, com a hipótese de a presença das plaquetas se dever a uma contribuição natural decorrente de processos de coluvionamento, sobretudo se tivermos em conta que o quartzo, localmente abundante, é uma rocha mais resistente, tanto física como quimicamente, do que o xisto. Se a deposição das plaquetas fosse devida à acumulação por gravidade, na base da vertente, dos produtos do desmantelamento natural do substrato nos afloramentos rochosos da encosta por cima do sítio, o quartzo teria de estar muito mais bem representado.

A orientação preferencial, segundo a inclinação da encosta, dos blocos e plaquetas alongadas, bem patente na planta do nível magdalenense levantada na sondagem S10 (Fig. 13), sugere, no entanto, a ocorrência de deslocamentos pós-deposicionais. A reduzida amplitude da dispersão vertical do material arqueológico em relação ao nível das plaquetas, tanto para cima como para baixo, contradiz, porém, a hipótese de uma movimentação em massa dos depósitos.

O contacto entre o topo da camada 3 e a base da camada 2 corresponde a um limite bastante nítido. Trata-se de uma superfície que aflorou estavel e prolongadamente, ou então da base do horizonte A de um solo pouco compacto formado durante o período compreendido entre o fim do Magdalenense ($\approx 10\ 000$ BP) e a retomada dos processos de coluvionamento das vertentes no Holocénico recente. Essa estabilização dos solos pode estar ligada à implantação, a partir do Pré-Boreal, da floresta temperada, a qual só teria começado a ser destruída pelo homem durante a Pré-História recente. A reduzida inclinação da plataforma rochosa permitiu a acumulação de sedimentos sobre as ocupações fini-pleistocénicas e a conservação de toda a sequência, tornando possível a distinção entre as duas unidades estratigráficas e arqueológicas em contacto, cuja diferenciação sedimentológica se encontrava obscurecida, na jazida vizinha de Quinta da Barca, por processos pedológicos.

As fases de deposição de blocos documentadas na camada 2 podem corresponder a fenómenos climáticos ou estar relacionadas com a destruição do coberto vegetal. No estado actual dos trabalhos, não é possível afirmar se os raros vestígios cerâmicos recolhidos são testemunho de uma utilização da plataforma durante a Pré-História recente, ou se representam antes vestígios redepo-

sitados provenientes de contextos originalmente situados encosta acima e que a erosão dispersou ao longo das vertentes. A sua presença numa única sondagem (S9), situada na base de uma «língua» de sedimento bem visível na vertente, joga em favor da segunda alternativa.

Mais recentemente, já em época histórica, a construção de muros de sustentação de terras veio modificar a topografia natural da plataforma e induzir uma nova acumulação de coluviões remexidos pelas lavras.

Conclusão

No contexto do vale do Côa, o sítio de Quinta da Barca Sul revela-se de grande importância por diversas razões:

- permite pôr em evidência uma ocupação humana datável, por comparação com indústrias semelhantes do litoral português, do período compreendido entre 10 000 e 11 000 BP, e apresenta indícios de uma outra ocupação mais antiga, ainda não caracterizada;
- apresenta uma sequência sedimentar espessa, plistocénica e holocénica, cuja conservação é, no vale do Côa, um caso excepcional, e que permite diferenciar facilmente, em virtude da descontinuidade estratigráfica nítida, os contextos paleolíticos dos da Pré-História recente;
- encontra-se *in situ*, conforme se depreende da distribuição vertical concentrada da indústria lítica e da disposição praticamente horizontal do nível magdalenense, embora os indícios de orientação preferencial dos objectos alongados, possivelmente ligados a escorrências, indiquem alguma perturbação pós-deposicional localizada, a qual, porém, não terá sido suficiente para obliterar os vestígios de uma possível estruturação do espaço habitado mediante a sua pavimentação com plaquetas e blocos de xisto.

Os resultados obtidos tornam obrigatória a realização de uma escavação em extensão, a qual deveria ter lugar no sector compreendido entre as sondagens S10 e S8.

QUADRO 1

Quinta da Barca Sul - Camada 2 Contagens tipológicas

	Quartzo	Cristal de rocha	TOTAL
Denticulado	1	1	2
Seixo talhado	2		2
Raspadeira sobre lasca	1		1
TOTAL	4	1	5

QUADRO 2

Quinta da Barca Sul - Sondagem S1
Distribuição vertical dos artefactos líticos por matéria-prima e unidade de escavação (espessura em cm, peso em gramas)

Nível de escavação	Espessura	Quartzito		Quartzo		Cristal de rocha		Sílex		Outros		TOTAL	
		N	Peso	N	Peso	N	Peso	N	Peso	N	Peso	N	Peso
camada 1, decapagem 1	15			5	21							5	21
camada 1, decapagem 2	10			7	24							7	24
camada 2, decapagem 1	10			9	34							9	34
camada 2, decapagem 2	10			9	8							9	8
camada 3, decapagem 1	10			16	132	1	2					17	133
camada 3, decapagem 2	10			2	20							2	20
camada 3, decapagem 3	10			40	100	5	2		1			46	101
camada 3, decapagem 4	10	10	278	101	562	20	12	2	1	5	414	138	1266
camada 3, decapagem 5	10	9	149	111	236	11	7			3	28	134	419
camada 3, decapagem 6	5	2	44	35	59	5	2			1	11	43	115
camada 3, decapagem 7	5	1	151	17	11	4		1		1		24	163
camada 3, decapagem 8	5			6	6							6	6
TOTAL		22	621	358	1211	46	24	3	1	11	453	440	2309

QUADRO 3

Quinta da Barca Sul - Camada 3, nível arqueológico 1
(Magdalenense final)
Contagens tipológicas

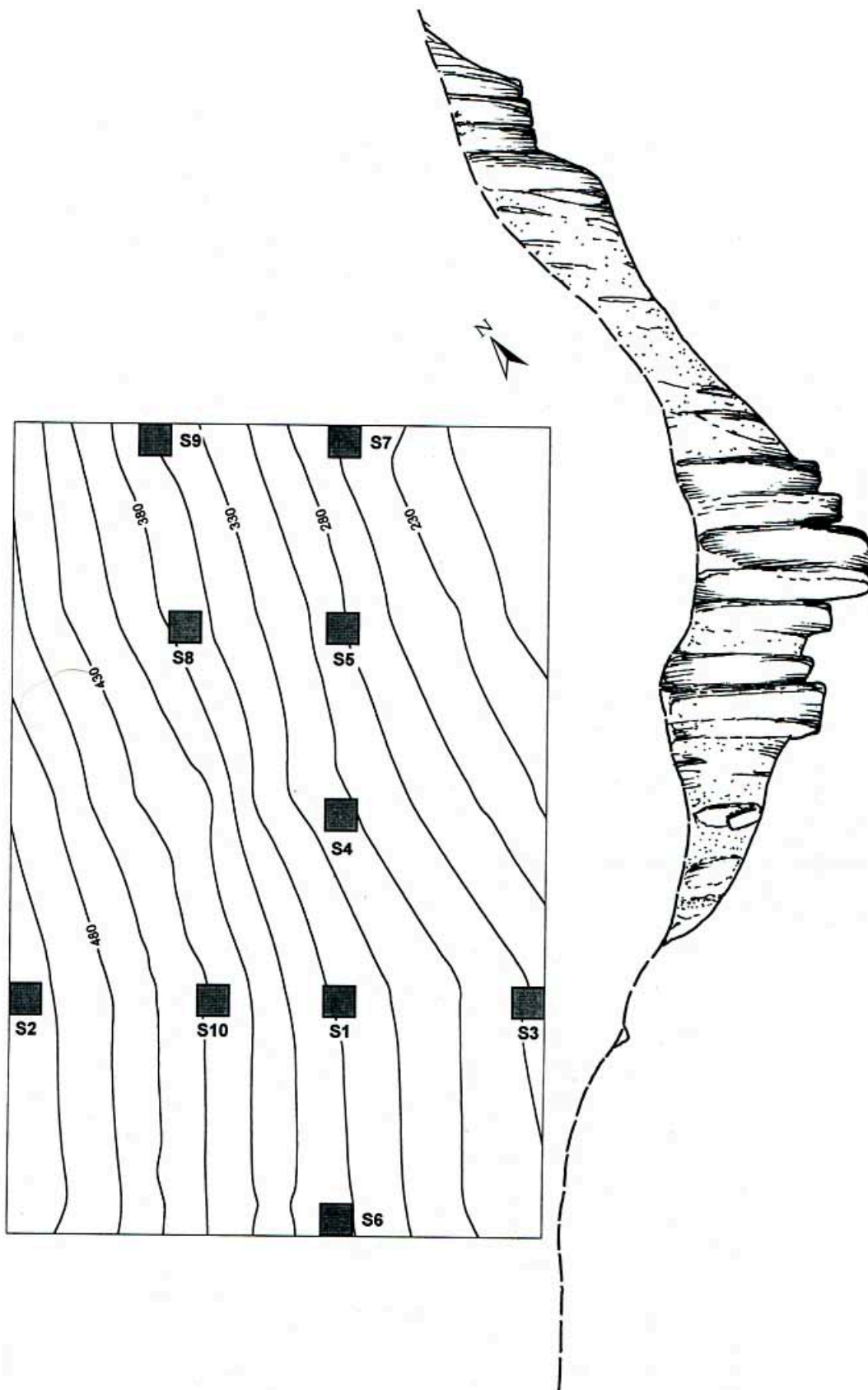
	Quartzito	Quartzo	Cristal de rocha	Sílex	Riolite	TOTAL	%a	%b
Buril de ângulo sobre fractura		1				1	2	4
Denticulado		1				1	2	4
Entalhe		2				2	4	8
Furador atípico		1				1	2	4
Peça de retoque parcial		6				6	12	
Peça esquirolada		13	8		1	22	42	
Ponta microlítica de dorso curvo					2	2	4	8
Raspadeira circular		1				1	2	4
Raspadeira unguiforme		1				1	2	4
Raspadeira sobre lasca		11	1		1	13	25	54
Raspador		1				1	2	4
Trapézio			1			1	2	4
TOTAL		1	35	11	4	52	100	100

%a - % sobre o total

%b - % sobre o total, com exclusão das peças esquiroladas e de retoque parcial



Fig. 1 Quinta da Barca Sul. Em cima: vista de Este para Oeste a partir da margem oposta. Em baixo: corte estratigráfico na sondagem S7.

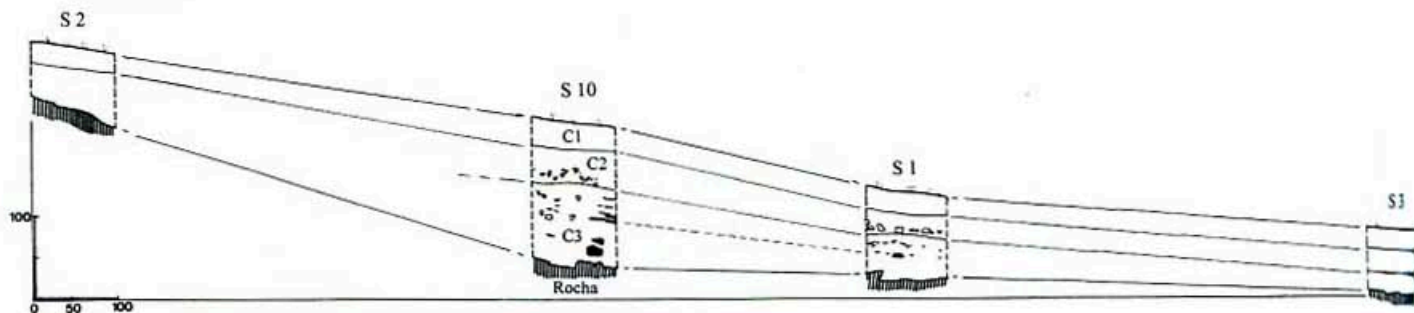


Quinta da Barca Sul

Área intervenionada em 1996

(cotas medidas a partir de um plano situado 500 cm abaixo do zero de escavação)

Fig. 3 Quinta da Barca Sul. Planta de escavação. Os quadrados são de 1 m de lado.



Quinta da Barca Sul

Cortes E-W

- ▼ Cerâmica moderna
- ▲ Cerâmica pré-histórica

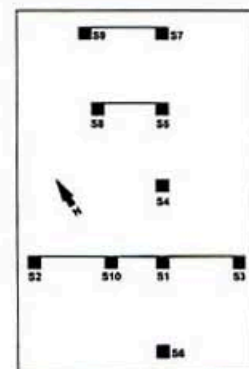
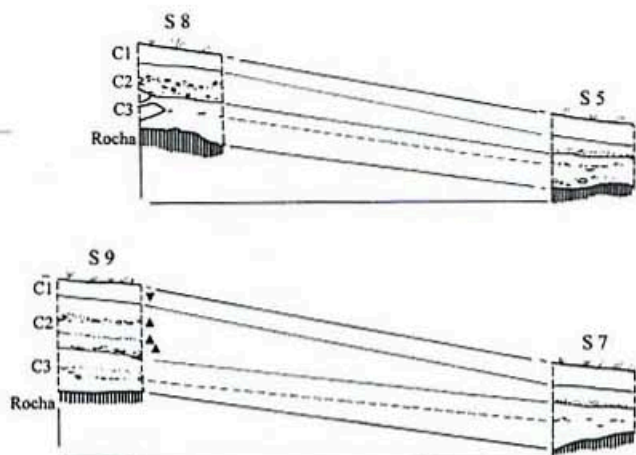


Fig. 4 Quinta da Barca Sul. Estratigrafia da sequência quaternária, que assenta sobre xistos paleozóicos: camada 1 – níveis remexidos pelos trabalhos agrícolas recentes; camada 2 – coluvião arenoso com cerâmica pré-histórica associada a níveis de grandes blocos de quartzo e xisto; camada 3 – coluvião areno-siltoso com um nível estratificado de pequenas lajes de xisto à cota da maior densidade de artefactos. A sequência assenta sobre um terraço rochoso horizontal, e o nível arqueológico magdalenense, embora situado a profundidade que vai decrescendo de Oeste para Este, devido à inclinação actual da superfície do terreno, apresenta também uma inclinação praticamente nula.

Quinta da Barca Sul

Sondagem S1 - Corte W-E

Distribuição vertical dos pesos (g) dos artefactos líticos por unidade de escavação

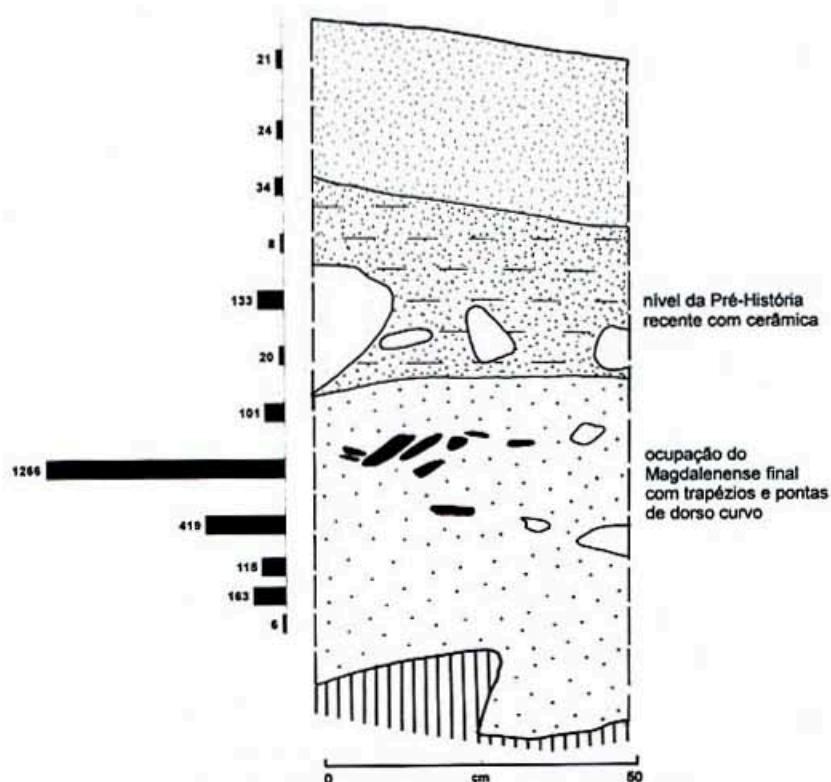
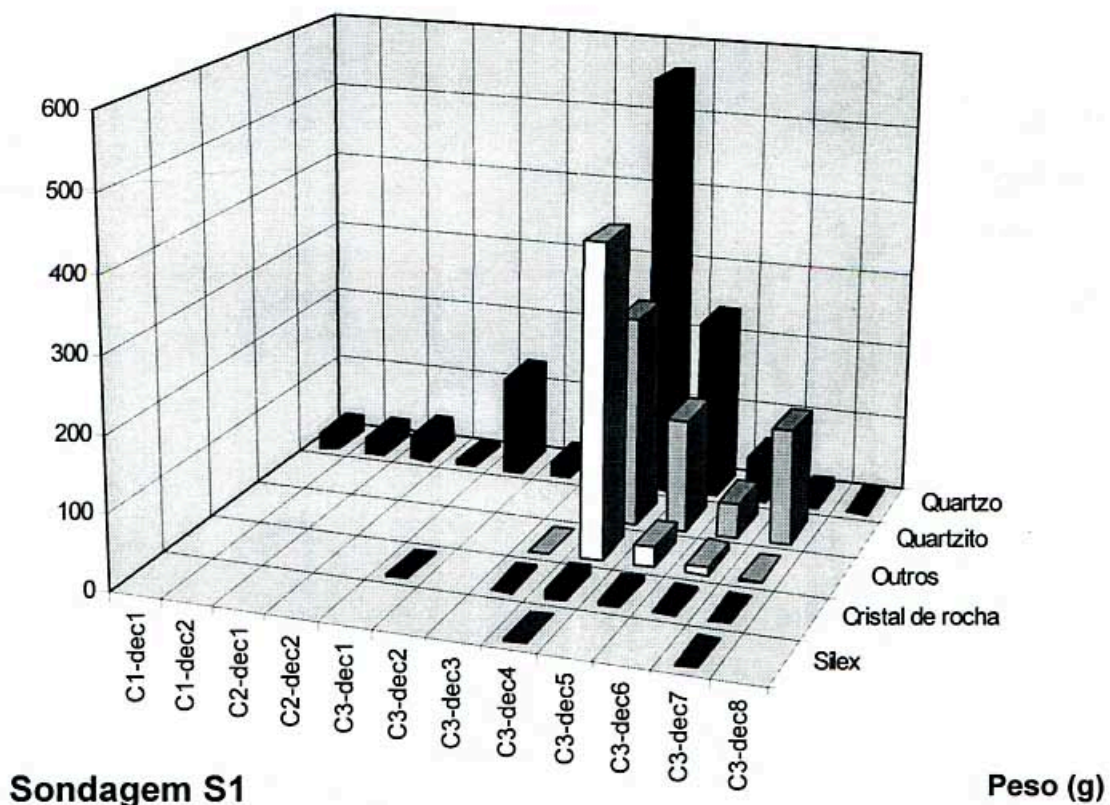
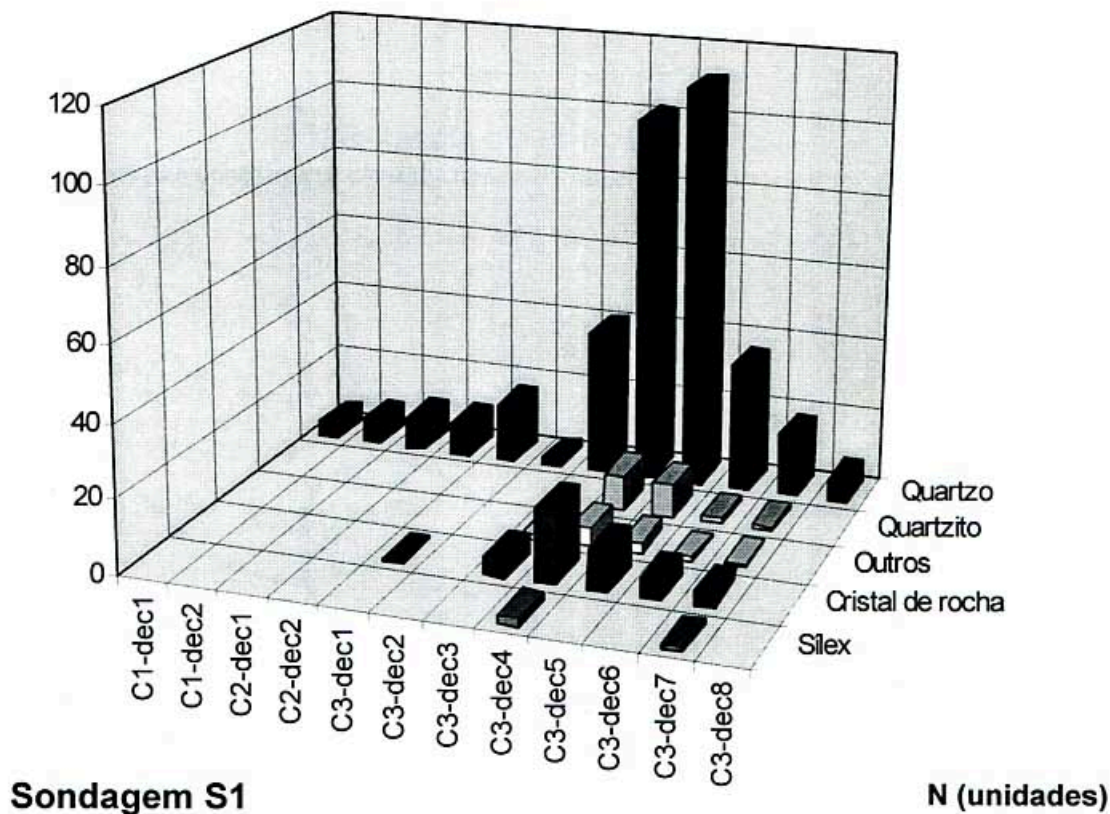


Fig. 5 Quinta da Barca Sul. Perfil estratigráfico da sondagem S1, sendo indicada a posição dos níveis arqueológicos, que é também revelada pelos picos da distribuição vertical dos artefactos líticos (medida em função do peso).



Quinta da Barca Sul

Distribuição vertical dos artefactos por matéria-prima e unidade de escavação

Fig. 6 Quinta da Barca Sul. Distribuição vertical dos artefactos líticos, por matéria-prima e unidade de escavação, na sondagem S1. Nos níveis holocénicos, a indústria é integralmente em quartzo. O peso médio por unidade é extremamente baixo no sílex e no cristal de rocha dos níveis plistocénicos, indicando uma exploração muito exaustiva destas duas matérias-primas.

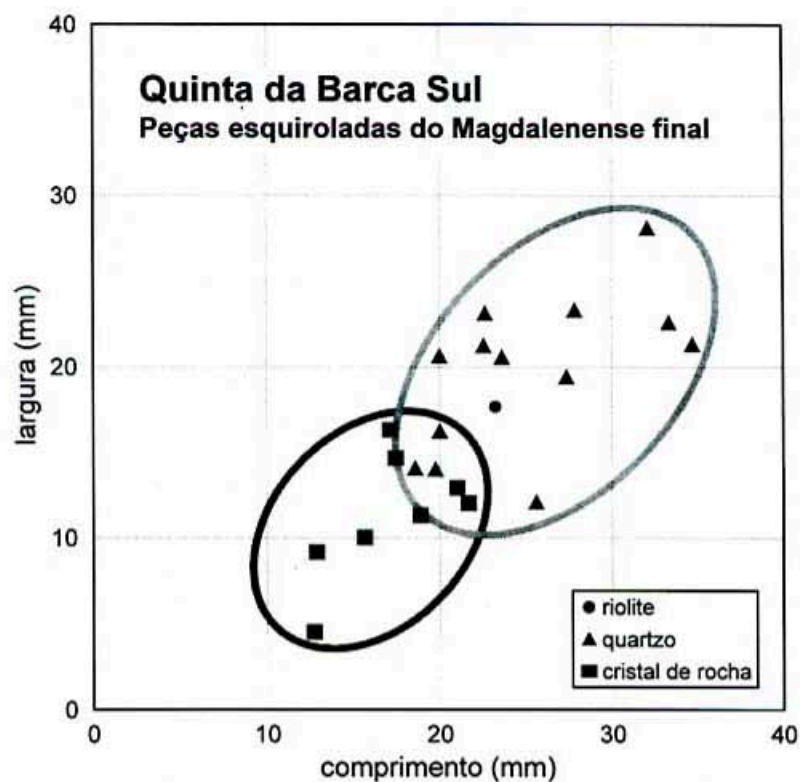


Fig. 7 Quinta da Barca Sul. Diagrama de dispersão das dimensões das peças esquiroladas do Magdalenense final; o material em quartzo é de dimensões significativamente superiores às do material em cristal de rocha.

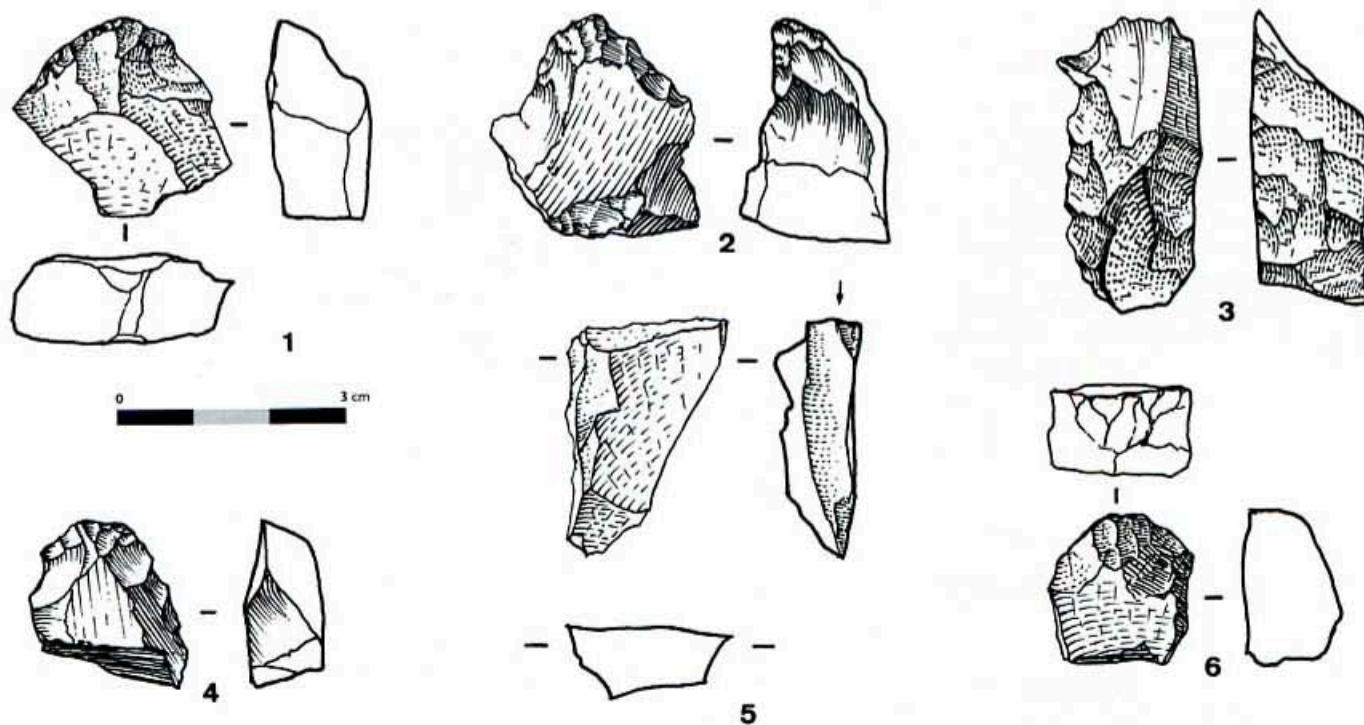


Fig. 8 Quinta da Barca Sul. Indústria lítica da camada 3: 1. Raspadeira sobre lasca em quartzo (S1.c3.dec5); 2. Raspadeira afocinhada em cristal de rocha (S1.c3.dec1); 3. Furador atípico em quartzo (S7.c3.dec6); 4. Raspadeira sobre lasca de riolite (S10.c3.dec8); 5. Buril de ângulo sobre fractura em quartzo (S6.c3.dec5); 6. Raspadeira unguiforme em quartzo (S1.c3.dec4).

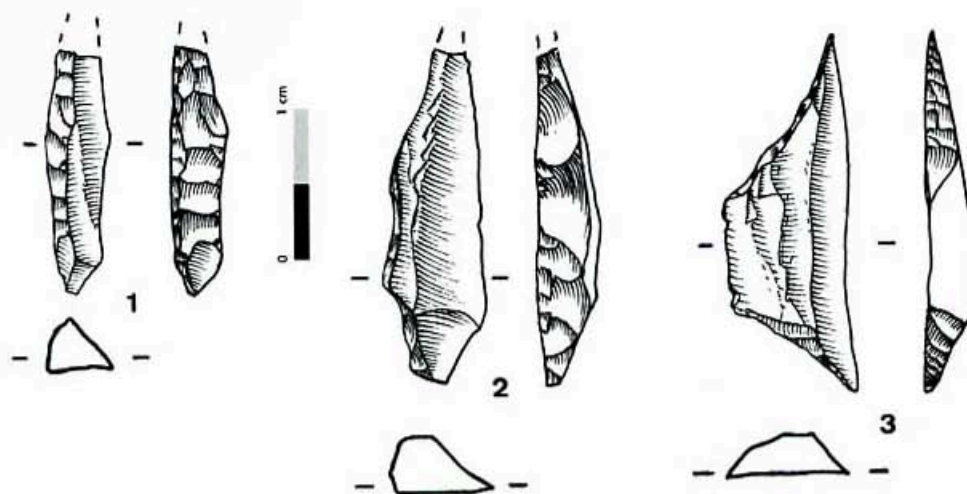


Fig. 9 Quinta da Barca Sul. Indústria lítica da camada 3: 1. Ponta de dorso curvo em riolite (S10.c3.dec7); 2. Ponta de dorso curvo em riolite (S6.c3.dec6); 3. Trapézio em cristal de rocha (S5.c3.dec1).

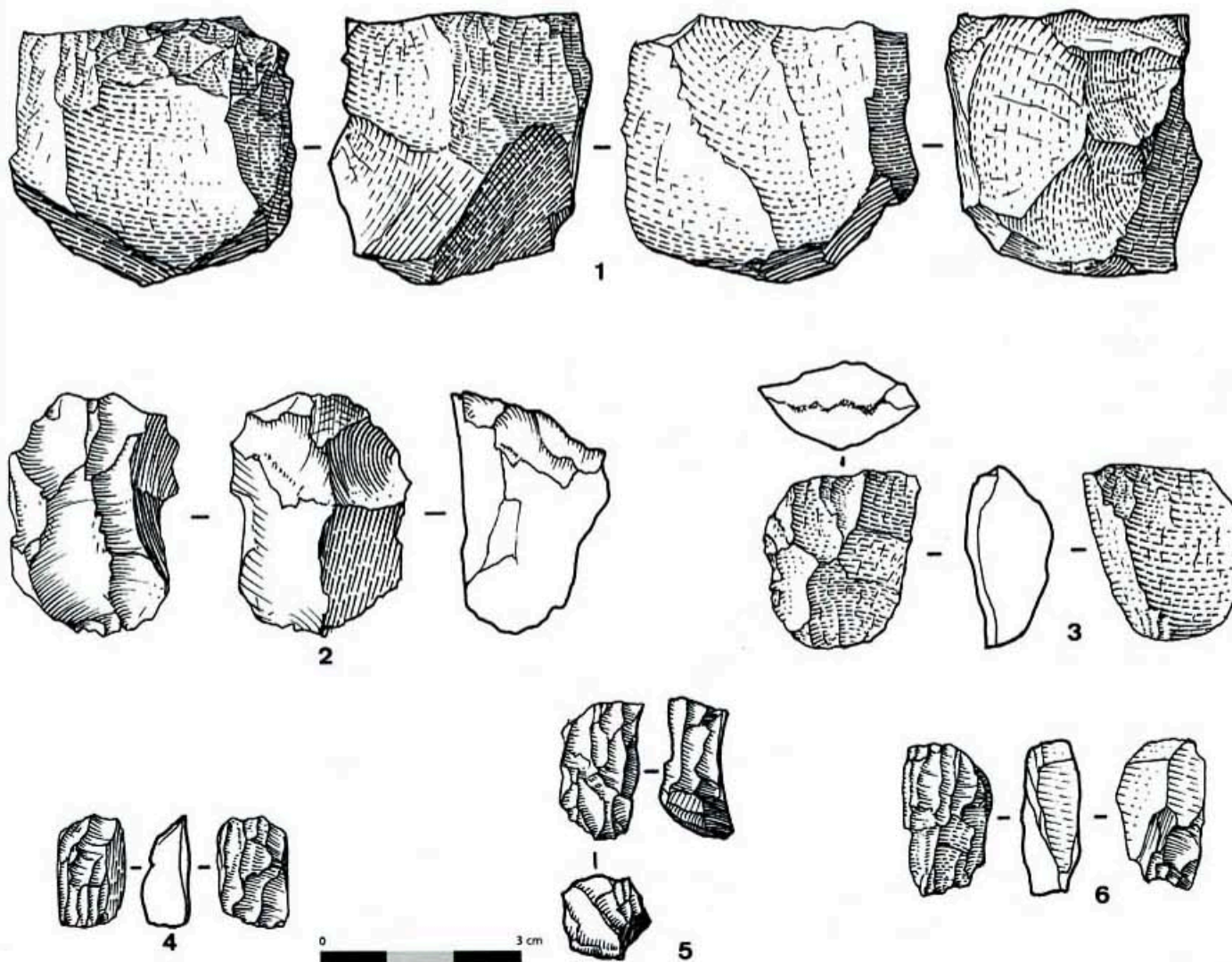


Fig. 10 Quinta da Barca Sul. Indústria lítica da camada 3: 1. Núcleo prismático para lascas em quartzo (S8.c3.dec1); 2. Núcleo prismático para lamelas em riolite (S1.c3.dec4); 3. Peça esquirolada em quartzo (S1.c3.dec5); 4. Peça esquirolada em cristal de rocha (S1.c3.dec5); 5. Núcleo prismático para lamelas em cristal de rocha (S1.c3.dec4); 6. Cristal de rocha debitado como peça esquirolada (S1.c3.dec5).

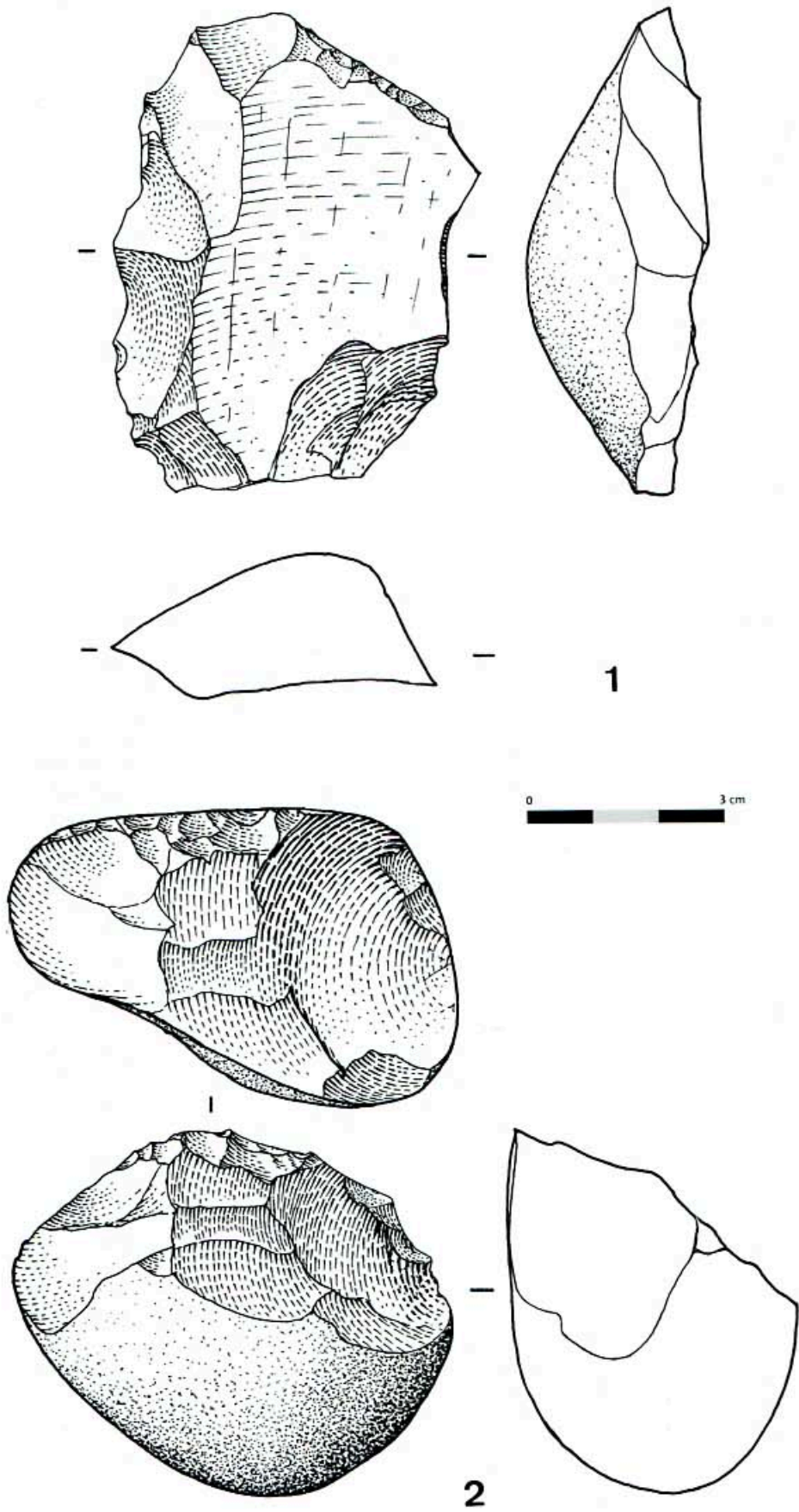


Fig. 11 Quinta da Barca Sul. Indústria em quartzito da camada 3: 1. Raspador sobre face plana (S7.c3.dec3); 2. Seixo talhado (S1.c3.dec7).

Quinta da Barca Sul

Processo de formação da sequência quaternária

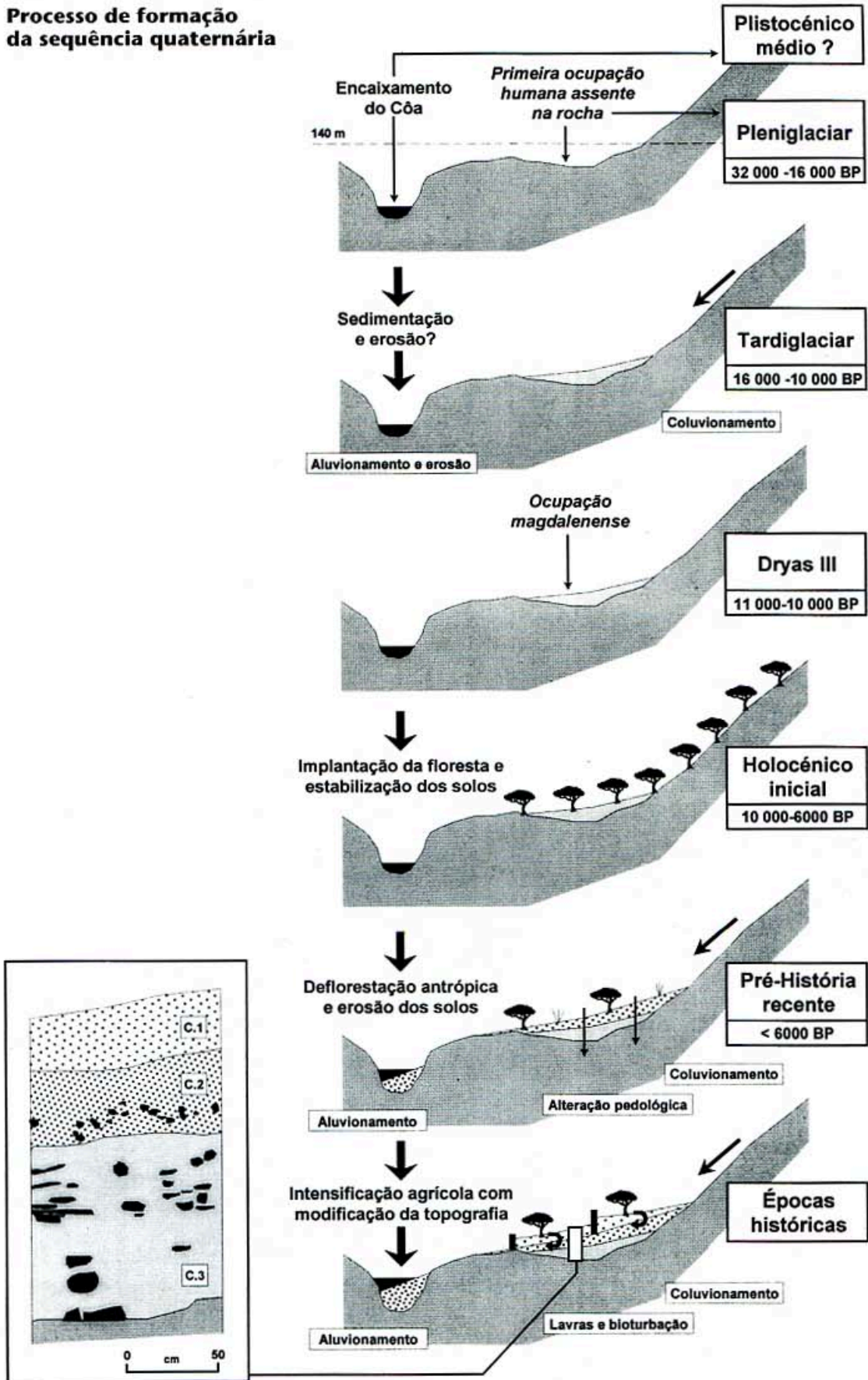
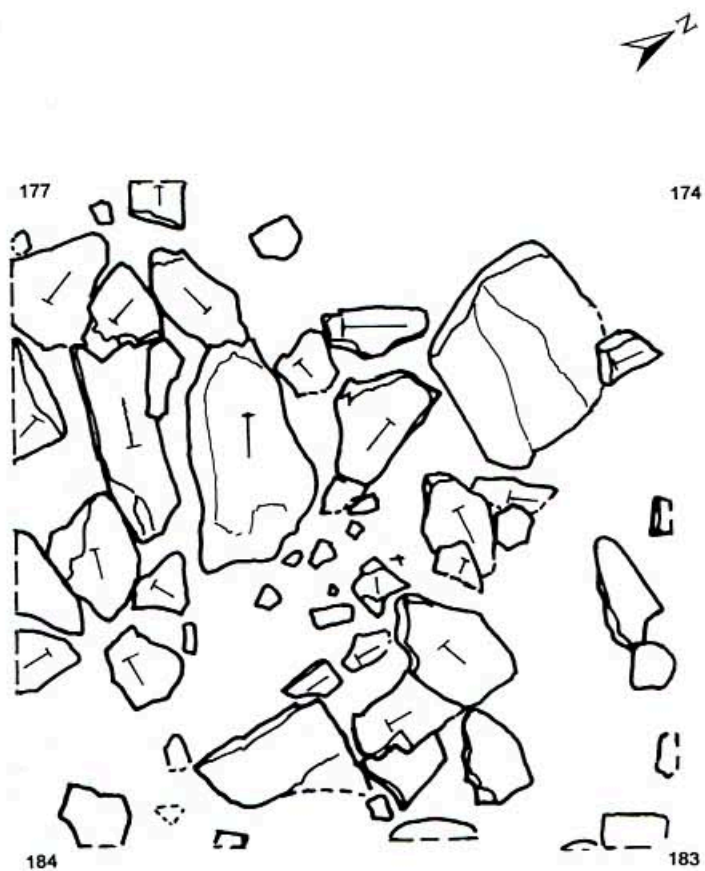


Fig. 12 Quinta da Barca Sul. Dinâmica de sedimentação. Sobre o terraço rochoso deixado por um encaixamento de época posterior ao Plistocénico médio, tem lugar, entre grandes blocos, uma primeira ocupação do Paleolítico superior, de época ainda indeterminada, a qual foi subsequentemente recoberta por um colúvio silto-arenoso. É sobre este último que têm lugar as ocupações do Magdalenense final. A retomada da sedimentação a partir do Holocénico médio está relacionada com a deflorestação e a desestabilização das vertentes e origina a acumulação de um segundo colúvio, que sela os depósitos plistocénicos e contém vestígios (cerâmica, artefactos líticos) em posição secundária da utilização da zona durante a Pré-História recente.



Quinta da Barca Sul

Base de decapagem 5 da camada 3 na sondagem S10

Fig. 13 Quinta da Barca Sul. Planta e fotografia da base da decapagem 5 da camada 3 no quadrado S10. Este nível corresponde à densidade máxima de artefactos do Magdalenense final. A exclusividade do xisto entre o material pétreo que forma a densa acumulação de lajes associada à indústria lítica indica que se estará perante uma acumulação de origem antrópica. Tratar-se-á, assim, de um pavimento, cujo grau de preservação varia com a espessura dos depósitos que recobrem o horizonte de ocupação, o qual apresenta uma disposição praticamente horizontal (ver Fig. 4).

SALTO DO BOI – CARDINA I

Introdução

O sítio foi descoberto durante as primeiras prospecções realizadas no vale, em Agosto de 1995, tendo sido imediatamente objecto de sondagens que se prolongaram pelos meses de Setembro e Outubro do mesmo ano. Na zona denominada Cardina I (Figs. 1 e 13), situada numa plataforma à cota de 166 m (ou seja, cerca de 25 m acima do leito do rio), escavou-se, nessa altura, uma sequência com cerca de 80 cm de espessura, em cuja base tinha sido possível pôr em evidência, por decapagem realizada numa extensão de 2 m², um pavimento de seixos de quartzo, quartzito e granito, sobre o qual assentavam grandes blocos de xisto, nalguns casos com cerca de 50 cm de comprimento (Figs. 2 e 14). Esta estrutura de habitat estava associada a uma densa indústria lítica que foi atribuída ao Gravettense final com base em critérios técnicos e tipológicos.¹

Neste contexto, definiram-se como prioridades para a campanha de 1996 a tentativa de delimitar a extensão do pavimento e a obtenção de elementos mais precisos sobre as sequências sedimentares e arqueológicas. Organizou-se, assim, sob a direcção de Fernando Almeida, do Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro, um programa de prospecção geofísica, de que foi já levada a cabo uma primeira fase. O estudo revelou a existência em profundidade de zonas de alta resistividade, que podiam traduzir a existência de acumulações de elementos grosseiros, maus condutores da corrente eléctrica. Em função desses resultados, e de modo a testar a hipótese de que as zonas em causa corresponderiam a manchas de pavimento antrópico semelhantes à identificada em 1995, abriram-se quatro sondagens (Fig. 3): O/11-12, em zona de alta resistividade, e Q/16-17, em zona de baixa resistividade. Os resultados obtidos e adiante apresentados, porém, indicam que o padrão de resistividade detectado deverá estar relacionado com a topografia do substracto rochoso e não com a distribuição dos vestígios arqueológicos embalados na sequência quaternária que o cobre.

Metodologia de escavação

A escavação destes 4 m² foi efectuada entre 28 de Outubro e 9 de Novembro de 1996, com a participação, além da equipa do PAVC, dos seguintes colaboradores voluntários, estudantes de Arqueologia das Universidades¹ de Lisboa e Coimbra: Ana Sofia Braga, Carla Ferrat e Miguel Almeida.

A primeira camada foi escavada em bloco e crivada a seco com uma malha de 5 mm. A sequência subjacente foi integralmente decapada por níveis artificiais de 5 cm com crivagem a água sobre malha de 2 mm. A partir da terceira decapagem da camada 4 as quadrículas foram subdivididas em unidades de 1/4 m² (quadrantes A a D), e foram levantadas plantas à escala 1:10 da base das superfícies de decapagem, sobre as quais se implantaram todos os seixos, brutos ou talhados, bem como todos os blocos de dimensão superior a 10 cm.

¹ Zilhão, J.; Aubry, Th; Faustino de Carvalho, A. M.; Zambujo, G.; Almeida, F. (1995) — *O sítio arqueológico paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa)*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 35 (4), p. 471-497.

Sequência estratigráfica

As diferentes unidades sedimentares observadas em 1995 puderam ser reconhecidas, embora com ligeiras variações, nas duas áreas abertas em 1996 (Fig. 4):

CAMADA 1

com uma espessura variando entre cerca de 15 e cerca de 25 cm, é um depósito arenoso pouco compacto, de cor acastanhada-clara, em grande parte remexido por lavras mecânicas;

CAMADA 2

com uma espessura de cerca de 15 cm, é um depósito em que aumenta o peso dos elementos finos, e que apresenta uma coloração castanho-avermelhada;

CAMADA 3

menos compacta do que a camada 2, de coloração idêntica mas ligeiramente mais carregada, heterométrica, contém elementos grosseiros, não estratificados, em toda a sua espessura, que está compreendida entre 15 e 20 cm;

CAMADA 4

de espessura compreendida entre 30 e 40 cm, é um depósito compacto, de coloração acastanhada, em cuja parte superior os elementos grosseiros são raros; a metade inferior contém, em especial junto à base, vestígios arqueológicos abundantes, observáveis em corte, bem como, sobretudo em Q/15-16, pequenos fragmentos de osso, provavelmente queimados, e carvões de madeira (Fig. 5); estes últimos, em número reduzido, que não permite uma interpretação paleoecológica, foram já classificados por Isabel Figueiral, do Instituto de Botânica da Universidade de Montpellier, que identificou os táxons *Quercus* cf. *ilex* (azinheira, sobreiro ou carrasco), *Juniperus* sp. (zimbros) e *Fraxinus* sp. (freixo);

CAMADA 5

de cor castanho-avermelhada e componente argilosa importante, está em descontinuidade marcada com a camada 4 subjacente, o contacto entre as duas formando uma superfície nítida e bem definida; não chegou a ser sondada na área aberta em 1996 mas nos quadrados K-L/15-16 de 1995 revelou-se estéril em toda a espessura dos seus primeiros 40 cm (com excepção de algum material presente, devido a imprecisões da decapagem, nos níveis artificiais que incluíam o respectivo topo).

Ao contrário do que havia sido possível constatar na área aberta em 1995, em nenhum dos quadrados escavados em 1996 foi reconhecida a existência de densas acumulações de pedras e seixos na base da camada 4, nem a presença de grandes blocos de xisto como os que se podem observar nas Figs. 2 e 14 (quadrados L/15-16). A densidade do material arqueológico, no entanto, revelou-se praticamente idêntica, atingindo os 1800 g/cm na base da camada 4 de Q16 (Quadro 1 e Figs. 6-7). Foi também neste quadrado que se registaram as

densidades mais elevadas de elementos grosseiros, o material em questão dizendo maioritariamente respeito a fragmentos de riolite. Esta última é uma rocha local, constituindo o filão cortado pelo Côa na garganta natural que dá o nome ao sítio. A sua presença nos depósitos arqueológicos, situados a cota superior, não pode, porém, ser explicada de maneira natural.

Dado que Q16 se encontrava numa área de resistividade alta, estas observações indicam, como acima se referiu já, que os métodos geofísicos utilizados terão medido a disposição topográfica de estruturas geológicas naturais (provavelmente o relevo enterrado dos xistos de base) e não a variação horizontal das estruturas de habitat conservadas nos sedimentos. Destas observações pode igualmente depreender-se, por outro lado, a confirmação do carácter intencional da acumulação de seixos e grandes blocos detectada em K-L/15-16, a qual deverá, por conseguinte, corresponder à parte exposta de um arranjo do espaço habitado cuja estrutura e extensão terão de ser determinadas pelo alargamento da área escavada. No mesmo sentido apontam três outros factos:

- a disposição horizontal do «pavimento»;
- a ausência de orientação preferencial dos seus componentes alongados;
- a presença de rochas alóctones (riolite, quartzito e granito), só explicável mediante uma intervenção antrópica.

Sequência arqueológica

Na Fig. 5, projectaram-se sobre os limites das várias unidades de escavação (para a definição dos quais, conforme se pode constatar pela confrontação com os cortes Norte dos quatro quadrados, se tiveram em conta, durante a escavação, os limites naturais das diferentes unidades estratigráficas) as posições de algumas categorias importantes de vestígios: cerâmica; lamelas de sílex debitadas por pressão (que, além disso, também se desenharam); e restos de fauna. Nas Figs. 6-7, por seu lado, representou-se a distribuição vertical, por matéria-prima e unidade de escavação (decapagem), dos materiais líticos provenientes do quadrado Q16.

A cerâmica moderna, feita a torno, apenas ocorre na camada 1. A cerâmica manual, pré-histórica, aparece sobretudo na base da camada 2 e no topo da camada 3, embora com penetrações ocasionais no topo da camada 4, como sucedia em Q16, provavelmente como resultado da ocorrência de processos de remeximento localizado dos depósitos. Esta distribuição estratigráfica coincide com a apurada para o material lítico debitado por pressão, sendo ainda de registar que a camada 3 forneceu também um segmento em quartzo hialino.

As duas lamelas, o segmento e a cerâmica manual definem, assim, um contexto da Pré-História recente, cuja cronologia não é possível determinar com mais precisão, tanto mais quanto as cerâmicas da campanha de 1996 são todas lisas. Há que ter em conta, no entanto, que a campanha de 1995 tinha fornecido um caco decorado com impressões a pente, formando um tema em espinha, que datará provavelmente da Idade do Bronze. Isso não significa, porém, que os vestígios da Pré-História recente conservados no sítio datem todos eles desta última época. É muito possível com efeito, que o horizonte estratigráfico em questão corresponda a um palimpsesto de ocupações diversas de momento não discrimináveis. O segmento, por exemplo, é de módulo seme-

lhante ao dos provenientes da camada IV do abrigo do Buraco da Pala (Mirandela), que o radiocarbono datou do Neolítico antigo evoluído² e onde as impressões e incisões que decoram a cerâmica apenas abrangem o terço superior dos recipientes, imediatamente sob o bordo. Dado que todos os cacos recolhidos em 1996 no Salto do Boi são fragmentos de bojo, que não se pode excluir terem pertencido a vasos decorados, é forçoso, assim, não excluir *a priori* a hipótese de a jazida também ter uma componente neolítica.

A análise da Fig. 7 mostra que a posição estratigráfica do contexto da Pré-História recente que acima se discutiu coincide aproximadamente com a primeira das três modas observadas na distribuição em profundidade da indústria lítica de Q16: a que corresponde aos 258 g de peças recolhidas na decapagem 1 da camada 3. A mesma figura indica a presença de duas outras modas, ambas situadas na camada 4, uma correspondente aos 2312 gramas de peças recolhidas na sua terceira decapagem, e outra correspondente aos 9000 gramas de material proveniente da oitava. A análise da distribuição vertical das armaduras microlíticas e dos buris recolhidos na camada 4 (Figs. 8-9) confirma que os dois picos em questão correspondem a momentos de ocupação culturalmente diferenciados, conclusão que sairá certamente reforçada do estudo da totalidade do material, estudo que a abundância dos restos ainda não permitiu concluir.

No topo da camada 4 recolheram-se fragmentos de duas peças de dorso espesso, partidas por acidente de fabrico, ambas provenientes de O12 (terceira decapagem). Em Q16, o mesmo horizonte deu uma ponta espessa de base truncada e dorso curvo, obtido por retoque cruzado (ponta de Malaurie), e a decapagem subjacente deu um segmento inteiro, em cristal de rocha. A partir da quinta decapagem, as armaduras de ambas as áreas são sobretudo lamelas de dorso, quase todas em sílex ou riolite, as quais, quando conservam uma das extremidades, são sempre truncadas. Os buris associados a este material são peças de bisel fino, de tipo Noailles.

Estas características indicam que a parte superior da camada 4 conterà uma ocupação do Magdalenense final, assimilável, pela natureza das armaduras, à fácies Carneira do litoral estremenho (com pontas de Malaurie, trapézios e segmentos), que está datada, tanto pelo ¹⁴C como pela TL, de cerca de 10 000 BP.³ É a esta fácies, aliás, que também deverá pertencer a ocupação paleolítica da jazida de Quinta da Barca Sul. A existência no Salto do Boi de uma componente arqueológica desta época tinha sido anteriormente sugerida com base nas características do espólio recuperado em 1995 na zona denominada Cardina II.⁴ A sequência estratigráfica agora reconhecida sugere que, das duas hipóteses que então se apresentaram a propósito das condições de jazida dos vestígios arqueológicos dessa zona, a mais verosímil será a segunda: a ausência de estratificação, o muito pequeno tamanho dos artefactos, e a ocorrência de alguma cerâmica junto à base de um depósito pouco espesso, deverão ser consequência de este último corresponder a uma acumulação por coluvionamento, ocorrida já em época histórica, de pacotes sedimentares (e sua componente artefactual, eneolítica e magdalenense) originalmente depositados no topo da sequência de Cardina I.

A associação entre lamelas de dorso truncadas e buris de Noailles, por seu lado, é característica do Gravettense final, momento que, no litoral português, está bem documentado por indústrias técnica e tipologicamente idênticas provenientes de jazidas diversas (Terra do Manuel, Cabeço de Porto Marinho,

² SANCHES, M. J. (1996) — *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*, Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.

³ ZILHÃO, J. (1995) — *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, 2 vols. Lisboa: Faculdade de Letras (Dissertação de doutoramento).

Buraca Escura), para as quais o radiocarbono forneceu uma cronologia compreendida entre $\approx 23\ 000$ e $\approx 22\ 000$ BP.⁵ No Salto do Boi, as ocupações pertencentes a este momento diferenciam-se das sobrejacentes também no que respeita à economia das matérias-primas. Conforme se pode constatar pela consulta da Fig. 6, a partir da quarta decapagem da camada 4 o quartzito está representado por material de peso médio mais elevado, de tal modo que, embora a par do quartzo quando contado em unidades, ultrapassa-o largamente quando contado em peso. O peso médio das peças é o inverso do coeficiente de fraccionamento. O facto de este, no que respeita ao quartzito, aumentar de forma tão marcada na passagem dos níveis magdalenenses para os gravettenses (ou seja, de reflectir uma diminuição acentuada do grau de fraccionamento dessa matéria-prima), sugere que se trata de um indicador de valor estratigráfico e com grande utilidade no processo de aglutinação por horizontes culturais das unidades de decapagem em que os depósitos foram subdivididos durante a escavação.

Usando este critério juntamente com o da posição das modas encontradas na distribuição vertical, por unidade de escavação, do peso do material lítico, verifica-se que, em Q/15-16, é à superfície de contacto entre a terceira e a quarta decapagens da camada 4 que deve ser atribuído o papel de separador entre os dois horizontes de ocupação. Logo abaixo da segunda moda, na passagem das decapagens 1-3 para as decapagens 4-6 e 7-9, o coeficiente de fraccionamento do quartzito diminui, com efeito, para metade. Os valores muito elevados que ele apresenta nas camadas 1 e 2, por seu lado, devem estar relacionados, pelo menos em parte, com o facto de elas conterem uma componente artefactual paleolítica resultante do remeximento dos depósitos subjacentes por acção das lavras e outros trabalhos agrícolas, os quais devem ter trazido para a superfície sobretudo as esquirolas e outro material de dimensão mínima.

Nos quadrados K-L/15-16, abertos em 1995, o topo da camada 4 não continha material quantitativa ou qualitativamente suficiente para permitir uma caracterização cultural. No entanto, o facto de, em K15, no contacto entre as camadas 3 e 4, ter sido encontrada uma raspadeira unguiforme de sílex, permite suscitar a hipótese de esse horizonte corresponder, aí, à periferia da ocupação magdalenense identificada na área aberta em 1996. Os níveis subjacentes (meio e base da camada 4), por seu lado, continham uma sequência em dois momentos: Proto-Solutrense e Gravettense final. O primeiro definia-se pela abundância das «raspadeiras» carenadas ou afocinhadas fabricadas sobre lasca ou bloco de quartzo de bom tamanho (na realidade, do ponto de vista funcional, núcleos para lamelas). Nos níveis equivalentes da área aberta em 1996, porém, não foi recolhido nenhum exemplar típico desta categoria especial de núcleos (Quadro 2).

Por outro lado, a comparação da Fig. 10 com as Figs. 8-9, e os resultados da análise morfométrica das armaduras (Fig. 11), permitem colocar a hipótese de os níveis de base das duas áreas já abertas corresponderem a dois momentos distintos do Gravettense final. O material das decapagens 7 a 9 de Q/15-16 parece ser, com efeito, mais estreito e, sobretudo, mais delgado, do que o do pavimento de K-L/15-16, para o qual os únicos bons termos de comparação ocorrem na quinta decapagem da camada 4 de O/11-12 e na quarta decapagem de Q/15-16. Esta diferença é idêntica à que se verifica entre o material de dorso proveniente das jazidas litorais de Terra do Manuel e Cabeço de Porto Marinho, por um lado, e Buraca Escura, por outro. As duas últimas foram objecto de esca-

vações modernas e, segundo os dados de cronologia absoluta já obtidos, poderão corresponder a ocupações separadas por um período de tempo compreendido entre alguns séculos e cerca de um milénio.

A diferenciação tipométrica dos conjuntos de armaduras provenientes dos níveis de base das duas áreas escavadas em Cardina I, poderá, assim, estar relacionada com o facto de se tratar de ocupações de cronologia distinta, sendo algo mais antiga a da área aberta em 1996. Este contraste industrial reforça o contraste a que anteriormente se aludiu a propósito da estruturação do habitat, e contribui para a caracterização dos horizontes sedimentares da base da camada 4 como contendo ocupações distintas, não só no espaço mas também no tempo. O que, dadas as dimensões das áreas em questão, aponta para que cada uma dessas ocupações tenha sido protagonizada por grupos humanos de pequeno tamanho, a provável distribuição extensiva de vestígios arqueológicos, no contacto entre as camadas 4 e 5, por toda a superfície da plataforma, sendo de atribuir, portanto, ao uso recorrente do local ao longo de um período de tempo de duração considerável, certamente da ordem dos muitos séculos.

Segundo esta hipótese, o pacote sedimentar designado como camada 4 conteria assim, nas duas áreas, as seguintes sequências:

	K-L/15-16	O/11-12 e Q/15-16	
Topo	Magdalenense? [periferia?]	Magdalenense final ≈10 000 BP	O/11-12, decapagens 1-3 Q/15-16, decapagens 1-3
Meio	Proto-Solutrense ≈21 500 BP	Gravettense final? (de tipo CPM e Terra do Manuel) [periferia?] <22 300 BP	O/11-12, decapagens 4-5 Q/15-16, decapagens 4-6
Base	Gravettense final (de tipo CPM e Terra do Manuel) <22 300 BP	Gravettense final (de tipo Buraca Escura) ≈22 700 BP	O/11-12, decapagens 6-7 Q/15-16, decapagens 7-9

Não pode excluir-se, porém, que as diferenças morfométricas acima discutidas derivem de factores mais relacionados com a economia da matéria-prima do que com a tecnologia de base. A reduzida dimensão das amostras, por outro lado, aconselha também alguma prudência na interpretação dos padrões detectados, sobretudo se tivermos em conta que:

- a Terra do Manuel e o Cabeço de Porto Marinho correspondem a contextos residenciais situados a curta distância de jazigos de sílex de excelente qualidade;
- a Buraca Escura corresponde a um contexto logístico;
- o Salto do Boi corresponde a um contexto de carência de sílex, rocha cujas fontes mais próximas se situam a distâncias superiores a 100 km.

Assinale-se ainda, finalmente, que os níveis médios da camada 4 forneceram, em Q/15-16, testemunhos da utilização para outros fins de rochas não utilizáveis para a fabricação de ferramentas de pedra (Fig. 12): na quarta decapagem, foi recolhido um fragmento alongado de xisto dos Poios que apresenta traços de afeiçoamento; na sexta, foi recolhido um bloco de colorante vermelho

(hematite?) com traços de raspagem. A presença de pequenos fragmentos de ocre vermelho e amarelo foi igualmente observada nos níveis de base de O12 (sexta decapagem) e de Q16 (oitava decapagem). Tudo indica, portanto, que os grupos gravettenses que acamparam no Salto do Boi terão sido os autores de muitas das representações artísticas estilisticamente datáveis de época anterior ao Magdalenense que se conhecem mais a jusante, nos conjuntos de arte rupestre de Penascosa e de Quinta da Barca.

Dinâmica de sedimentação

A camada 1 apresenta uma componente arenosa importante e é de formação muito recente. É possível que a sua gênese esteja relacionada com a exploração tradicional, para construção, das areias do Côa, as quais, até há pouco tempo, costumavam ser acumuladas, depois de extraídas das margens do rio, no ponto mais alto da plataforma. A camada 2 contém alguns vestígios paleolíticos em posição secundária. A sua gênese está certamente relacionada com a mobilização (por coluvionamento natural ou dispersão antrópica) dos depósitos subjacentes causada pela plantação de oliveiras e pela lavragem dos terrenos.

A camada 3 parece ter-se formado durante a Pré-História recente, e contém restos de cerâmica manual em toda a sua espessura. No estado actual dos conhecimentos, não é possível saber se se trata de um colúvio sincrónico com a utilização do sítio entre o Neolítico e a Idade do Bronze, ou da acumulação, ocorrida subsequentemente, de depósitos erodidos provenientes de cotas mais elevadas. Também está por esclarecer se os vestígios em questão se reportam a contextos de habitat ou apenas ao uso do local para fins agrícolas ou pastoris. Em qualquer dos casos, parece claro que, tal como se observou noutros pontos do vale — nomeadamente em Quinta da Barca e Quinta da Barca Sul — o recomeço de processos de coluvionamento no Holocénico deve estar ligado, também aqui, com a destruição antrópica do coberto vegetal, e a consequente desestabilização dos solos das vertentes declivosas, concomitantes do surgimento na região de sistemas económicos baseados nos recursos domésticos.

A camada 4 é de idade plistocénica. A presença de raros vestígios da Pré-História recente nos seus níveis superficiais deve-se, certamente, à ocorrência de remeximentos localizados. A arqueostratigrafia das áreas abertas em 1995 e 1996 é, no essencial, idêntica: em ambos os casos, trata-se de contextos atribuíveis ao último máximo glaciário, na base, e ao fim do Tardiglacial, no topo, sem que, aparentemente, haja qualquer descontinuidade na sedimentação. Trata-se, assim, de uma sequência em tudo paralela à das grandes jazidas de ar livre da região de Rio Maior situadas em contexto geomorfológico semelhante (areias coluvionadas).⁶

O não reconhecimento, até ao momento, de horizontes de sedimentação contendo ocupações datadas dos restantes momentos da sequência crono-estratigráfica do Paleolítico Superior português, porém, não deve ser considerado como um dado definitivo. Conforme acima se argumentou, é muito provável que existam variações horizontais no conteúdo dos depósitos, e que, nomeadamente, a base da camada 4 corresponda, na área aberta em 1995, a uma sequência de ocupação do sítio ligeiramente desfasada, no tempo, da que se encontra representada na área aberta em 1996. O alargamento da área escavada poderá vir a permitir, assim, a revelação de contextos pertencentes a épocas

ZILHÃO, op. cit.

AUBRY, Th.; MOURA, M. H. (1994) — *Paleolítico da Serra de Sicó*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 34 (3-4), p. 43-40.

AUBRY, Th.; MOURA, M. H. (1995) — *Nouvelles données sur les occupations paléolithiques de la région de Realinha (Serra de Sicó, Portugal)*, in «3^a Reunião do Quaternário Ibérico. Actas», Coimbra, Universidade de Coimbra, p. 439-449.

ZILHÃO, op. cit.

ZILHÃO, J.; MARKS, A. E.; FERRING, C. R.; RCHO, N. F.; FIGUEIRAL, I. (1995) — *The Upper Paleolithic of the Rio Maior basin (Portugal). Preliminary results of a 1987-1993 Portuguese-American research project*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 35 (4), p. 69-88.

(como o Solutrense e o Magdalenense inicial) representadas na arte rupestre do vale mas de que até, ao momento, ainda não foram encontrados os habitats.

Se isso não vier a acontecer, daí não se poderá automaticamente inferir, porém, que o local não foi frequentado durante as épocas em questão. No litoral, os sítios solutrenses de ar livre conhecidos correspondem na sua quase totalidade a contextos em posição secundária (como no Casal do Cepo, em Torres Novas) ou que foram sujeitos a processos de erosão e residualização (como no Olival da Carneira, em Rio Maior). Não é de excluir, assim, que à aparente ausência de descontinuidades de sedimentação no interior da camada 4 venha na realidade a corresponder (logo que seja possível aplicar à jazida métodos de análise mais elaborados do que a simples observação de estrutura, textura e cor, como, por exemplo, a micromorfologia de solos) a existência de cicatrizes erosivas mascaradas pelos processos de alteração pedológica ocorridos no Tardiglacial e no Holocénico.

A camada 5 é de espessura ainda desconhecida. A sua génese deve estar relacionada com processos de coluvionamento de componente fina dominante, em resultado dos quais terá sido colmatada a depressão correspondente ao leito escavado pelo Côa nos xistos de base, antes de o encaixamento do vale ter obrigado o rio a cortar o filão de pórfiro riolítico existente no local e, em consequência, a desviar o seu curso para Este, aproveitando a fractura existente no contacto entre as duas formações. Este antigo leito poderá estar relacionado com as superfícies de aplanamento contendo grandes seixos de quartzo, correspondentes a terraços desmantelados, que existem a cota semelhante (entre os 160 e os 170 m), e também na margem esquerda do rio, na Quinta da Barca, em frente à jazida de arte rupestre de Penascosa, e na Quinta da Ervamoira.

Conclusão

Os trabalhos realizados no Salto do Boi, permitiram concluir que:

- existem na camada 4 dois horizontes de sedimentação, o mais antigo datado do último máximo glaciário, o mais recente datado do fim do Tardiglacial, os quais contêm níveis de ocupação muito ricos em restos líticos e que correspondem com toda a probabilidade a diversos momentos de utilização do local em pelo menos duas fases do Paleolítico Superior (Gravettense final e Magdalenense superior/final);
- tiveram lugar, no contexto dessas ocupações, actividades diversas, umas ligadas à manutenção do equipamento de caça (dada a presença nos níveis em causa de fragmentos de armaduras microlíticas descartadas, as quais foram substituídas por material equivalente, cuja produção local está documentada pelos restos de talhe abandonados), outras de natureza doméstica (documentadas pelos raspadores, raspadeiras e lascas reto-cadas), outras ainda relacionadas com comportamentos artísticos (sugeridos pela presença de colorantes);
- correspondem seguramente a uma contribuição antrópica os seixos e grandes blocos de xisto associados às elevadas densidades de artefactos líticos da base da camada 4, a sua repartição diferencial pelas diferentes áreas escavadas sugerindo que se trata de materiais relacionados com uma estruturação do habitat humano cujo significado só poderá vir a ser esclarecido através da escavação da jazida em extensão.

Cardina I - Quadrado Q16

Distribuição vertical dos artefactos líticos por matéria-prima e unidade de escavação (espessura em cm, peso em gramas)

Nível de escavação	Cristal de rocha			Sílex		Outros		Quartzo		Quartzito		TOTAL	
	Espessura	Peso	N	Peso	N	Peso	N	Peso	N	Peso	N	Peso	N
camada 1	8	1	3					1	1			2	4
camada 2, decapagem 1	5			20	1			15	1	2	9	37	11
camada 2, decapagem 2	5	1	1	1	2	88	1	26	7	14	48	130	59
camada 2, decapagem 3	5	1	3	1	2	1	1	75	10	23	81	101	97
camada 3, decapagem 1	5	1	3	2	1	78	3	118	33	59	78	258	118
camada 3, decapagem 2	5			1	3	2	1	76	14	14	49	93	67
camada 3, decapagem 3	5	1	2	1	4	8	1	153	9	52	76	215	92
camada 4, decapagem 1	5	11	10	5	12	35	8	311	66	229	148	591	244
camada 4, decapagem 2	5	3	15	8	19	1	2	266	85	1233	103	1511	224
camada 4, decapagem 3	5	12	15	5	13	667	9	929	131	699	161	2312	329
camada 4, decapagem 4	5	9	15	30	22	429	7	256	84	480	96	1204	224
camada 4, decapagem 5	5	1	5	4	11	1	2	281	50	1200	80	1487	148
camada 4, decapagem 6	5	45	24	12	26	208	11	732	145	1193	136	2190	342
camada 4, decapagem 7	5	48	31	16	39	876	20	1553	349	2569	382	5062	821
camada 4, decapagem 8	5	60	32	5	26	2032	21	1940	349	4963	353	9000	781
camada 4, decapagem 9	5	14	24	6	22	220	6	622	82	1112	139	1974	273
TOTAL		208	183	117	203	4646	93	7354	1416	13842	1939	26167	3834

Cardina I - Quadrado Q16
Inventário dos utensílios retocados

Estratigrafia e tipologia	Quartzito	Quartzo	Cristal	Sílex	Riolite	TOTAL
camada 2, decapagem 3						
Lamela de dorso truncada				1		1
Raspadeira sobre lasca retocada		1				1
camada 3, decapagem 1						
Raspadeira simples		1				1
Lamela de dorso marginal				1		1
camada 4, decapagem 1						
Raspadeira carenada		1				1
Lamela truncada				2		2
Buril sobre fractura					1	1
Fragmento de lamela de dorso				1		1
camada 4, decapagem 2						
Segmento			1			1
Lamela de dorso duplo			1			1
Fragmento de lamela de dorso					1	1
Raspadeira carenada		1				1
camada 4, decapagem 3						
Raspadeira simples		1				1
Furador atípico		1				1
Furador			1			1
Fragmento de lamela de dorso			1			1
Ponta microlítica de dorso curvo				1		1
Fragmento de peça retocada				1		1
camada 4, decapagem 4						
Lamela de dorso marginal				1		1
Raspadeira unguiforme		1				1
Lamela de dorso truncada				1		1
Fragmento de peça retocada		1				1
camada 4, decapagem 5						
Raspadeira sobre lasca		1				1
camada 4, decapagem 6						
Raspadeira sobre lasca		1				1
Raspador	1					1
Raspadeira carenada atípica		1				1
Raspadeira unguiforme			1			1
Furador			1			1
Fragmento de peça retocada			1			1
Furador atípico			1			1
Raspadeira circular		2				2
Buril sobre fractura					1	1
Segmento			1			1
Lamela truncada			1			1
camada 4, decapagem 7						
Segmento			1			1
Entalhe		1				1
Lâmina, lasca ou lamela com retoque		1	2			3
Raspadeira afocinhada plana		1				1
Raspadeira sobre lasca		1	1			2
Fragmento de lamela de dorso				2		2
Lamela de dorso marginal				1		1
camada 4, decapagem 8						
Lasca com trancatura directa		1				1
Peça esquirolada		1				1
Lâmina, lasca ou lamela com retoque		1	2			3
Lamela de dorso parcial				1		1
Fragmento de peça retocada				1		1
Raspadeira sobre lasca		1				1
Raspadeira carenada		1				1
Peça com trancatura côncava		1				1
Segmento			1			1
Fragmento de lamela de dorso			1			1
camada 4, decapagem 9						
Buril diedro desviado				1		1
Lamela de dorso marginal				1		1
camada 5, decapagem 1						
Raspadeira carenada		1				1
Raspadeira sobre lasca		1				1

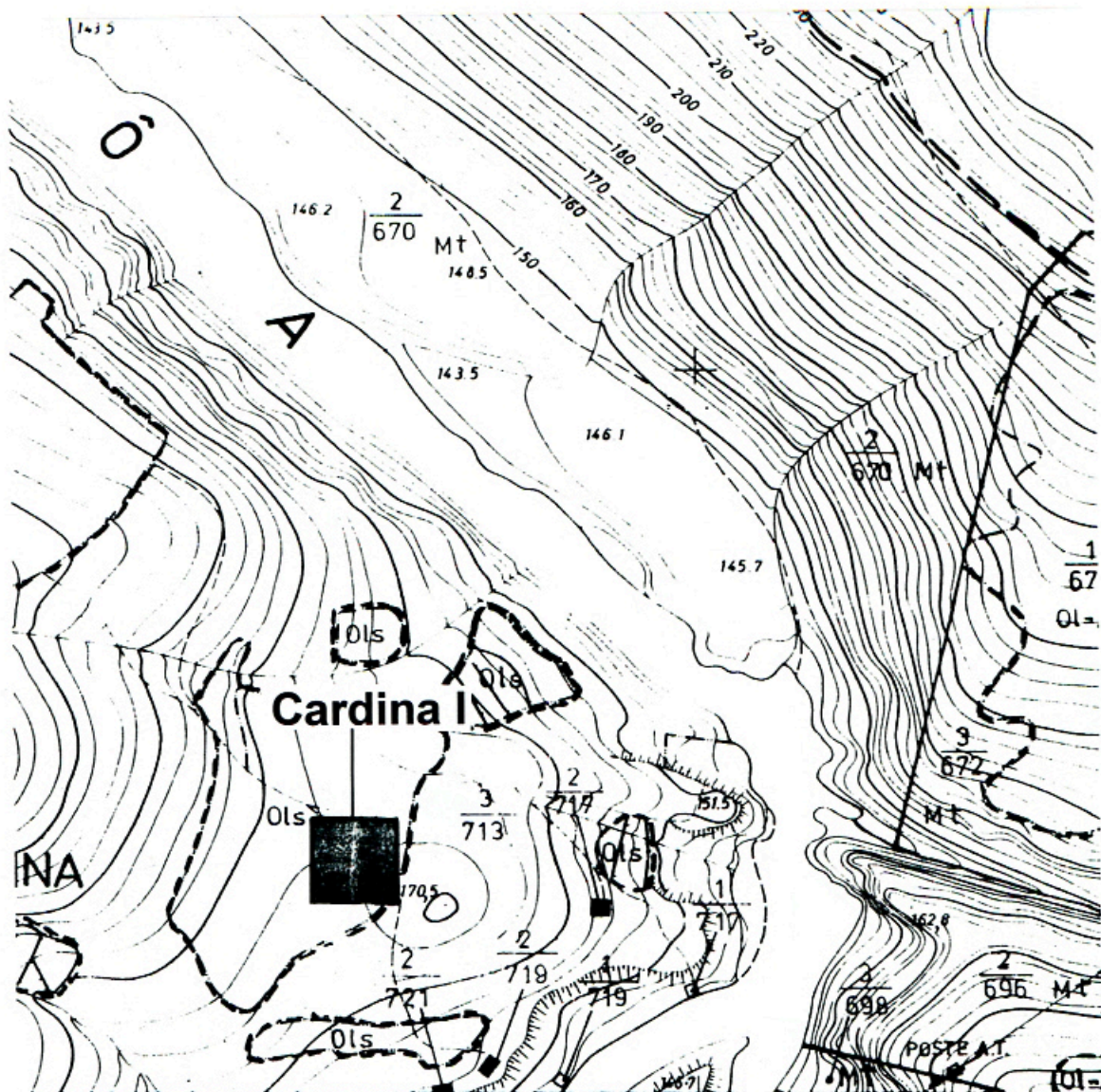


Fig. 1 Salto do Boi, Cardina I. Implantação na Carta Cadastral à escala 1:2500.

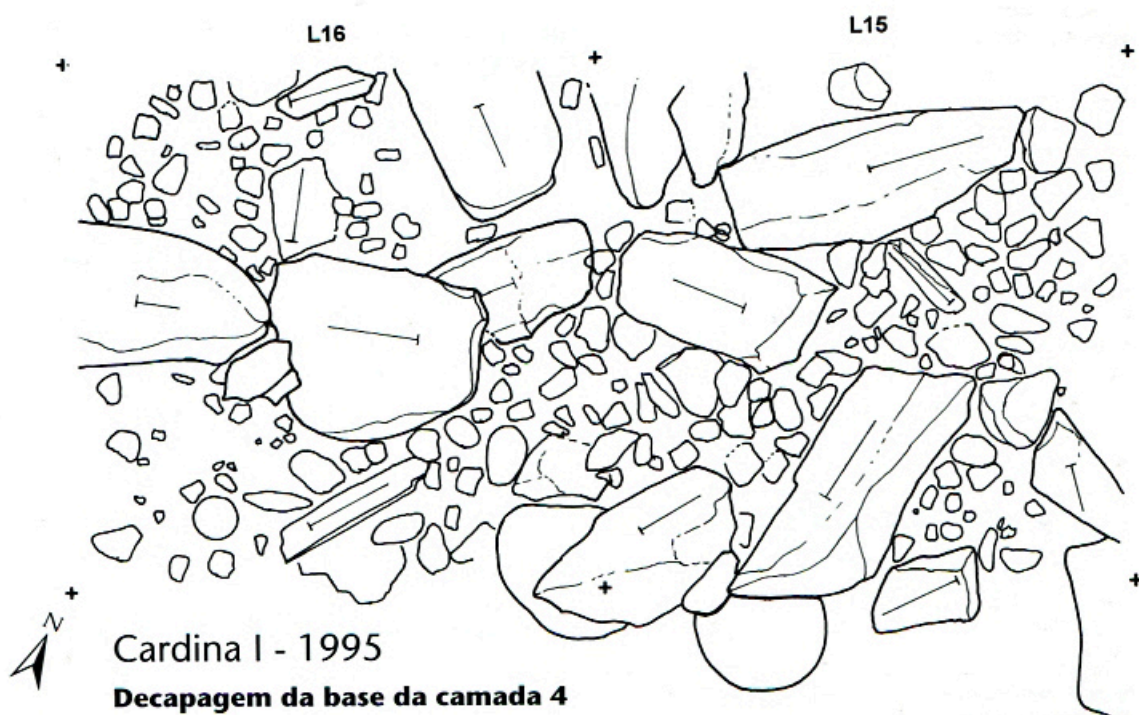


Fig. 2 Salto do Boi, Cardina I. Planta da decapagem da base da camada 4 nos quadrados L/15-16 (campanha de 1995).

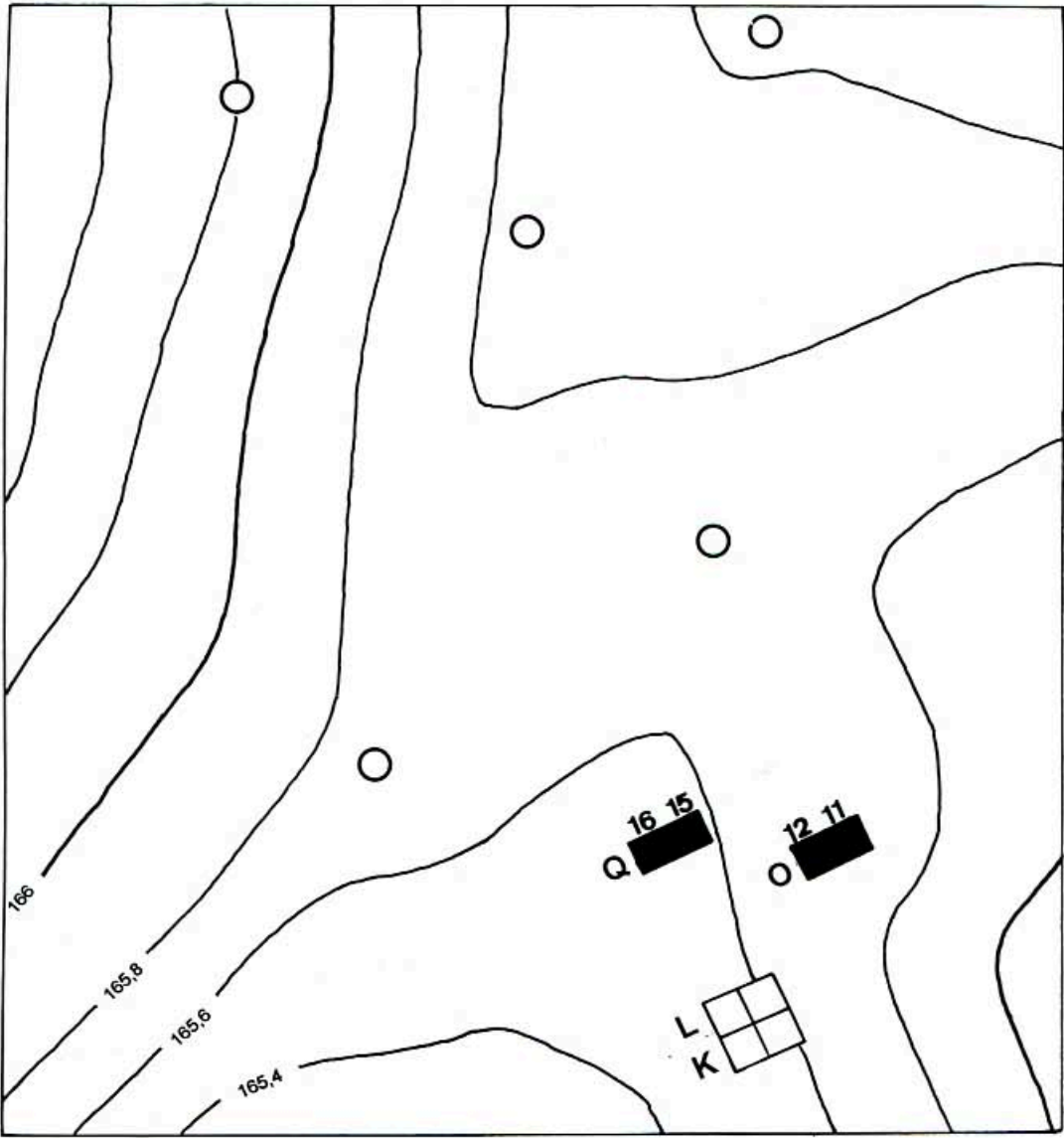


Fig. 3 Salto do Boi, Cardina I. Áreas intervencionadas em 1995 (quadrados K-L/15-16) e 1996 (quadrados O/11-12 e Q/15-16).

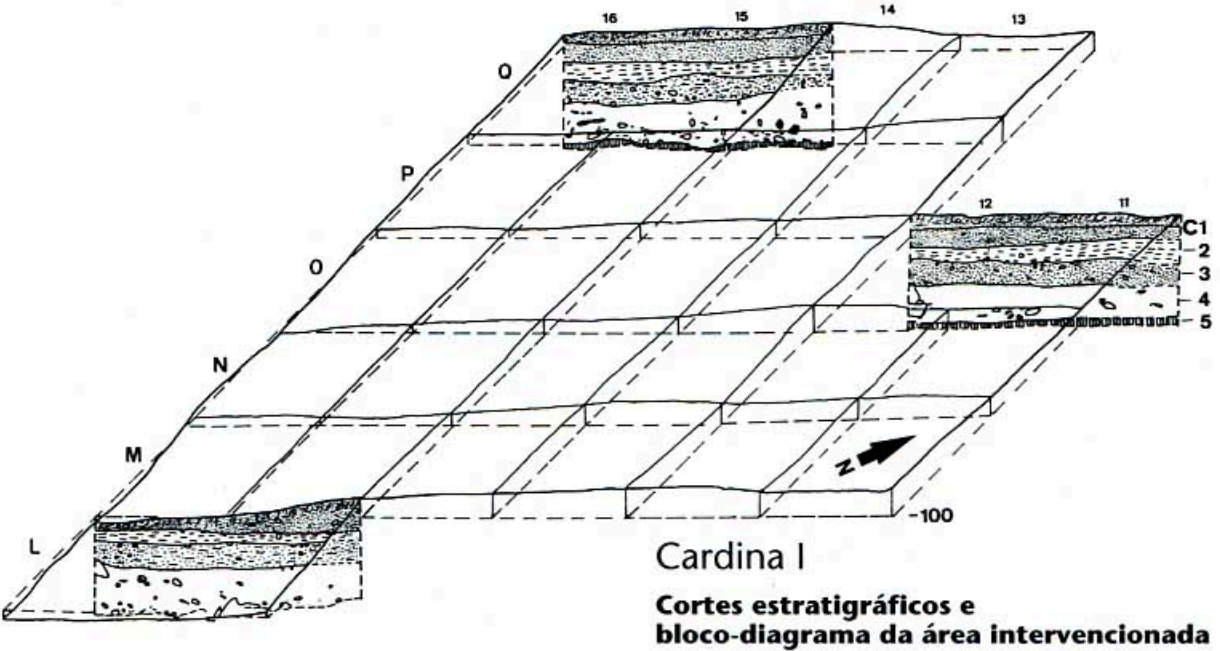


Fig. 4 Salto do Boi, Cardina I. Bloco-diagrama da zona de implantação das áreas escavadas e cortes estratigráficos. A espessura da camada 4 parece aumentar de Este para Oeste. Nos quadrados abertos em 1996, o horizonte de ocupação proto-solutrense identificado na área aberta em 1995 não existe ou não pôde ser individualizado. Nesses quadrados, o topo da sequência plistocénica contém ocupações do Magdalenense superior ou final.

Cardina I

Cortes estratigráficos e unidades de decapagem

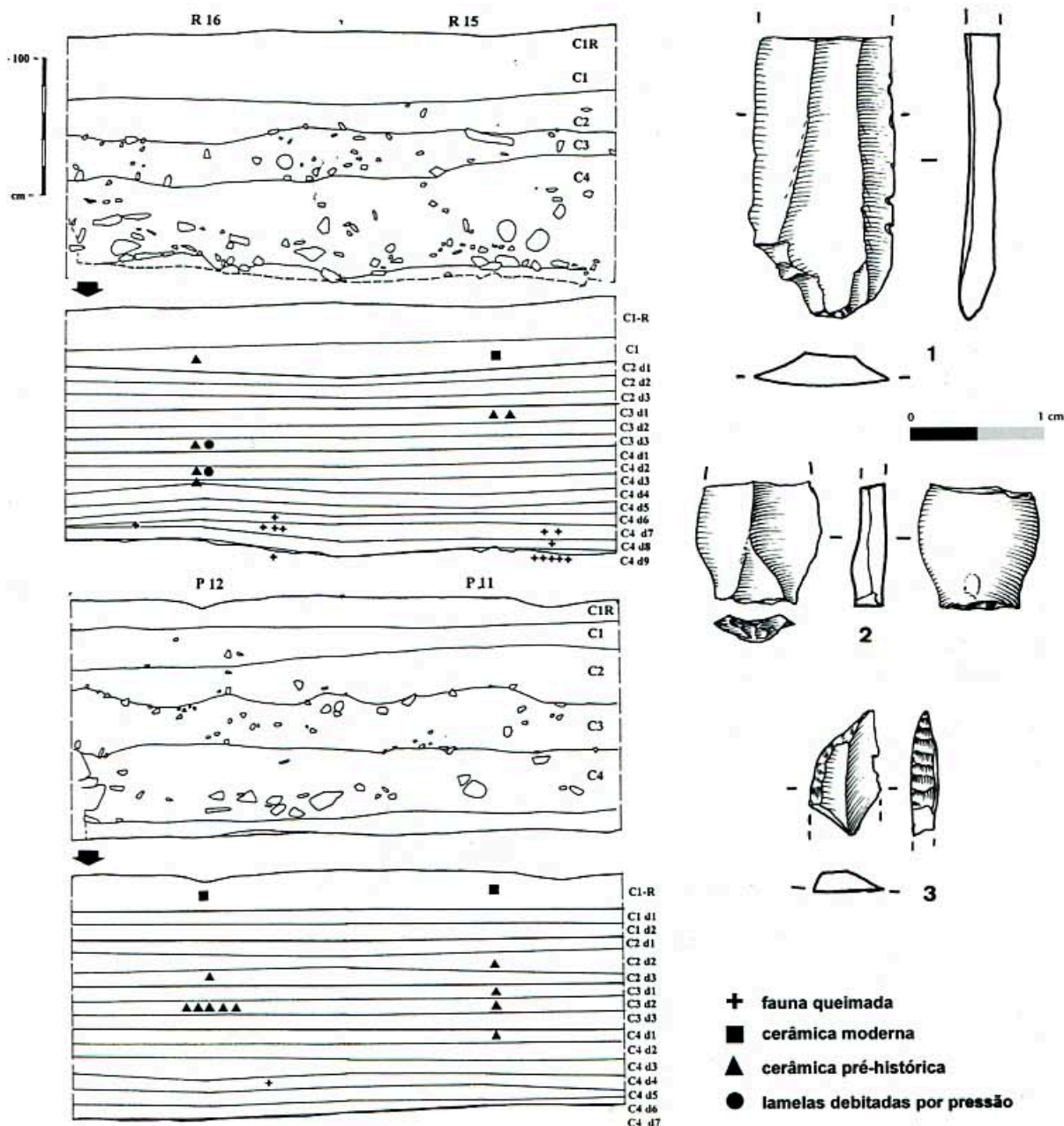
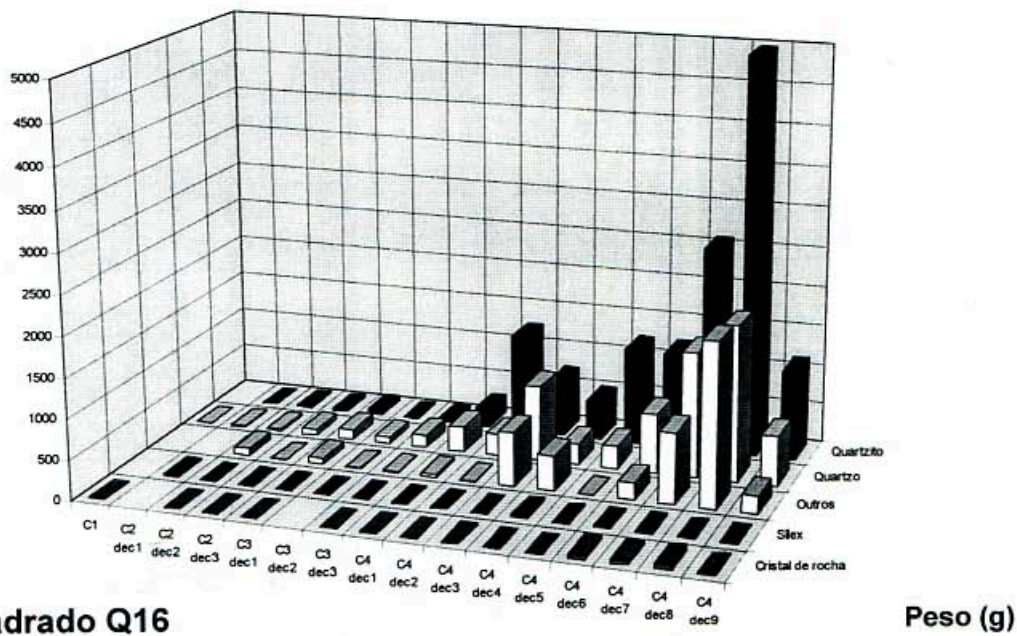
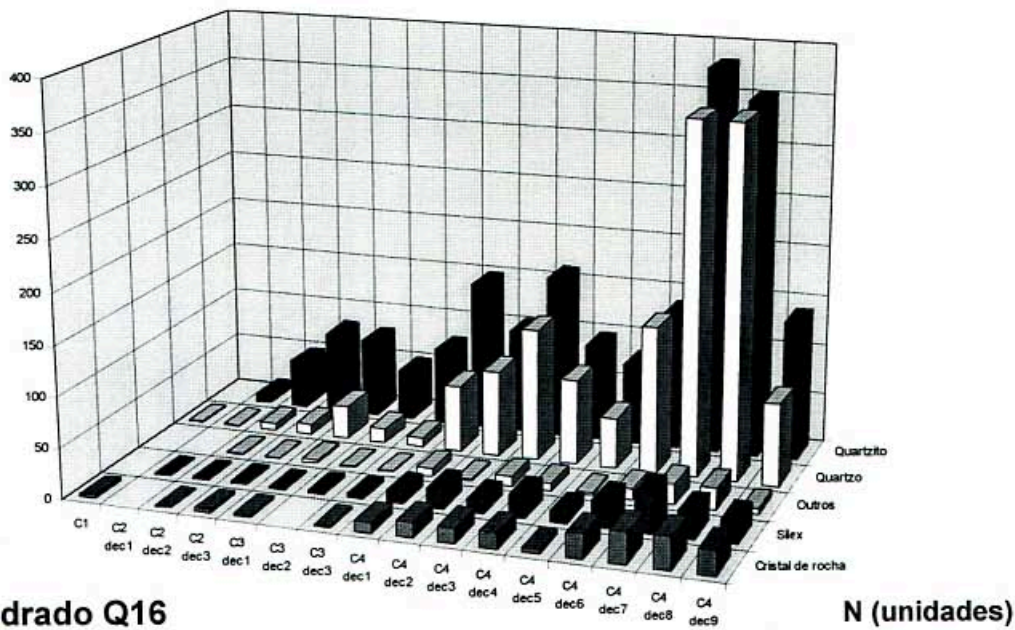


Fig. 5 Salto do Boi, Cardina I. À esquerda, cortes estratigráficos e projecção vertical dos limites das unidades de escavação, sendo indicada a posição da cerâmica, das lamelas debitadas por pressão, e da fauna queimada dos contextos gravettenses; os vestígios da Pré-História recente concentram-se na camada 3, embora se verifiquem penetrações localizadas no interior da camada 4 (como em Q16), certamente relacionadas com perturbações pós-deposicionais (bioturbação ou trabalhos agrícolas). À direita, indústria lítica da Pré-História recente: 1-2. Lamelas debitadas por pressão (1. Q15.c3.dec1; 2. Q16.c4.dec2), ambas em sílex; 3. Segmento em cristal de rocha (Q16.c3.dec3).



Cardina I

Cortes estratigráficos e unidades de decapagem

Fig. 6 Salto do Boi, Cardina I. Distribuição vertical dos artefactos líticos, por matéria-prima e unidade de escavação, no quadrado Q16. Nos níveis magdalenenses, o quartzo e o quartzito estão representados em proporções idênticas, tanto nas contagens por quantidade como nas contagens por peso. Nos níveis do Gravettense final, as duas matérias-primas continuam representadas em proporções idênticas quanto à quantidade, mas o material em quartzito é de peso médio significativamente superior. Tanto no Gravettense final como no Magdalenense, os pesos médios por unidade são extremamente baixos no sílex e no cristal de rocha, indicando uma exploração muito exaustiva destas duas matérias-primas.

Cardina I
Q16 – Corte S-N

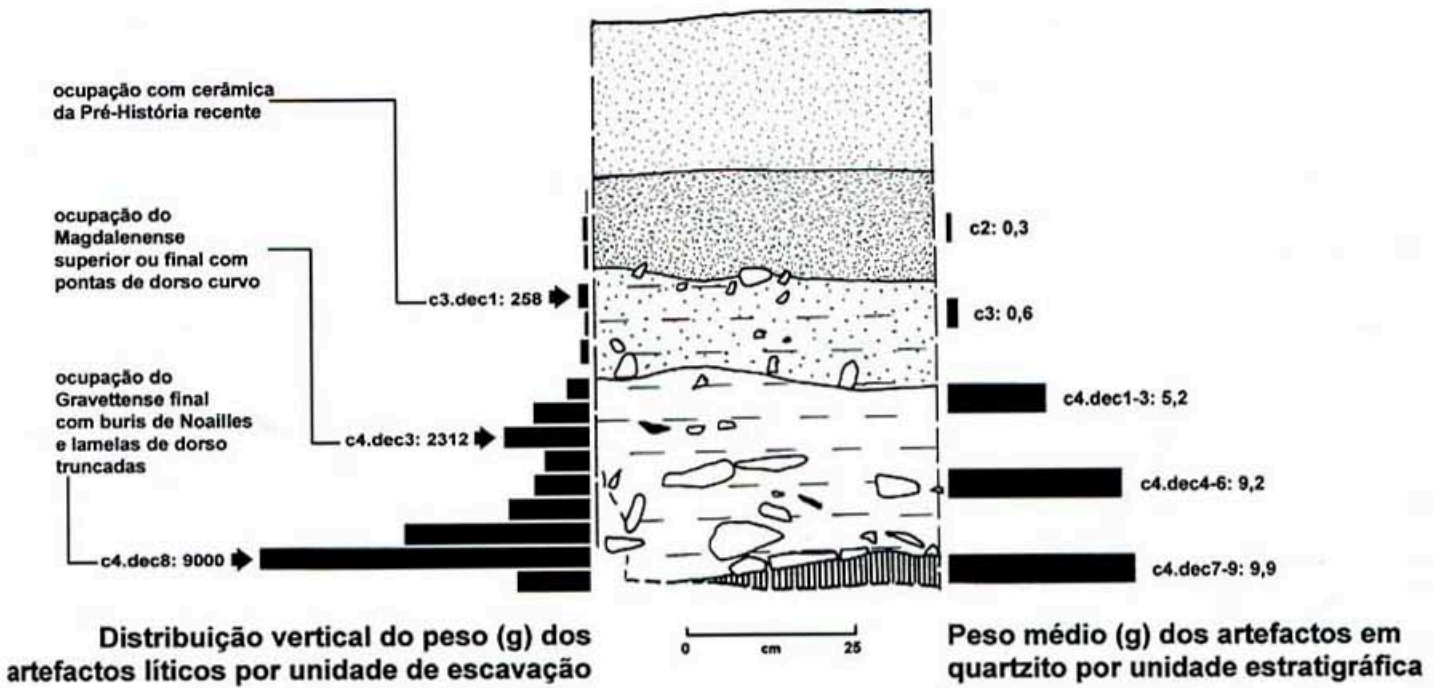


Fig. 7 Salto do Boi, Cardina I. Perfil estratigráfico do quadrado Q16, sendo indicada a posição dos níveis arqueológicos, que é também revelada pelos picos da distribuição vertical dos artefactos líticos (medida em função do peso). A variação no peso médio dos artefactos de quartzito permite sugerir uma hipótese de delimitação estratigráfica para a ocupação magdalenense, que deverá estar compreendida entre a base da camada 3 e a base da terceira decapagem da camada 4.

Cardina I

0/11-12 – Camada 4

Distribuição vertical dos buris e dos micrólitos por unidade de escavação

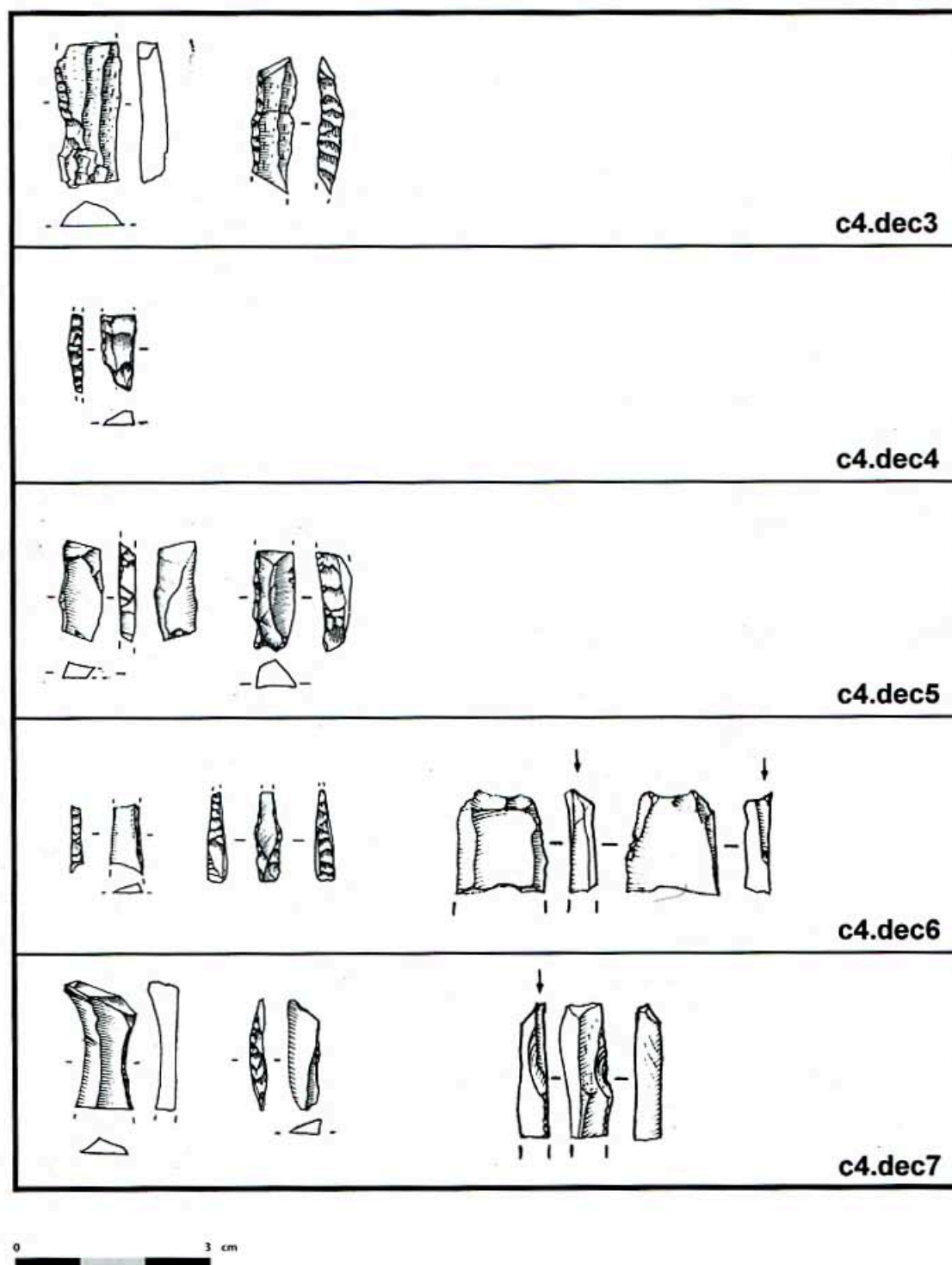


Fig. 8 Salto do Boi, Cardina I. Buris e micrólitos da camada 4 nos quadrados O/11-12. Da esquerda para a direita: c4.dec3 - lamelas ou pontas de dorso em quartzo; c4.dec4 - lamela de dorso direito em riolite; c4.dec5 - lamela de dorso em sílex e lamela de dorso truncada em riolite; c4.dec6 - lamela de dorso em sílex, lamela de dorso duplo em cristal de rocha e buril de Noailles em sílex; c4.dec7 - lamelas de dorso em sílex (a primeira, partida na fabricação) e resíduo de golpe sobre buril de Noailles em sílex.

Cardina I

Q/15-16 – Camada 4

Distribuição vertical dos buris e dos micrólitos por unidade de escavação

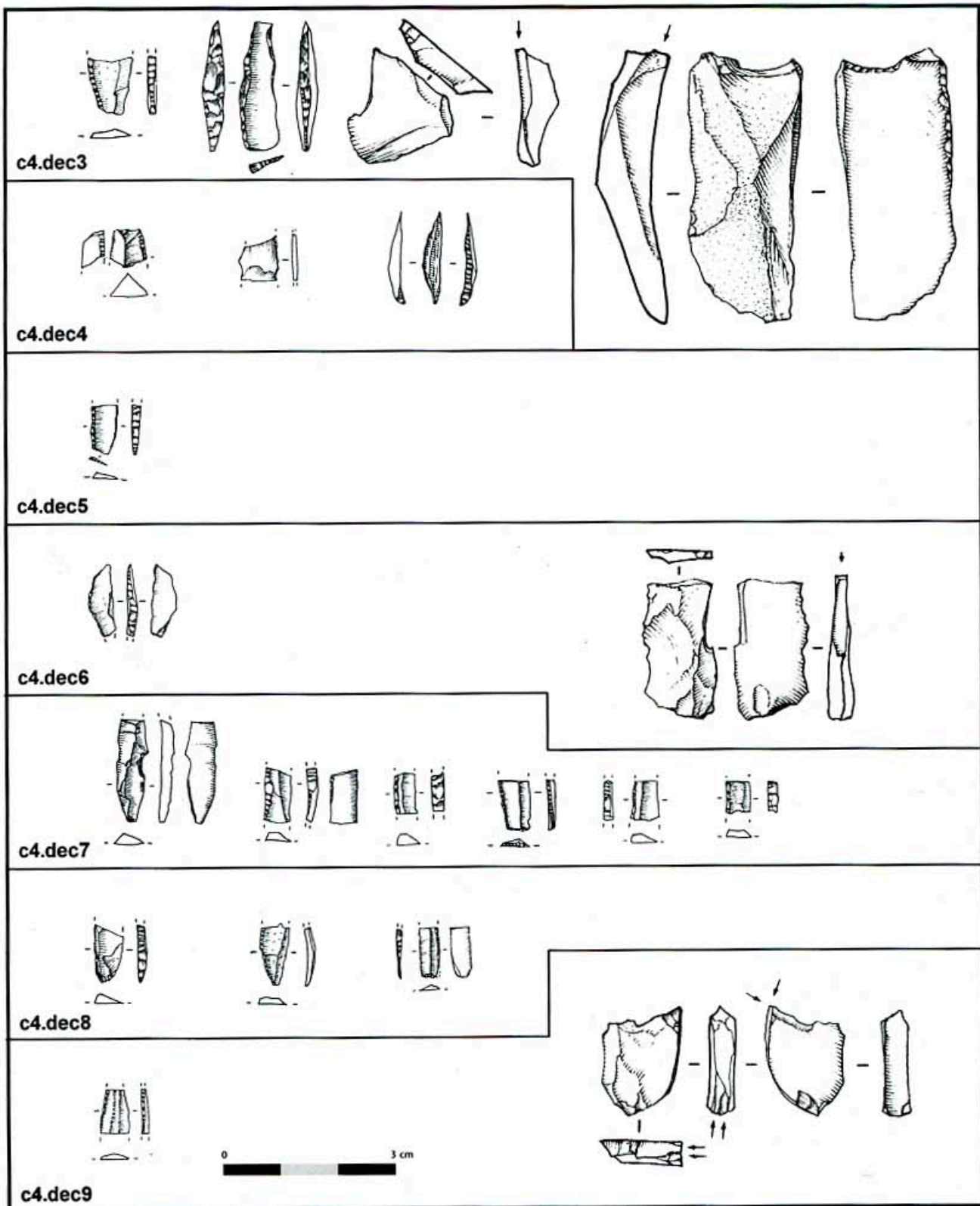


Fig. 9 Salto do Boi, Cardina I. Buris e micrólitos da camada 4 nos quadrados Q/15-16. Da esquerda para a direita: c4.dec3 - lamela de dorso truncada em siliceo, buril de dorso cônico e base truncada (porão de Malaurie) em sílex, buril sobre truncatura oblíqua e sobre truncatura côncava, em sílex; c4.dec4 - lamela de dorso truncada em sílex, lamela de dorso e segmento em cristal de rocha; c4.dec5 - lamela de dorso truncada em riolite; c4.dec6 - segmento em cristal de rocha e buril de ângulo sobre fractura em riolite; c4.dec7 - lamela de retoque marginal com entalhe, duas lamelas de dorso, uma lamela de dorso truncada e duas lamelas de dorso em sílex; c4.dec8 - lamelas de dorso em quartzo e cristal de rocha, lamela de dorso truncada em sílex; c4.dec9 - lamela de dorso marginal e buril diedro múltiplo em sílex.

Cardina I

Camadas 4-5

Distribuição vertical dos buris e dos micrólitos por unidade de escavação

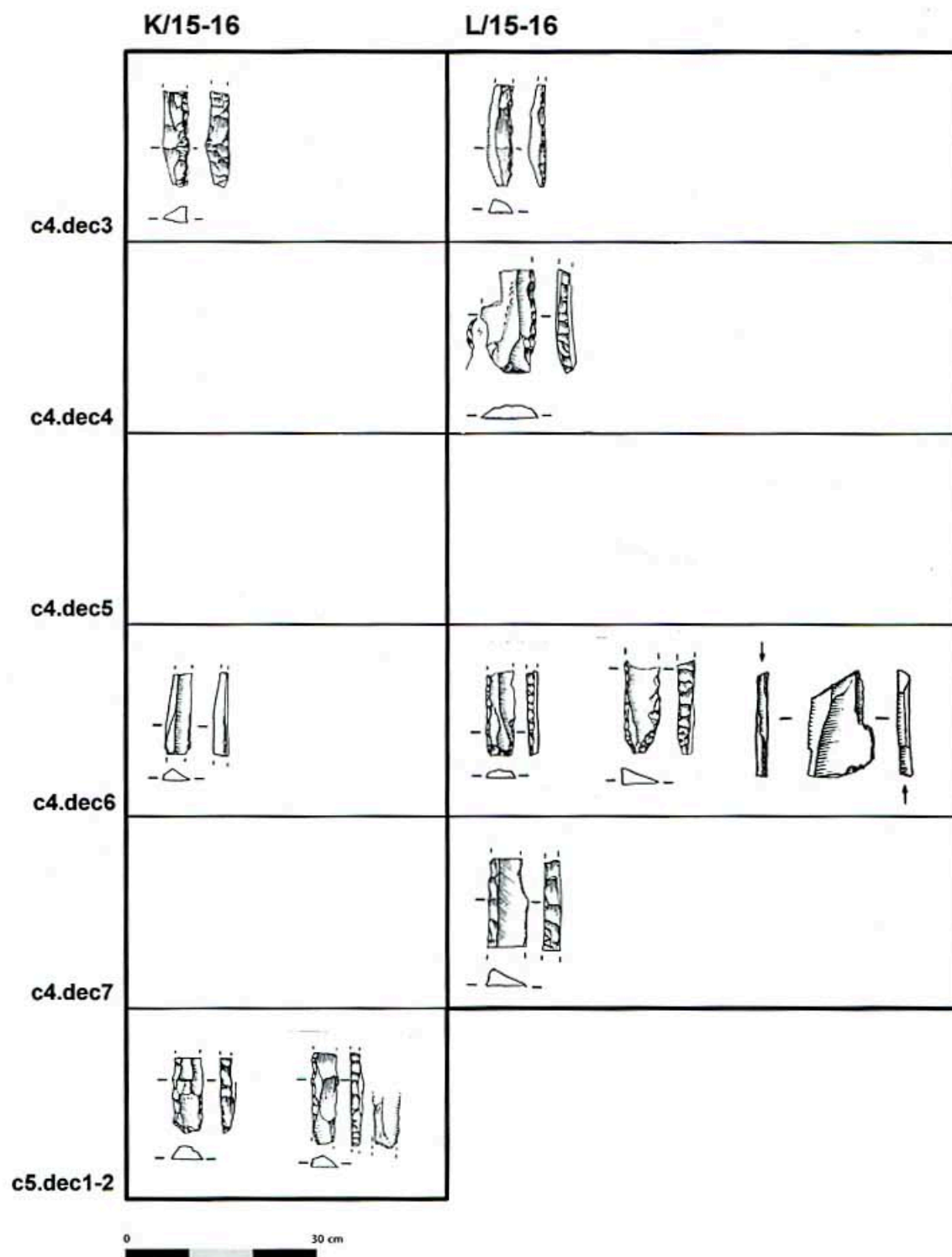


Fig. 10 - Salto do Boi, Cardina I. Buris e micrólitos da camada 4 nos quadrados K-L/15-16. Da esquerda para a direita: c4.dec3 - lamelas de dorso em sílex e riolite; c4.dec4 - lamela de dorso em sílex; c4.dec6 - lamela de dorso marginal, lamela de dorso truncada e microgravette em sílex, buril de Noailles em cristal de rocha; c4.dec7 lamela de dorso em sílex; c5.dec1-2 - lamela de dorso truncada e lamela de dorso em sílex.

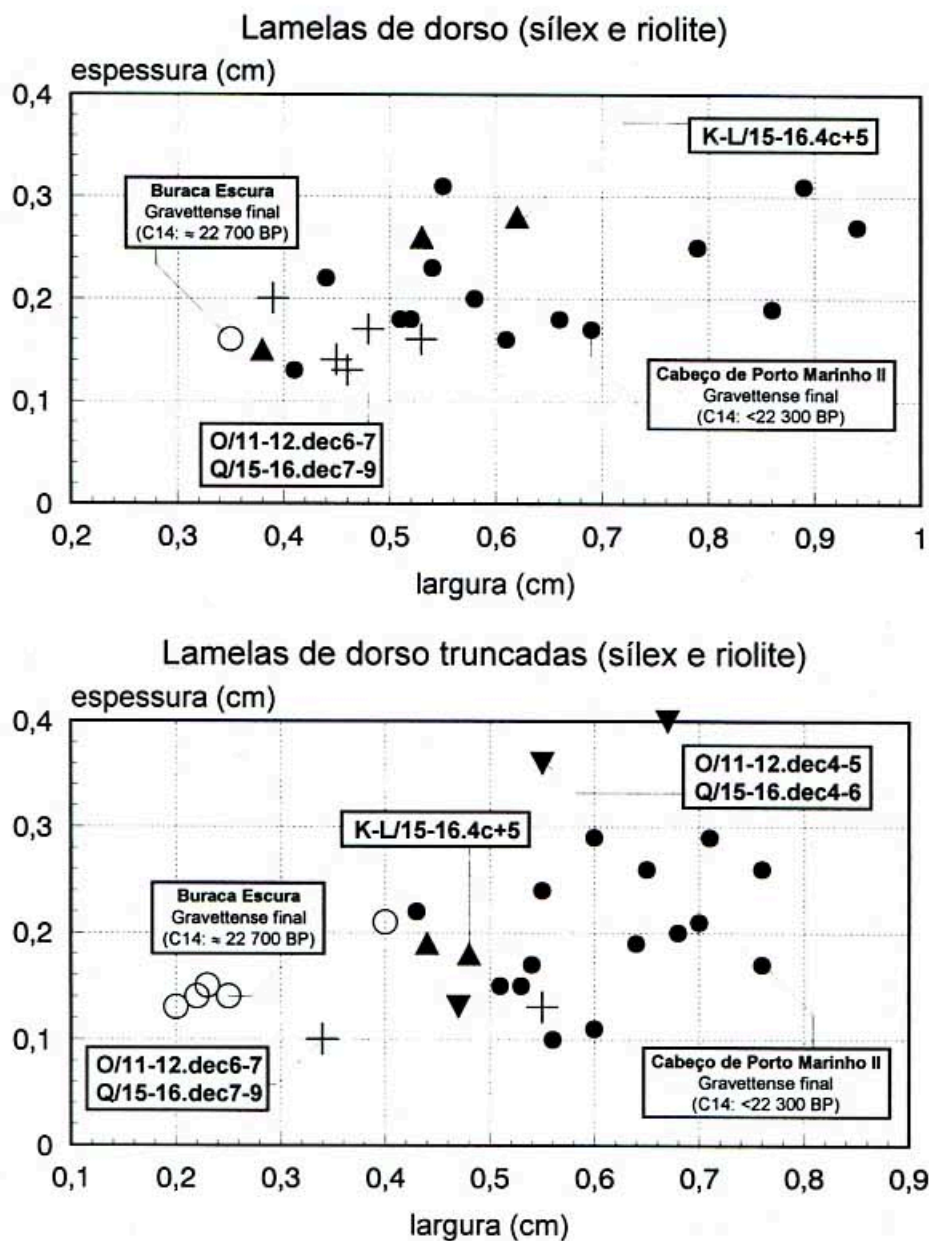


Fig. 11 Salto do Boi, Cardina I. Diagrama de dispersão das dimensões da utensilagem microlítica em sílex e riolite do Gravettense final, comparada com as de jazidas gravettenses do litoral português. O material da Cardina parece agrupar-se em duas classes dimensionais: as maiores, todas provenientes da área aberta em 1995 e dos níveis intermédios da área aberta em 1996, são de módulo comparável às do locus de Cabeço de Porto Marinho; as mais pequenas, quase todas provenientes dos níveis de base da área aberta em 1996, são de módulo comparável às da Buraca Escura. Dada a diferença cronológica entre as duas jazidas estremanhas, é possível que este facto indique uma variação horizontal da estratigrafia, sendo o horizonte de ocupação gravettense da base da sequência escavada em 1996 algo mais antigo que o da base da sequência escavada em 1995. Esta última seria paralelizável, assim, com os níveis intermédios da primeira, os quais poderiam corresponder a uma periferia dessa ocupação, como também é sugerido pelos valores relativamente baixos da respectiva densidade de artefactos líticos (ver Fig. 7).



Fig. 12 Salto do Boi, Cardina I. Em cima: peça de xisto alóctone (formação de Desejosa) dos níveis intermédios da camada 4 (gravettenses?), com traços de afeiçoamento (Q15B.c4.dec4). Em baixo: bloco de colorante (hematite?) com traços de raspagem, dos mesmos níveis (Q15D.c4.dec6).



Fig. 13 Salto do Boi, Cardina I.
Em cima: vista geral de SW para NE; a seta indica a
posição da jazida.
À direita: aspecto dos trabalhos de escavação nos
quadrados Q/15-16.



Fig. 14 Salto do Boi, Cardina I.

Em cima: o topo do horizonte gravettense de base (base da decapagem 6 da camada 4) e o corte estratigráfico Sul nos quadrados Q/15-16, escavados em 1996.

Em baixo: o nível gravettense nos quadrados L15 (nível 1 da camada 4c = decapagem 7 da camada 4) e L16 (nível 3 da camada 4c = decapagem 7 da camada 4), escavados em 1995.

Embora a intensidade da ocupação, medida em função da quantidade de artefactos por volume de sedimento, seja idêntica nas duas zonas (em Q16, 1800 g/cm na decapagem 8; em L15, 1793 g/cm na decapagem 7), o pavimento de seixos é muito mais denso na área aberta em 1995 do que na área aberta em 1996. Nesta última, também não existem os grandes blocos de xisto, riolite e granito que assentam sobre o denso pavimento de seixos de K-L/15-16. Esta diferença confirma que as características do nível gravettense na área aberta em 1995 devem ser interpretadas como correspondendo a um arranjo intencional do espaço habitado.

QUEBRADAS

Introdução

O povoado pré-histórico das Quebradas localiza-se na freguesia de Chãs, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Está implantado numa extensa rechã de topografia aplanada que se estende para Norte da povoação, em terrenos graníticos actualmente cobertos de mato rasteiro e giestas (Figs. 1 e 5). Até finais dos anos 50, estes terrenos foram intensamente explorados no quadro da economia camponesa tradicional da região. Hoje em dia, só são utilizados para o pastoreio de ovinos, mas o amanho das terras deixou traços ainda muito visíveis na paisagem como, por exemplo, os muros de divisão de propriedade em pedra vã e os amontoados de blocos de granito resultantes da limpeza dos terrenos. O remeximento das camadas superficiais do solo pelas lavras e a exposição dos solos deflorestados à erosão influenciaram fortemente as condições de jazida do contexto pré-histórico identificado no local, e explicam as perturbações pós-deposicionais por ele sofridas.

A topografia do solo no perímetro definido pela dispersão de materiais à superfície é algo irregular. A poente, o sítio é delimitado por um pequeno cabeço de onde se visualizam as cabeceiras da ribeira de Centieira; a parte central do sítio é uma faixa de terreno aplanado ou pouco declivoso por onde passa o estradão que liga as Chãs a Tambores, no extremo Norte da rechã; a nascente, o limite é constituído por uma vertente irregular em cuja base corre uma pequena linha de água sazonal.

O controlo visual que se obtém sobre a paisagem envolvente a partir do referido cabeço não deve ter sido, no entanto, o principal factor de fixação da comunidade, uma vez que não foram até agora identificadas quaisquer estruturas defensivas. A explicação mais verosímil para a ocupação do sítio residirá, portanto, no potencial agro-pastoril do território circundante.

Metodologia

A estação foi descoberta em Fevereiro de 1996, altura em que foi objecto de recolhas de superfície, as quais prosseguiram em Outubro do mesmo ano, em paralelo com os trabalhos de escavação entretanto iniciados e tendo já em conta a subdivisão do sítio em sectores (I a VI). A escavação teve lugar no Sector I, entre 8 e 23 de Outubro, e foi executada por um pequeno grupo de elementos da equipa do PAVC.

A escolha do Sector I para a realização dos primeiros trabalhos foi determinada pelo menor declive dos terrenos, o que, à partida, dava maiores garantias de terem sido conservados níveis arqueológicos *in situ*. Foram implantadas 11 sondagens de 1 m de lado, seis das quais abertas a intervalos regulares, segundo uma direcção N-S, ao longo do eixo maior do aplanamento (fiada K da quadrícula); as outras cinco foram abertas seguindo uma orientação perpendicular (fiadas 13, 20 e 23), com o intuito de avaliar a importância de eventuais variações laterais da estratigrafia (Fig. 2). O instrumento de escavação utilizado foi o colherim e seguiu-se a técnica da decapagem por camadas naturais, com

crivagem integral dos sedimentos, a seco, sobre malha de 2 mm, no início dos trabalhos, e de 4 mm, na fase final, quando as chuvadas de meados de Outubro empaparam os sedimentos e tornaram impraticável a utilização da malha mais fina. No quadrado G13, procedeu-se à subdivisão das camadas em níveis artificiais de 5 cm para controlo da dispersão vertical dos materiais.

O plano zero foi implantado num grande bloco granítico a Norte do Sector I, junto ao caminho rural que atravessa o sítio arqueológico, e serviu de referência para o levantamento topográfico da área intervencionada. A escavação ficou registada através do desenho de cortes estratigráficos e de fotografia em diapositivo.

Estratigrafia

Os materiais cerâmicos provenientes de recolhas de superfície apresentam duas características que indicam terem sido sujeitos a processos de transporte: superfícies erodidas e fracturas boleadas. Nessas recolhas, a rácio pedra lascada/cerâmica é claramente favorável à primeira categoria, sugerindo a ocorrência de processos de destruição preferencial da cerâmica por acção dos agentes de atrição.

As sondagens revelaram uma sequência estratigráfica com importantes variações laterais em que, ao todo, se diferenciaram quatro unidades, cuja descrição é a seguinte (Fig. 3):

CAMADA 1

terra vegetal pulverulenta, de cor negra, com inúmeras pequenas raízes e folhas mortas, e espessura muito reduzida (2 cm);

CAMADA 2

areias e areão granítico, de cor castanho-amarelada, pouco compactados e com uma espessura de cerca de 20 cm; forneceu um conjunto artefactual pré-histórico composto por pedra lascada e por cerâmica rolada, associado a materiais modernos (fragmentos inclassificáveis de metal e cerâmica a torno, alguma da qual decorada com motivos vidrados em azul e branco); corresponde ao horizonte lavrado; nalguns quadrados, observou-se, na respectiva base, um nível diferenciado, de cor acastanhada e espessura muito variável mas nunca superior a 5 cm;

CAMADA 3 TOPO

horizonte estratigráfico arenoso, de cor amarela e compactação idêntica à da camada 2; ausente nalguns dos quadrados e com grandes variações de espessura nos restantes (entre menos de 10 cm em K20 e mais de 30 cm em H20); continha artefactos pré-históricos (cerâmica e pedra lascada) em muito bom estado de conservação, sem intrusões modernas (com uma única excepção, um fragmento cerâmico fabricado a torno recolhido no quadrado K13) nem sinais de perturbação pelos trabalhos agrícolas, pelo que deve corresponder à parte remanescente do nível arqueológico original, o qual, a avaliar pelos resultados obtidos, apenas estará conservado na metade Sul do Sector I (Fig. 2);

CAMADA 3

corresponde à desagregação do granito de base, e apresenta uma elevada densidade de blocos de variadas dimensões, embalados num sedimento amarelo idêntico ao da camada 3topo, embora mais saibroso; é arqueologicamente estéril, apesar de, por vezes, conter esquirolas e pequenas lascas infiltradas a partir dos depósitos sobrejacentes.

Estes dados confirmam o que as características do material recolhido à superfície já permitiam inferir: os contextos pré-históricos foram muito afectados por processos de perturbação pós-deposicional ligados às práticas agrícolas. Subsistem apenas, *in situ*, bolsas de volume variável, embora não se possa excluir que, noutros sectores do sítio, as condições de jazida venham a revelar-se, afinal, mais favoráveis do que na área intervencionada.

Materiais arqueológicos

Os materiais pré-históricos recuperados no povoado de Quebradas podem ser agrupados em três classes artefactuais distintas: pedra polida, pedra lascada e cerâmica. Apresentam-se de seguida, sumariamente, as características do material pertencente a cada uma dessas classes.

Pedra polida

Os materiais em pedra polida, todos provenientes de recolhas de superfície, incluem um fragmento de machado cuja forma original é impossível de reconstituir e um machado intacto de secção transversal rectangular. Este último foi abandonado com o gume completamente embotado e apresentando sinais de percussão em ambas as faces, mostrando que terá sido reaproveitado como bigorna. Além destas peças, encontrou-se ainda um fragmento de «rocha verde» (anfíbolito?) com uma superfície polida e um pequeno objecto de contorno trapezoidal polido, com estrias de raspagem ao longo das faces (polidor? elemento de adorno inacabado?).

Cerâmica

O inventário da cerâmica é apresentado no Quadro 1, cuja consulta permite confirmar as observações feitas sobre o material de superfície. A percentagem de cacos decorados aumenta com a profundidade, em consequência da atrição sofrida pelo material recuperado em contextos remexidos e não da existência de variações de significado crono-estratigráfico. Na camada 3topo, com efeito, essa percentagem é de 9%, claramente superior à das camadas 1 e 2 (2%) e da superfície (1%).

Os 514 fragmentos de cerâmica pré-histórica permitiram calcular um número mínimo de recipientes (NMR) de 43, após determinadas as associações de fragmentos e feitas as remontagens possíveis a partir dos exemplares com bordo. As formas podem agrupar-se em três tipos morfológicos principais: taças em calote de esfera, hemisféricos e globulares. Alguns destes recipientes apresentam uma leve depressão sob o bordo, o que lhes confere um aspecto estrangulado. Não foram reconhecidas formas carenadas nem bases planas ou fundos espessados.

As decorações estão presentes em 28% do NMR (12 em 43), valor que sobe para 38% (8 em 21) tomando em conta apenas os exemplares provenientes da camada 3topo. A área do vaso normalmente ocupada com motivos decorativos resume-se a uma faixa sob o bordo, de largura variável, mas nunca ultrapassando um terço da altura. Os principais tipos decorativos são os seguintes:

- **Decoração por impressão ou puncionamento**

presente em nove fragmentos (50%), corresponde a impressões ou puncionamentos aplicados de forma sucessiva, formando fiadas contínuas, por vezes múltiplas, paralelas ao plano do bordo (Fig. 4, nºs 3 e 6); não foi identificado nenhum exemplo de puncionamento arrastado («boquique neolítico»);

- **Decoração por caneluras de largura variável**

presente em cinco fragmentos (28%); as caneluras são quase sempre verticais e estão associadas, por vezes, a sulcos horizontais largos, sob o bordo (Fig. 4, nº 2); há um caso, porém, em que as caneluras estão dispostas na diagonal (Fig. 4, nº 4);

- **Decoração por incisão**

presente em quatro fragmentos (22%), compreende incisões convergentes, linhas incisas paralelas ao bordo e finos traços curvos verticais.

Assinale-se, ainda, que o almagre foi utilizado no acabamento das superfícies de alguns vasos. Este elemento da tecnologia cerâmica é observável apenas nos fragmentos não erodidos dos níveis *in situ*.

Pedra lascada

As duas matérias-primas usadas de forma quase exclusiva no talhe da pedra durante a ocupação pré-histórica das Quebradas foram o quartzo e o cristal de rocha (Quadro 3), ambas de aprovisionamento local. O quartzito, de aprovisionamento regional, está representado nas recolhas de superfície por seixos talhados (três), fragmentos de seixos (um) e percutores (dois), mas, em escavação, só foi encontrado um percutor.

A única rocha de proveniência seguramente exterior à região é o sílex. O respectivo inventário (Quadro 3) contabiliza um total de 12 peças (incluindo achados de superfície), que podem ser agrupadas em três categorias consoante a cor: avermelhado ou alaranjado (quatro); acinzentado (sete); e arroxeadado (um). Todas as peças corticais e o fragmento inclassificável são em sílex cinzento, o que pode indicar uma fonte não muito distante e em contexto primário (o córtex não tem sinais de rolamento aluvial). Um núcleo prismático para lamelas e duas das três lamelas recolhidas eram em sílex alaranjado, com melhor aptidão para o talhe. É provável que esta matéria-prima tenha sido importada sob a forma de núcleo já conformado para a debitagem.

O talhe destas rochas recorreu a três esquemas técnicos principais:

- **Debitagem de núcleos prismáticos**

procedimento apenas reconhecido no quadro de uma debitagem de lamelas de sílex;

- **Debitagem bipolar**

procedimento utilizado na exploração de pequenos blocos de quartzo e de cristais de quartzo hialino, visando a obtenção de pequenas lamelas,

em regra de morfologia muito irregular e, sobretudo, de pequenas lascas de gumes muito aguçados;

• **Levantamentos avulsos**

procedimento realizado sobre blocos angulosos de quartzo ou sobre cristais de quartzo hialino, visando a obtenção de lascas de dimensões muito variáveis, geralmente robustas.

Em conformidade com os resultados do estudo dos núcleos, os restos de debitage são esmagadoramente dominados pelas lascas, que correspondem a 97% dos suportes (brutos e retocados). A debitage de produtos alongados assume já maior relevância no caso do cristal de rocha, onde as lamelas correspondem a 7% dos suportes, e é dominante no sílex, onde a percentagem correspondente é de 50%.

Recolheram-se apenas três utensílios retocados: trata-se de lascas de retoque parcial simples. A ausência de geométricos e de pontas de seta pode ser apenas devida à reduzida dimensão da área em que foi possível escavar depósitos *in situ*.

Cronologia

No início da década de 90, descobriram-se no Noroeste peninsular diversos contextos neolíticos pré-megalíticos, ou seja, anteriores ao IV milénio A. C. O primeiro a ser publicado foi a Fraga d'Aia (S. João da Pesqueira), inicialmente atribuída ao Calcolítico, mas onde, posteriormente, foi referida uma componente mais antiga.¹ Mais recentemente, foi dada notícia do habitat das Carriceiras, em Carregal do Sal,² e do nível IV do Buraco da Pala, em Mirandela,³ igualmente datados ou datáveis de um Neolítico pré-megalítico. São também conhecidas ocupações da mesma época, ainda inéditas, no Penedo da Penha e no Buraco da Moura de S. Romão, situados, respectivamente, em Nelas e Seia (A. C. Valera, comunicação pessoal). Na Galiza, os sítios de Cunchosa e Pena Martiña e, na Serra da Aboboreira, o povoado da Lavra, parecem ser contemporâneos deste conjunto de sítios, o mesmo sucedendo com alguns contextos habitacionais redepositados nas terras das mamoas de monumentos megalíticos (Chã de Parada, Furnas 2 e Mina do Simão).⁴ O espólio das Quebradas encontra paralelos fáceis nestes contextos, em particular nos geograficamente mais próximos, como os da Fraga d'Aia e do nível IV do Buraco da Pala.

Na Fraga d'Aia, 44% dos vasos estavam decorados, e as formas cerâmicas identificadas (com base em 14 exemplares reconstituídos a partir de 62 fragmentos) eram as seguintes: (1) esféricos de boca fechada; (2) esféricos de boca um pouco mais aberta, alguns dos quais com um ligeiro estrangulamento junto ao bordo; (3) taças em calote de esfera, algumas das quais de fundo arredondado e corpo de tendência subcilíndrica; (4) vasos fechados de perfil sinuoso com carena a meia altura; (5) vasos abertos com carena (média?); (6) fundos convexos espessados na parte central. No Buraco da Pala (nível IV), os 32 vasos reconstituídos a partir de 314 fragmentos também se apresentavam decorados em 44% dos casos, e distribuíam-se pelas seguintes formas principais: (1) vasos globulares (ou em forma de «saco»), em maioria; (2) vasos semi-esféricos; (3) taças em calote de esfera; (4) pequenas taças de carena alta (apenas um exemplar). Estas percentagens de recipientes decorados são idênticas aos 43% apura-

¹ JORGE, V. O.; BAPTISTA, A. M.; SANCHES, M. J. (1988) — *A Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira). Arte rupestre e ocupação pré-histórica*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 28 (1-2), p. 201-233.

² JORGE, V. O. (1991) — *Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira)*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 31, p. 181-185.

³ SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994) — *O sítio de habitat neolítico das Carriceiras (Carregal do Sal): a campanha 2 (1993)*. «Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.», 2, p. 15-30.

⁴ SANCHES, M. J. (1996) — *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques*.

⁵ *idem, ibidem*

dos para o nível preservado das Quebradas (camada 3topo), onde o catálogo de formas cerâmicas e de motivos decorativos, sempre limitados ao terço superior dos vasos (impressões «penteadas» formando faixas horizontais, incisões paralelas, puncionamentos simples ou arrastados), era também muito semelhante. No povoado das Chãs, porém, não apareciam elementos plásticos (cordões) como os documentados no Buraco da Pala.

Nesta última jazida, a decoração com caneluras apenas ocorria no nível IV, estando completamente ausente dos níveis sobrejacentes, datados já do Neolítico final e do Calcolítico. Este facto permite avançar a hipótese duma cronologia antiga dentro do Neolítico regional para o povoado das Quebradas, com a qual as características da indústria lítica não seriam incompatíveis.

Funcionalidade da ocupação

Embora a área do povoado possa ser considerada reduzida quando comparada com a de outros sítios do Neolítico antigo da Estremadura portuguesa⁵ ou do Alentejo,⁶ o tipo de implantação não foge ao padrão observado na maioria desses sítios, os quais, em geral, se localizam em zonas aplanadas como aquela onde está situada a ocupação das Quebradas (Figs. 1 e 5). À época, a área devia estar coberta por um solo consideravelmente mais espesso, que teria viabilizado uma exploração agro-pastoril. Para esta cronologia (V^o milénio), a agricultura e a horticultura estão bem documentadas, no nível IV do Buraco da Pala, onde se recolheram restos de trigo de aspecto globiforme, cevada de grão vestido (*Hordeum vulgare*) e fava (*Vicia faba*).⁷ A ausência nas Quebradas, até ao momento, de armaduras de projectil (crescentes, por exemplo) deve estar relacionada com as deficiências do processo de amostragem e não significa necessariamente, portanto, que a caça não pudesse ter sido uma das actividades praticadas pelos ocupantes do sítio.

Não é de excluir, em alternativa, que estejamos perante uma ocupação especializada levada a cabo por um grupo humano cujo habitat permanente se situaria na adjacente depressão da Longroiva. Esta hipótese é compatível com o facto de nela terem sido detectados vestígios de uma ocupação importante durante a Pré-História recente, provavelmente relacionada com a abundância de água e o potencial agrícola dos bons solos existentes no fundo da depressão.

Conclusão

Quebradas é o segundo povoado de ar livre actualmente conhecido no Nordeste de Portugal que pode ser atribuído ao Neolítico antigo/médio. O outro é o habitat das Carriceiras (Carregal do Sal) que, à data da intervenção arqueológica, já estava bastante destruído pelo plantio de um eucaliptal.⁸ O facto de, no sítio das Chãs, subsistirem bolsas de depósito *in situ*, confere à jazida um potencial importante para o conhecimento da cultura material e da subsistência dos grupos humanos que protagonizaram o repovoamento holocénico do interior peninsular. Esses grupos podem ter sido responsáveis por algumas das manifestações artísticas de datação insegura mas indubitavelmente pós-paleolíticas actualmente conhecidas na bacia do Côa (como, por exemplo, certos antropomorfos macro-esquemáticos dos abrigos da Faia).

⁵ ZILHÃO, J.; CARVALHO, A. F. (s.d.) — O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho. *Crono-estratigrafia e povoamento*, in «Congrès del Neolític a la Península Ibèrica. Formació i implantació de les comunitats agrícoles (Gavà - Bellaterra, 1995)» (no prelo).

⁶ SILVA, C. T. (1989) — *Novos dados sobre o Neolítico antigo do Sul de Portugal*. *Arqueologia*, 20, p. 24-32.

⁷ SANCHES, *op. cit.*

⁸ SENNA-MARTINEZ, *op. cit.*

Quebradas

Inventário geral das cerâmicas

	Cerâmica a torno	Cerâmica manual				Total	TOTAL GERAL
		Cacos lisos	Cacos decorados	Bordos lisos	Bordos decorados		
Superfície	10	159	2	7		168	178
C13.1-2	3	16				16	19
C13.2	2	6				6	8
C13.3		1				1	1
G13.1-2, n.a. 1		6				6	6
G13.2, n.a. 2	2						2
G13.2, n.a. 3		2		1		3	3
H20.1-2	2	22				22	24
H20.3topo		9	1	3	1	14	14
H23.1-2	3	16			1	17	20
H23.2		11				11	11
H23.3topo		36		4		40	40
K7.1-2		6				6	6
K10.1-2	2	6				6	8
K13.1-2	3	20		3	1	24	27
K13.3topo	1	25	1	1	3	30	31
K16.1-2	3	28		2	1	31	34
K16.3topo		4		2		6	6
K20.1-2		15		2		17	17
K20.3topo		14		1	2	17	17
K23.1-2	2	17		2		19	21
K23.3topo		26	1	2	3	32	32
N23.1-2		19		1	1	21	21
Total c. 1-2	32	349	2	18	4	373	405
Total c. 3topo	1	115	3	13	9 (a)	140	141
TOTAL GERAL	33	464	5	31	13 (a)	513	546

(a) dois dos fragmentos indicados pertencem ao mesmo recipiente

Quebradas
Inventário geral da indústria de pedra lascada
(materiais provenientes de escavação)

	Sílex	Cristal de rocha	Quartzo	Quartzo translúcido	Outros	TOTAL
Material debitado						
Lascas corticais	1		8	2		11
Lascas parcialmente corticais			16			16
Lascas não corticais	1	122	221	13		357
Lâminas	1	1				2
Lamelas	2	9		1		12
Utensílios retocados	2	1				3
Núcleos						
Prismáticos	1					1
Bipolares (a)	5	6				11
Sobre fragmento		2	1			3
Sobre cristal	1					1
Sobre lasca	1	2				3
Resíduos						
Esquírolas	2	177	199	7		385
Fragmentos inclassificáveis	1	38	22	8		69
Diversos						
Tablettes	1					1
Percutores					2 (b)	2
Cristais (brutos e fragmentos)		10				10
TOTAL	9	366	478	32	2	887

(a) ou «peça esquirolada»

(b) sobre seixos, um de quartzito, outro de xisto

Quebradas
Inventário geral do sílex talhado (superfície e escavação)

Núcleo para lamelas	1
Tablette	1
Lascas corticais	2
Lascas não corticais	3
Lamelas	3
Fragmento inclassificável	1
Esquírola	1
TOTAL	12

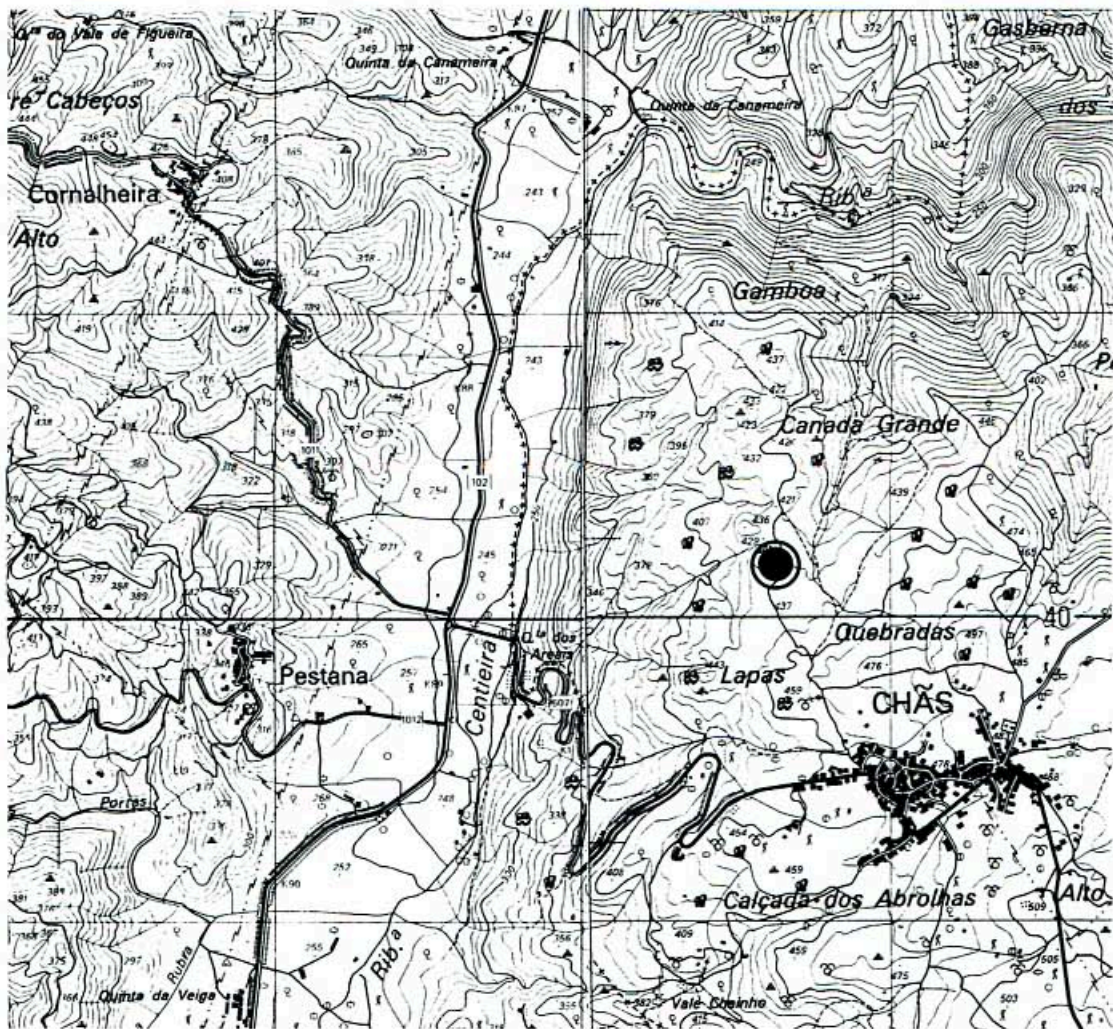


Fig. 1 Quebradas. Localização do sítio na Carta Militar de Portugal dos Serviços Cartográficos do Exército (folha 150, Meda, 1994; folha 151, Almendra - Vila Nova de Foz Côa, 1994) à escala 1:25 000.

Quebradas - Sector I

Área intervencionada em 1996

(cotas medidas a partir de um plano situado 300 cm abaixo do zero de escavação)

■ Topo da camada 3 preservado ■ Topo da camada 3 truncado

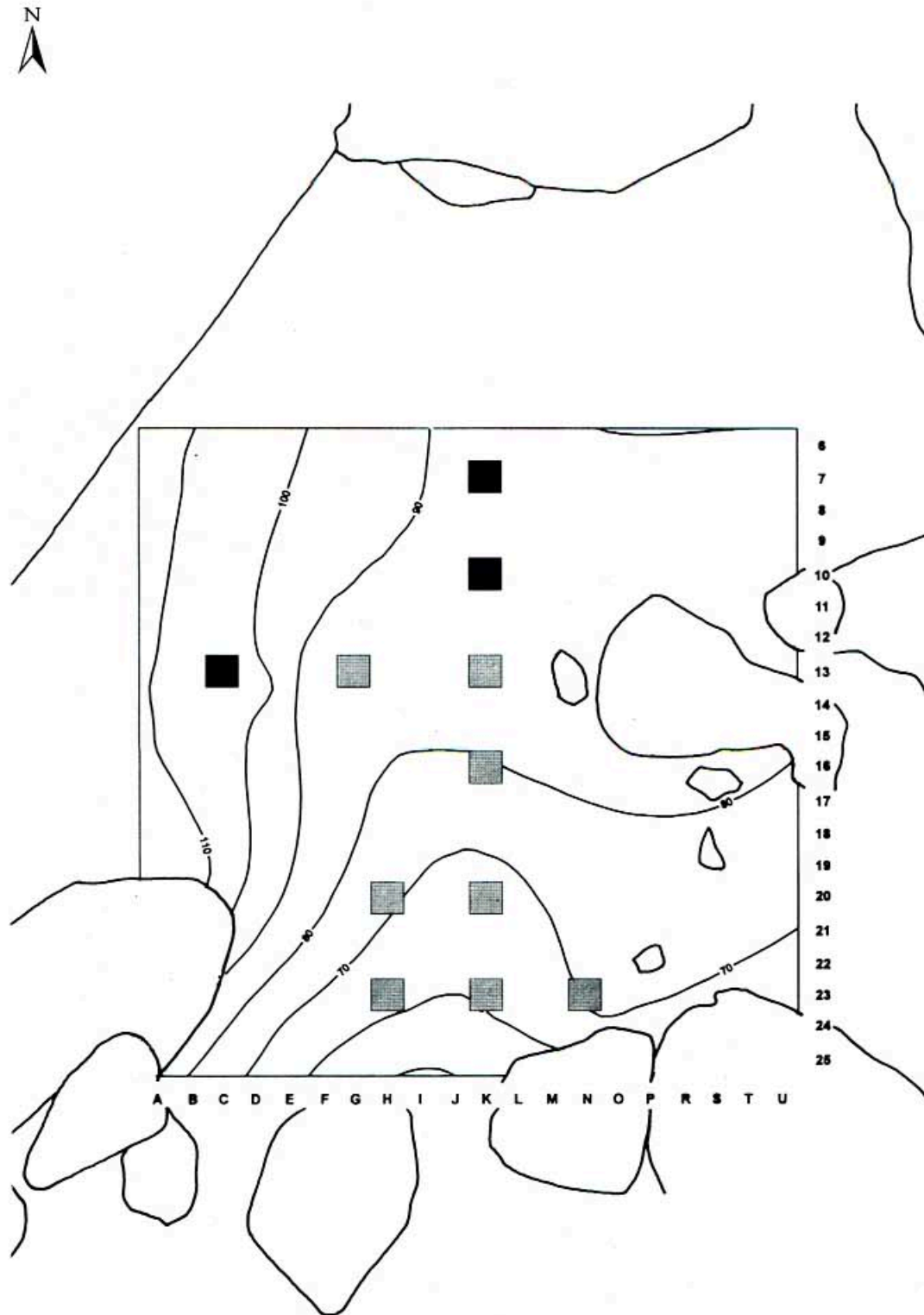
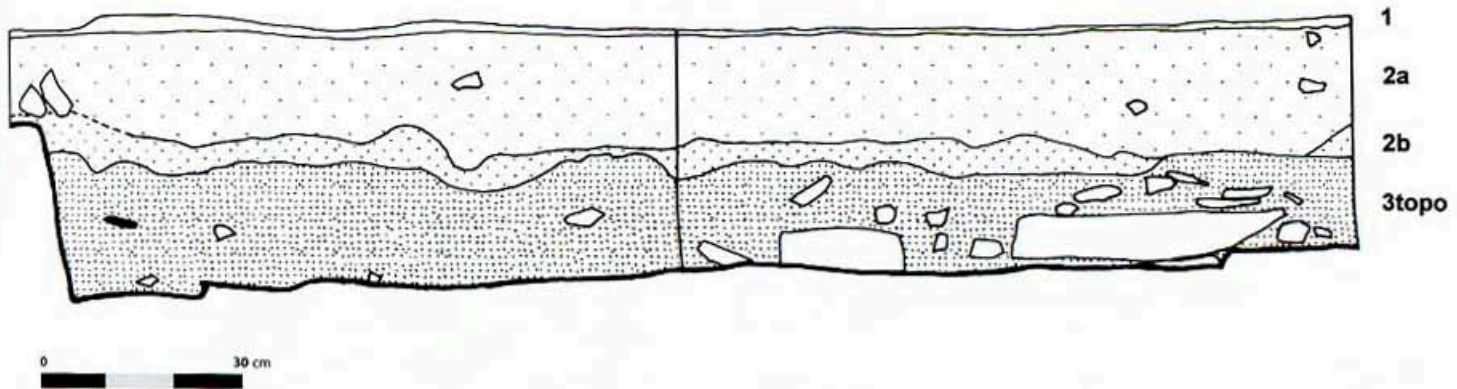


Fig. 2 Quebradas. Planta esquemática cotada do Sector I.

H24

G23



Povoado de Quebradas

Fig. 3
Quebradas.
Levantamento do cortes
Sul e Este de H23
e foto do corte Este de K23.

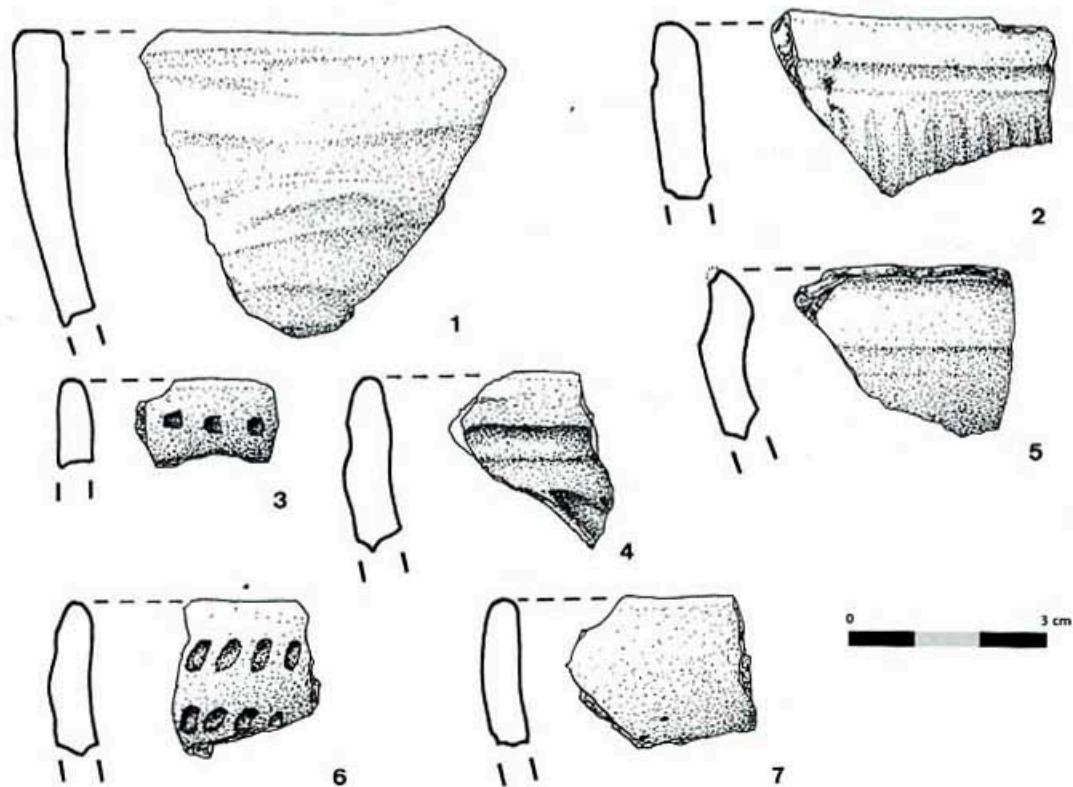
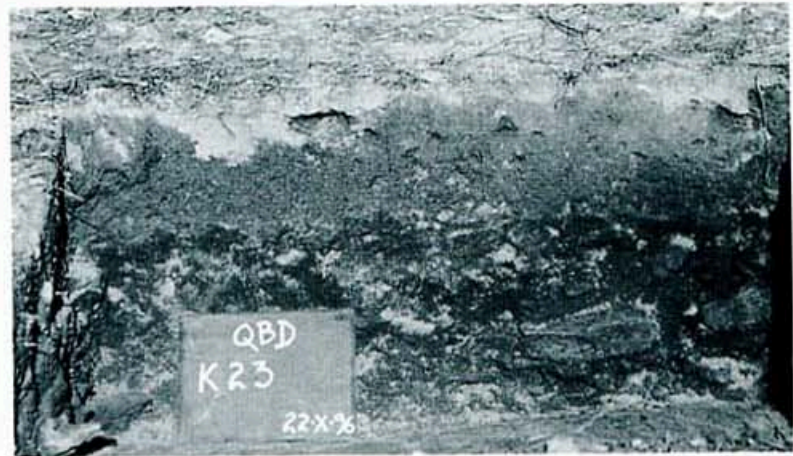


Fig. 4 Quebradas. Fragmentos de recipientes cerâmicos: 1. hemisférico liso com superfície espatulada; 2. hemisférico almagrado, decorado com canelura horizontal junto ao bordo e suaves caneluras verticais perpendiculares; 3. pequeno esférico decorado com impressões quadrangulares; 4. hemisférico almagrado com canelura horizontal junto ao bordo e caneluras diagonais; 5. esférico liso com suave carena sob o bordo; 6. hemisférico decorado com impressões ovais; 7. hemisférico liso.



Fig. 5 Quebradas. Vista geral da escavação, de SW para NE. Em primeiro plano, o quadrado H23.

Introdução

O povoado pré-histórico do Fumo está localizado na freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, e foi descoberto por N. Rebanda em 1992, durante trabalhos relacionados com a avaliação do impacto ambiental causado pela abertura de uma pedreira para extracção de granito. Está implantado na base da vertente Norte da rechã do Fumo, a área planáltica onde se situa a referida pedreira (Figs. 1 e 5), sendo delimitado, a Sul, por essa vertente e, a Norte, por um pequeno cabeço do topo do qual se pode visualizar todo o curso inferior da ribeira da Ribeirinha, um afluente do Côa cuja desembocadura fica situada junto ao núcleo de gravuras rupestres da Penascosa. O povoado ocupa, assim, uma posição abrigada, no fundo de uma pequena depressão alongada de orientação E-W, cuja extremidade nascente se debruça directamente sobre o vale encaixado e profundo do referido curso de água.

Segundo um pastor de Almendra, até aos anos 60, esta depressão, localmente conhecida por Poio do Silveiral, era lavrada «para dar pão». Actualmente, porém, o terreno encontra-se completamente abandonado, existindo apenas vestígios de um socalco no extremo poente do povoado, junto ao qual, ainda de acordo com o referido pastor, houve em tempos uma horta alimentada por um poço ou nascente actualmente colmatado e coberto de mato. Terá sido provavelmente a existência desta nascente que suscitou a fixação da comunidade pré-histórica que produziu e abandonou os vestígios arqueológicos recuperados, já que o acesso às margens da Ribeirinha, conquanto possível (descendo a margem virada para o Gamoal), é difícil.

Na altura da intervenção arqueológica, o terreno encontrava-se completamente coberto por um mato bastante denso, pelo que não se procedeu à realização de novas recolhas de superfície, nem foi possível procurar mais demoradamente a possível existência de estruturas defensivas que justifiquem a utilização do termo «castro do Fumo» já empregue por alguns autores.

Metodologia

Os trabalhos de escavação decorreram entre 23 e 29 de Outubro de 1996, tendo sido executados por um pequeno grupo de elementos da equipa do PAVC. O terreno foi dividido em quadrículas de 2 m², em cujo interior foram discriminados quadrantes de 1 m² designados pela sua posição geográfica (NE, SE, SW e NW). A quadriculagem obedeceu a um sistema alfanumérico em que as bandas alfabéticas se desenvolvem de Norte para Sul e as numéricas de Este para Oeste.

Abriam-se duas sondagens, num total de 8 m² (Fig. 2), com recurso a pico e colherim. A escavação foi realizada em função das camadas naturais, subdivididas em níveis artificiais de 10 cm — três na camada 1 e dois na camada 2. A coordenação de materiais ocorreu apenas em situações em que a preservação do contexto ou a singularidade das ocorrências exigia um maior controlo da sua proveniência espacial, como no caso de materiais ósseos encon-

trados em torno da possível estrutura de combustão identificada no quadrante NW do quadrado E20. Os restantes materiais foram recolhidos durante a remoção dos sedimentos ou na sua crivagem, procedimento que se aplicou à totalidade das terras provenientes da escavação, para o que se utilizou um crivo de malha igual a 4 mm.

A topografia da área intervencionada foi realizada a partir de um plano zero convencional materializado num afloramento existente na base do cabeço a Norte, e a escavação ficou registada através do desenho de cortes estratigráficos e de fotografia em diapositivo.

Sequência estratigráfica

A estratigrafia reconhecida nas duas sondagens já abertas é muito simples, resumindo-se a quatro unidades distintas, designadas de 0 a 3 (Fig. 3), e que se podem descrever como segue:

CAMADA 0

de cor escura, com uma espessura de cerca de 1 cm, relativamente solta e contendo inúmeras raízes da vegetação rasteira que, à data da intervenção, cobria o terreno; embalava alguns materiais que se juntou aos provenientes da camada 1;

CAMADA 1

de espessura compreendida entre os 20 e os 25 cm, é de coloração acastanhada escura, pouco compacta, e contém raízes de giestas, algumas das quais muito espessas e penetrando profundamente, até à camada 3; embala blocos de granito de dimensões variáveis (entre cerca de 5 e mais de 20 cm de diâmetro), alguns de quartzo e, surpreendentemente (dada a natureza granítica da região envolvente), pequenas lajes de xisto; é um horizonte de remeximento devido a lavras, que eram realizadas no sentido do alongamento da depressão, com recurso a animais de tiro (machos), e que deixaram marcas de arado nas superfícies superiores dos blocos de granito enterrados; continha uma mistura de materiais de diferentes épocas (cerâmica pré-histórica de fabrico manual e cerâmica mais recente feita a torno);

CAMADA 2

de cor enegrecida, pouco compactada, apresenta superfície e espessura irregulares; o seu topo encontrava-se, em geral, cerca de 25 cm abaixo da superfície actual do terreno, tanto em E20 como no quadrante SE de C20; embala a mesma gama de materiais pétreos encontrada na camada sobrejacente, mas os vestígios arqueológicos são datáveis da Pré-História recente e não incluem já cerâmica ou qualquer outra classe de artefactos atribuível a épocas históricas; deverá tratar-se, portanto, de um nível *in situ*;

CAMADA 3

é um areão amarelado ou esbranquiçado, compactado, que se sobrepõe ao granito de base e é arqueologicamente estéril.

A escavação do quadrado C20 incidiu, tanto quanto se pode afirmar após esta campanha de sondagens, numa área que parece corresponder ao rebordo Norte do povoado. A rocha de base aflora a cotas que impediram a preservação de qualquer contexto arqueológico enterrado (Fig. 2). Assim, mesmo que os ocupantes deste povoado pré-histórico tivessem também utilizado estas superfícies rochosas, a erosão natural e a induzida pelas práticas agrícolas recentes devem, entretanto, ter destruído qualquer registo de tais usos eventuais, observação que se aplica igualmente ao topo do próprio cabeço. Em C20, portanto, a camada 2 surge apenas na parte do quadrado que apresenta maior potência sedimentar (Fig. 3), embora, em E20 ocupe já a quase totalidade da área sondada.

Estruturas de habitat

A escavação da camada 2 em E20 revelou elementos que indiciam a preservação de estruturas relacionadas com organização do habitat pré-histórico. No estado preliminar do estudo do sítio, qualquer interpretação do significado dessas estruturas é arriscada, mas é possível que, num caso, se trate de uma lareira e, noutro caso, de restos ligados à existência no local de uma cabana.

A lareira foi reconhecida no quadrante NW de E20 (Fig. 2). Parece tratar-se de uma estrutura pouco elaborada, de contorno aproximadamente oval (os seus limites definem-se apenas por seis blocos graníticos de médias dimensões), em cujo interior os depósitos apresentavam uma cor mais escura e continham carvões dispersos. Em consonância com estas observações, os fragmentos cerâmicos aí achados tinham sinais de exposição ao fogo, e havia ossos calcinados que, a julgar pelo único dente recolhido, deverão pertencer a um ovinídeo.

Durante a escavação da camada revolvida pelas lavras (camada 1) havia sido recolhido um número apreciável de pequenos torrões de barro cozido de aspecto arredondado irregular. No desenvolver dos trabalhos, e assim que iniciada a escavação da camada 2, *in situ*, verificou-se que estes torrões de barro cozido resultavam efectivamente da fragmentação e rolamento de pedaços de barro cozido que ainda conservavam negativos de ramos de arbustos ou de árvores (há negativos com mais de 3 cm de diâmetro), comumente designados por «barro de cabana» ou «barro de revestimento». O facto de os fragmentos recolhidos na camada 2 não apresentarem vestígios de atrição, serem em maior quantidade, e significativamente maiores (Quadro 1), constitui, por outro lado, confirmação adicional do carácter relativamente não perturbado desta unidade estratigráfica.

A análise preliminar da dispersão espacial deste «barro de cabana» indica uma concentração na camada 2 e, sobretudo, em redor e no interior de uma profunda depressão, ou «fosso», de orientação aproximada N-S (Fig. 2) e cujo rebordo poente estava marcado por alguns blocos graníticos de dimensões médias. O tamanho do «barro de cabana» do interior desse «fosso» é, por outro lado, claramente superior ao verificado nos outros contextos estratigráficos da jazida: o seu peso médio é, com efeito, de 53 g, contra 13 g para os recolhidos no resto da camada 2. A distribuição estruturada desta categoria de vestígios e a sua relação com um «fosso» de delineamento pétreo (o qual, aliás, se prolonga pelo quadrado F20) sugere a hipótese de estarmos perante parte de uma escava-

ção relacionada com a sustentação da superestrutura de uma cabana construída em materiais perecíveis.

O número de fragmentos de «barro de cabana» recolhidos em C20 é relativamente reduzido (Quadro 1). Alguns indícios sugerem, porém, que na parte da quadrícula em que camada 2 se conservou poderá também estar registada informação relevante para a análise espacial do povoado: é o que se pode deprender, por exemplo, do facto de aí terem sido recolhidas as duas colheres de cerâmica encontradas em toda a área escavada.

Materiais arqueológicos

A camada 1 forneceu três cravos em ferro, para cuja presença no local é difícil encontrar explicação. É possível, porém, que estejam relacionados com a ocupação medieval do sítio, que está documentada por alguns cacos. Trata-se de um conjunto pequeno (Quadro 2), em que não há fragmentos de bordo ou base, e em que apenas uma peça (Fig. 4, nº 1) se apresenta decorada (pela incisão de linha ondulada horizontal).

Os materiais pré-históricos recuperados durante a escavação do Fumo podem ser agrupados em três classes artefactuais distintas: pedra polida, pedra lascada e cerâmica. Apresentam-se de seguida, sumariamente, as características do material pertencente a cada uma dessas classes.

Pedra polida

A pedra polida não é numericamente significativa: durante a escavação recolheu-se apenas um fragmento de machado em anfibolito. No entanto, foram reconhecidos no local, inseridos em muros ou amontoados de pedras resultantes da limpeza do terreno para fins agrícolas, vários elementos de mós manuais (dormentes) em granito. No quadrante SE de C20, foram ainda recolhidos dois fragmentos de um pequeno recipiente em granito, de paredes muito finas e irregulares, cuja finalidade se desconhece.

Cerâmica

A cerâmica manual de idade claramente pré-histórica corresponde a um total de 1659 fragmentos (Quadro 2), a partir dos quais se pode calcular provisoriamente em 86 (pela contagem do número de bordos existentes, pois não foram até ao momento efectuados exercícios de remontagem) o número mínimo de recipientes (NMR).

Não há fragmentos de peças carenadas ou com bases planas, sendo a indústria cerâmica pré-histórica do Fumo formada por peças cujas formas são variantes simples da esfera, apresentam fundos convexos, e pertencem a quatro tipos morfológicos básicos: (1) pequenas taças em calote; (2) hemisféricos; (3) globulares; e (4) vasos de colo estrangulado.

Apenas 20 fragmentos (1% da cerâmica manual), quatro dos quais (5% do NMR) ainda conservavam a zona do bordo, apresentavam decoração (Quadro 2), a qual pode ser agrupada nos três tipos a seguir discriminados:

- **Decoração por impressão e puncionamento**

presente em 12 peças (60%), sendo de assinalar três exemplares (15%) com decoração a pente arrastado à maneira de puncionamento (Fig. 4, nº 8);

- **Decoração por incisão**

presente em seis peças (30%), assume uma grande variedade formal: caneluras estreitas, com cerca de 2 mm de largura (um exemplar); incisões simples (três exemplares); traços incisivos formando motivos em «espinha» (dois exemplares — Fig. 4, nºs 5-6);

- **Decoração por incisão associada a impressões ou a puncionamentos**

presente em apenas dois cacos (10%), esta associação materializa-se pela delimitação, na superfície do vaso, de áreas triangulares ou quadradas definidas pelas linhas incisivas e preenchidas pelas impressões ou puncionamentos (Fig. 4, nº 7).

Além destes recipientes, foram também recolhidas na camada 2 de C20, como acima se referiu, duas colheres em cerâmica parcialmente fragmentadas (como a ilustrada sob o nº 2 da Fig. 4) mas cuja forma original é reconstituível.

Pedra lascada

As rochas utilizadas no fabrico de instrumentos de pedra lascada são todas de aprovisionamento local ou regional (Quadro 3). A mais abundante é o quartzo, que corresponde a 87% do total (97%, incluindo o cristal de rocha), e existe, sob a forma de filões aflorantes, nalguns pontos da própria rechã do Fumo. As formações geológicas mais próximas onde poderá ter sido obtido o quartzito talhado são os terraços fluviais antigos e as próprias aluviões modernas do vale do Côa. Há depósitos deste tipo situados cerca de 3 km a Norte do povoado do Fumo: Quinta da Ervamoira (margem esquerda do Côa) e Colmeal (margem direita). As pequenas lajes de xisto encontradas no nível arqueológico e que são totalmente inexistentes no substrato local, granítico, deverão ter viajado distâncias semelhantes e tido proveniência similar: o troço do vale do Côa junto à foz da Ribeirinha, 2 km a poente do sítio (Fig. 1). O sílex, que existe, ainda que em quantidades mínimas, nos sítios arqueológicos do Paleolítico superior (Quinta da Barca, Quinta da Barca Sul, Quinta da Granja, Salto do Boi) e do Neolítico (Quebradas) da região, não foi até ao momento identificado no Fumo. Que esta rocha também foi utilizada pelas comunidades calcolíticas da bacia do Côa comprova-o, porém, o achado de lâminas nos níveis correspondentes do povoado fortificado de Castelo Velho.¹

Os procedimentos técnicos envolvidos no talhe destas rochas conseguem dividir-se com relativa facilidade e fiabilidade apenas no caso do quartzo, que era extraído dos afloramentos existentes nas imediações do sítio e dos blocos resultantes do respectivo desmantelamento. A sua introdução na área habitada era feita sob a forma de blocos angulosos de dimensões variadas, os quais, a julgar pelos núcleos abandonados na jazida (Quadro 3), eram explorados de três maneiras diferentes:

- **Levantamento avulso de lascas sem pré-determinação**

procedimento aplicado à maioria dos blocos introduzidos (quatro núcleos dos nove recolhidos na escavação);

- **Debitagem centrípeta aplicada sobre lascas espessas**

procedimento que poderá ter consistido numa variante do anterior, os suportes dos dois núcleos deste tipo apresentando faces de lascagem reconhecíveis mas tendo sido explorados também para a debitage de lascas;

• *Debitagem de núcleos prismáticos*

procedimento que estava representado em dois dos núcleos recolhidos e que consiste na extracção recorrente de lascas a partir de um plano de percussão intencionalmente seleccionado para o efeito e seguindo determinadas arestas-guia.

Os negativos de levantamentos observados em todos os núcleos indicam uma debitagem exclusivamente orientada para a produção de lascas. A julgar pela baixa incidência do retoque (dois entalhes e uma peça com retoque parcial), este tipo de produtos deverá ter sido usado essencialmente em bruto. O conjunto de pedra lascada continha apenas uma lamela e um único volume que poderá ter sido utilizado para a extracção de suportes alongados: um núcleo bipolar (ou peça esquirolada).

Cronologia

Dada a inexistência, até ao momento, de datações absolutas para o nível pré-histórico, a determinação da sua idade terá de passar pela comparação da cultura material exumada com a de outros contextos do Nordeste de Portugal (Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Alta).

A este respeito, os materiais mais relevantes são as peças cerâmicas, as quais permitem, logo numa primeira etapa do exercício comparativo, inserir o povoado do Fumo num grupo de sítios datados ou datáveis do Calcolítico, em que se incluem o castro de Santiago, em Fornos de Algodres, e o Buraco da Pala, o Barrocal Alto e o povoado do Cunho, todos em Mirandela. Estes povoados parecem conformar uma entidade arqueológica regional bem diferenciada. Os contextos equivalentes conhecidos em Trás-os-Montes ocidental,² com efeito, representam um «grupo cultural» distinto, como se depreende da sistematização proposta por M. J. Sanches.³ Sítios como Vinha da Soutilha, Pastoria, Castelo de Aguiar ou S. Lourenço, por exemplo, embora tenham muitos elementos em comum com os da Beira Alta, distinguem-se pelas percentagens mais elevadas de cerâmicas decoradas e pelo surgimento «precoce» da cerâmica metopada, particularmente bem representada nesta parte de Trás-os-Montes e no Minho.

O conjunto do Fumo tem em comum com os sítios da Beira Alta e Trás-os-Montes oriental a baixa incidência da decoração, a utilização das mesmas técnicas decorativas e a reprodução de motivos idênticos. No povoado do Cunho⁴, por exemplo, a cerâmica decorada representava 10 a 20% do total, e era caracterizada pela dominância das incisões e dos puncionamentos simples ou arrastados formando linhas paralelas ao bordo e, em menor grau, pelos padrões metopados, caneluras e triângulos preenchidos. Neste sítio, o «barro de cabana» era também abundante, e foi obtida uma data de radiocarbono que a escavadora considerou anómala.

No Barrocal Alto⁵, por seu lado, a estratigrafia registava duas épocas de ocupação. A decoração das cerâmicas da mais antiga, representada pela primeira ocupação do «Sector II», atribuída ao Neolítico final da região e datada de 4960±75 BP (CSIC-726), apresentava sobretudo puncionamentos ou linhas incisas paralelas ao bordo e, em muito menor quantidade, triângulos preenchidos. As ocupações mais recentes, representadas não só na segunda ocupação do

² JORGE, S. O. (1986) — *Povoados da Pré-História recente (III^a - inícios do II^a milénio A.C.) da região de Chaves - Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes ocidental)*, 3 vols., Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto.

³ SANCHES, M. J. (1996) — *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*, Zamora, Fundación Rei Afonso Henriques.

⁴ SANCHES, M. J. (1992) — *Pré-História recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Porto, GEAP.

⁵ *idem, ibidem.*

«Sector II» como em todos os restantes sectores, eram atribuíveis ao Calcolítico. A continuidade com a ocupação neolítica é nítida em termos artefactuais, assinalando-se apenas a adição de alguns tipos novos de artefactos (recipientes de base plana e «ídolos de cornos») e de um novo tema decorativo, as «espinhas» incisadas, o qual, como acima se referiu, foi também reconhecido no povoado do Fumo. A sucessão de ocupações calcolíticas do Barrocal Alto dispõe de duas datações absolutas obtidas a partir de amostras provenientes de duas lareiras do «Sector V»: 4100 ± 60 BP (CSIC-728) e 4370 ± 45 BP (ICEN-414).

Os paralelos entre o povoado do Fumo e o castro de Santiago⁶ são também notórios. A decoração da cerâmica ocorre em percentagens que rondam os 7%, sendo sempre inferior a 10%, e as técnicas utilizadas são exclusivamente a impressão e a incisão, dominando, como motivos, as caneluras junto ao bordo, os triângulos incisados preenchidos por punccionamentos, as espinhas incisadas e o punccionamento simples ou arrastado. O escavador refere ainda a existência de colheres cerâmicas e de talhe bipolar do quartzo. O primeiro momento de ocupação do sítio (artefactualmente idêntico à última ocupação) foi datado de 4210 ± 45 BP (ICEN-907).

O nível III do Buraco da Pala tem um conjunto artefactual de difícil classificação crono-cultural⁷. A escavadora considera-o como correspondendo a um momento de transição entre o Neolítico final e o Calcolítico inicial da região. Os outros sítios calcolíticos do Nordeste, em cujos espólios aparecem percentagens por vezes muito significativas de cerâmicas penteadas (faixas incisadas rectas ou onduladas executadas com pente), parecem datar já da fase final do período e, nalguns casos, também contêm cerâmica campaniforme, como acontece no Castelo Velho de Freixo de Numão, no Crasto dos Palheiros ou na Pastoria, e cerâmica «oculada», como é o caso em S. Lourenço ou no Buraco da Pala. Este facto permite avançar uma hipótese de posicionamento cronológico relativo dos sítios localizados na margem direita da Ribeirinha (Gamoal, Vale do Mateus e Penascosa-Sul), os quais apresentam cerâmica penteada e, por consequência, deverão ser mais recentes que o Fumo e datar já do Calcolítico final.

No que respeita ao contexto de época histórica do Fumo (os materiais cerâmicos a torno e as peças metálicas da camada remexida), o único elemento significativo para o estabelecimento de comparações é o fragmento de bojo decorado com uma única linha incisada relativamente larga (cerca de 2-3 mm) e pouco profunda, desenhando um tema ondulado. Ainda que não tenha sido realizada uma pesquisa exaustiva de paralelos, conhecem-se na ocupação medieval do Buraco da Moura de S. Romão (Seia) materiais cerâmicos idênticos.⁸ Nesta cavidade, recolheram-se ainda, em associação com essas cerâmicas, moedas medievais (um pilarte de Julho de 1372 e um grave de 1370) que sugerem uma ocupação de finais do século XIV ou inícios do XV.

O Calcolítico da Ribeirinha: povoamento, economia e arte rupestre

Para além do povoado do Fumo, já objecto de sondagens, os trabalhos de prospecção no vale da Ribeirinha têm permitido a identificação de outras concentrações de materiais arqueológicos da mesma época (Fig. 1). Na margem direita, conhecem-se três sítios, embora bastante destruídos pela erosão e por práticas agrícolas ancestrais: Vale do Mateus, Gamoal e Penascosa-Sul.

⁶ VALERA, A. C. (1992) — *Castro de Santiago (Figueiró da Granja). As campanhas de 1990 e 1991*, Fornos de Algodres, GAFAL.

⁷ VALERA, A. C. (1994) — *Pré-História recente no concelho de Fornos de Algodres (Guarda): resultados das escavações e prospecções de 1992/93*. «Trabalhos de Arqueologia da EAM», 2, p. 145-172.

⁸ SANCHES (1996), *op. cit.*

⁹ VARANDAS, J. M. (1993) — *A ocupação medieval do Buraco da Moura de S. Romão*. «Trabalhos de Arqueologia da EAM», 1, p. 155-162.

Em Vale do Mateus e no Gamoal recuperaram-se, em recolhas de superfície, importantes conjuntos cerâmicos muito erodidos que incluem peças decoradas com incisões penteadas. No Gamoal, em associação com esta cerâmica, a equipa que procedeu, em 1992, ao Estudo de Impacto Ambiental para abertura da pedreira do Fumo, recolheu também um esboço de ponta de seta com base côncava e aletas destacadas, em quartzo. Em Fevereiro de 1996, recolheram-se também, numa zona afastada dos núcleos de concentração de materiais cerâmicos, bigornas e percutores sobre seixo de quartzito.

Entre a foz da Ribeirinha e o núcleo de gravuras rupestres da Penascosa têm também sido encontrados materiais arqueológicos dispersos que constituem outros tantos indícios de uma ocupação calcolítica (Fig. 1): um pequeno conjunto de lascas em quartzo e uma lâmina em sílex que, a julgar pela tipometria, deverá ter sido debitada por percussão indirecta ou por pressão (o que indica uma cronologia da Pré-História recente). Após a limpeza da vegetação no interior do núcleo de gravuras da Penascosa, a equipa encarregue do estudo e levantamento da arte rupestre encontrou cerâmica com penteados incisos igual à recolhida no Gamoal e Vale de Mateus. Este conjunto de achados foi agrupado sob a designação Penascosa-Sul.

Nas prospecções efectuadas no vale da Ribeirinha não foi descoberta nenhuma estrutura construída evidente. Embora isso possa ser explicado pela exploração agrícola ancestral da zona, implicando o transporte e a acumulação de blocos na base das vertentes, a existência, no passado, de estruturas pétreas, teria certamente deixado testemunhos (positivos ou negativos) enterrados nos depósitos *in situ*. No caso do Fumo, porém, verificou-se que não era esse o caso. Estas observações, conquanto necessitem de confirmação posterior, sugerem um povoamento aberto, significativamente diferente do documentado pelo povoado do Castelo Velho de Freixo de Numão, que apresenta uma sucessão de estruturas construtivas ao longo das várias fases de ocupação do Calcolítico final e da Idade do Bronze inicial.⁹

Os dados paleoeconómicos directos para o Calcolítico da região do Côa são escassos e resumem-se por enquanto a achados faunísticos no Castelo Velho de Freixo de Numão¹⁰ e no Fumo (os quais constituem, apesar disso, o único conjunto de informação disponível para todo o III milénio A. C. da Beira Alta). Nos níveis calcolíticos do primeiro, recolheram-se apenas restos de *Ovis aries* e de mamíferos indeterminados; no povoado do Fumo, os restos ósseos reconhecidos são também de ovicaprinos. A reconstituição das actividades de subsistência tem de ter em consideração, por outro lado, os importantes fenómenos de coluvionamento que remobilizaram os solos do Holocénico médio em época histórica recente. A cobertura sedimentar calcolítica da bacia do Côa devia ser, portanto, muito mais importante do que na actualidade. É concebível, consequentemente, que a agricultura pudesse ter sido praticada nas imediações dos sítios de habitat, mesmo em locais onde, hoje em dia, a rocha de base se encontra exposta. O curso inferior da Ribeirinha, mais baixo e aplanado, apresenta também características propícias para uma utilização agrícola de tipo primitivo (Fig. 1), com a qual poderá estar relacionado o fragmento de lâmina de sílex recolhido no sítio da Penascosa-Sul (o qual se encontra fracturado por flexão, procedimento normalmente associado à produção de elementos cortantes para encabamento em foices).

Nos extremos da distribuição destes habitats (Fig. 1), encontram-se manifestações artísticas usualmente atribuídas ao Neolítico ou ao Calcolítico.¹¹ Trata-

⁹ JORGE (1993), *op. cit.*

¹⁰ ANTUNES, M. T. (1995) — *Jazida de Castelo Velho (Freixo de Numão). Elementos arqueológicos zoológicos*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», 35 (2), p. 451-455.

¹¹ JORGE, V. O.; JORGE, S. O. (1995) — *Portuguese rock art: a general view*. «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», (4), p. 323-347.

-se de uma figura antropomórfica esquemática existente na Rocha 5C da Penas-cosa e de um muito pequeno abrigo rochoso situado no troço superior da Ribeirinha (margem direita), designado por Abrigo da Ribeirinha. Neste abrigo, identificado durante o Estudo de Impacto Ambiental a que se fez referência, existem algumas pinturas a vermelho, já consideravelmente degradadas, que corresponderão, pelo menos nalguns casos, a figurações antropomórficas estilizadas.¹² Estas figuras têm paralelos no Nordeste de Portugal, ocorrendo, por vezes, em associação com representações subnaturalistas, em sítios como Penas Róias, Pala Pinta, Fraga d'Aia e, no próprio vale do Côa, Faia.

Conclusão

O estudo do povoado do Fumo permitiu concluir:

- que se trata de um contexto calcolítico, em que parecem ter-se conservado elementos importantes da estruturação do espaço habitado, bem como restos de fauna e de madeira carbonizada, abrindo a perspectiva de obtenção futura, com a continuação dos trabalhos, de dados fundamentais para a reconstituição dos paleoambientes e das paleoeconomias regionais da Pré-História recente;
- que as representações artísticas do Côa que haviam sido atribuídas ao final do Neolítico ou ao Calcolítico com base em critérios estilísticos, nomeadamente as pinturas antropomórficas a vermelho de Faia, Ribeirinha e Ribeira de Piscos, ou os petróglifos de Orgal, têm um contexto habitacional na região, relacionado com a exploração do vale por sociedades agro-pastoris de que essas manifestações são uma das suas várias formas de expressão religiosa.

QUADRO 1

Fumo Distribuição dos fragmentos de «barro de cabana»

Proveniência	N	Peso (g)
Quadrado C20		
c. 1, n. a. 1	—	—
c. 1, n. a. 2	—	—
c. 1, n. a. 3	5	45
c. 2, n. a.1 (a)	6	217
Quadrado E20		
c. 1, n. a. 1	2	46
c. 1, n. a. 2	—	—
c. 1, n. a. 3	19	150
c. 2, n. a. 1	17	57
c. 2, n. a. 2	184	2480
c. 2, «fosso»	20	1060
TOTAL	253	4055

(a) inicialmente designado por c. 1, n. a. 4 (SE)

Fumo Inventário geral das cerâmicas

	Cerâmica manual					Total	TOTAL GERAL
	Cerâmica a torno	Cacos lisos	Cacos decorados	Bordos lisos	Bordos decorados		
Superfície (a)		10		3		13	13
C20.1, n. a.1	5	91		3		94 (e)	99
C20.1, n. a.2	11 (c)	134	2	6		142	153
C20.1, n. a.3		136	1	16		153	153
C20.2, n. a.1 (b)		60	1	2		63 (d)	63
E20.1, n. a.1		181	1	7		189	189
E20.1, n. a.2	1	228	1	4	1	234	235
E20.1, n. a.3	4	379	7	11	2	399 (e)	403
E20.2, n. a.1		227	2	22		251	251
E20.2, n. a.2		121	1	11	1	134	134
TOTAL c. 1	21	1149	12	47	3	1211	1232
TOTAL c. 2		408	4	35	1	448	448
TOTAL GERAL	21	1557	16	82	4	1659	1680

(a) recolhas realizadas em 1996

(b) inicialmente designado por «c. 1, n.a. 4 (SE)»

(c) inclui um fragmento de bojo decorado com linha incisa ondulada

(d) inclui um fragmento de asa de rolo e duas colheres em cerâmica

(e) inclui um fragmento de asa de rolo

QUADRO 3

Fumo Inventário geral da indústria de pedra lascada (materiais provenientes de escavação)

	Quartzito	Cristal de rocha	Quartzo	Quartzo translúcido	Outros	TOTAL
Restos de debitação						
Lascas corticais			5	3		8
Lascas parciais corticais	3		11	3		17
Lascas não corticais	11	2	347	34	1 (c)	395
Lamelas			1			1
Utensílios retocados			3 (b)			3
Núcleos						
Prismáticos			2			2
Bipolares (a)			1			1
Sobre fragmento			4			4
Sobre cristal		1				1
Sobre lasca			2			2
Resíduos						
Esquírolas	2	6	225	9		242
Fragmentos		1	11	5		17
Diversos						
Cristais (brutos e fragm.)		2				2
Seixos (brutos e fragm.)	2				3 (d)	5
Termoclastos	4					4
TOTAL	22	12	612	54	4	704

(a) ou «peça esquirolada»

(b) dois entalhes sobre lasca e uma lasca retocada

(c) lasca em anfíbolito (resultante do reavivamento de machado de pedra polida?)

(d) um em anfíbolito e dois em rocha indeterminada

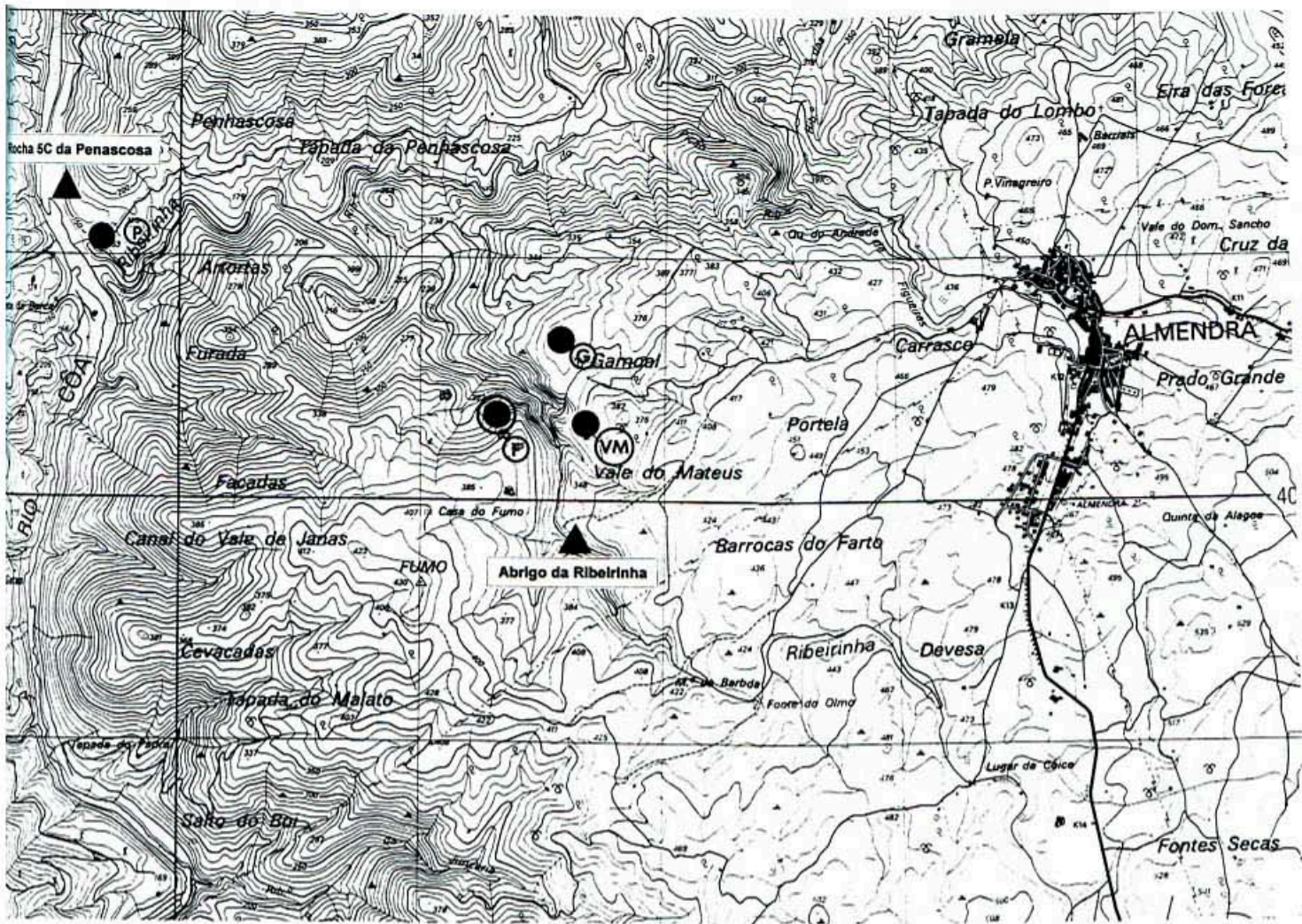


Fig. 1 Localização do povoado do Fumo (indicado por F) na Carta Militar de Portugal (folha 151, Almendra - Vila Nova de Foz Côa, escala 1:25.000, 1994) dos Serviços Cartográficos do Exército e dos restantes sítios calcolíticos da Ribeirinha: Gamoal (G), Vale do Mateus (VM) e Penhascosã-Sul (P). Os triângulos indicam sítios com arte rupestre de idade Neolítica ou Calcolítica: Penhascosã (na margem direita do Cova, a Norte da foz da Ribeirinha) e Abrigo da Ribeirinha (a Sul do sítio de Vale do Mateus).

Fumo

Área intervencionada em 1996

(cotas medidas a partir de um plano situado 300 cm abaixo do zero de escavação)

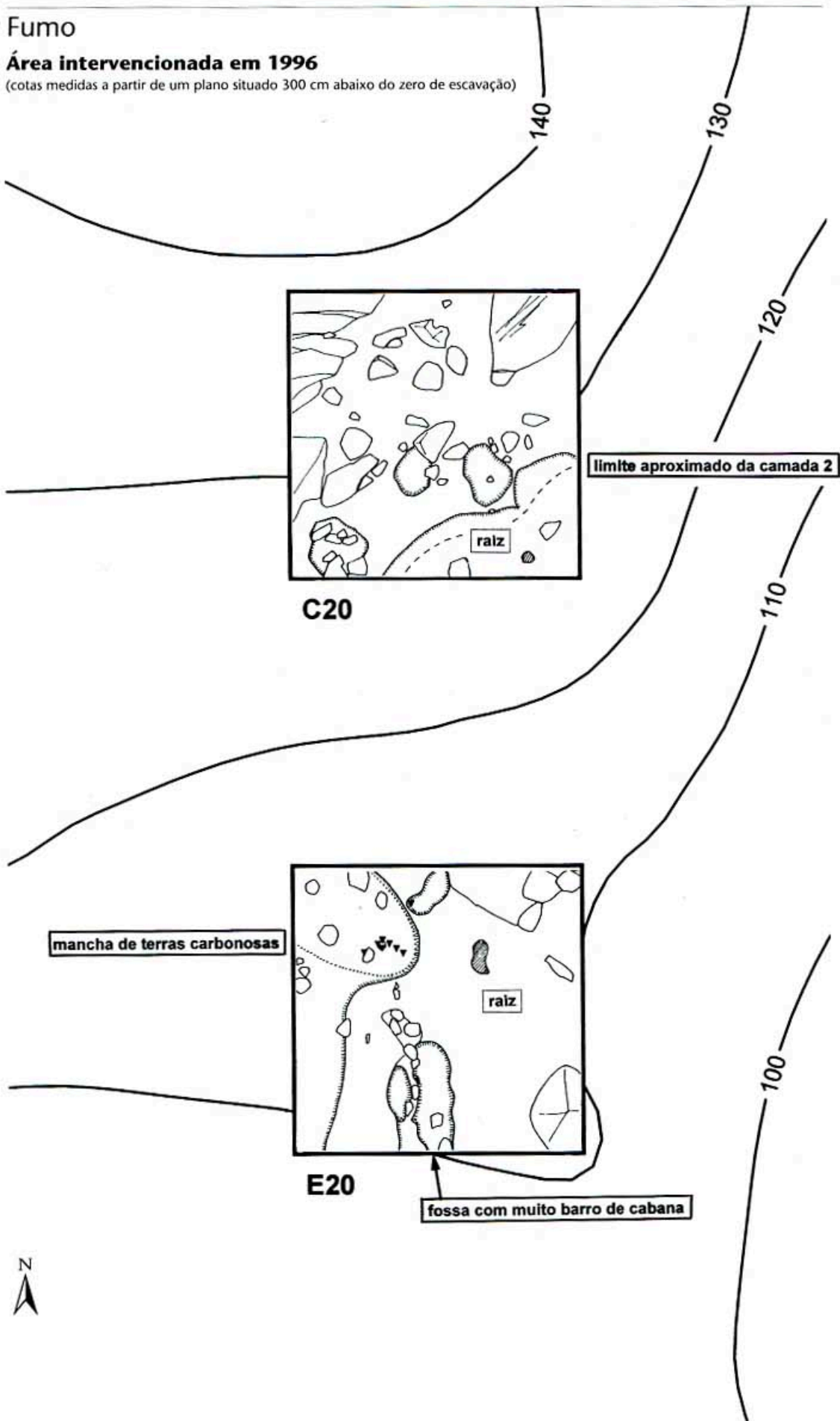
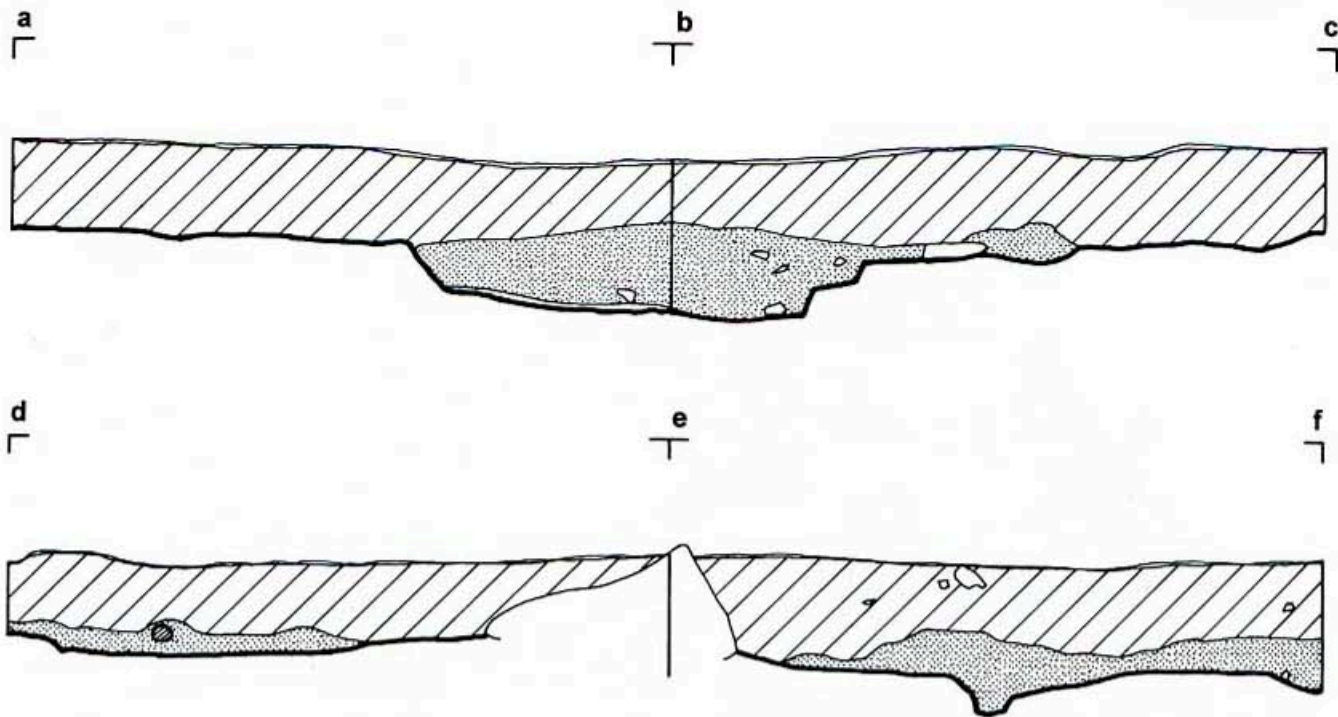
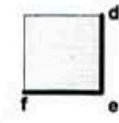
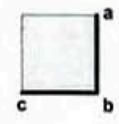


Fig. 2 Fumo. Topografia da área intervencionada em 1996, com indicação das áreas escavadas e implantação das plantas de decapagem da base do nível arqueológico. As quadrículas têm 2 m de lado.



 camada 1
 camada 2



Povoado do Fumo

Fig. 3 Fumo. Cortes estratigráficos.

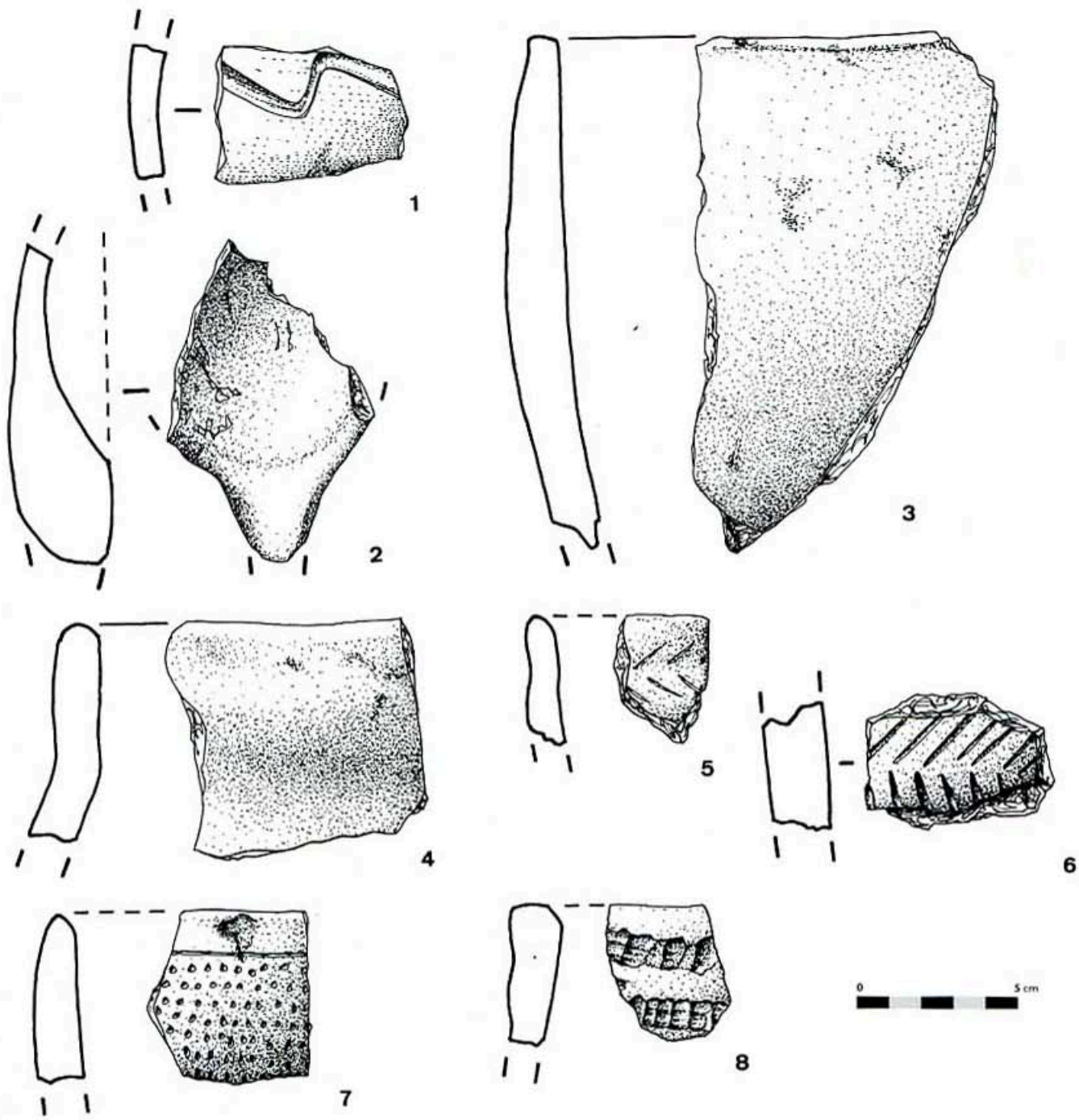


Fig. 4 Fumo. Fragmentos cerâmicos do povoado do Fumo: 1. vaso fabricado a torno, decorado com faixa incisa ondulada horizontal; 2. colher cerâmica; 3. vaso hemisférico liso; 4. vaso globular liso; 5-6. vasos decorados com «espinhas» obtidas por incisão; 7. vaso hemisférico decorado com linha incisa sob o bordo e pequenas impressões circulares; 8. pequeno vaso hemisférico (?) decorado com puncionamentos realizados a pente.

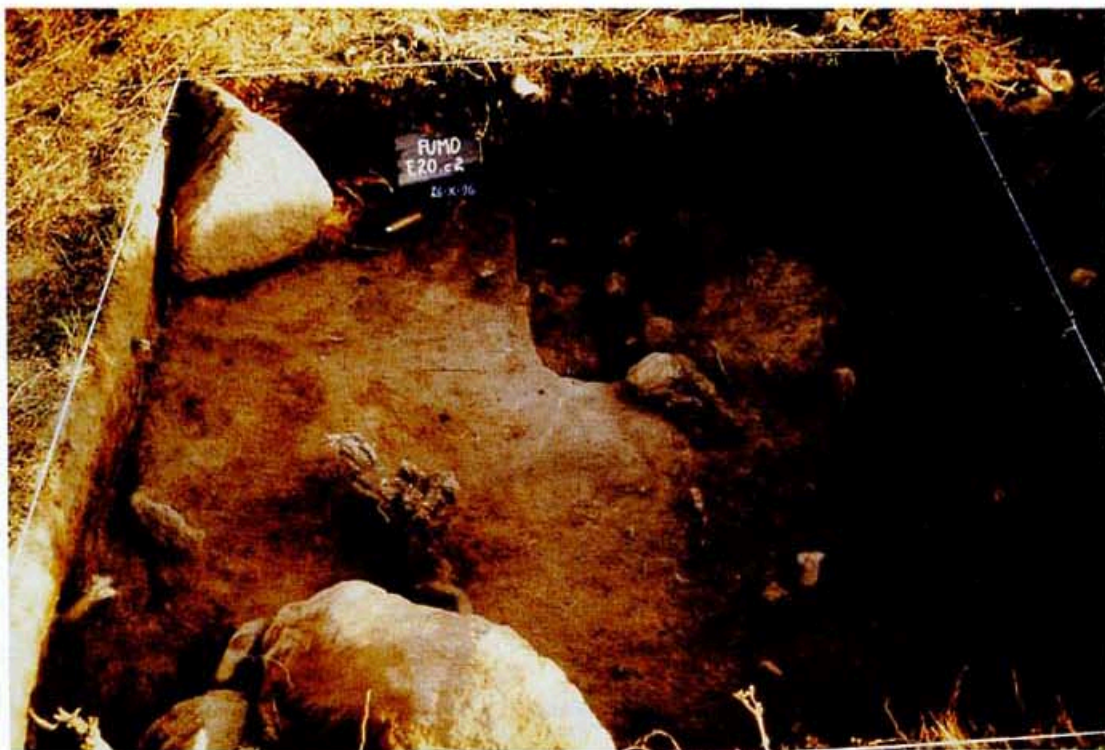


Fig. 5 Fumo. Em cima: vista geral, de Norte, sobre a área intervencionada. Em baixo: a base da escavação na quadrícula E20.